
the
SILVER CAGE
ANONYMOUS

sweet CLUB BOOK'S



Disponibilização: Liz

Tradução: Andreia e Denise

Revisão: Denise

Leitura Final: Faby

Conferência: Liz

Formatação: Fanny



Um autor amargo e misterioso.

Um jornalista jovem e ingênuo.

Um passado trágico, um segredo sombrio e um conto inesquecível de paixão e amor.

AVISO:

Silver Cage é destinado a leitores maduros; contém sensualidade e temas fortes, incluindo suicídio, identidade sexual e autoflagelação.

SWEET CLUB BOOK'S



Capítulo 1

CALEB

Ontem à noite, eu sonhei que morri. Ou talvez tenha sonhado hoje de manhã. A cena lúdica parecia próxima do meu despertar, as sensações ainda se apegando a mim enquanto eu olhava para o teto.

No sonho, eu estava na igreja com minha mãe. Meu pai e minha irmã estavam ausentes. Era a igreja que eu frequentei na juventude e parecia exatamente como me lembrava. Estávamos sentados em nosso banco habitual, esperando o serviço religioso começar, quando um homem desconhecido entrou. Eu poderia pintar o seu rosto, estava tão vívido em minha mente: cabelo castanho encaracolado, olhos azuis e um leve rubor avermelhado nas maçãs do rosto e na testa.

Nós trocamos um olhar longo e intenso.

O homem passou na frente da minha mãe e se sentou ao lado dela. Ele colocou o braço sobre o colo dela e segurou o joelho dela. Ela endureceu e olhou para mim.

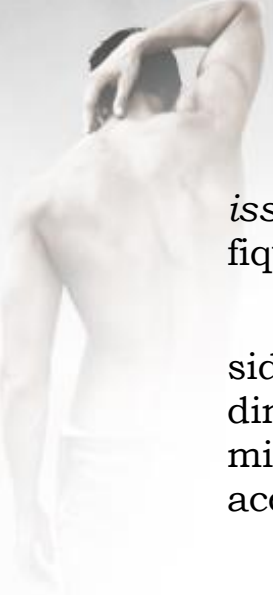
“Caleb,” ela sussurrou com medo.

Eu empurrei a mão dele do colo da minha mãe e me inclinei na direção dele. “Encontre outro lugar para se sentar,” eu disse com a voz baixa e ameaçadora.

O homem levantou-se e foi para o banco atrás de nós. Isso me deixou desconfortável, sendo incapaz de vê-lo, e senti que alguma violência estava chegando.

Eu ouvi um *estalo* metálico, como o som de um gatilho de revólver sendo disparado, e minha mãe caiu ao meu lado. Com um choque frio e visceral, percebi que ela havia sido baleada.

Espero não ser o próximo, eu pensei, e a sensação de frio se espalhou da minha nuca para o meu corpo. Então eu entendi que eu já tinha sido baleado. Coloquei a mão para trás e meus dedos tocaram a carne molhada e arruinada, aberta. *É*



isso, eu disse a mim mesmo. Senti um pânico momentâneo e fiquei contente.

Não houve dor, como se todos os meus nervos tivessem sido expelidos da cratera do meu pescoço. Minha visão diminuiu e eu parecia estar caindo suavemente, pacificamente, minha consciência sendo drenada rapidamente. Eu estava aceitando com aliviado.

Eu acordei com um curativo largo na parte de trás do meu pescoço.

Fiquei deitado na cama por um longo tempo, processando a experiência, e então escutei a mensagem no meu telefone. Era a minha agente.

"Cal," ela disse. "Oi. Apenas uma coisa pequena. O jornalista que vem hoje não é o mesmo; ela teve um falecimento na família, então mandaram outra pessoa. Eu não consegui o nome dele, mas o editor disse que enviaria o seu melhor escritor, ok? Eles estão muito animados. Depois me avise como foi."

Sentei-me na cama e limpei a garganta antes de retornar a ligação.

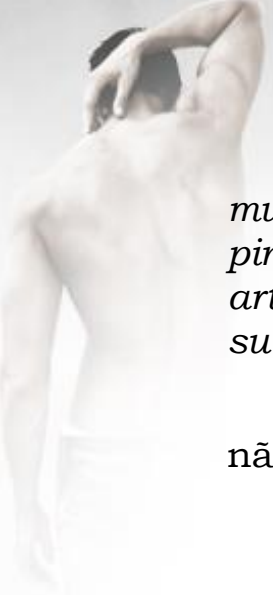
"Cal?" Minha agente parecia apreensiva. Ela sabia o que estava por vir.

"Oi, Beth. Olha, eu não estou receptivo com essa entrevista, com a mudança."

"Cal, fale comigo. Qual é o problema?"

Eu odiava quando Beth tentava me segurar. Pior, eu odiava quando ela me tratava assim. Um mês antes, ela me convenceu a fazer uma entrevista para criar um novo perfil, e tentou uma nova estratégia diante da minha recusa direta. E eu acabei concordado depois de pesquisar a jornalista que estaria escrevendo o meu novo perfil, depois de ler as coisas que ela escreveu e determinar que ela era muito superficial até para arranhar a superfície da minha situação.

Aquela jornalista escreveria uma versão fraca do perfil que meia dúzia de outros escreveram: *O autor Caleb Bright se aposenta depois de escrever três clássicos contemporâneos, se*



mudar para as montanhas do Colorado, começar a pintar; amigos e familiares comentam sobre sua natureza artística e profunda religiosidade; todos citam o estresse como sua razão para encerrar sua carreira literária.

Mas eu não estaria mais lidando com essa jornalista e não gosto de incógnitas.

"Cancele," eu disse, "ou talvez possamos adiar até..."

"Ela vai tirar dois meses de folga. Você sabe que a peça é para dezembro."

"Você está empurrando em cima de mim. Por que só estou ouvindo sobre isso agora?" Joguei de lado os lençóis, levantei e comecei a andar de um lado para o outro. Depois de nove anos trabalhando com Beth, aprendi a reconhecer suas táticas, embora nunca melhorasse em evitá-las.

"Claro que não. Eles só me disseram ontem. Realmente, Cal, isso não importa. *The New Yorker* é grande para nós. Isso é empolgante. E o fato de que eles estão querendo incluí-lo em sua edição de *'2016 in Letters'*..." Ela parou de falar.

"Você pode dizer isso." Parei em frente à janela. A manhã era inigualável: a luz do sol atravessando a névoa, inflamando as folhas amarelas nos álamos. Eu raramente acordava cedo o suficiente para ver o nascer do sol. O sonho me acordou. Eu esfreguei a parte de trás do meu pescoço. "Diga," repeti. "Isso significa que eu sou de alguma forma ainda relevante."

"Estou muito feliz que o relançamento tenha sido tão bom. As pessoas amam os seus personagens."

"O jornalista novo é uma mulher? Você sabe dizer?"

"Você é um *playboy*." Beth riu. Ela sabia que havia vencido. Ela sabia que poderia jogar o cartão de relevância para me assustar em qualquer coisa. Às vezes, eu até achava que ela sabia que eu nunca quis realmente parar de publicar - que eu estava desesperadamente com medo de ser esquecido. Minha carreira literária robusta dependia do sucesso de três novelas. Eu ainda estaria nas prateleiras daqui a dez anos? Em trinta? "Eu sinceramente não sei," ela continuou, "mas eu disse a eles que você prefere mulheres."



“Bom.” Eu tinha certeza que o editor tinha se divertido com isso, mas eu não me importava.

“Vamos conversar depois que vocês se conhecerem,” Beth disse.

“Eu vou enviar um e-mail.”

“Ótimo. Mantenha-me informada.”

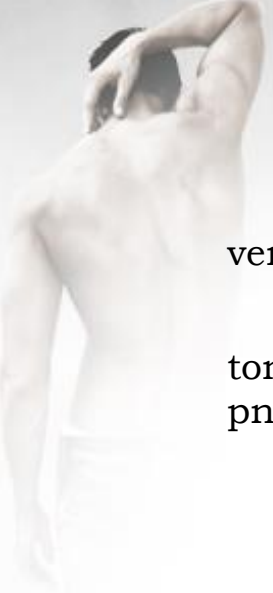
Nós desligamos e eu olhei desanimadamente pela janela. A lembrança do sonho continuava pulsando em mim, uma ressonância estranha, e eu me senti mal do estômago.

Eu pulei a minha corrida matinal, tomei banho e arrumei a cama. Eu mal conseguia fazer os movimentos. Talvez o sonho tenha desempenhado um pequeno papel no meu humor, mas a infelicidade era um dos meus pilares. Eu pensava em meus livros. Eu pensava sobre o estado da minha vida e resistia contra isso. *Eu vou publicar*, eu disse a mim mesmo. *Eu mandarei para o inferno as consequências.* Então eu estremeci e a fúria subiu pela minha garganta como bile.

Eu coloquei um jeans escuro e um suéter preto para se adequar ao meu humor. Em algumas manhãs, quando eu tomava o meu café e mergulhava na escrita, quase me sentia bem. O ato de escrever produzia um esquecimento que me impulsionava para a vida, uma corrente de imaginação. Naquele dia, porém, tive que esperar pelo jornalista, e acabei pensando em meu sonho, e a ligação e os comentários de Beth me deixaram na miséria. Eu não pude deixar de considerar minha situação, e uma sensação terrível de futilidade surgiu em mim, raiva raspando em suas bordas.

Eu levei meu café para o convés e minha Bíblia. Deixei o livro desgastado abrir em um salmo. Meus olhos vagaram pela página, buscando o conforto. Eu sempre encontrava algo - um pouco de *algo* para segurar - se apenas o fato de que depois desta vida haveria uma vida sem dor, medo, ódio ou *culpa.*

Imaginei o Paraíso como um campo onde eu acordaria em um dia quente com a grama alta, e veria um homem sentado à distância. Ele estaria de costas para mim olhando para a paisagem. Eu acordava devagar, em perfeita felicidade e, quando estivesse pronto, iria até ele.



Eu passaria o resto da eternidade naquele Paraíso de verão.

O sol ficou mais alto no céu até que meus olhos ficaram tontos. Eu levei minha leitura para dentro e ouvi sons de pneus ao meio-dia.



Capítulo 2

MICHAEL

Joguei o livro *the Mammoth* na minha mesa. Era tão ridiculamente grande e pesado, mesmo em brochura, que deslizou direto até a borda. Ele caiu em cima da cama de Furio e pegou a ponta de sua cabeça. Ele acordou com um grito e correu para o chão de madeira, deslizando e arranhando comicamente.

Estou convencido de que os corgis[1] não podem parecer sérios fazendo qualquer coisa.

"Isso é bom," eu murmurei em torno do creme dental saindo da minha boca. Eu me agachei e alisei a cabeça de Furio. "Você está bem? Desculpe-me por isso. Culpe Caleb Bright e seus romances enciclopédicos."

Lavei a boca no banheiro e voltei para a mesa. Inclinei-me sobre o meu laptop e digitei a frase - *estou convencido de que os corgis não podem parecer sérios qualquer coisa* - e considerei a postagem do blog que eu construiria em torno dele. Eu poderia deixá-lo engraçado. Eu poderia incluir fotos das palhaçadas de Furio. Eu poderia até deixá-lo meio sério e sentimental, tocando no valor do verdadeiro companheirismo que os cães oferecem.

'Todo mundo pode se relacionar com eles. Cães, animais de estimação, eles são companheiros sem julgamento. E eles precisam de nós.' Eu estava digitando furiosamente, adicionando trechos ao documento e murmurando para mim mesmo, como sempre fazia. *'Eles precisam de nós para sobrevivência básica. Comida, água. Inferno, nós os levamos para fazer defecarem. Nós cuidamos deles. É uma ligação única; E os animais de estimação são como bebês que nunca crescem. São sempre crianças. E nós os amamos por isso.'*

Eu parei e sorri. E nesse tempinho, Furio havia encontrado e consumido algum tipo de erva daninha do

[1] Raça de cachorro.

quintal. A comida aparentemente não tinha sido um problema, mas quando chegou à hora da planta *sair*, ele não conseguiu evacuá-la. Ele havia se agachado, um fragmento de cocô pendurado nas costas, e se arrastava para frente e se agachava, esfregava a bunda na grama, tudo em vão.

Eu finalmente havia notado sua situação quando o ouvi choramingar. Sai para ajudá-lo; ajoelhei-me ao lado dele e acariciei o seu traseiro. "Você tem que empurrar," eu disse a ele. "É só cocô. Você pode fazer isso." Mas ele não conseguiu, e seus grandes olhos negros estavam úmidos e ele estava assustado.

Então, tornou-se rapidamente evidente que eu precisava ajudar o meu cão a extrair manualmente a planta dele. Eu consegui ajudá-lo, e ele ficou tão grato depois, que lambia o meu rosto e corria pelo quintal.

Algo se passou entre nós, eu digitei, *algo que só pode se passar entre um homem e seu cachorro. Enfrentamos juntos o cocô agarrado e não nos envergonhamos. Nós ficamos mais fortes, e mais corajosos...*

"Você não deveria ter saído há quinze minutos?" Nicole apareceu na porta. Ela estava segurando um cabide com uma camisa passada e franzindo a testa. "Por que Furio estava chorando? O que aconteceu?"

"Caleb Bright quase o acertou." Peguei o romance do chão e o coloquei na mesa. "Estou pronto, e de saída." Fechei meu laptop e o coloquei debaixo do meu braço, peguei minhas chaves e carteira.

"Você terminou isso?" Ela olhou para o livro. "É isso o que você vai vestir?" Ela olhou a minha camisa. Era uma camisa estilizada com uma *espada pixelada* acima da legenda: EU NÃO TRABALHO FORA, EU SUBO DE NÍVEL.

Minha namorada estava sempre pronta para me lembrar que eu me vestia como um garoto de dezesseis anos e que camisas de jogos *"parecem tristes e desesperadas em um homem de vinte e cinco anos".* Eu estreitei os olhos. Havia um post no blog em que, com certeza... Algo sobre a forma como estamos em conformidade com os padrões sociais à medida

que envelhecemos, um tópico sobre marcas, sistematização, controle corporativo de nossa...

"Mike?"

Eu pisquei. "Estou confortável. E se ele gosta de jogar? Esta camisa poderia provocar uma tonelada de conversa." Eu enruguei meu nariz. "Além disso, camisas de Oxford me fazem suar por algum motivo."

"Será que eles fazem você pensar em responsabilidade?" Nicole deu um longo suspiro. "Então, você não terminou de ler o livro?"

"Falta pouco. Eu folheei o final. Eu vou terminar esta noite. E eu já li os outros dois. Nós não vamos falar sobre seus livros, de qualquer maneira. É mais um quebra-gelo, vamos nos conhecer, e programar as coisas. E eu tenho um monte de perguntas aqui." Eu bati no meu MacBook. "Eu vou conduzir a conversa."

"OK. Bem, eu coloquei gasolina no jipe. Ligue-me se você se perder."

"Eu não vou me perder." Eu exibi meu iPhone.

"O Lago Red Feather é bem afastado de tudo. Algumas estradas podem não estar mapeadas."

"Território inexplorado." Eu beijei sua bochecha quando passei pela porta. "Uma aventura."

Furio girou em torno de nossos pés, sentindo minha partida. Eu dei a ele um beijo também.

Na maioria dos dias, Nicole era mais como uma mãe do que uma namorada para mim, mas eu não poderia usar isso contra ela. Ela me manteve no caminho de muitas maneiras. Nos últimos três anos, ela me ajudou a redirecionar minha energia explosiva para áreas de venda lucrativas - *streaming, blogging* - e, sob sua influência mais madura, eu dei um salto de proprietário de um apartamento que às vezes come macarrão instantâneo – para proprietário de um lar.

Entre meu *blog*, *streaming*, jornalismo *free lance* e o trabalho constante de Nicole para uma empresa farmacêutica,

nós nos saímos bem. Muito bem. Mas nem sempre foi assim. Em uma de nossos primeiros encontros, eu a levei para Q'doba[2] e meu cartão tinha sido recusado. Nossa comida já havia sido preparada; Era para ser um encontro prazeroso, e enquanto eu tateava minha carteira vazia, o caixa havia feito um balanço da minha situação. *"Não se preocupe com isso,"* ele disse finalmente. Ainda assim, demorei um pouco para entender que ele estava nos dando comida de graça.

Naqueles dias, meu conjunto de habilidades incluía jogar jogos de computador, ter pensamentos engraçados e estúpidos que nunca escrevi, e ser o cara mais rápido no galpão onde eu trabalhava, e Nicole estava comigo.

Eu acho que é isso que os casais querem dizer quando falam sobre a história deles. A história é a merda que mantém significado quando tudo começa a não ter mais significado.

A viagem para o Lago Red Feather levou duas horas, o que me deu tempo para construir um sólido caso de nervosismo. Uma coisa era ser um cara social e espirituoso online com milhares de estranhos me observando, e outra coisa era conhecer um autor de alto perfil e me comportar como um adulto inteligente e educado.

E eu sou esperto e recebi boa educação. Eu me formei com as maiores honras, tanto em inglês quanto em jornalismo. Depois de começar o meu blog - um blog de humor e casos da vida - e comecei a me dedicar na criação de longas metragens e *free lance*, meus vídeos e meu diploma me coloram em um grupo seleto de pequenas revistas e jornais. Eu elaborava alguns ensaios e, depois de um ano, consegui um projeto pessoal para o *The Atlantic,* um artigo parecido na *New York Magazine*, e um comentário sobre a cultura dos jogos de PC no *The New Yorker*.

O que nos leva a Caleb Bright e a ligação que recebi há cinco dias.

Meu celular tocou às quatro da tarde e, na época, eu estava transmitindo uma partida competitiva pelo *Overwatch*. Eu tinha sete mil espectadores - o que é alto para o meu canal - e eu estava em uma série de vitórias. E quando o Rei se

[2] Q'doba: franquia de comida mexicana, tem vários restaurantes.

afastava da partida, significava a perda de uma posição duramente conquistada e o sucesso de uma transmissão de grande sucesso, mas não se ignora simplesmente um editor do *The New Yorker*.

"Merda," eu dissera. "Eu odeio fazer isso, mano, mas eu absolutamente tenho que aceitar essa ligação."

O bate-papo no meu canal ficou cheio de Mojis de rostos tristes.

Eu fiz uma careta, desliguei meu software de transmissão e atendi a ligação.

A editora, Eliza Harel , explicara apressadamente que eles (*The New Yorker*) precisavam de um jornalista (eu) o mais rápido possível (em cinco dias) para um criar um novo perfil importante (Caleb Bright). O jornalista que deveria escrever o perfil havia tirado dois meses de folga devido a uma emergência familiar, e a editora não queria embaralhar as datas ou fazer novos arranjos porque o autor já estava 'nervoso'.

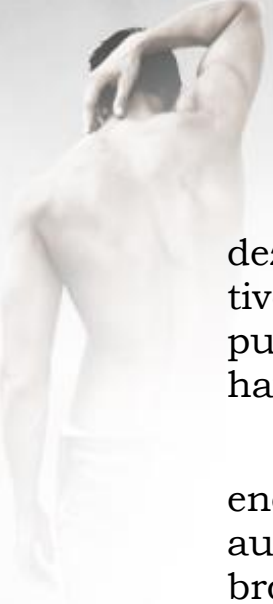
"Nervoso como?" Eu perguntei.

"Ele está fora do cenário editorial há alguns anos. Ele está meio desconfiado da mídia. Você terá que pesquisar tudo sobre ele, e a coisa é que você está com boas referências e nós amamos a sua escrita nesse artigo de videogame. Estamos procurando por..."

"Foram sobre os jogos para PC, não o console."

"Certo. Nós amamos a matéria. Nós queremos *essa* voz – jovem e curiosa. Todos os perfis desse cara são bem antigos. Quero dizer, o que ele está fazendo agora? Ele está escrevendo? E se não, por que parou? Achamos que você pode mudar de perspectiva."

A perspectiva. Ela quis dizer que eu, um *streamer* em tempo integral e entusiasta de jogos de computador, não poderia possivelmente fazer algo do *tipo* mais literário. Eu fui à segunda escolha, o backup de última hora. Mas eu estava bem com isso. *O The New Yorker ligou* para *mim*, e solicitou uma história. Eu estava dentro do ramo literário o suficiente para saber o quão grande era isso.



Conversamos sobre os detalhes específicos por cerca de dez minutos e trocamos informações de contato, e então, eu tive cinco dias para ler os três grandes romances de Bright, um punhado de críticas e alguns dos perfis obsoletos que Eliza havia mencionado.

Eu também havia examinado a foto mais recente que encontrei on-line, que mostrava o autor em uma noite de autógrafos em 2010. Ele era alto e de cabelos negros, com pele bronzeada e um rosto sem sorriso. Seus olhos eram sombrios e sérios. Embora ele estivesse no processo de sacudir as mãos com um leitor, ele estava olhando para quem quer que tenha tirado a foto.

"Nervoso." Falei no silêncio do meu jipe. "Ele está apenas nervoso, e as pessoas que se sentem ansiosas podem parecer como animais encurralados." Mas eu mostraria a ele que não queria machucá-lo. Eu me aproximaria com humildade, com as mãos para cima, e ele aprenderia a confiar em mim. Ele iria me dizer o que o faz rir, o que o perturbava, por que ele viera para o Colorado quando toda a sua família morava na Costa Leste e por que ele havia se afastado de uma tremenda carreira literária e desaparecido nos confins do *lago azul*.

Então eu escreveria um perfil tão bom que as grandes revistas me implorariam por artigos nos próximos anos.

(Essa citação sobre os melhores planos é apropriada aqui.)

Apesar dos medos de Nicole, o Google Maps tinha me guiado na infinidade de estradas que levavam à casa de Caleb Bright. Dirigi para o norte, depois para o oeste, para as montanhas, e abri a janela para deixar entrar o ar do outono. Cheirava a fogueira. Era final de setembro, a época em que os álamos estavam com poucas folhas, e eu iria congelar sem a minha jaqueta.

Brinquei em minha mente com algumas frases enquanto entrava em uma estradinha de cascalho.

Em setembro, a estrada para Red Feather é pavimentada com folhas douradas...

Muito açucarado.



Caleb Bright mora longe da agitação...

Clichê.

Eu já estou suando quando dirijo...

Não. Apenas não! Nada de começar frases com odores corporais.

A primeira coisa que você vê quando alcança a propriedade de Caleb Bright é o lago.

Era amplo e claro e naquele dia refletia a geleira azul do céu, um tom quase azul-marinho, e as folhas amarelas de centenas de álamos, envolviam a colina e escondiam parcialmente a casa.

A casa estilo cabana, com troncos robustos enaltecia o ambiente. Eu não vi outras casas ou docas ao redor do lago, ou em qualquer lugar no meu campo de visão, ou seja, o autor deveria possuir tudo o que eu podia ver. O pensamento me incomodou. Este era o seu domínio e me senti pequeno nessa paisagem expansiva.

Quando saí do carro e caminhei a trilha de cascalhos, percebi perfeitamente que estava sendo observado. Um movimento na janela chamou minha atenção. Eu olhei para cima e para baixo e continuei andando, uma leve inclinação, uma explosão de dor na frente dos meus olhos.



Capítulo 3

CALEB

Eu atravessei a sala da frente e abri a cortina, e fiquei gelado. Eu devo ter virado uma sombra doentia renascido das cinzas.

O jornalista não era mulher e nem homem. Talvez ele não fosse o jornalista. Ele tinha a aparência de um dos jovens escritores desgrenhados que às vezes encontravam o caminho para minha casa, como se fosse *Meca*, como se a peregrinação terminasse com qualquer coisa, menos com uma porta batendo em seus rostos.

Mas não foi sua aparência jovem e desarrumada que me impressionou.

Não, ele era um fantasma do passado. Aqui, sozinho, neste lugar remoto, e sem qualquer felicidade, eu estava finalmente perdendo a cabeça.

Bom, eu imediatamente pensei, e o sonho invadiu a parte de trás do meu pescoço. A loucura, como a morte, é uma espécie de liberdade - a mente se soltando e correndo.

Um grito me assustou.

O homem caiu de cara no caminho que levava até a minha cabana, levantando um braço no último segundo. Um laptop caiu, e bateu no cascalho, e ele se enrolou em uma bola e agarrou a cabeça. Eu o encarei atordoado por um momento. Então eu abri a porta.

“O que você está fazendo aqui?” Eu falei. Meu coração batia forte no meu peito e minhas mãos tremiam.

Ele se desenrolou devagar, colocou suas mãos no caminho e olhou para mim. Tudo o que ele viu fez sua boca se abrir.

“Quem é você?” Eu exigi, chiando as palavras.

Seus olhos estavam vermelhos, lacrimejando de dor e vergonha, e sangue escorria de um corte em sua bochecha.

"Sinto muito," ele disse. Eu me pressionei contra a porta, longe dele. Ele se arrastou até seu laptop e o levantou. Com uma mão vacilante, ele tocou o corte em sua bochecha. "Merda." Ele estremeceu e se levantou instável. Ele olhou para seus dedos sujos de sangue, para mim. Eu praticamente podia ver sua ideia de um aperto de mão introdutório se evaporando, deixando um vazio embaraçoso em seu rastro.

"O que você quer?" Eu disse.

"Eu sou - meu nome é Michael Beck. Estou aqui pelo *The New Yorker."* Sua mão se contorceu com o esforço necessário para não estendê-la.

Eu recuei para a casa. "Você está? Como eu posso confirmar isso?"

O rubor no rosto dele se aprofundou. "Oh, deixe-me pegar minha identidade, minha..."

"Esqueça. Entre." Eu estava perdendo o controle da situação, de mim mesmo. Ele havia caído. Ele estava sangrando. "Fique aqui." Eu me movi rapidamente para o banheiro e retornei com Neosporin e ataduras. Eu os deixei cair na mesa de café entre nós. "Use isso. Sente."

Apontei para o sofá e saí, pegando meus cigarros no caminho. Eu bati a porta do convés atrás de mim. Eu só podia esperar que o gesto comunicasse meu desejo: Deixe-me em paz aqui.

O frio me envolveu e as tábuas ásperas do convés espetaram minhas solas. Fumei e olhei para o meu telefone, debatendo se deveria ligar para Beth. O jornalista era um problema. Eu deveria mandá-lo embora - e eu o faria, assim que razoavelmente pudesse - mas ele caiu e abriu o rosto na minha entrada, o que mudava as coisas. E então ele pediu desculpas. Meu Deus, ele pediu desculpas por ter esmagado *seu* rosto na minha entrada! Quem fez isso? Meu estômago se agitou.

Eu olhei para dentro de casa. Ele estava sentado no sofá, curvado para frente.

Eu queimei outro cigarro e entrei. O cheiro de tabaco grudava na minha língua e roupas. “Você me assustou,” eu disse, caminhando em direção à janela. Eu não olhei para ele. Eu olhei para a passarela. “Há algo errado com o caminho?”

“Não. Não, eu perdi o meu equilíbrio.”

“Eu vou dar uma olhada na entrada amanhã.” Eu reabri a porta da frente e fingi estudar o caminho. “Sim. Amanhã.”

Ele estava quieto, e então eu finalmente tive que me virar e olhar para ele. Ele havia criado o curativo mais ridículo para sua ferida - um quadrado de algodão dobrado sob dois Band-Aids, as ataduras formando um volumoso X. Ele tinha o computador aberto no colo. A tela estava preta. Seus ombros caídos.

“Bem,” eu disse.

Ele limpou a garganta. “Sim. Desculpa. Nós podemos começar.”

“Tudo bem.” Sentei-me na poltrona em frente ao sofá e me perguntei se ele notaria que era bem óbvio que eu queria estar longe dele. Ele conseguiria notar que eu estava pressionado contra a cadeira para ficar mais distante possível, e taticamente mantendo a mesa de café entre nós?

“Bem, é bom conhecê-lo, Sr. Bright.”

Cal. Eu soltei meu nome preferido antes de perceber que não queria que ele me chamasse de algo muito familiar.

“OK. Cal. Deixe-me apenas...” Ele brincou com seu Mac Book sem continuar o pensamento enquanto eu dava de ombros e olhei para ele, tentando ter alguma impressão dele. Ele tinha cabelos sedosos, castanho-dourados, riscados de ouro pelo sol ou por sorte, e grossos como tinta a óleo. Seus olhos eram líquidos, e da mesma cor de seu cabelo. Ele estava meio pálido, mas seus ombros eram largos e suas mãos eram fortes.

E então havia o conjunto de sua mandíbula, tão familiar, teimosia mal disfarçada e incerteza. A queda o sacudiu muito. Eu pude ver isso agora.



“Você está bem?” Eu deixei minha voz indiferente.

“Sim, obrigado. Eu tinha tudo aqui.” Ele passou os dedos pelo laptop. “Eu acho que está danificado.”

“Eu sinto muito.” Eu fiz uma careta. “Uma queda feia. Você tem certeza que pode concertar?”

“Bem, espero que o disco rígido esteja bem, e que apenas não esteja inicializando.” Ele apertou o botão de energia novamente. A maçã no estojo continuou apagada.

“Você precisa ir a um médico? A sua queda...” Fiz um gesto em direção à porta. Eu tinha visto o quão duro ele tinha batido no seu rosto, e eu supus que era possível que ele tivesse fraturado um osso facial. Talvez ele arrumasse algo genérico para o perfil. E seria como funciona a minha sorte.

“Uh, eu não penso assim. Está latejando, mas está meio entorpecido também.” Ele cutucou o curativo e se encolheu.

“Não toque nisso,” eu falei.

Sua mão voou para o seu colo.

Latejante, mas meio entorpecido. Ele tinha jeito com as palavras. Eu queria revirar os olhos. A revista não deveria enviar seu *melhor* escritor? Eu deveria saber que era apenas uma frase. O homem diante de mim tinha chegado com nada além de um laptop, agora quebrado, e ele estava vestido como um estudante universitário. Não consegui decifrar sua camiseta, a menos que fosse intencionalmente irônico. Ele claramente estava sem clima e a sombra de sua pele sugeria que ele vivia à luz de uma tela de computador.

Ele me pegou estudando a camisa. “Você joga?” Ele sorriu esperançoso.

“Não. Nunca.” Meus lábios se curvaram. “Quando você voou? A altitude de pode estar afetando você. Você está se sentindo tonto?”

“Oh, eu moro em Boulder. Eu dirigi até aqui. Estou bem.”

Eu levantei uma sobrancelha. “Você é um *free lancer*?”

“Sim.”



“Como exatamente você acabou nesta tarefa?”

“Hum, um editor me ligou.” Eu poderia dizer que ele estava deixando parte da história. “O outro escritor tinha-”

“Eu sei.”

“Eu escrevo para eles. *The New Yorker.* Eles gostam do meu material.”

“Você escreve para eles regularmente?”

“Não... Regularmente. Um pouco. Uma vez, até agora.” Ele olhou para os pés. “Este será o meu segundo artigo para eles. E eu moro na área, então.”

“Quão conveniente.” Eu me levantei e coloquei mais distância entre nós. Fui até as janelas da frente, abri as cortinas e examinei a entrada de novo. Todas as lajes e o cascalho em volta pareciam iguais, até onde eu podia ver. De qualquer forma, essa criatura lamentável nunca me acionaria judicialmente. Ele não era do tipo. Ele não tinha dentes nem coluna para isso. Ele não era um nova-iorquino nem mesmo um *New Englander*. Enquanto isso, eu havia sido criado em um lugar sofisticado de Massachusetts, onde as pessoas não sorriam umas para as outras e os alunos da escola, quase todos, se transformavam em Tonya Harding[3] para batalhar para ser a oradora da turma.

Eu tinha ficado com esse título, a propósito.

“Estou animado para...”

“Falando objetivamente, eu acho que nós iremos conduzir melhor esse encontro outro dia,” eu interrompi. “No próximo final de semana, se isso funcionar. Você deveria cuidar do seu rosto e do seu computador.”

“Oh, eu...”

“Tenho certeza de que você quer lidar com isso o mais rápido possível.”

“Eu acho que poderia deixá-lo na loja da Apple no meu caminho para casa.” Ele continuou tentando deslizar em um

[3] É uma ex-patinadora artística e ex-boxeadora americana. O filme Eu, Tonya (I, Tonya, 2017), protagonizado e produzido por Margot Robbie, aborda a história da ex-atleta.



tom informal, como se de repente estivéssemos indo para um bar de esportes juntos. Eu senti pena dele, momentaneamente.

"Você comeu?"

"Sim," eu menti.

"OK. Talvez pudéssemos conversar sobre esse agendamento antes de eu ir." Ele deu um tapinha nos bolsos, procurando uma caneta e papel que ele não possuía.

"Vamos marcar com os ouvidos."

"Claro, nós podemos fazer isso." Ele se levantou e riu debilmente. "Ah, me desculpe. Isso realmente não saiu como planejado."

"Não precisa se desculpar. Vou ter que olhar a entrada amanhã." Abri a porta e saí, percorrendo o caminho e observando meus pés como sempre fazia. Ele não teve escolha a não ser me seguir. Eu estava chutando-o da maneira mais gentil possível.

"No próximo fim de semana, então? Eu posso chegar mais cedo. O que quer que funcione para você." Ele tentou andar ao meu lado. Eu virei para a grama.

"O próximo fim de semana está bem."

"Devemos trocar números?"

"Oh, a minha agente lida com tudo isso." Eu sorri sucintamente. "Faça com que seu amigo editor fale com ela. Nós vamos resolver isso."

Por fim, percebi que a consciência o dominava - eu o estava chutando, permanentemente - mas, em vez de parecer zangado, ele parecia desanimado e confuso, como um idiota chutado. "Claro tudo bem. Olha, sinto muito de novo..."

"Por favor." Eu levantei minhas mãos pedindo silêncio e voltei para dentro, sozinho.



Capítulo 4

CALEB

Comecei a beber depois que Michael Beck partiu - dois dedos de uísque - e continuei firmemente durante a tarde, mas nunca realmente bêbado, mas longe de estar sóbrio à noite.

Um dos muitos perigos de beber sozinho é que você não tem mais ninguém para avaliar o seu nível de intoxicação.

Por volta das sete, liguei para minha ex-esposa. O sol poente estava derretendo no convés, no meu copo de uísque, e era o mais delicioso tom de fogo. Eu agitei o álcool e acendi um cigarro. Eu tinha terminado com um maço ao meio dia.

"Caleb?" Coral respondeu. Coral gostava de me lembrar do meu homônimo bíblico, embora soubesse muito bem que eu preferia ser chamado de Cal.

"Eu quero falar com Caleb Junior." Caleb Jr. era o nosso filho de cinco anos de idade. No sul, as famílias têm uma obsessão literal em nomear os filhos de Júnior. Fiz tudo o que estava ao meu alcance para poupar meu filho daquele destino, mas sua mãe, sua avó e suas tias se uniram contra mim e eu acabei perdendo. Ainda assim, decidi me recusar a chamá-lo de Junior, o que todo mundo fazia. Que apelido degradante, se você pensar sobre isso.

Eu devo ter me atrapalhado com o meu pedido, porque Coral disse: "Você está bêbado?"

Era difícil falar, não por causa das bebidas. Afastei o receptor da minha boca e respirei profundamente, devagar.

"Você está aí? Eu vou desligar."

"Deixe-me falar com ele," eu disse.

"Você sabe que horas são?"

Para ser justo, eu perdi a noção do tempo, mas isso realmente não importava. Manhã, meio-dia ou noite, Coral

encontrava desculpas para me impedir de falar com o meu filho.

Eu o via algo em torno de uma vez por ano e só ficava duas, ou três semanas quando estava visitando meus pais. Todos nós íamos juntos para a casa de verão em Martha's Vineyard - eu, minha ex-esposa, Caleb Jr., meu pai, minha mãe e minha irmã - e naquele ambiente altamente cristão e supervisionado, eu teria permissão para passar um tempo com o meu garoto.

“Ele é meu filho,” eu murmurei.

“Ok, você obviamente está bebendo. Júnior está na cama. Eu vou desligar.”

“Coral, nós podemos...”

Ela terminou a ligação.

Eu deslizei meu copo e telefone na mesa e me inclinei sobre os joelhos. Eu não tinha falado o nome dela, e nem implorado, em muito tempo, e por um momento eu quase vomitei.

Mas, Deus, eu sentia falta da voz infantil do meu filho, dos imaturos *Rs* que o faziam parecer um pequeno cavalheiro inglês e do seu extenso vocabulário.

Esvaziei meu copo na pia.

Eu me fiz de patético na frente dela, o que significava que eu tinha bebido o suficiente.

Acendi uma fogueira, carreguei meu laptop até o sofá e, finalmente, fiz a coisa que vinha resistindo o dia inteiro: pesquisei Michael Beck no Google.

Eu encontrei seu blog, chamado *MikeCheck*, que continha sua foto e biografia na barra lateral. *Mike Beck é um streamer em tempo integral (twitch.tv/mikecheck), entusiasta de jogos para PC, proprietário de corgi e jornalista freelancer que mora com sua namorada em Boulder, CO.*

Havia uma foto de seu cachorro e, presumivelmente, sua namorada.

Havia também um feed mostrando seu último tweet, escrito duas horas antes. Eu soltei uma risada quando li isso. ***Você já teve alguém olhando para você como se você fosse um verdadeiro bosta? Eu sei que senti isso hoje.***

As postagens do blog datam de 2014. Eu ri impotente quando li os títulos: *Quando você está preocupado com a perda de cabelo masculina; Dicks Out For Harambe (Um Meme Explicativo); Um guia para sobreviver com os cereais matinais infantis; Por que a viagem aérea deixa todo mundo meio oleoso? Por que o Fast Food retorna a um estado não nutricional se guardar para comer depois? 'Apenas os Pés' - A jornada de um homem com os comestíveis.*

Eu esperava que os posts fossem ridículos, mas não eram. Ele abordou cada tópico com a mesma atitude penosamente dolorosa que eu havia visto mais cedo naquele dia. Os toques humorísticos eram leves, naturais e, em alguns trechos, a escrita atingia notas pensativas e sombrias. Ele tinha centenas de comentários nos seus post.

Enquanto lia, um novo tweet apareceu no feed. ***Ao vivo em cinco - twitch.tv/mikecheck – jogos com DayZ***.

Eu abri o link. Levou-me para uma página com um media player embutido e uma caixa de bate-papo ao lado. E lá estava ele, no canto da tela, sentado em uma mesa e ainda ostentando sua atadura boba. Ele também usava um fone de ouvido com microfone.

"E aí, meus amigos?" Ele disse. Ele parecia infeliz. Eu aumentei o volume e olhei para o bate-papo. Alguém digitou: ***o que aconteceu com o seu rosto?*** Dezenas de outros repetiram a pergunta. Alguns riram; alguns postaram rostos e corações tristes.

Aonde eu tinha tropeçado?

Enquanto eu observava, o número de espectadores chegava a mil, depois a dois mil e logo - se o contador não estivesse mentindo - cinco mil. O bate-papo rolou tão rapidamente que mal consegui ler.

Ele está ao vivo!



Seu rosto LUL[4]!

Bro o que aconteceu?

Sad Mike parece triste

DayZ hoje? Zzz

Incomi entrando no simulador

FeelsBadMan

"Caras, podemos ficar no *sub* por um tempo," ele disse. "Desculpem rapazes. Eu não posso lidar com um bate-papo rápido hoje à noite."

Uma frase de texto apareceu - *agora no modo somente assinante* - e o bate-papo diminuiu.

"Obrigado. Uh, meu rosto..." Ele se conectou comigo, o que preencheu a maior parte do media player. "Eu caí. Eu achava que você só caia quando tem quatro anos. Você sabe quando você é criança e tenta andar, mas basicamente você só se inclina?" Ele demonstrou, soltando o braço em um movimento semelhante a uma prancha. Eu sorri abertamente e balancei a cabeça. Ele realmente caíra assim.

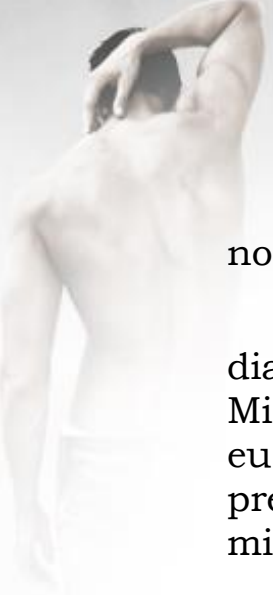
O bate-papo continha risadas e simpatia.

"Podem rir." Ele sorriu. "Todos vocês vão cair assim um dia desses. Todo mundo cai; É só uma questão de *quando.* Claro, eu caí bem na frente de alguém. Uma queda realmente dura."

Eu achei muito mais fácil vê-lo quando ele não estava sentado em minha casa, sugando todo o oxigênio da sala. E, observando-o assim, pude apreciar as pequenas maneiras em que ele se diferia de Jamie. Michael era mais velho, claro, e mais engraçado. Jamie era tão sério. Eu poderia dizer que Michael amava rir e parecia gostar de socializar, mesmo que apenas pela segurança do que parecia ser seu canto em casa. Jamie sempre se esquivou das pessoas. Exceto de mim.

Eu segurei minha cabeça.

[4] Risada.



Todos os fantasmas estavam saindo para jogar hoje à noite.

Senti-me repentinamente enervado, como se o preço do dia finalmente estivesse me atingindo: o sonho da morte, Michael Beck, minha ligação fracassada para Coral. Por que eu liguei para ela? Eu sabia que ela nunca voltaria. Talvez eu precisasse ter certeza, apesar de qualquer dúvida, de que minhas chances de felicidade normal haviam desaparecido.

E elas foram embora, eles foram embora.

"Dias de merda, caras. Todos nós temos dias assim." Michael estava conversando com as pessoas que estavam digitando no chat, mas ele poderia estar falando comigo. "E sim, estamos jogando DayZ hoje à noite. Será um bônus, porque eu não esperava estar em casa mais cedo, e eu quero fazer algo."

Um fragmento de música tocou e as palavras *New Subscriber: Eternal Kek* rolaram pelo topo da janela. Eu inclinei minha cabeça.

"Ei, obrigada pela assinatura, Eternal Kek." Michael forçou um sorriso. "Bem vindo ao time. Eu agradeço o apoio. Gente, nós podemos aceitar novos microfones no chat para um novo assinante? Obrigado mais uma vez, cara. Espero que você goste do conteúdo."

O bate-papo se encheu de minúsculos ícones, que pareciam microfones flamejantes com a letra M neles. Eu mal entendi o que estava vendo.

Em seguida veio um som tipo *ringtone* com as palavras *Invocação: $ 3.00 Sinta-se melhor Mikey você está certo, todo mundo cai de cara no chão um dia.*

"Obrigado pelos três dólares, Invocação. Exatamente, isso cara. Todo mundo cai. Todos defecam. Felizmente eu não caí *e* defequei. Feliz por isso."

Ele continuou a jogar o jogo, que parecia envolver uma busca em um vasto deserto, coletando armas e evitando os zumbis, e os estranhos da Internet continuavam a se inscrever e doar várias somas de dinheiro.

Eu rolei para baixo.

Notei o botão de assinatura (4,99), a mesma foto de seu blog, alguns textos detalhando suas especificações de computador e os horários das transmissões (cinco dias por semana, sete horas por dia) e um gráfico de doação na forma de uma jarra desenhado à mão. *Clique no frasco para fazer a contribuição. As doações são apreciadas, mas nunca são necessárias.*

Cliquei na imagem, que me redirecionou para o PayPal. Na caixa de doações, digitei 2000.00 e a mensagem: *compre um novo laptop.* Deixei o espaço para colocar o nome em branco.

Confirmei o pagamento e retornei ao fluxo.

Alguns momentos se passaram antes que o toque soasse e a notificação aparecesse no topo da janela. Os espectadores perceberam isso antes de Michael, que estava lutando contra zumbis. O bate-papo explodiu.

2k!?!?!?!

OMG[5] MIKE $2000 DE DOAÇÃO

MIKE R U BLIND[6]

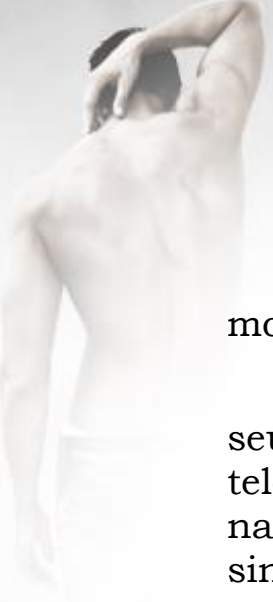
WTF[7]

Eu ri e coloquei meus dedos sob o meu queixo. Você pode ter pensado que eu dera ao chat dois mil dólares; eles estavam tão animados. Eles começaram a enviar ícones do rosto de Michael usando uma venda nos olhos.

"Cara, eu sei que tenho um dono," ele disse exasperado. "Me dêem cinco segundos. É difícil olhar para dois monitores quando você tem vários zumbis vindo para cima de você..." Ele balançou os braços descontroladamente e eu ri mais forte. Então ele viu a doação.

Seu sorriso caiu e seus olhos se arregalaram.

[5] OMG: Oh Meu Deus.
[6] You Are Blind: Você está cego.
[7] WTF: Que Porra.



“Oh, puta merda.”

Na tela, zumbis atacaram seu personagem até a morte. Ele não estava mais assistindo.

“Oh, *puta merda,*” ele repetiu. Eu me perguntei quanto de seu choque era genuíno e quanto era um ato para os telespectadores. Como a maior doação que eu tinha visto naquela noite era trinta dólares, presumi que ele estivesse sinceramente chocado. E eu gostei. Do isolamento de minha casa na montanha, eu o deixei sem palavras.

Ele esfregou o rosto e cobriu a boca. Seus olhos cintilaram entre os monitores.

“Uau. Anônimo, nem mesmo deu uma dica de nome. Cara. Obrigado. Eu não sei o que dizer. Deixe-me ler sua mensagem.” Sua expressão mudou de novo, sutilmente - um ligeiro tremor de espanto, e depois constrangimento, que eu duvidava que alguém mais tivesse percebido. “Ok, hum, anônimo com a doação 2K diz... *Compre um novo laptop*.” Ele tossiu. “Cara. Isso é super generoso. Eu realmente não sei o que dizer.”

Seus olhos evitavam a webcam.

“Oh. Os zumbis me atacaram.” Ele se concentrou no jogo. “Eu sinto que não posso nem mais jogar agora.”

Mas ele tentou, valentemente, e eu assisti até que eu não aguentava mais.

Então liguei para a minha agente e deixei uma mensagem de voz.

“Beth,” eu disse. “Eu nunca, nunca quero ver aquele jornalista novamente.”



Capítulo 5

MICHAEL

O telefonema chegou à segunda-feira de manhã e foi mais ou menos como eu esperava. Eliza Harel, do *The New Yorker*, pediu desculpas e mentiu para o agente de Caleb Bright, que provavelmente havia mentido para ele. "Houve algum tipo de mal-entendido," disse o editor. "Aparentemente, o autor queria cancelar o perfil antes mesmo que nós o mandássemos para lá. Eu sinto muito pela inconveniência."

"Então não vai haver um perfil?" Eu disse.

"Bem, estamos trabalhando nisso. Mas Michael, nós *amamos* sua voz. Nós estaremos em contato, ok?" Ela desligou o telefone. Todos os editores com quem eu já me comuniquei possuíam essa habilidade: a capacidade de terminar uma ligação na velocidade da guilhotina.

Eu já estava acordado - com um cachorro e uma namorada que saíra para trabalhar às sete horas, eu raramente dormia - e estava sentado à minha mesa. Como meu laptop estava fora de operação, abri o Bloco de Notas em um dos meus desktops de jogos. Eu estalei meus dedos e digitei furiosamente uma frase: *Caleb Bright é um filho da puta.*

Lá. Esse era todo o perfil que ele precisava.

Eu nunca esquecerei a maneira como ele olhou para mim, com uma mistura de horror e repulsa, como se eu fosse um mutante. Ele encolheu ficar longe de mim, praticamente pressionado contra a parede ou a mobília mais distante quando estávamos na mesma sala. O que eu fiz de errado? Talvez eu devesse ter aceitado o conselho de Nicole e me vestido mais formalmente, mas mesmo assim, uma camiseta e jeans não mereciam o comportamento do autor.

Ele tinha ficado um pouco psicótico. Ele tinha uma fobia por sangue? Será porque eu tinha dado um passo em *falso* e esmagando o meu rosto em sua passarela?



Em alguns momentos, ele parecia zangado comigo e com medo de mim.

E depois havia a sua aparência, muito alterada da foto de 2010. Ele tinha o mesmo cabelo preto, mas agora estava longo, despenteado, varrendo seus olhos e caindo em grossos cachos em volta do pescoço. Sua pele estava pálida, e não havia o beijo do sol em sua pele, seu rosto estava magro e cheio de sombras.

Meus sentimentos se voltaram para a pena.

Ele estava doente? Ele parecia doente, como se estivesse morrendo de algum tipo de doença.

Eu o havia aterrorizado involuntariamente, e tinha certeza disso - mas como?

A parte final e mais irritante do quebra-cabeça veio depois, durante a minha transmissão: Dois mil dólares da única pessoa que sabia sobre o meu laptop quebrado, ou seja, Caleb Bright. Eu nem tinha contado a Nicole sobre o laptop. Ela iria me interrogar tão impiedosamente sobre a reunião (e minha lesão) que eu não desejava repetir nada extra.

Eu também não havia deixado o laptop na loja da Apple, porque tinha certeza de que poderia consertá-lo sozinho, ou pelo menos recuperar o disco rígido.

Então, os dois mil dólares só poderiam ter vindo dele.

Mas ele me dispensou. Ele havia planejado me dispensar no momento que me escoltou para fora de sua casa, se não antes. E ele não parecia do tipo que *doaria* dois mil dólares por culpa. Não, ele não parecia ser do tipo. Lembrei-me de seu olhar negro e furioso e estremeci. Quando eu coloquei os olhos nele pela primeira vez, eu realmente pensei que ele poderia me atacar.

Eu girei lentamente na cadeira do meu escritório, de um lado, depois para o outro.

Eu fiz um tweet no meu celular. **Nenhuma transmissão hoje pessoal**.



Dei água e comida para Furio, e tive certeza que a pequena porta para ele estava aberta, fiz um cheque de dois mil dólares, e voltei a Red Feather.



Capítulo 6

MICHAEL

No momento em que bati na porta de Caleb Bright, eu havia me envolvido em uma raiva imensa. Eu precisava da raiva, como uma armadura. E talvez eu devesse ter investido em armaduras reais. Ele poderia ter uma arma. Ele poderia atirar em mim. Aqui, no meio do nada, não haveria testemunhas. Ele poderia reivindicar autodefesa.

A porta abriu e recuei um passo.

Desta vez, ele parecia mais alarmado do que bravo.

“O que você quer?” Ele disse, balançando a cabeça.

Eu empurrei o cheque para ele. Ele aceitou relutantemente, leu e franziu a testa.

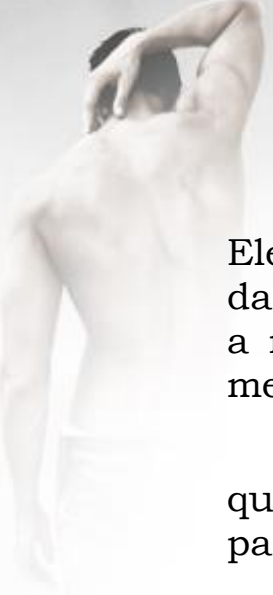
“Por que você me deu isso?”

“Não importa.” Ele amassou o cheque. “Você tropeçou na minha passagem e quebrou o seu computador. Foi o mínimo que eu pude fazer.”

“Você me dispensou. Eu quero saber o motivo.”

Ele zombou e virou as costas para mim, e por um momento pensei que ele fosse fechar a porta. Ele cruzou os braços e abaixou a cabeça. Quando ele se virou para mim novamente, ele estava usando um sorriso educado e desconfortável. “Não, eu não fiz.”

“Você cancelou o perfil.” Eu enfiei minhas mãos em meus bolsos. Estava mais frio aqui nas montanhas. Pior, minha raiva estava dando lugar ao constrangimento. Eu me sentia agora um idiota por ter vindo. Logo, minha voz começaria a tremer como sempre acontece quando tento confrontar alguém. “Olha, está tudo bem. Eu só quero saber o motivo, sabe? Para o meu trabalho no futuro. Se fiz algo de errado...”



“Eu não cancelei. Deve ter havido algum mal-entendido.” Ele deu de ombros e o seu olhar passou por mim, na direção das árvores. Seu sorriso fraco se tornou apologético. “Eu disse a minha agente que não queria *mais* ninguém escrevendo o meu perfil. Talvez eu não tenha sido claro.”

Ele estava mentindo, com certeza. Eu sabia e ele sabia que eu sabia disso. Nossos olhos se encontraram e ele se virou para entrar na casa dele.

“Eu vou,” gaguejei. Meu constrangimento estava em direção à mortificação. Não só eu tinha o enfurecido o suficiente para me dispensar, mas agora eu o encurralara para mentir sobre isso. “Uh, desculpe. Você não precisa...”

“Michael.” Sua voz era suave, e severa. “Entre.”

Eu me mexia no sofá enquanto ele se movia pela cozinha. A área principal da casa era ampla e aberta - a sala de estar, com a televisão e a lareira, se conectava com a cozinha. Um loft tinha vista para os dois quartos. *O silêncio* foi a minha primeira e mais opressiva impressão do lugar. Eu queria pigarrear apenas para fazer qualquer som.

Não parecia incomodá-lo, no entanto. Por um longo tempo, ele preparou seu café da manhã sem olhar para mim ou se dirigir a mim. Ele preparou um bule de café e vasculhou a geladeira. Ele pegou algumas frutas, as lavou e cortou.

A visão dele empunhando uma faca grande me deixou desconfortável, e então eu queria rir. De alguma forma, ele notou.

“O que?” ele disse.

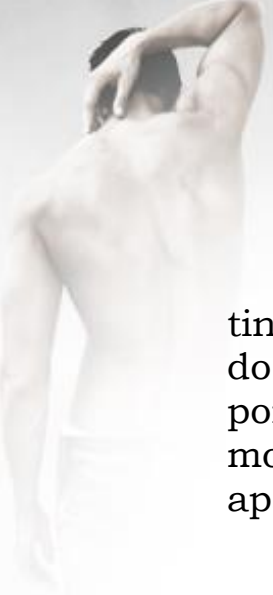
“Hm? Nada.” Estiquei minhas pernas no tapete, procurando dar uma aparência mais confortável. O olhar dele no meu estava queimando.

“Você estava sorrindo.”

“Oh, apenas pensando.”

“Sobre o quê?” Ele moveu a fruta para um prato.

Apenas pensando sobre você sendo O Cara Brilhante para mim. Aqui está o Johny! “Sério, não é nada.”



“Conte-me.”

Eu soltei um suspiro. Não havia como fugir disso. Eu tinha que conquistar a confiança dele, e que maneira melhor do que dizendo a verdade? “É estranho, mas eu estava rindo porque” - eu gesticulei no ar - “você com aquela faca, por um momento, eu pensei: e se ele estivesse chateado e eu aparecesse?” Eu ri um pouco.

Ele franziu a testa e enfiou a faca no suporte. “Isso é meio sombrio.”

“Sim. Minha mente é estranha assim.”

“Eu li o seu blog.” Ele pegou uma fruta e a colocou na mesa de café. Ele definitivamente ficou tenso quando ele se aproximou de mim, e ele pegou uma fatia de pêra e recuou imediatamente.

“Oh.” Ele me pesquisou. “Foi assim que você encontrou o meu canal?”

“Sim. O que é exatamente? Eu fiquei confuso.” Ele se moveu para um lugar entre o sofá e a cozinha e andou de um lado para o outro, tomando café e comendo a fruta. Hoje, ele parecia um pouco melhor do que na sexta-feira. Sua pele estava pálida, mas não tão pálida, e seus cabelos longos estavam presos em um rabo de cavalo na nuca. Ele era o tipo de cara que seria considerado com estilo, o tipo de cara que minha namorada teria babado.

Uma primeira frase para o perfil passou pelos meus pensamentos - *Caleb Bright é literalmente alto, moreno e bonito... Não é homo* - e eu sorri de novo.

“O que?” Ele tinha parado de se mover e estava olhando para mim atentamente.

“O canal.” Eu me encolhi. “Essa é a minha coisa. Quer dizer, meu trabalho. Uau, você tem que me perdoar. Juro que nem sempre sou assim...” As palavras saíam do meu cérebro, *palavras traidoras.*

“Sem eloquência?” Ele forneceu. “Eu sei. Como eu disse, eu li o seu blog. Estou confiante que você tem capacidade de manter todo esse sorriso bobo em frases coerentes. No papel,

pelo menos.” Ele se aproximou, pegou outro pedaço de fruta e voltou a ficar em uma distância segura. “Sirva-se, a propósito. Café?”

Café parecia bom, e possivelmente faria com que meus neurônios disparassem, mas também poderia me deixar mais ansioso. “Não, obrigado,” eu disse. “Logo, e o quanto antes, precisei superar esse poderoso sentimento de inadequação em sua presença.” Eu me sentia menos que ele, mas não era por causa dele. Não hoje, de qualquer maneira. Na sexta-feira, ele deliberadamente me fez sentir uma merda de cachorro com seu interrogatório sobre minha experiência com jornalista, sua resposta zombadora à minha pergunta sobre jogos e seu olhar altivo.

Hoje, porém, ele estava mais educado e curioso. Eu não me importei com o seu ocasional sarcasmo e cinismo. Senti que fazia parte de seu medo, como a distância que ele colocou entre nós. Mas eu nunca seria capaz de escrever sobre ele se não pudesse encontrá-lo em algum tipo de nivelamento. Eu me fiz pegar um pedaço de maçã e mastiguei antes de explicar o meu canal. Quanto mais eu descrevia, mais perplexo ele ficava.

“Então as pessoas pagam para assistir você jogar videogames?”

“Jogos de computador,” eu disse.

“Claro.” Ele acenou com a mão. “Ainda assim, isso é meio louco.”

“É uma comunidade. Eu estou lá durante a semana toda. Nós temos um interesse comum... E eles gostam da minha personalidade. Isso é uma grande parte disso, personalidade.”

“Você é engraçado,” ele admitiu.

“Eu acho. Eu sou apenas eu, mas você definitivamente constrói uma marca pessoal. Existem toneladas de trolls. Eles...”

“Trolls?”

“Oh. Como idiotas. Babacas. Basicamente, as pessoas que estão lá apenas para serem rudes no chat ou iniciar

discussões. São cinquenta por cento das pessoas, cinquenta por cento das pessoas que procuram um sentido de pertencimento. Eu cuido de ambos os lados. Quero dizer, todos eles estão aumentando minha contagem de visualizações."

Ele sorriu timidamente. "Esperto."

"É um bom negócio."

"Sim, tudo isso é muito interessante." Ele mastigou e assentiu. "Uma subseção inteira da Internet que eu não sabia que existia." Ele continuou retornando para pegar uma fruta e depois se afastando. Ele não deve ter percebido ou me importado com o quão patológico isso parecia. Quase qualquer outra pessoa teria se sentado, conversado comigo e olhado para mim.

Sua expressão em seu rosto mudou para uma aparência de infelicidade. Não era bem uma carranca, mas era o rosto de alguém permanentemente cansado ou perturbado. Eu o acompanhava com o olhar de um lado para o outro; Eu desviei o olhar quando ele olhou para mim, como se me sentisse o olhando.

Não pela primeira vez, eu o compreendi como um animal encurralado. *Pessoas que se sentem ansiosas agem assim.* Eu não tinha dito aquelas palavras para mim na minha primeira viagem até aqui? E talvez meus pensamentos tivessem sido idiotas, do jeito que eu imaginava a minha primeira aproximação: com as mãos para cima e ganhando a confiança dele, embora parecessem muito práticos agora.

"Eu realmente não posso aceitar esse dinheiro." Eu mordi um pedaço de pêra. Ela se dissolveu em suco de açúcar na minha língua, assim como a maçã, e eu gemi. "Esta fruta é..."

"O que há de errado com ela?" Ele retrucou.

Eu quase tossi o suco de pera. Ele havia parado rigidamente e estava de cara feia para mim, com o rosto contorcido de frustração. Ou talvez fosse raiva.

"Não é nada. Está muito boa. Isso é o que eu estava..."

"Termine então. Eu vou fumar."

Ele saiu, batendo a porta do convés atrás de si. Eu relaxei. A casa inteira pareceu relaxar em seu rastro. “Que porra foi essa?” Eu sussurrei.

Metodicamente, porque eu estava com medo do que poderia acontecer com o humor dele, se eu não concluísse meu pensamento, eu terminei as últimas seis fatias de fruta. Eu não me movi do sofá. Eu olhei para o deck uma vez; ele estava de pé rigidamente no corrimão, de costas para mim, nuvens de fumaça se expandindo no ar frio.

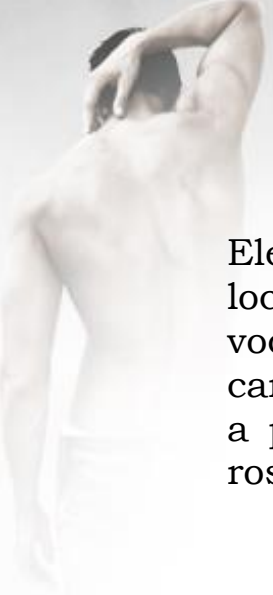
Eu não teria me importado de ficar lá fora com ele, apreciando indiretamente o cigarro e olhando para o lago, mas isso parecia fora de questão. Nas duas vezes em que ele havia saído para o convés na minha presença, ele havia feito isso de uma maneira que dizia: *‘Estou pensando em matá-lo com essa porta de correr.’* Eu exalei e me deixei sorrir. Eu tinha que encontrar algum tipo de humor nesta situação bizarra; ou a confusão me sobrecarregaria de outra forma.

Eu pensei em possíveis teorias enquanto ele fumava outro cigarro.

Ele tinha uma coisa óbvia do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde, o que me fez pensar se ele sofria de algum tipo de transtorno do humor - bipolar, talvez, ou *anti social*.

Tentei encontrar algum elo entre a fruta e minha queda em sua entrada. Ele tinha pensado que eu estava engasgado com a pêra? Ele estava preocupado que eu poderia tentar tirar proveito dele por meio de um processo? Medos como esse atormentavam os mais ricos, eu sabia, e ele era claramente rico. Sua casa era elegante e discreta, e ainda tinha essa atmosfera visivelmente superior. As bancadas de mármore e os aparelhos de aço inoxidável brilhavam na cozinha. A mesa era sólida, de design rústico. Os sofás, poltronas, travesseiros e mantas eram todos de camurça e pele de carneiro, costuras pesadamente, em tons de cinza e café. E os quartos eram imaculadamente limpos, mas confortáveis, e habitados.

Ele voltou para dentro e fechou a porta discretamente. Ele até pareceu um pouco envergonhado. Sentei-me e sorri. “Eu estava pensando...”



“Eu recebo essas frutas de um mercado de agricultores.” Ele falou bem em cima de mim. “Mercado dos agricultores locais. São ótimas, não são? Eu vou te levar alguma hora, se você quiser. Começa no começo do próximo mês.” Ele voltou a caminhar de propósito, pegou o saco de frutas e levou-o para a pia. “Não mencione o dinheiro. Realmente, depois do seu rosto e do laptop...”

“Bem, sobre esse assunto...”

“Como está o seu rosto, a propósito?” Ele esfregou o prato com zelo religioso. Eu juro, eu senti pena do prato.

“Está bem. Era um corte raso.” Eu estava mentindo por entre os dentes, mas seria condenável se lhe contasse como o corte ficou durante o fim de semana, depois de limpar o líquido oleoso e amarelado. Eu tinha ensopado com álcool, e enchi o corte de Neosporin e gaze e atei com uma atadura larga.

“Foi?” Ele fez uma pausa e olhou para mim. Ou ele viu a mentira no meu rosto ou o curativo desconfortavelmente volumoso.

“Minha namorada é farmacêutica. Ela é neurótica sobre infecção.” Eu apontei para o curativo. “Ela está na praia.” Mais mentiras. Eu estava escondendo a ferida de Nicole tanto quanto a escondi de Cal, porque não queria que ela me incomodasse com uma consulta médica. E ela iria, se ela visse a coisa.

“Eu vejo.” Ele retomou a agressiva lavagem do prato. Não poderia haver nenhum traço de DNA remanescente - e então ele o colocou na lava-louças. Eu esfreguei minha boca. Rir agora seria inapropriado, com certeza.

“Olha, eu queria que você soubesse que eu ficaria feliz em assinar qualquer tipo de documento que você tenha elaborado... Se você tiver qualquer tipo de preocupações.”

Eu não conseguia decidir o que era pior, a limpeza fanática da bandeja ou esse olhar firme e impenetrável.

“Preocupações?” Ele disse.

“Qualquer coisa, você sabe.” Eu acenei com a mão. “Preocupações com privacidade, preocupações legais. Tudo o

que você quiser manter fora do perfil. Qualquer coisa." *Oh, por favor, por que eu não consigo parar de dizer qualquer coisa?* "*Qualquer* coisa que torne mais fácil. Eu ficaria feliz em assinar qualquer..."

"Claro." Ele levantou a mão, me tirando da minha miséria. "Eu aprecio isso."

Eu caí no sofá. De repente, soube o que procurava naquela casa: um cachorro, um gato, uma planta, *qualquer* outra coisa viva para eu olhar. *Qualquer coisa*. Havia um sussurro abafado no lugar, com apenas nós dois ali, e isso estava me deixando ansioso.

"Esse deck parece incrível." Eu levantei do sofá e fiz uma pausa. Eu precisava pegar um pouco de ar e havia árvores para olhar do lado de fora, vento e som.

Ele se esticou no canto do balcão, piscando para mim. O que havia de errado com esse cara? "O convés?"

"Sim, à vista. Você se importa?" Minha mão estava na porta.

"Não. Não, continue. Ande por aí. Tenho que fazer uma ligação." Ele se dirigiu para outra direção, entrando mais profundamente dentro da casa, e eu fiquei tão feliz quanto ele.



Capítulo 7

CALEB

Foram cometidos erros. Talvez o primeiro erro tenha sido ligar para minha ex-mulher na noite de sexta-feira ou, mesmo antes disso, abrir a porta para Michael Beck. Entretanto, as circunstâncias haviam forçado minha decisão. Ele havia caído e quebrado seu laptop. Eu não poderia ter deixado ele caído na minha entrada.

Ao contrário do que eu tinha certeza que ele pensava, eu não sou um monstro.

Mas, pesquisar no Google, ler o seu blog, e observar sua transmissão ao vivo e depois dar a ele dois mil dólares - esses eram erros bem definidos. E quando ele reapareceu hoje, parecendo tão cheio de raiva e constrangido, e tentando devolver meu dinheiro, eu acabei concordando em deixá-lo escrever o meu perfil. Isso foi um erro também.

E ligar para a minha ex-esposa, no entanto, eu entendi o que era aquilo. Eu estava me *dando* permissão para reabrir a porta para Michael Beck, porque eu não tinha mais nada na minha vida. Eu não tinha um relacionamento com o meu filho. Eu não tinha mais uma carreira. Eu só tinha meus pais e irmã, e eles não eram suficientes atualmente. Quase nunca foram.

Eu sentei no meu escritório, esperando o tempo que eu supus que levaria para fazer uma ligação. Realmente, eu precisava de alguns momentos longe de Michael. Mas, depois de um minuto, eu percebi que tinha uma ligação para fazer.

Beth respondeu prontamente. “Cal?” Ela parecia otimista. Ela provavelmente não esperava uma ligação minha depois da minha furiosa mensagem de voz sobre o jornalista.

“Beth, oi.”

“Bom ouvir você. O que está acontecendo?”

“Oh, é sobre o perfil, você sabe...”



"Perfeito. Estou feliz que você tenha mencionado isso. A revista *acabou* de me enviar uma nova lista de jornalistas. Sua escolha, Cal. Posso encaminhá-lo? Não desista disso."

"Essa é a coisa." Eu bati meus dedos na mesa. Eu não estava nem um pouco envergonhado de mudar de ideia. Eu gostei de surpreender Beth (e silenciando-a um pouco). Não era justo que o estresse fluísse em apenas uma direção. "Eu quero aquele garoto, o Michael Beck."

"Quer vê-lo novamente?"

Eu lambi meus lábios. "O jornalista de sexta - feira, o do Colorado."

"Sim. Eu falei com o editor. Você nunca terá que..."

"Não, eu *quero* ele no perfil, Beth. Ninguém mais. Informe a revista, por favor? Deixe-os saber que houve um mal-entendido."

Eu sorri miseravelmente no silêncio que se seguiu. Que triste dar os meus chutes assim.

"Isso funciona. OK. Michael..." Ela estava digitando agressivamente. "Perfeito. Vou ligar para a revista agora."

"Bom. Obrigado."

"Não vamos mudar as coisas de novo, ok?" Ela mudou para seu tom sério. "Nós poderíamos perder o interesse deles, ou sair como..."

"Não haverá mais mudanças. Eu não sou tão inconstante assim."

"Ótimo, muito bem, e estou feliz por ouvir isso, Cal. Mantenha contato."

"Manterei." Eu terminei a ligação e saí do escritório.

O que eu disse a ela era verdade: eu não era inconstante.

Descalço, caminhei pelo convés e procurei na minha propriedade por Michael. Talvez ele tivesse feito a coisa mais esperta e se dirigido para as colinas - mas não, lá estava ele, tropeçando pela grama alta na margem sul do lago. Ele não

pertencia à natureza. Ainda não, de qualquer maneira. Eu teria que ver o que eu poderia fazer sobre isso.

O vento que rolava pelas montanhas bagunçava o cabelo no rosto, e o casaco dele. Hoje, ele havia optado por um moletom preto simples, provavelmente porque sua camiseta de jogo tinha pegado mal, como um balão de chumbo. Pobre rapaz; ele deve ter se sentido como se não pudesse vencer comigo. E eu fui cruel com ele na sexta-feira. Até hoje eu sabia que estava me comportando de maneira estranha. Eu precisava de tempo para me acostumar com a presença dele.

Ele me avistou e desviou em direção ao convés.

Fiz sinal para ele ficar no lago. "Eu vou descer," eu falei. Talvez as coisas fossem mais fáceis ao ar livre. Eu me abaixei, coloquei meus pés nas botas e amarrei e vesti um casaco de lã. Por alguma razão, Michael parecia gostar de se vestir como os rapazes com a metade da sua idade, embora não parecesse ruim. O estilo *nerd* combinava com ele.

Eu descia a encosta rochosa até o lago.

"Este lugar é lindo," ele disse apertando os olhos contra o vento.

"Eu concordo." Eu mantive minha distância, escolhendo um caminho ao lado da água. Um cigarro seria uma boa desculpa para ficar longe dele, por isso acendi um.

"Há quanto tempo você fuma?" Ele tentou andar comigo. Eu segui em frente, minhas pernas mais longas e o meu andar mais firme, ultrapassando-o facilmente.

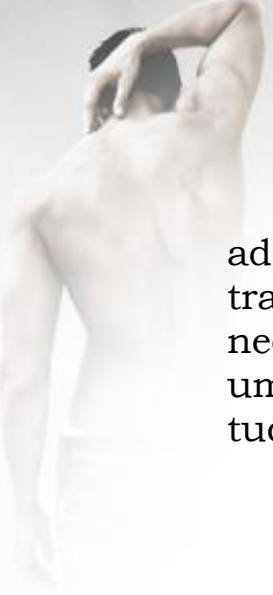
"Quatro anos, mais ou menos."

"Desde que você se mudou para cá, então?"

Ele tinha feito o dever de casa, aparentemente. "Sim, isso é certo. Eu estou supondo que você sabe que eu tenho um filho."

"Uh, eu sei sim. Desculpe, eu..."

"Bem, eu nunca iria fumar em torno dele."



“Não. Isso faz sentido. Desculpe.” Ele se constrangeu ao admitir que estivesse me pesquisando. Isso fazia parte do seu trabalho, mas ele era muito novo nisso para ter a firmeza necessária. Eu arquivei essa informação. O fato de ele não ser um jornalista experiente trabalhava a meu favor. Isso tornaria tudo mais fácil para lidar.

“Isso te incomoda?” Eu gesticulei com o cigarro.

“De modo nenhum. Eu gosto do cheiro. Eles vão te matar, no entanto.”

“Eu não me importo.” Eu sorri. “Eu sei onde estou indo.”

“Você é... Muito espiritual, certo?”

Eu me virei de volta para a casa. Do lado de fora, eu estava percebendo rápido, eu tinha duas escolhas: andar na frente dele enquanto ele examinava cada movimento meu (eu podia sentir o seu olhar em mim) ou diminuir a velocidade e deixá-lo andar ao meu lado, que estava perto demais para o meu conforto. Dentro, pelo menos, eu poderia instalá-lo no sofá e andar para aonde quisesse.

“Se, por *'muito espiritual'*, você quer dizer um cristão, então sim.”

“Isso é interessante.” Ele continuou tentando me alcançar, mesmo na colina. Eu o ouvi andando atrás de mim, seu casaco farfalhando furiosamente.

“Não é tão interessante quanto você imagina.”

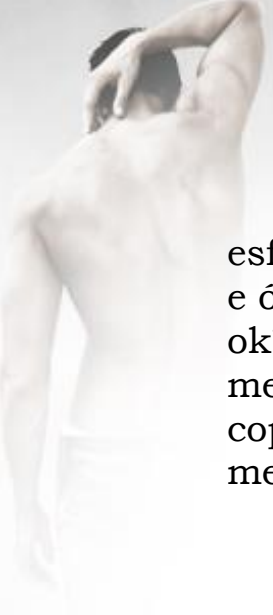
“Bem, você não conhece muitos” - ele respirou com dificuldade - “cristãos fundamentais hoje em dia, ou pessoas que se interessem em uma religião em particular...”

“Não exagere Michael.” Eu subi nas escadas do convés. Eu queria rir, mas isso teria sido rude.

“Estou bem.” Ele deu um sorriso furioso e se arrastou até o corrimão.

“Você não trabalha muito ao ar livre,” comentei “você se cansa.”

“Exatamente.” Ele caiu contra a casa. “Você malha?”



Suas perguntas sem parar não eram diferentes de seus esforços para me acompanhar: fúteis, lamentáveis, ambiciosas e óbvias. “Olha,” eu disse, “não vamos nos jogar em tudo hoje, ok?” Eu chutei minhas botas, tirei meu casaco e o coloquei na mesa da cozinha. Ele foi direto para o sofá. Eu trouxe-lhe um copo de água, que ele engoliu em vários goles. “Você tem dois meses para trabalhar no artigo, certo?”

Ele assentiu, lutando para tirar o casaco.

“Isso é muito tempo. Você nem tem seus materiais hoje.”

“É verdade.”

“Então, vamos descobrir um cronograma e trocar informações de contato e marcar outro dia.” Eu deixei uma caneta e um bloco de anotações na mesa de café e fui embora.



Capítulo 8

MICHAEL

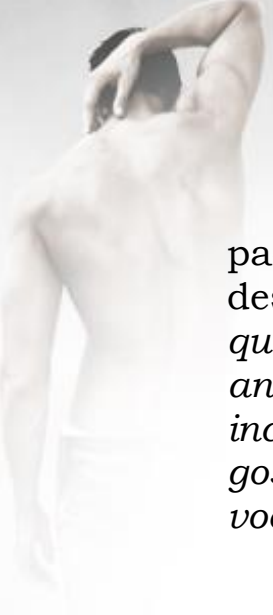
"Você vai alternar três dias da semana para passar por lá?" Nicole levava a louça do café da manhã para a pia. Furio a seguiu, seu rabo de tufo balançando esperançoso. "Você não acha que é muito?"

"Honestamente, eu não tenho certeza se é o suficiente." Eu estava com o meu novo MacBook aberto na mesa e eu estava transferindo a agenda de Cal para o meu calendário. Eu conseguira recuperar os arquivos do meu antigo laptop, mas a máquina em si estava morta, a primeira baixa em meu cerco a Fort Bright. "Eu realmente tenho que conhecer esse cara. Ele tem que se sentir confortável ao meu redor. E agora, ele está..." Eu balancei minha cabeça. Nenhuma palavra poderia explicar, e se eu começasse a repensar o meu segundo encontro com o autor, estaria perdido em uma espiral de teorias.

"Louco, certo? Você tinha certeza que ele ia cancelar o perfil na última sexta, e agora ele quer se encontrar três vezes por semana?"

Eu não contara a Nicole que Cal realmente cancelara o perfil, só para acontecer uma reviravolta depois de eu tentar devolver o dinheiro. Eu não tinha contado a ela sobre a doação, e ela não estava feliz por eu ter gastado com um laptop sem consultá-la primeiro.

Tudo se resumia a dinheiro para Nicole, o que era estranho, considerando que eu estava sem dinheiro quando nos conhecemos. E com certeza, ela ajudou a me transformar em um quase adulto bem-sucedido, mas a maior parte dessa iniciativa havia envolvido meus hobbies em modelos de negócios. Meu amor pelos jogos tornou-se streaming. O prazer que eu tinha ao fazer as pessoas rirem se tornou um blog. Meu humor auto depreciativo era agora um ponto de venda, e meus pensamentos engraçados e espirituosos só tinham valor na medida em que geravam seguidores.



Nicole também não terminou comigo. Ela me irritava pacientemente, implacavelmente, deixando bem claro os seus desejos e vontades. Frases que ouvia regularmente incluíam: *O que é isso que você está vestindo? Você deve começar a andar com Furio; seria bom para você. Uau, esse cara é incrivelmente agradável; Você sabe o que significa nisso? Eu gostaria que pudéssemos fazer a corrida do Boulder juntos, mas você literalmente morreria.*

No universo ideal de Nicole, eu deveria usar roupas mais formais, evitar produtos químicos e alimentos processados em favor de alternativas orgânicas, e deveria acordar às 5 da manhã para fazer a minha corrida/pedalada/nado diário.

E às vezes, apenas às vezes, eu tentava ver sua visão. A pressão de seus desejos se tornava um ímpeto forte em mim, e me perguntava se poderia me transformar naquele homem.

"Mike?"

"Hã?"

"Eu disse, e o canal?"

"E canal?"

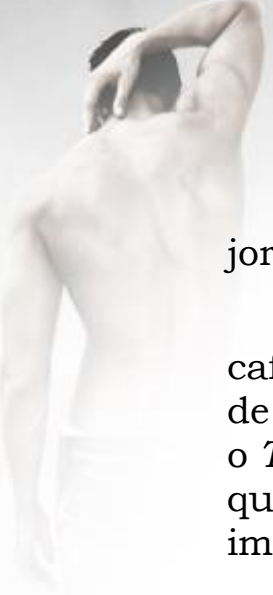
"Com este cronograma de entrevistas, você definitivamente perderá assinantes."

"Eu perco assinantes todos os dias. É assim que funciona. Ela sobe e desce."

"Qual é a contagem agora? Deve ser bem alta, se você se sentiu confortável para comprar aquela coisa. Quanto foi mesmo?"

Ela se referia ao laptop, que eu havia comprado com um disco rígido considerável e um processador de primeira linha, e que chegara a pouco menos de dois mil dólares. E Nicole e eu passamos por isso duas vezes.

"Ainda pairando em torno de três mil assinantes. Vou ajustar o horário do stream; Vai ficar tudo bem. E isso é uma compensação de impostos, lembra? É uma despesa de trabalho."



"Eu sei, eu sei. Mas o streaming é o seu trabalho *real*. O jornalismo..."

"Vamos discutir sobre isso?" Eu levantei meu laptop e café. Eu estava me esforçando tanto para encontrar o humor de manter essa situação e estava falhando. Nicole sabia que o *The New Yorker* era um grande negócio. Ela sabia que eu queria fazer jornalismo para viver. Ela simplesmente não se importava.

"Nós não estamos mais discutindo sobre isso." Ela fez beicinho. "Estamos apenas *conversando* sobre."

"De qualquer maneira, eu preciso ir."

"Eu também. Não fique chateado." Ela me deu um beijo na boca.

"Eu não estou," eu menti. "Não se esqueça de Furio hoje."

"Eu não vou. Eu te amo."

"Eu te amo," eu disse automaticamente.

Naquele dia, Nicole teria que dirigir para casa no intervalo do almoço e alimentar Furio porque eu estaria em Red Feather. Cal e eu decidimos nos encontrar as segundas, quartas e sextas-feiras, com o ocasional fim de semana de confraternização. Pelo menos uma vez, eu queria ir à igreja com ele. Ao mercado dos agricultores também. E o que mais ele fazia.

Eu aprenderia sobre ele por osmose, observação e conversação. Eu tinha desenhado uma árvore de tópicos (escrita/arte, família /amigos, fé/educação, metas futuras) e pretendia preenchê-la com ênfase em sua vida interior e criativa.

Mas primeiro ele e eu teríamos alguns princípios básicos para resolver, como o contato visual, ficarmos a menos de três metros um do outro, e não nos sentirmos tão intimidados.

Esse último ponto, porém, era mais um problema meu do que dele.



Capítulo 9

CALEB

Michael, em sua infinita sabedoria, decidira me *sombrear* um dia por semana. Ele alternava as segundas, quartas e sextas-feiras. Hoje foi na segunda-feira. No que eu estava me metendo? Era tarde demais para mudar de ideia, mas eu não deveria ter concordado com a coisa do dia todo, eu realmente não deveria ter concordado.

Ele chegou as dez e bateu.

"Você pode entrar," eu disse me afastando da porta. Meus olhos focaram nele, o suficiente rápido para ver que seu cabelo ainda estava úmido do banho e ele estava usando sua combinação usual de casaco/capuz/jeans. Ele tinha exagerado com a colônia e eu não queria sentir o cheiro sua colônia ou seu xampu e eu podia sentir o cheiro de ambos.

"Certo. Tudo o que funcione para você."

"Eu trabalho o meu corpo." Eu sentei e terminei de amarrar meus sapatos. Ele se sentou no sofá ao meu lado e eu dei um pulo para cima. Ele também se levantou. Eu me mudei para a cozinha.

"Então, o que vamos fazer hoje?"

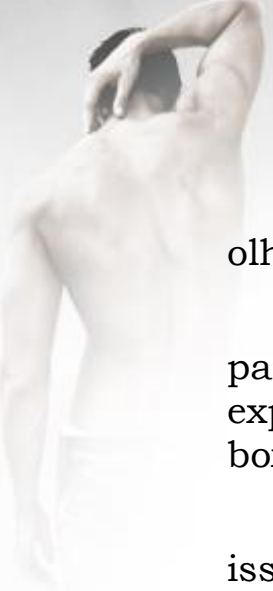
"Bem, eu vou correr" - eu apontei para o meu traje: uma camisa de manga comprida da *Under Armour*, suéter e tênis de corrida - "como você pode perceber."

"Você se exercita, então."

"Claramente." Eu me afastei. Eu estava chateado comigo mesmo por deixá-lo entrar em minha vida - por me desmoronar impulsivamente, por ser tão fraco - e essa raiva estava emergindo em cada palavra e movimento. Ele não merecia isso, mas eu não conseguia impedir.

"Você se importa se eu acompanhá-lo?"

Eu bufei. "Você deve estar brincando."



“Não, eu... Um segundo.” Eu o ouvi recuar e quando eu olhei para trás, ele estava removendo camadas de roupa.

“O que diabos você está fazendo?” Eu tinha certeza que parecia tão ríspido quanto eu me sentia. Ele tirou o moletom e expôs uma porção de seu estômago pálido, e o cós de seus boxes preto, antes de puxar sua camiseta. Eu olhei para o lago.

“Eu irei acompanhá-lo parte do caminho. Eu acho que isso vai ficar bem.” Ele queria dizer a camiseta e o jeans, eu imaginei, e os tênis dele com nenhuma condição de caminhada, muito menos uma corrida. Haveria algum tipo de base confortável? Havia algum calçado que causasse danos reais e quantificáveis aos pés de um usuário? Porque os sapatos de Michael tinham esse visual.

“Sem ofensa, mas...”

“Cal, eu vou ficar bem. Eu quero mergulhar em sua rotina, ok?” Ele riu. “Isso soa estranho, mas você entende o que quero dizer.”

Eu esfreguei meu rosto. “Bem. Não me culpe se você acabar no pronto-socorro.”

A manhã estava fria e clara. Eu fiz alguns alongamentos no convés e Michael tentou repeti-los. Eu o ignorei.

“Você faz isso todos os dias?” Ele perguntou.

“Sim.”

“Como isso funciona com o tabagismo?”

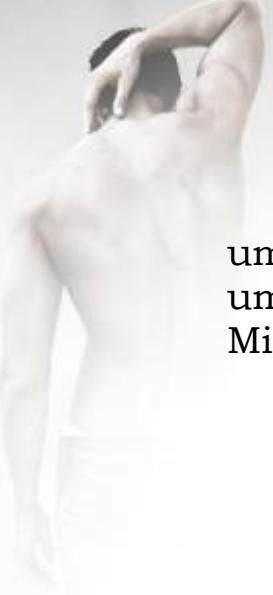
“Funciona bem.”

“Você normalmente se levanta mais cedo do que isso? Eu não quero mexer com o seu...”

“Não. Eu não sou madrugador.” Eu desci os degraus.

“Bom. Então, até onde você...”

Eu saí correndo. Deixei Michael no pó, literalmente, com seu cabelo úmido que cheirava a folhas e sua irritante colônia e suas perguntas idiotas. Eu esperava que ele tropeçasse e caísse na porra do lago.



Quanto a mim, contornei-o, entrei nas árvores onde fiz uma trilha, subi a colina e voltei, terminando o circuito com uma volta ao redor do lago. *Este* é o quão longe eu corro, Michael.



Capítulo 10

MICHAEL

Eu precisava de um nome para o *Angry*[8] *Cal*.

O Angry Cal estava de volta. Ele não queria correr comigo; ele não me queria em sua casa. Eu corri atrás dele quando ele correu para as árvores. O suor saiu da minha testa imediatamente, apesar do frio, e meu coração estremeceu.

"Uau!" Eu falei na direção de sua figura que se afastava. Eu queria acrescentar algo para dar efeito, como: *"não se preocupe comigo"* ou *"vá em frente e faça o que você costuma fazer,"* mas meu poder de concentração já havia se dissolvido para algo ofegante. Além disso, ele não estava preocupado comigo, e ele estava claramente fazendo o que costumava fazer, assim como ele estava *claramente* correndo por causa de sua roupa e *claramente* se exercitando.

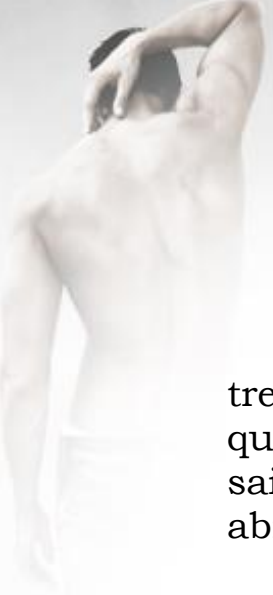
"Claramente," eu murmurei, sentando nas escadas do convés. O suor escorria pela lateral do meu rosto. Eu nem sequer cheguei às árvores antes de voltar.

Cal estava certo; Eu teria terminado no pronto-socorro se tivesse tentado acompanhá-lo. Talvez tenha sido isso o que o incomodou hoje - o fato de eu ter chegado antes de sua corrida matinal e depois insistido em acompanhá-lo. Fui insensível?

"Não," eu disse a mim mesmo bruscamente. Eu chutei uma pedra o mais forte que pude. Rolou uma distância pateticamente curta. Não, minha tentativa de correr com ele *não* foi insensível. Ele era uma pessoa fodidamente insensível, me tratando assim. Ele deveria estar em seu maldito período hoje. "*Eu trabalho o meu corpo,"* eu imitei-o em uma voz pouco lisonjeira. "*Eu claramente malho; olhe para o meu bíceps com esta camisa apertada."*

Eu gritei daquele jeito por uns bons cinco minutos.

[8] Bravo/Zangado.



Isso não ajudou.

Então esperei, porque entrar sem ele parecia invasivo.

Eu comecei a sentir frio rapidamente e logo eu estava tremendo. Senti o arrepio sob o suor do meu rosto e braços, o que me deixou ainda mais gelado. Uma brisa constante parecia sair das montanhas, sobre o lago. Meus dentes batiam e eu me abracei e pensei muito em entrar para pegar o meu casaco.

Mas seria um baita azar que ele voltasse quando eu estivesse entrando e depois me acusasse de bisbilhotar ou roubar ou Deus sabe o que se passava pela aquela sua cabeça demente.

Com certeza, ele contornou a curva do lago naquele momento.

"Relaxe," eu disse a mim mesmo. "Este é o seu trabalho. Ele é o seu trabalho." E novamente, eu senti uma pontada de pena, porque algo estava obviamente errado com ele.

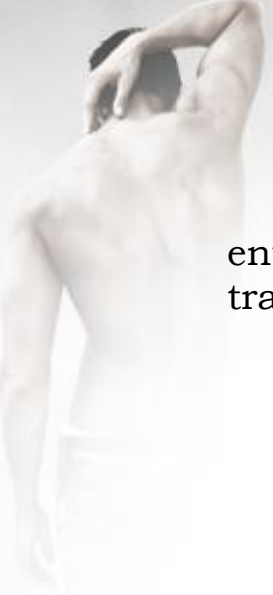
Eu colei um sorriso alegre enquanto ele corria em direção a casa. Eu me levantei e acenei.

Sua expressão permaneceu sombria quando ele desacelerou para uma caminhada e subiu a colina. Suor brilhava em seu rosto. Sua boca estava aberta e seus ombros poderosos subiam e desciam com respirações profundas e pesadas.

"Cara, bom trabalho," eu disse enquanto ele passava. Dei-lhe uma bofetada nas costas. Senti-o tenso antes que minha mão tivesse saído de suas costas. Ele virou-se rapidamente e me jogou contra a lateral da casa. O choque doeu mais do que a colisão real. Eu ofeguei e cobri minha cabeça, abaixando-me, pronto para um golpe. Meus ouvidos estavam ressoando, meu peito rugindo.

Quando finalmente abri os olhos, ele se foi.

A porta do convés estava aberta, o ar frio invadindo a cozinha. Eu segurei minha respiração quando entrei. Um olhar ao redor da sala principal confirmou que ele não estava lá, e então eu ouvi o som fraco de um banho.



Peguei meu casaco e laptop, corri para o meu carro e entrei no carro, para o inferno aquele cara e para o inferno esse trabalho.



Capítulo 11

CALEB

Foi ruim, depois que eu empurrei Michael. Foi o que aconteceu de pior em muito tempo. Isso me lembrou daquela primeira noite com Jamie.

Levei minha faca ao banheiro, tranquei a porta e liguei o chuveiro. Eu me despi e entrei debaixo da água fervente. Minha mente estava acelerando, acelerando como um trem não tripulado, correndo mais rápido e mais rápido.

Eu comecei a esculpir a parte interna da minha coxa.

Alguns fios de sangue começaram a manchar a minha perna, encrespando nos cabelos escuros, espiralando ao redor da minha perna, indo em direção ao ralo.



Capítulo 12

MICHAEL

Há algumas pequenas cidades deprimentes entre Red Feather e a I-25, e fiquei preso em uma delas quando desci das montanhas. Deve ter havido um acidente à frente; a rua principal daquela cidade nunca veria tanto tráfego.

Eu desacelerei o jipe até parar atrás de uma fila interminável de carros. Ninguém estava buzinando ainda ou saindo para tentar dar uma olhada na situação.

Ninguém tinha para onde ir.

Meu coração finalmente bateu de volta ao seu ritmo constante e inócuo. Meus dedos relaxaram ao redor do volante e minhas coxas e braços relaxaram.

Eu estava, até esse ponto, no modo de luta ou fuga. Mais fuga do que luta, para ser justo, mas meu corpo estava pronto para qualquer coisa.

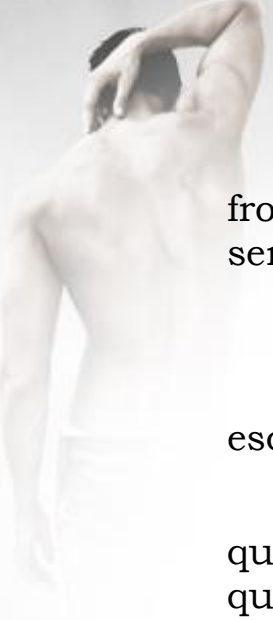
Eu engoli e minha saliva estava amarga.

Ele realmente me atacou. Aconteceu tão rápido que eu não podia ter certeza se estava lembrando direito ou se era algo na minha mente, mas ele definitivamente me empurrou para a lateral da casa. Eu simplesmente dei um tapinha nas costas dele e ele tinha quebrado.

Lembrei-me do olhar que vi no rosto dele na primeira vez que coloquei os olhos nele, depois que caí em sua entrada: um olhar de violência, um olhar contido.

“O que há de errado com você?” Eu disse em voz alta.

Do lado de fora da janela à minha esquerda, havia uma loja de bebidas, um item básico em cidades como aquela, e à direita havia uma loja de presentes típicos americanos falsos. Chapéus de vaqueiro, geodos, fivelas de cintos, bambus e pequenas esculturas de madeira enchiam a vitrine



frontal. *Que choque cultural*, eu pensei distraidamente, e me senti deprimido e sombrio.

Para onde eu estava indo?

Eu estava indo para casa e ficar sentado sozinho no meu escritório no porão para jogar jogos de computador?

A imagem do meu escritório parecia tão triste e pequena quanto aquela loja de presentes, como aquela cidade. Senti que estava desistindo, o que não era da minha natureza e algo mais - algo quase indescritível. Quando eu estava em um ambiente com aquele autor insano, me sentia vivo. Qualquer coisa poderia acontecer. Ele poderia me atacar, ou eu poderia acabar correndo em volta de um lago, chiando e suando. E se eu pudesse fazê-lo rir? E se ele pudesse me explicar o que estava acontecendo em sua cabeça? Ele era estranho e espetacular, como se eu nunca tivesse me encontrado. Eu não queria ir embora disso. Eu não queria uma vida segura e chata.

Saí da fila de carros estáticos e virei o carro de volta para as montanhas.



Capítulo 13

CALEB

Quando ouvi o som de pneus na entrada, meu primeiro pensamento foi que Michael havia chamado os policiais antes de voltar para Boulder, o que seria o certo. Ele não era Jamie; nós não éramos adolescentes. Nós éramos homens crescidos e eu o agredi.

Seja qual fosse o caso, permaneci sentado à mesa da cozinha, segurando um copo de uísque. Eu tinha um zumbido razoável, o suficiente para entorpecer minha mente para que meus pensamentos ficassem mais suaves em vez de cortantes em meu cérebro com sua clareza.

Michael entrou o que realmente me fez sorrir.

"Sou eu," ele disse com sinceridade, embora eu pudesse muito bem vê-lo na periferia da minha visão. "Imaginei que poderia... Entrar." Ele riu sem entusiasmo. Ele notou o humor também.

"Uma máquina em aprendizagem," eu murmurei.

"Esse sou eu." Ele entrou na cozinha. Pela segunda vez naquele mês, mas mais a sério agora, me perguntei se estava enlouquecendo. Não fazia sentido Michael voltar. Só na minha imaginação essa pessoa voltaria.

Passava muito tempo sozinho nessa casa. Muito tempo, talvez. Seria possível que eu estivesse imaginando a coisa toda - o perfil, o jornalista, essas visitas? Mas eu falei com a minha agente. Eu falei com a minha ex-esposa. Ou minha mente poderia produzir algo tão elaborado assim? Eu suponho que a minha mente não deveria elaborar nada, além disso.

"Você se importa se eu me sentar?" Ele estava parado a uma distância segura.

Fiz um gesto para a cadeira em frente à minha, no final da mesa. Ele sentou-se e abriu o laptop. Eu o observei sem

olhar diretamente para ele. Eu estava preocupado e envergonhado.

“Novo?” Eu disse depois de um tempo.

“Sim. Novo MacBook Pro. Dezesseis gigas de memória, processador i7, tela de retina, SSD - você escolhe.”

“Para o trabalho.”

“Para *tudo*.” Ele parecia feliz, mas ele se encolheu quando eu me afastei da mesa e passei por ele. Eu peguei um copo e coloquei perto dele. Eu deslizei a garrafa de uísque e retomei ao meu assento.

“Oh. Obrigado.” Ele se serviu de uma quantia modesta e deu um gole. “Coisa boa.”

Eu drenei meu copo em acordo.

Por um tempo, então, apenas ficamos sentamos em um silêncio quase confortável. O vento batia contra a casa. Ele ergueu o uísque na minha direção. Serviu-me de mais dois dedos e deslizou a garrafa de volta. Ele bebeu, digitou, e voltou a encher o copo. Eu informei a ele que meu Wi-Fi não tinha senha, já que ninguém morava perto o suficiente para tirar proveito dele.

“Então, pode usá-lo,” eu disse. Eu ainda estava olhando para a mesa, me sentindo agradavelmente tonto. Um ponto úmido rastejou ao longo da parte interna da minha coxa, como se o sangue estivesse vazando através da gaze e da fita adesiva que eu havia colocado lá. Não importa. Depois do meu banho, eu tinha colocado um suéter e jeans pretos, só por precaução.

“Você pode se arrepender de dizer isso. Eu posso consumir muitos dados.”

Eu sorri fracamente.

Mais silêncio, mais vento e galhos raspando contra a casa, e então ele limpou a garganta. “Posso te perguntar uma coisa?” Ele fez sua voz tão suave, tão discreta quanto possível. Quase poderia ter sido o vento.

Eu balancei a cabeça um pouco.

Ele moveu seu copo lentamente de mão em mão, a pesada base arrastando-se contra a base da mesa. Eu gostei desse barulho. Eu estava calmo, quase com sono.

"Aconteceu alguma coisa... Com você?"

Eu poderia dar uma de desentendido, mas eu sabia o que ele queria dizer, e ele merecia algumas respostas depois de voltar. Quanto mais eu refletia sobre o fato de que ele tinha voltado, mais sobrenatural tudo parecia. Fiquei feliz, no entanto, tão feliz por ele ter voltado.

"Não da maneira que você está pensando," eu disse, porque eu sabia que ele estava imaginando que eu havia sido abusado. Isso racionalizaria o meu nervosismo, meu desabafo. "Eu passei e tive uma boa infância. Praticamente perfeita, meus pais nunca fizeram nada de errado comigo. Eu já menti sobre outras coisas e tenho certeza de que vou mentir novamente, mas sobre isso, estou falando a verdade."

"O que é então?" Ele se inclinou para frente.

Eu balancei a cabeça e ele deixou ir.

Mas surpreendentemente eu estava com vontade de conversar, então eu perguntei como ele poderia morar em Boulder tão perto de todos os seus hippies e veganos e ele me contou sobre sua vida lá, sua namorada e corgi.

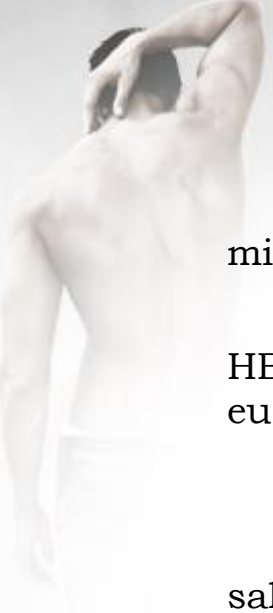
"Furio? Ele é furioso?"

"Nem um pouco." Ele riu suavemente. "É dos *Sopranos*[9]. Meu personagem favorito."

Eu admiti que nunca tivesse visto o show e ele insistiu que eu deveria.

"Eu poderia vê-lo com você," ele disse. "Sério." Dois copos rasos de uísque e o seu rosto já estava corado e ele queria assistir uma maratona de um programa de televisão comigo. Isso me fez pensar em como seria fácil para alguém tirar vantagem dele, o que me deixou com raiva.

[9] É uma premiada série de televisão dramática estadunidense criada por David Chase e produzida pela HBO.



“Como eu disse” - fiz um gesto em direção à TV com a minha bebida - “eu tenho isso.”

Eu saí para fumar enquanto ele entrava em sua conta da HBO na minha TV. Ele ainda estava mexendo em algo quando eu voltei.

“Eu não consigo entender o fumo e a corrida,” ele disse.

“Um tipo de eterno mistério.” Eu trouxe o uísque para a sala familiar e enchi os dois copos.

“Qual é a motivação para se exercitar?”

“Não é óbvio?” Eu me abaixei no canto do sofá, fechei os olhos e apoiei meus pés na mesa de café. “Se não for pela saúde, e não é pela saúde, é vaidade.”

“Oh.”

Eu ri um pouco, baixo na minha garganta. Que criança grande ele era.

Por medo ou respeito pelo meu espaço, ele sentou-se na extremidade oposta do sofá. Nós pareceríamos um pouco ridículos para qualquer outra pessoa.

Eu assisti os episódios e ele meio que assistia enquanto trabalhava em seu laptop.

“A propósito, obrigado,” ele deixou escapar em um ponto.

Por tudo o que ele estava me agradecendo, eu acenei indiferente.



Capítulo 14

MICHAEL

Era difícil parar de beber o bom uísque de Cal e ficar sóbrio na casa dele. Ele não tinha razão para parar e bebeu à noite. Ele parecia gostar de *The Sopranos*, rindo de vez em quando.

Mas então, por volta das oito, ele tampou o uísque e ficou de pé, franzindo a testa severamente.

"Você deveria ir," ele disse.

Eu me apressei, enfiando meu laptop em seu estojo e pegando meu casaco. Ele não olhou para mim, embora isso não fosse diferente do habitual.

"Você está bem para dirigir?" Ele perguntou.

"Definitivamente. Eu tomei meu último drinque quatro episódios atrás."

"Você tem certeza? Eu poderia chamar um táxi para você, pedir um quarto de hotel." Sua voz mal traia a quantidade de álcool que eu o tinha visto consumir nas últimas horas.

Um táxi, um hotel... Desmaiar em seu sofá não era uma opção, aparentemente. Talvez ele se transforme em lobo à noite.

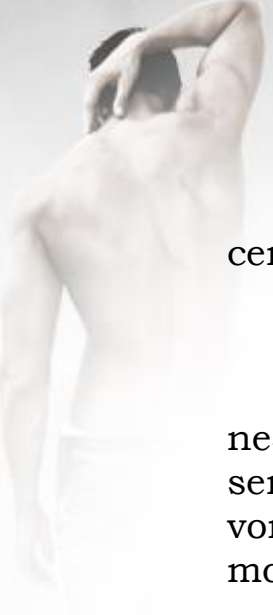
Eu sorri me encaminhando para a porta e ele me pegou sorrindo.

"O que?" ele disse.

Para alguém que mal olhava na minha direção, ele deixava passar muito pouco.

Eu respondi sem hesitação, minha expressão brincalhona. "Eu estava pensando em como é óbvio que você é um lobisomem."

Ele não perdeu uma batida. 'É realmente tão óbvio?"



“Impressionante, estou com medo. E sim, tenho certeza. Não se preocupe.”

“Avise se você se cansar.”

Isso foi facilmente a coisa mais profunda que ele me disse nesse encontro e eu levei meio segundo para apreciar esse sentimento antes de abrir a porta. “Eu vou. E sinta-se à vontade para usar essa conta da HBO a qualquer momento. Minha senha está salva.”

Eu saí rapidamente, antes que as coisas pudessem ir para o sul.

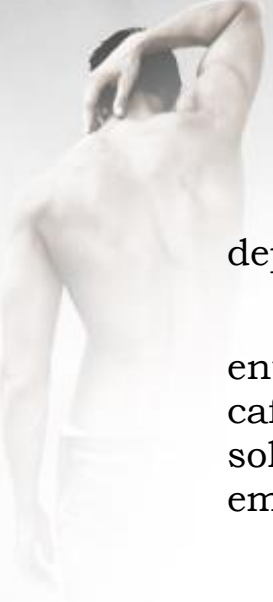
Decidi que tinha feito a escolha certa ao voltar para Red Feather, embora estivesse com medo. Qualquer um em seu juízo perfeito teria me alertado contra isso, mas eu não me importava.

Além disso, eu sempre podia afirmar que tinha voltado por causa *do New Yorker*, para o trabalho, para não perder a oportunidade. Mas isso não era a verdade. Eu apenas tinha voltado por *causa dele* e tinha valido a pena. Nós finalmente estabelecemos um tipo de acordo *distorcido* - não era exatamente uma amizade, mas mais do que um conhecido - e eu não me importava que esse retorno envolvesse ele me empurrando contra a parede. Eu realmente não me importava.

***

Terça-feira foi quase intolerável. Eu publiquei uma nova programação em minhas mídias sociais (horário estendido as terças e quintas-feiras, e bônus nos finais de semana) e depois fiquei *logado* das oito da manhã às seis da tarde. Foi uma maratona cansativa. Minha bunda ficou dormente, mesmo na minha cadeira de jogos DXRacer, e isso é dizer alguma coisa. Eu passei por quatro jogos. Eu estava rabugento e exausto às seis.

Eu me perguntei, mais de uma vez, se Cal estava assistindo. Ele tinha o esse direito, em certo sentido. Eu estava assistindo a sua vida, olhando para o seu passado.



Na quarta-feira, fiz questão de aparecer em sua casa depois de sua corrida matinal.

Eu devo ter acertado o seu timing. Quando me permiti entrar na casa dele, ele estava de pé na cozinha, observando a cafeteira de forma espetacular. Seu cabelo estava molhado, e solto. Ele usava roupas pretas novamente, como se ele vivesse em um estado de luto.

Ele nem olhou na minha direção. O autor em seu habitat natural. Eu mantive meus olhos para baixo e me dirigi para o sofá. Meus lábios se contraíram; Eu apertei meus lábios, como se isso pudesse satisfazer o riso que estava fazendo cócegas na minha garganta.

Desamparadamente, eu estava imaginando essa cena do Animal Planet: uma música tribal no fundo, Cal olhando para o pote de café, eu me arrastando para dentro da casa, e um cara britânico narrando. *O jornalista baixou a cabeça em uma demonstração de submissão. O autor só reconhecerá o macho submisso...*

"O que é agora?" Ele disse.

Eu pulei. "Bom dia."

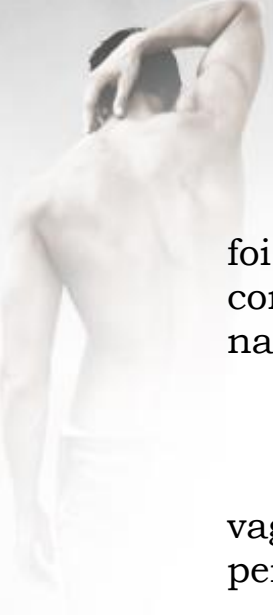
"O que é tão engraçado?"

Pensei brevemente em tentar articular a imagem e depois levantei minhas mãos em sinal de rendição. "Por favor, não me faça explicar isso."

Com um *golpe* dramático, ele desembainhou uma faca de legumes do suporte. "Não me faça usar isso." Sua expressão era tão estoica que levei um momento para processar a piada. Então eu ri descaradamente, em parte por causa dele, em parte pelos meus próprios pensamentos e principalmente por alívio. Ele estava de bom humor.

"Ok, uh, quando entrei, eu..." Eu ri de novo, apertando a ponte do meu nariz. "Cal, essas coisas são mais engraçadas na minha cabeça."

"Não, elas são definitivamente mais engraçadas quando você tenta explicá-las."



Eu suspirei e balancei a cabeça. “Ok, na minha cabeça, foi meio assim, imaginei um programa da natureza. Você sabe, com a música jazzística da selva no fundo e um cara narrando?”

Ele me deu um olhar longo e seco. “Continue.”

“Você estava apenas relaxado e eu...” eu gesticulei vagamente, meu rosto aquecendo, “...tentando manter um perfil baixo, me escondendo.”

Ele se serviu de uma xícara de café e foi até a porta do convés. Eu pensei que ele poderia sair para fumar e me deixar sozinho com a minha estranheza, mas ele falou depois de um segundo. “Se nós dois fossemos predadores, eu teria levado você para fora há muito tempo.”

“Exatamente.” Eu sorri. Ele percebeu.

“Talvez eu nem precise,” ele continuou pensativo. “Você seria aquele leão que apenas sai. E afasta-se de repente, por acaso.” Ele estava aludindo, presumi, à minha queda em sua passagem. Eu comecei a rir.

“Golpe baixo, cara.”

“Como está o seu corte, a propósito?”

“Para ser honesto, não estava parecendo tão ruim por um tempo, mas...”

Ele apareceu de repente, caminhando ao redor do sofá. “Você disse que estava tudo bem na segunda-feira. Apenas um arranhão.”

“Bem, eu não queria te preocupar, e agora...”

“Você *não deve* mentir para mim,” ele retrucou. “Deixe-me ver isso.”

Eu tinha um curativo regular sobre a ferida naquele dia e o corte finalmente estava cicatrizando. A pele estava mais cor-de-rosa e menos inflamada e a pele havia retornado a um tom normal, e as crostas e os amarelados haviam desaparecido. Cal apareceu como se estivesse prestes a arrancar o curativo, por isso, descolei-o gentilmente.

Ele nunca, por sua própria vontade, ficou tão perto de mim. Ele segurou meu queixo e inclinou meu rosto para dar uma olhada melhor. Eu fiquei perfeitamente quieto, meus olhos amplos. Não foi como o empurrão - esse gesto parecia de preocupação verdadeira - mas ainda me assustou.

Ele olhou para a ferida enquanto eu agradecia às minhas estrelas que eu não tinha mentido e que, na verdade, estava melhor. Por fim, ele fez um som baixo e desconsiderado e me soltou.

"Não minta para mim de novo," ele disse.

Então ele saiu, indo para o convés, enquanto eu me perguntava se eu havia arruinado seu humor.

Eu não tinha, depois notei isso. Ele voltou a fumar e começou a falar ao meu lado e andar pela cozinha. "Eu peguei esses álbuns para você. São fotos e coisas da minha família. Venha, olhe para eles."

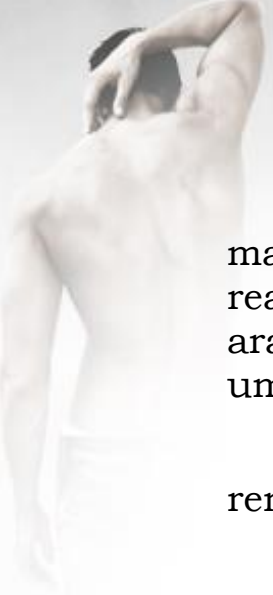
Eu levei o meu laptop para a mesa da cozinha, onde ele havia empilhado quatro grandes álbuns de fotos. "Oh, uau." Isso foi tão surpreendente quanto o fato dele segurando o meu rosto. Dadas as nossas duas primeiras reuniões, eu achava que precisaria arrancar cada pedaço de informação da boca dele. "Isso é ótimo." Eu abri o primeiro álbum.

"Todos estão com etiquetas. São principalmente meus pais, minha irmã e eu, alguns primos e tias e tios. Avós também. Mas os avós já morreram, todos."

Ele falou sobre sua educação em Massachusetts, que ele alegou ter sido feliz e comum, e a história de sua família. Seus avós, fiéis cristãos evangélicos, haviam deixado a Inglaterra e a Nova Zelândia como missionários no Brasil. Eles ergueram igrejas e criaram suas famílias lá, e um de seus tios continuou o trabalho.

"Ele dirige uma grande conferência bíblica todos os anos. Está na selva, no interior. Apenas uma cabine telefônica, sem internet. Milhares de pessoas escutam seus cultos. É incrível."

"Você já foi?" Eu digitei freneticamente, tomando notas o mais rápido que pude.



“Ai sim. Várias vezes. As mensagens estão em Português, mas eu entendo o suficiente para sobreviver. O que eu realmente amo é o lugar. O calor, a chuva, as árvores. Há araras selvagens, cobras coral, macacos. É como algo saído de um filme.”

“Você gosta... Da natureza,” observei com cuidado. “Áreas remotas.”

Ele parou de andar e olhou para mim. “Por favor, não é meio clichê falar que Caleb Bright é um cara recluso por ser escritor.”

Eu ri. “Eu não vou por esse caminho, não se preocupe.”

“Bom. Eu não sou mais escritor. Eu não estou publicando. Eu sou apenas um homem com uma casa nas montanhas, como qualquer outra pessoa que mora aqui. A coisa de escritor recluso é bobagem.” Ele retomou o ritmo, descrevendo como seus pais se mudaram para a América, seu local de nascimento e de sua irmã, o trabalho de seu pai (cirurgia) e a de sua mãe. Era tudo quase desconfortavelmente tradicional. Eles eram uma família frequentadora de igreja por gerações e ainda eram. Mesmo o homem mal-humorado diante de mim, que fumava e bebia e ocasionalmente xingava, aparentemente ia à igreja todos os domingos.

Isso eu tinha que ver.

Seus pais moravam em Cambridge e em Martha's Vineyard. Sua irmã era casada e tinha dois filhos pequenos. Ela o visitava com frequência e via seus pais todos os verões. “Minha família é tudo para mim,” ele disse. “Minha família e minha fé.” Eu não duvidei dele, embora as falas parecessem curiosamente ensaiadas.

Ao crescer, ele participou e acabou se voluntariando em um acampamento cristão na Pensilvânia. Ele tinha se destacado na escola - não foi surpresa - e frequentou Harvard.

Meus olhos brilharam um pouco enquanto eu ouvia. Eu estava imaginando: a vida tranquila, o privilégio, o trabalho de caridade e os verões na praia.

“Eu fui salva-vidas por um tempo,” ele disse, “no acampamento e uma piscina perto de casa.”



“Claro que você foi.” As palavras saíram do meu monólogo interior. Ele parou de novo e franziu a testa para mim.

“O que você quer dizer, claro que eu fui?”

Eu quis dizer, em meus pensamentos particulares, que ele me pareceu ser o tipo de cara que nunca esteve em forma. Ele provavelmente começou a trabalhar no ensino médio e continuou até hoje. Seus dentes eram perfeitamente brancos e cirurgicamente retos. Ele parecia uma figura imponente. Ele falava uma segunda língua, e teve uma educação da Ivy League em seu currículo e o luxo de não fazer nada com isso, apenas como se fosse um tipo de acessório caro.

Ele era tudo o que a minha namorada queria que eu fosse e mais um pouco. O negócio real. O sonho real; Eu limpei minha garganta e olhei para um dos álbuns. As fotografias brilhantes de sua família e amigos que confirmavam tudo o que ele havia dito.

“Esquece,” eu murmurei lamentavelmente.

“Fale.”

“Não?” Eu folheei uma página. Sua irmã tinha a mesma altura, além do corpo esguio, cabelo preto brilhante e rosto atraente. Ela poderia ter sido um modelo. Virei à página novamente para não ser pego olhando para sua irmã em um maiô.

“Por favor,” ele disse mais gentilmente. “Eu não vou ficar chateado. Estou apenas curioso.”

“Ah, olhe o salva-vidas” - eu fingi estar digitando anotações no meu documento do Word (digitei: *wkw 3jkh3bkb rjthle*) - “eu posso imaginar...”

Eu olhei para ele. Uma de suas sobrancelhas escuras estava arqueada em antecipação quase cômica das minhas próximas palavras. Ele era um bom ouvinte, percebi imediatamente - um ouvinte desconcertantemente bom. Na verdade, não conseguia me lembrar de outra pessoa que parou assim e me olhava do jeito que ele me encarava quando me fazia perguntas.



“Vá em frente,” ele disse.

“É só que eu posso imaginar você vigiando o mar, fazendo com que as mulheres em todos os lugares fingissem se afogar.” Eu ri.

“Ah.” Ele assentiu. Ele não achou isso engraçado. Seus olhos se estreitaram. “De qualquer forma, é você que parece ser esse cara. Vou fazer o almoço.”



Capítulo 15

MICHAEL

Cal deu a volta na cozinha atrás de mim. Eu cheirava alho e manteiga. Algo chiava enquanto algo mais fervia.

Era irritante, pois eu queria ficar observando, mas acho que ele preferia dessa maneira. Ele tendia a me colocar onde eu não podia vê-lo. O sofá da sala, por exemplo, ficava de frente para a cozinha e para o deque. Eu tinha que espiar por cima do meu ombro para vê-lo de lá. E quando ele me convidou para ver os álbuns, ele os empurrou na frente da cadeira que estava de costas para o fogão e os balcões.

Bastardo esperto.

Eu queria sorrir e balançar a cabeça, mas ele poderia de alguma forma testemunhar o gesto na parte de trás de sua cabeça e exigir saber o que eu estava pensando. Então, se eu não contasse a ele, ele pegaria meu rosto e ordenaria que eu nunca mentisse para ele.

Seria uma luta, e nada de risos.

"Você está se divertindo ai?"

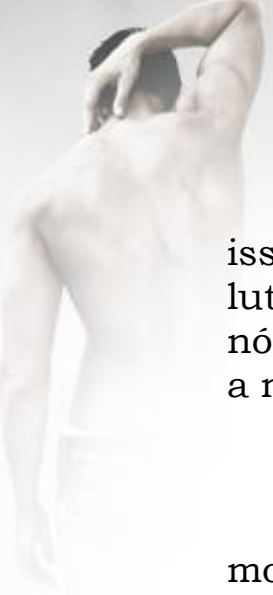
Com certeza, ele tinha visto a parte de trás de minha cabeça o meu rosto se contorcendo. Ou talvez ele tivesse simplesmente vislumbrado meu perfil a caminho da despensa.

"Podemos falar sobre sua ex-esposa?" Eu devolvi o fogo.

"Oh, eu não falo sobre nada disso." Ele colocou uma garrafa aberta de cerveja perto do meu cotovelo. Era exatamente o que eu queria, frio, lânguido e suave.

"Obrigado." Tomei outro gole. "Isso não parece um pouco injusto?"

"Como assim? Você está escrevendo para o *The New Yorker*, não um tabloide." Ele estava sereno. O seu tom dizia: *Eu posso fazer isso o dia todo.*



“Eu não estou *pescando* coisas sensacionais. Mas tudo isso” - toquei a pilha de álbuns – “é muito idealizado. Falhas, lutas, essas são as coisas que tornam as pessoas reais para nós. É insincero deixar isso de lado, mesmo que apenas para a minha imagem mental.”

“Eu vejo o que você está dizendo.”

Mais ruídos de cozinha soaram atrás de mim. Eu teria me movido para outra cadeira, se não pensasse honestamente que ele teria encontrado uma maneira de me levar de volta a esta.

“E?”

“E eu ficaria feliz em dizer por que parei de escrever, em algum momento. Isso foi difícil, e sim, foi uma luta, como você disse.” Novamente, o tom ensaiado. Se ele não estivesse escondendo alguma coisa, ele estava pelo menos encobrindo isso.

“E o seu filho?” Eu disse.

“O que tem ele?”

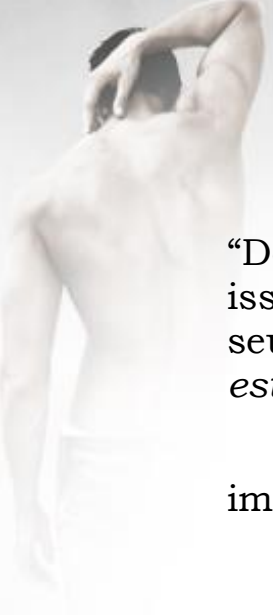
“Você o vê muito?”

“Claro. Sempre que eu quiser. Ah, eu tenho algumas das coisas dele...” Ele entrou na sala e desapareceu no escritório. Embora ele nunca tivesse me dado um passeio pela casa, eu tinha usado o banheiro no andar principal, e sabia que a porta ao lado levava ao porão e, passando pelo escritório, eu tinha visto uma escrivaninha e estantes de livros. Presumi que seu quarto estivesse no sótão.

Ele saiu carregando uma pilha de papéis, que ele colocou reverentemente na minha frente. Mudei minha cerveja para o outro lado da mesa.

“Ele é incrivelmente artístico. Ele fez tudo isso,” ele disse grandiosamente. Ele pairou ao meu lado, deslizando uma aquarela infantil atrás da outra na minha frente. Ele fez uma pausa a cada vez, deixando-me observá-las, e era óbvio que eu não tocaria nelas.

“Caleb?” Eu olhei para a assinatura grosseira.



“Está certo. É uma coisa do sul.” Ele acenou com a mão. “De qualquer forma, ele é Caleb e eu sou Cal. Ele está fazendo isso ultimamente, apenas tons de verde. Ele chama isso de seu *estilo pessoal*. Cinco anos de idade e ele diz: *Este é o meu estilo pessoal*.” Ele riu.

Depois de exibir a última pintura, ele devolveu as imagens ao escritório.

“Vou poder falar com eles?” Eu disse imediatamente.

“Claro, vou colocar você em contato com a minha família. Vou dar-lhes um aviso e enviar-lhe a sua informação. Meus pais não são grandes em tecnologia, por isso não hesite em enviar um e-mail. E tente não sobrecarregá-los com perguntas, sabe?”

“Certo, tudo bem. E a sua ex?”

“Não, e ela não irá comentar nada de qualquer maneira. Você não vai querer lidar com ela.”

Ele colocou um prato fumegante na mesa ao meu lado. Ele havia feito pizza com duas metades de pão francês, pedaços de alho refogado pincelando a ricota e na *mussarela*. Claro, ele disse que eu deveria comer enquanto ele limpava, e ele bebeu sua cerveja e comeu seu almoço no balcão atrás de mim.



Capítulo 16

CALEB

Rachel, minha irmã, tinha o hábito de passar sem avisar. Ela tem esse hábito desde que éramos crianças e minha adolescência (e suas atividades) não a detiveram. Ela apenas aparecia no meu quarto e gritava: *"Essa não é uma surpresa agradável?"* Ela cunhou o termo *'o fator surpresa agradável'* e levou o hábito à idade adulta.

Ela apareceria no acampamento no dormitório dos meninos.

Mais de uma vez, ela entrou no meu dormitório em Harvard.

Quando eu era casado e as visitas arbitrárias de Rachel incomodavam Coral, Rachel fazia beicinho e me dizia que não poderia nos avisar com antecedência porque isso arruinaria *'o agradável fator surpresa'*. Eu nunca a repreendi por isso, é claro.

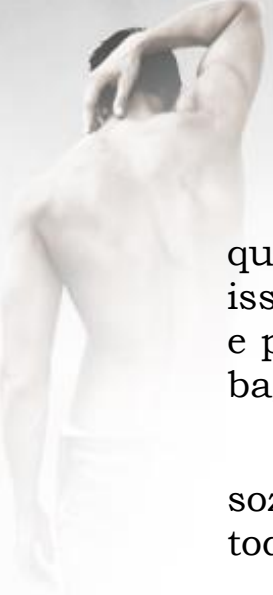
Eu estava ficando mais intolerante a esse comportamento quando fiquei mais velho, no entanto, quando penso que deveria ter sido o contrário.

Ela apareceu na minha porta em meados de outubro, sem filhos e marido. "Eu deixei todos os outros na chata Massachusetts," ela explicou, abraçando-me apertado e beijando minha bochecha. "Isso não é uma surpresa agradável?" Sua voz rouca fez cócegas no meu ouvido. Eu a levantei e a esmaguei contra o meu peito.

"Cal, seu cabelo." Ela correu os dedos pelos longos fios. Eles quase tocavam o topo dos meus ombros.

"Eu sei. Eu preciso cortar." Eu os reuni em um rabo de cavalo.

"Não. Eu não acho que deva." Ela sorriu e segurou os meus braços, seus olhos escuros estavam brilhando. "Está lindo. Está mais bonito que o meu."



“Nenhuma chance disso.” Eu ri. “Eu não posso acreditar que você está aqui.” Não importa quantas vezes ela fazia isso, *era* uma surpresa agradável. Saí até o seu carro alugado e peguei sua bolsa. Era pequena, e estava leve - apenas uma bagagem de mão. “Um fim de semana?” Eu imaginei.

“Foi tudo o que eu consegui. Kevin literalmente fica louco sozinho com os meninos. Ele já me ligou cinco vezes. *Cinco*. E todas as ligações foram de *emergência*.”

“Você deveria ter trazido eles.”

“Mas e as *minhas* férias?” Ela riu e esfregou o meu ombro.

Ela assobiou quando viu a fileira de garrafas de cerveja a caminho da reciclagem, junto com duas garrafas de uísque. Michael Beck me ajudou bastante com as garrafas. Nossas reuniões estavam ocorrendo sem problemas, mais ou menos, durando três semanas. Eu tinha descoberto que o álcool, em quantidades moderadas, me ajudava a tolerar a sua presença, e então tomamos uma bebida ou três quase toda vez que ele aparecia. Era mais do que eu gostava de beber, mas estaríamos prontos em dezembro.

“Não são todas minhas,” eu disse.

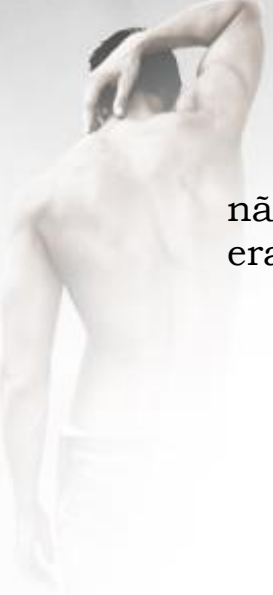
“Quem é a má influência?”

“Um jornalista. Ele está escrevendo um perfil.” Eu meio que rolei meus olhos antes que ela pudesse falar. “Não é uma coisa grande. É meio dolorido, na verdade. Eu tenho que lhe dar seu e-mail um dia desses, a propósito. Ele vai fazer algumas perguntas. Eu disse a ele que fosse fácil.”

“Oh, eu espero que ele não faça.” Seus olhos brilharam com malícia. “Eu vou contar a ele todos os seus segredos.” Ela levou sua pequena mala em direção ao porão. “Você ainda está fumando,” ela falou da escada. “Eu posso sentir o cheiro.”

“De vez em quando,” respondi abstratamente. Eu estava mandando mensagens para o Michael. Era sexta-feira e eu não queria que ele aparecesse.

Eu mantive o texto direto: **eu tenho compromisso este fim de semana. Eu vou te ver na segunda.** Eu fiz uma careta enquanto colocava meu celular no bolso. Ter Michael por perto



não era *'meio dolorido,'* como eu levei Rachel a acreditar. Ele era a *única* coisa que eu mais esperava.



Capítulo 17

MICHAEL

Coral Diana DeWitt foi difícil de encontrar. Cal nunca mencionou o nome de sua ex-mulher e nenhum dos outros perfis que eu havia lido informava alguma coisa. Eu voltei e verifiquei. A maioria não fazia referência ao divórcio. Dois artigos aludiram a isso, mas apenas de passagem.

Eu pesquisei o nome completo de Cal e as palavras casamento, divórcio e anúncio do casamento em todos os anúncios possíveis. Eu não encontrei nada.

O divórcio não era uma questão de registro público? Também pesquisei isso no Google e descobri que com o advogado certo, até isso poderia ficar praticamente fechado para qualquer pesquisa.

Continuei a vasculhar a Internet (e adicionei palavras diferentes à minha pesquisa) até que, por fim, me deparei com uma página do evento de reunião da família DeWitt. Foi datado de 2011 e listava Caleb David Bright, Coral Diana DeWitt-Bright e Caleb Seth DeWitt-Bright Jr. como convidados. Cal tinha trinta e um anos agora, o que significava que ele teria vinte e seis anos então. Eu rabisquei mais alguns cálculos em um bloco de anotações.

Ele havia se mudado para o Colorado há quatro anos, em 2012.

Seu filho tinha cinco anos, então ele teve o filho quando ele tinha vinte e seis anos.

Seus três romances foram publicados entre 2007 e 2012, o primeiro quando ele tinha apenas vinte e dois anos de idade, uma sensação literária instantânea.

Eu mastiguei a tampa da minha caneta e olhei para as imagens. O que aconteceu em 2012, quando ele parou de publicar, muito possivelmente foi o motivo do divórcio de sua

esposa, deixou seu filho de um ano e se mudou para o meio do nada, sozinho?

Eu escrevi e sublinhei a pergunta: *o que aconteceu em 2012?*

Tendo encontrado o nome completo da ex-mulher, localizei facilmente alguns endereços antigos e números fixos. O endereço mais recente informava um condomínio fechado em Charleston, Carolina do Sul. Eu anotei o número.

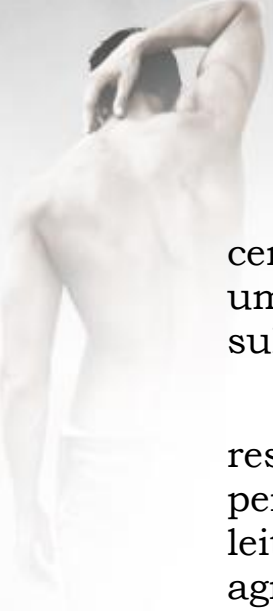
A culpa me atingiu quando digitei os números no meu telefone. Cal havia dito que sua ex 'não comentaria' e que eu não "queria lidar com ela". Mas, e se ela pudesse conversar, e se eu conseguisse *lidar* com ela? Não havia dúvidas sobre o significado disso para ele. Ele *não queria* que eu falasse com ela.

Mas três semanas se passaram desde a minha primeira reunião com Cal e não estávamos fazendo nenhum progresso. Claro, ele não havia mais me batido contra as paredes, e nem me atacou por ter caído, e sim, ele tinha sido muito receptivo ao falar de sua educação privilegiada, mas eu não estava mais perto de conhecê-lo de quando comecei. Se alguma coisa, ele estava me segurando - *deliberadamente, e sem muito esforço* - de qualquer compreensão real ou sutil de sua vida. E era *enfurecedor.*

Prometi a ele que não publicaria nada de particular e, além disso, ele e a sua agente teriam que aprovar o perfil final (ou desaprovar). Entretanto, se eu fosse escrever sobre Cal, eu precisava *vê-lo* completamente.

Agora eu entendia porque os outros perfis dele eram superficiais e banais. Ele provavelmente alimentava os jornalistas com a mesma besteira que ele estava me alimentando. Talvez eles tivessem tentado chegar abaixo da superfície e ele também não os tenha deixado. Machucou-me, no entanto. Olhando para trás, acho que esse foi o sinal mais verdadeiro da minha *inexperiência*. Doeu-me que ele não confiasse em mim. Doía saber que eu não poderia ser a exceção às regras dele.

Então liguei para a ex-mulher e para o inferno com seus sentimentos sobre o assunto.



O telefone tocou de novo e de novo, até que eu tinha certeza de que iria para uma máquina, e então alguém com uma voz sonolenta e melancólica, e o menor traço de sotaque sulista respondeu. “Olá,” ela disse.

Algo sobre a voz, e até os cinco ou seis toques antes de responder, me fez ficar mais alerta. Eu imaginei aquela voz pertencendo a uma *Belle Sulista* em um banho de leite. Imaginei meu telefonema invadindo sua tarde quente e agradável.

“Olá,” eu disse. “Posso falar com a Srta. Coral DeWitt?”

“Ela quem fala.”

“Oh, olá. Sou Michael Beck” - hesitei – “do *The New Yorker.* Estou escrevendo um perfil do... Caleb Bright.”

“Eu realmente não tenho nada a dizer sobre isso.” Ela parecia envergonhada.

“Eu estava esperando que você pudesse me dar algumas dicas sobre o relacionamento dele com o seu filho,” eu disse, porque perguntar a essa mulher sobre seu relacionamento com Cal parecia subitamente, e incrivelmente fora da mesa. Cal estava certo; Eu não deveria ter imposto a sua ex-mulher algo assim, mas a curiosidade me empurrou para frente. “Qualquer coisa que você pudesse dizer ajudaria.”

Ela ficou em silêncio por um tempo.

Então, cuidadosamente, ela disse: “Ele não vê mais o filho.”

Eu pisquei. “Não?” Cal tinha me dito que ele via o seu filho sempre que ele queria.

“Bem, nós mal nos vemos. E eu acho que você não deveria estar me perguntando sobre isso.” Sua voz delicada me cortou completamente. “Quem está falando mesmo, por favor?”

Cal ia me matar se descobrisse sobre isso: essa divulgação de informações, até mesmo essa ligação.

“Eu sinto muito,” gaguejei. “Eu sinto muito. Você está certa. Eu vou deixá-la em paz.”



“Eu acho que você não deveria ligar novamente.”

“Não, você está certa. Peço desculpas.”

“Adeus.” Ela desligou.



Capítulo 18

CALEB

Rachel é uma companhia fácil. Ela gosta de fazer as mesmas cinco coisas toda vez que estamos juntos: ir à igreja, andar a cavalo nas montanhas, fazer fogueiras à noite, cozinhar, tocar instrumentos e cantar juntos.

Assim que ela se instalou no quarto de hóspedes, ela subiu as escadas carregando meu estojo de violino. “Eu senti tanto a sua falta,” ela disse com um suspiro.

Eu não estava realmente com humor para música, mas nunca consegui dizer não para a minha irmãzinha. E talvez isso me animasse.

“Você quer o violino ou o violão?” Eu disse.

“O que eu realmente quero é que você toque o piano.”

“Só seria para você. Você sabe que eu sou horrível.”

“Bem, não valho a pena?” Ela bateu os cílios. “E eu não o acho *horrível*.”

Eu sorri e balancei a cabeça. “Eu vou pegar o violão, então.” Eu andei até o anexo, onde eu mantinha meus materiais de pintura e dois violões. As guitarras tinham pouca atenção - assim como as pinturas, ultimamente - mas às vezes eu as escolhia quando uma pintura estava se mostrando frustrante.

Eu tinha que procurar pelos hinários que nós gostávamos de tocar, e eu ainda estava procurando por eles quando ouvi a voz de Michael na casa.



Capítulo 19

MICHAEL

Na sexta-feira de manhã, contei a Nicole como eu pegara Cal em uma mentira. Eu precisava desesperadamente conversar com alguém sobre isso e não havia mais ninguém em quem confiasse.

"Então, pergunte a ele sobre isso," ela disse. Ela estava com pressa, se preparando para o trabalho e apenas me ouvindo pela metade.

"Eu não tenho certeza se deveria. Ele vai ficar chateado."

"Um jornalista de verdade iria confrontá-lo."

"Nic, ele pode realmente me atacar."

"Porque você ligou para a ex dele? Isso faz parte do seu trabalho?"

"Não, não faz." Suspirei. "Não é como o *National Enquirer*. É o *The New Yorker*. É mais literário. E..."

"Se eu não consigo entender, por que você está pedindo a minha opinião?" Ela borrou seu rímel e xingou. "Você está bloqueando a minha luz."

Ela fez um ponto justo. Saí do banheiro e parei na mesa da cozinha. Quando ela veio fazer café, tentei novamente.

"Eu realmente preciso fazer algum progresso neste perfil. Eu não posso deixar assim; e eu nem consegui escrever o primeiro parágrafo."

"Espero que acabe valendo à pena. Está te estressando tanto e está atrapalhando as suas mídias."

"Não está *atrapalhando* as minhas mídias." Nicole gostava de hipérbole. "E não está me estressando... Muito. Quero dizer, não me estressaria tanto se ele fosse um pouco mais honesto. Eu realmente quero ser seu amigo, sabe? Mas talvez ele sinta que eu não sou bom o suficiente."

Eu estava falando comigo mesmo, resmungando e mexendo com o meu Lucky Charms. “Essa é uma das minhas teorias. Ele acabou ficando bem sucedido em tenra idade; seus pais são claramente bons exemplos; ele foi para Harvard. Ele pode ser apenas um esnobe.”

Nicole fez um barulho neutro.

“Exceto que ele não exala essa vibração,” eu insisti. “Não frequentemente, de qualquer maneira. Eu acho que ele poderia - ele *poderia* ser esnobe se quisesse. Eu acho que ele realmente tenta não fazer isso. Deus, você deveria ter ouvido a ex dele, no entanto. Ela era basicamente Daisy Buchanan[10]. Ela...”

“Quem?”

“Não importa. É difícil explicar, mas eu poderia dizer só pela voz que ela era rica e culta e parecia que ela queria desligar na minha cara, mas em vez disso, ela disse adeus. Super educada sabe? Foi intimidante. E ele foi casado com isso.”

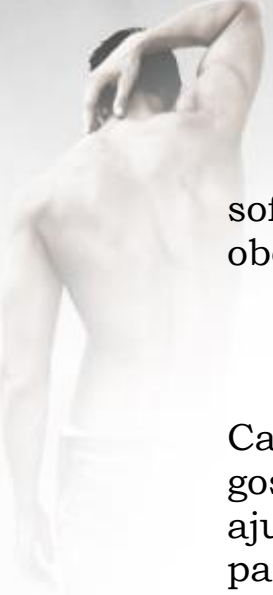
“Você está obcecado com esse cara.” Nicole olhou por cima de seu telefone. “Sério, se você pudesse se ouvir.”

Eu fiz uma careta para ela. “Eu meio que tenho que ser. Estou escrevendo sobre ele.”

“Isso não significa que você tem que ser amigo dele. Eu posso não ser especialista sobre coisas literárias,” então ela estava chateada com isso “mas eu sei que você não pode escrever objetivamente se você for tendencioso. Tenho certeza de que essa é à base do jornalismo. Enfim, estou atrasada.”

“Eu vou te ver hoje à noite,” eu disse sem olhar para ela. Eu estava um pouco chateado também. Ela estava tentando me fazer sentir louco, como se eu estivesse sob o feitiço de Caleb Bright, que era o oposto do que eu precisava sentir. Eu estava, de fato, intencionalmente evitando essa linha de pensamento, porque parecia tão óbvia e inevitável. Cal era mais velho do que eu, mais bem-sucedido, ridiculamente educado e parte de um mundo de privilégios sobre o qual eu só havia lido em livros - e ele parecia estar

[10] Daisy Fay Buchanan é um personagem fictício da grande obra de F. Scott Fitzgerald, O Grande Gatsby.



sofrendo, escondendo alguma coisa. Claro que eu estava obcecado por ele. Mostre-me o jornalista que não ficaria.

Eu dirigi para o Red Feather, meus pensamentos girando.

Hoje, talvez, eu recusaria educadamente as bebidas que Cal definitivamente ofereceria. Ele sempre disse que não gostava de beber sozinho, mas o álcool não estava me ajudando ao seu redor. Isso estava me tornando mais fácil para ele me manipular. Ele também estava parecendo para mim um pouco alcoólatra, e essa era uma das minhas teorias para o seu divórcio.

Ele não vê o filho dele...

As palavras corriam continuamente pela minha mente.

Se eu confessasse que falei com a sua ex, ele provavelmente me socaria no rosto. Se eu tentasse deixar para lá, a curiosidade me comeria vivo. Qual seria o mal menor?

Estacionei, subi a entrada e entrei na casa dele, como de costume. Naquele dia, prestei atenção extra aos meus passos. Parecia um tipo de dia para cair de cara no chão.

Talvez seja por isso que eu não vi a mulher (ou o carro dela na calçada) até praticamente encontrar com ela.

Ela fez um pequeno e assustado ruído e nós dois recuamos um passo.

Era a irmã de Cal, em pé em seu quarto de família, segurando um violino. Eu a reconheci instantaneamente do álbum de fotos. Por algum artifício antinatural, ela se tornou mais atraente com a idade. O borrifo de sardas em seu nariz dava-lhe um olhar travesso e seu cabelo preto pesado estava um pouco desgrenhado, caindo sobre os ombros. Ela usava um suéter cor de creme, como se tivesse usado essa roupa para combinar com a decoração luxuosa de Cal, e o cheiro de lilás pairava ao seu redor.

A visão dela me deixou sem palavras.

Ela parecia igualmente atordoada, a boca aberta e as sobrancelhas levantadas.



Não, ela realmente parecia mais atordoada - mais atordoada que eu. Seu rosto empalideceu e ela pressionou o violino contra o peito. Então ela riu instável e ergueu à mão em minha direção. 'Quem é você?" Ela perguntou.

A essa altura, meu estômago começou a se agitar. Eu não deveria estar aqui. Cal nunca teria aceitado isso. Eu toquei meu bolso e meu estômago caiu. Eu tinha deixado meu telefone em casa - não era surpresa, considerando meu estado de espírito naquela manhã.

"Eu sinto muito," eu disse, voltando para a porta. "Eu acho que não deveria estar aqui. Estou entrevistando Cal - Caleb."

Ela me seguiu, parecendo uma parte hipnotizada, uma parte com medo. Antes que eu pudesse voltar pela porta, ela agarrou a manga do meu casaco. "Você *deve* estar relacionado com Jamie Foust," ela disse. Seu sorriso era dolorosamente esperançoso.

"Não, eu..." Eu balancei a cabeça. *Jamie Foust*. O nome não significava nada para mim.

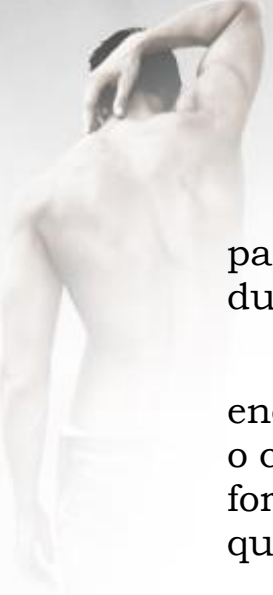
Naquele momento, Cal se materializou, movendo-se rapidamente em direção à porta. Sua expressão era assassina. Sua irmã não podia ver, ela ainda estava procurando algo em meu rosto, agarrada ao meu casaco, mas eu podia, e eu queria correr.

"Rachel," ele murmurou. "Eu sinto muito. Este é o jornalista. Eu não estava esperando por ele." Seus olhos piscaram para mim. "Eu mandei uma mensagem para você."

"Eu sinto muito. Meu telefone... Deixei meu telefone..."

"Eu não me importo." Rachel riu musicalmente. Sua compostura retornou. Ela era tudo o que ficava entre seu irmão potencialmente homicida e eu, e agora eu queria me apegar a ela. "Cal, seja legal. Eu realmente não me importo."

"Eu me importo. Vá procurar os hinários, por favor. Eles devem estar no anexo." Ele segurava um estojo de violão, que em breve poderia ser usado como arma. Ele o colocou no chão. Sua irmã lançou um sorriso de desculpas para mim.



“Bem, foi bom conhecê-lo, Sr. Jornalista.” Quando ela passou por Cal, ela apertou o ombro dele e sussurrou duramente: “Seja legal.”

Então ela foi embora. Sorri debilmente quando Cal me encarou. Por um momento horrível, imaginei se sua ex-mulher o contatara. Ele agarrou meu braço com força e me levou para fora de sua casa. Eu nunca me senti tão jovem no vigésimo quinto ano da minha vida.

“Eu sinto muito,” gaguejei, tropeçando com as palavras. “Eu realmente sinto muito. Meu celular...”

“Eu *ouvi* você,” ele rosnou. Ele me acompanhou até o meu carro. Para seu crédito, ele não abriu a porta e me empurrou para trás do volante. Ele simplesmente me soltou e recuou visivelmente se recompondo. “Minha irmã...”

“Sim.” Eu olhei para os meus pés. Eu tinha interrompido uma reunião familiar. Eu tinha assustado a irmã dele, de alguma forma. Eu também tinha ouvido um nome que poderia significar algo no quebra-cabeça de Cal: *Jamie Foust*. “Eu... Cal me desculpe. Ela está lhe visitando. E você mandou uma mensagem, então eu não iria interromper. Eu juro, eu realmente esqueci meu celular. Eu nunc...”

Ele levantou a mão, sentindo, talvez, que eu estava prestes a despejar meus bolsos para provar que não recebi seu texto e decidi emboscá-los de qualquer maneira. “Eu acredito em você.”

“OK. Eu já vou.”

“Sim, eu acho que é melhor.”

Eu estava meio atrapalhado com a porta do carro quando ele tocou no meu ombro. Eu pude contar em uma mão o número de vezes que ele me tocou, toda vez com raiva, então me chocou. Eu me virei. Ele estava mostrando o sorriso mais estranho, que ficou aquém do convite.

“Ouça,” ele disse. “Ela disse alguma coisa para você?”

Era uma pergunta estranha, uma pergunta paranoica. “Ela... Bem, ela perguntou quem eu era.” Isso não era toda a verdade, mas também não era uma mentira.



“Ah. Você provavelmente a surpreendeu.”

“Sim. Eu realmente sinto muito.”

“Ela provavelmente também te surpreendeu.” Ele não estava tentando conversar; ele estava olhando para mim, tentando avaliar minha sinceridade. Eu entrei no carro.

“Ela fez, sim.” Eu ri fracamente. “Vocês dois são um pouco... Intimidantes.”

“Oh, eu espero que sim.” Ele assentiu e fechou a minha porta.



Capítulo 20

CALEB

Minha expressão escureceu assim que Michael saiu da entrada da garagem. Ele estava mentindo para mim, definitivamente - não sobre ter recebido o meu texto, mas sobre o que minha irmã havia dito.

Voltei para a casa.

Rachel estava afinando o violino.

“Então, essa foi à má influência,” ela disse.

Eu sorri e sentei ao lado dela. Ela não poderia imaginar como estava certa.

“Sim. Sinto muito por ele ter aparecido assim.” Eu destravei o estojo do violão. Eu me sentia menos inclinado a tocar a música agora, e especialmente hinos, mas a musicalidade da minha família tinha suas raízes na música de adoração. Nosso pai e minha mãe tocavam meia dúzia de instrumentos e cantavam louvores, e nós também. A música fazia parte de todos os cultos da igreja na minha juventude. Mesmo agora, a pequena capela que eu frequentava ocasionalmente pedia para que eu tocasse um instrumento ou que cantasse. Eu fazia isso também, porque deixava as pessoas mais felizes.

“Eu gostaria que você não o tivesse mandado embora,” ela disse. “Você não precisa fazer isso.”

“Esse é o nosso momento, eu não vou receber algum jornalista aqui, intrometendo-se em nossas vidas.”

“Ele parecia doce.”

Meus dentes se apertaram reflexivamente. “Se, por doce, você quer dizer ingênuo e impressionável, eu acho que você está certa.”

“Você sabe...” Ela franziu a testa e baixou o violino. Eu sabia o que estava por vir. Seus longos dedos tocaram seu

rosto e eu me sentei tenso, me preparando. “Foi tão estranho vê-lo. Ele parece quase exatamente como Jamie Foust.” Ela olhou para mim em busca de confirmação.

“Ele se parece.” Eu balancei a cabeça. Não havia como negar. “Eu tive o mesmo pensamento.”

“Isso deve ter sido difícil.” Ela apertou minha mão.

“Bem, já faz um tempo.”

“Ainda assim, aquele menino... Você sempre se pergunta o que acontece na vida das pessoas, certo? Sua família era tão fiel, tão sólida.”

Eu senti como se alguém estivesse arrastando navalhas sobre minhas entranhas. Mas eu tinha anos de prática dizendo as coisas certas com a entonação certa. Eu me aprumei e descansei o violão no meu colo. “Acho que ele se afastou da fé na faculdade. Aquela escola em Boulder era muito liberal. Muitas festas e esse tipo de coisa.”

“Bem, isso pode ser uma explicação. As drogas simplesmente levam as pessoas para baixo.”

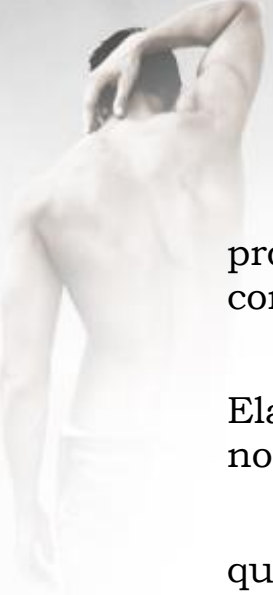
“Sim. Então, quem sabe aonde a vida pode parar depois disso? Quer dizer, perdemos contato. Ele também parou de ir ao acampamento.” Essa era a verdade, no que dizia respeito a Rachel. Ela nunca soubera do apartamento na Virgínia e nunca saberia.

“Que coisa triste.” Ela suspirou e balançou a cabeça. “Mas aquele jornalista, que maluco. Foi como ver um fantasma. Cal, eu acho que o assustei. Eu fiquei tão chocada que até perguntei se ele era parente de Jamie.”

Eu endureci. “Ah, é mesmo?”

“Sim! O pobre garoto.”

Michael era apenas quatro anos mais novo que Rachel, mas eu entendi completamente porque ela o chamava de garoto. Comparado a nós, comigo, ele parecia tão infantil. Lembrei-me de Jamie tendo a mesma qualidade - uma maravilhosa e irreprimível expressão de olhos arregalados.



“Eu não me preocuparia com isso,” eu disse. “Ele provavelmente estava muito ocupado olhando para você, e não conseguiu olhar para mais nada.”

Ela se iluminou e me deu uma cutucada. “Paquerador.” Ela riu. “Ele *estava* me olhando, porém, como um cervo pego nos faróis.”

Meus dedos se moveram sobre o violão com uma gentileza que me surpreendeu. Eu dedilhei um A menor. Na minha cabeça, eu estava arrastando meus punhos no granito.

“Mas nós nos divertimos muito no Acampamento Apache, não é?” Ela disse. “Eu não posso esperar até que os meninos tenham idade suficiente para ir.” Ela deve ter sentido que eu estava triste. Ela estava tentando me animar.

Felizmente, eu era um ator muito melhor que Michael. Eu sorri com carinho e assenti.

“Muito divertido,” eu disse. “As melhores memórias.”



Capítulo 21

MICHAEL

Jamie Foust poderia ter sido meu irmão gêmeo, nós éramos muito parecidos, e Jamie Foust estava morto. Eu não perdi tempo encontrando seu obituário online.

Jamie Adam Foust, 27, faleceu em 3 de março de 2012. Deixou seu pai e sua mãe, numerosas tias, tios e primos. Precedido na morte por seus avós. Jamie nasceu em 15 de janeiro de 1985 em Dallas, Texas. Ele era um talentoso poeta e artista. Sua Graduação foi na Universidade do Colorado em Boulder. O enterro será reservado apenas à família. Memoriais podem ser enviados para...

Eu imprimi a página.

A imagem pequena e granulada que acompanhava o obituário mostrava um jovem barbeado com o mesmo cabelo castanho claro e olhos que eu tinha; e meu sorriso incerto e minhas maçãs do rosto proeminentes. Não admira que eu tenha alarmado a irmã de Cal. E se Cal conhecia Jamie, talvez minha semelhança também explicasse sua reação inicial.

Eu me virei na cadeira do meu escritório lentamente. Uma nova constelação de perguntas estava se formando ao meu redor. Quem foi Jamie Fof para Cal, ele realmente foi alguém? Como Jamie morreu? E foi uma coincidência que ele tivesse morrido em 2012, o ano em que a vida de ouro de Cal se desfez?

"Tem que significar alguma coisa," eu murmurei para Furio, que estava me observando girando na minha cadeira. "Caso contrário, por que ele me perguntou o que sua irmã disse? Ele tinha que estar preocupado que eu descobrisse sobre isso." Apontei para a página impressa.

Agora que eu tinha descoberto sobre Jamie Foust, eu estava em outro impasse. Perguntar a Cal sobre Jamie significava confessar minha mentira (e minha pesquisa sem vergonha), assim como perguntar sobre seus direitos de visita

inexistentes ao filho, e isso significaria ter que admitir que eu entrei em contato com sua ex-esposa.

(Citar uma teia emaranhada de aranha é apropriado aqui.)

Procurei na internet qualquer conexão entre Caleb Bright e Jamie Foust, mas não havia nada. Eu olhei para a foto de Jamie Foust por um longo tempo, como se ele pudesse estar vivo e me contar tudo, e então, quando isso ficou muito perturbador, eu amassei a página e a joguei no lixo.



Capítulo 22

CALEB

Eu me fortaleci com uma bebida antes de Michael chegar à segunda-feira. Até agora, ele deve ter me considerado um alcoólatra limítrofe, e talvez eu estivesse chegando lá. Eu não sentia prazer em beber, e mal podia esperar para parar. Mas ajudava como se fosse um remédio de mau gosto. Meu cérebro encharcado de uísque ficava entorpecido como um cilindro, e isso era uma coisa boa. Estar em plena capacidade mental ao redor dele era simplesmente doloroso demais, e também...

Eu olhei para o meu reflexo enquanto escovava meus dentes.

Eu não iria admitir isso para mim mesmo, mesmo no cofre da minha mente. Eu esperava que esse esforço significasse algo para Deus quando ele olhasse para o meu coração.

Michael entrou enquanto eu tomava meu café, como de costume. Nossas reuniões haviam caído em um ritmo confortável. (Estávamos confortáveis anteriormente, pelo menos.)

"Bom dia," ele disse.

Para me manter no lado seguro, eu estava assumindo o pior: que Michael tinha procurado por Jamie Foust, que ele sabia que Jamie estava morto, sabia sobre sua estranha semelhança, e sabia que eu não queria que minha irmã (ou alguém) o mencionasse.

Em suma, eu estava assumindo com segurança que Michael sabia que eu estava escondendo alguma coisa. E se ele teria a coragem para me perguntar qualquer coisa, eu estaria aqui para saber.

"Olá," eu disse.

Eu pensei ter detectado um novo ar de ansiedade sobre ele - algum fiapo de desconforto quando ele se acomodou no sofá com seu laptop.

"Você teve um bom tempo com a sua irmã?"

"Sim, obrigada por perguntar." Eu me inclinei contra o balcão e tomei meu café, observando a parte de trás de sua cabeça. "Ela tem o hábito de chegar sem avisar. Sempre foi assim. Desculpe-me por não conseguir avisar mais cedo."

"Não é sua culpa. Eu sou o único que está arrependido."

"*Ad absurdum*. Eu gostaria de manter um registro contábil de suas desculpas."

"Des..." Ele se deteve antes de dar outro pedido de desculpas compulsivo. "Eu não sabia que você tocava um instrumento."

Eu deixara o meu violino na mesinha de centro, calculadamente, para estimular a conversa sobre qualquer outra coisa além de Jamie. O pobre Michael sempre mordia a isca.

"Sim alguns. Esse, o violão, alguns dos instrumentos de sopro e piano, mas muito mal. Rachel é a verdadeira pianista. Nossa mãe também."

"Eu adoraria ouvi-lo tocar."

"Claro, algum tempo desses."

"Vocês dois tocavam juntos?" Ele se inclinou sobre seu laptop, digitando.

"Sim, tocávamos juntos. Ela gosta quando tocamos juntos os hinos e quando cantamos."

Sua cabeça ergueu. "Você canta?"

"Sim." Eu andei pela sala, abaixei meu café e levantei o violino. Eu o aninhei sob o queixo e passei o arco por uma corda. Uma nota líquida e perfeita ganhou vida no corpo de madeira. Eu estava ciente de Michael me encarando. De vez em quando, eu permitia. "A música foi uma grande parte dos nossos cultos de adoração. Música e canto."



“Então seus pais fizeram você aprender?”

“Queríamos aprender. Isso nos dava alegria.” Larguei o violino e saí de seu campo de visão.

“Sua irmã-”

“Rachel.”

“Rachel.” Ele limpou a garganta. “Ela parecia legal.”

“Será que ela é?” Eu soprei uma onda de vapor do meu café. “Como assim?”

Ele ficou instantaneamente confuso, gesticulando e balançando a cabeça. “Bem, quero dizer, doce. Não, hum... Amigável. Encantadora.”

“Doce?” Eu reprimi a risada. Isso era fácil e divertido demais. “Encantadora? O que exatamente você está tentando dizer, Michael?”

Ele tomou meu tom de zombaria e ficou em silêncio.

“Desculpe.” Eu ri. “Ela é uma pintura. Realmente, ela é adorável, não é?” Eu me movi de volta ao redor do sofá para poder ver sua expressão. Seu pescoço estava levemente corado.

“Ela é muito boa.”

“Você não acha que ela seja bonita?” Eu sorri na minha caneca.

“Bem, claro.” Ele olhou para seu laptop, o calor rastejando em seu rosto. “Vocês dois... Definitivamente tiveram sorte com a genética”.

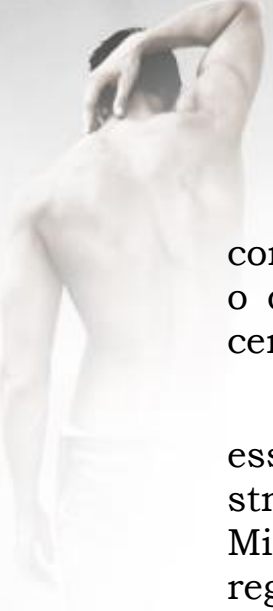
“Hm.” Afastei-me novamente. “Como é a sua namorada?”

A pergunta o pegou desprevenido, provavelmente porque raramente discutimos sua vida.

“Ela é agradável, obrigado. Normal.”

“Sim?”

“Sim.”



Michael tendia a preencher os silêncios com tagarelice, como se pudesse construir sozinho nossa camaradagem, então o deixei com seus pensamentos por um momento - e, com certeza, ele recomeçou.

"Não nos vemos muito ultimamente. Horários diferentes, esse tipo de coisa." Ele explicou sua nova programação de streaming, da qual eu estava ciente. Sem o conhecimento de Michael, eu verificava o Twitter, o blog e o *stream* regularmente. "Então, quando eu não estou aqui, geralmente estou jogando e no *streaming*. O meu escritório é no porão, é claro."

Eu fiz um barulho de compreensão.

Ele continuou.

"Ou eu estou escrevendo posts, ou quebrando minha cabeça com este perfil." Ele riu desconfortavelmente. "Ela chega à casa do trabalho e às vezes ela traz para comermos *Subway* ou *Chik-fil-A*. E isso pode ser apenas o nosso encontro em um determinado dia. Isso e a manhã. Ela vai para a cama bem cedo, então ela geralmente dorme quando eu termino de jogar ou de escrever."

"Romântico," eu disse.

"Sim, realmente. Costumávamos nos encontrar para almoçar, mas esse tipo de coisa ficava no esquecimento."

"Eu espero que tudo isso não seja..." Eu gesticulei vagamente para minha casa.

Ele pegou meu significado e se virou para olhar para mim enfaticamente. "Não, isso é ótimo. Jornalismo é o que eu quero fazer. Ela e eu estamos bem. Ou, quero dizer, essas reuniões não são..."

"Bom. Eu não gostaria de forçar as coisas."

Saí para fumar e, pela primeira vez, Michael teve coragem de me seguir. Eu olhei para ele cautelosamente. Eu usei a desculpa das minhas baforadas periódicas de fumaça para me afastar dele. Isso fazia com que a nossa proximidade constante fosse tolerável.



“Você se importa?” Ele disse.

“Claro que não,” eu menti.

“Eu amo aqui fora. A vista, o frio.”

Eu o imaginei em seu *“escritório no porão”* e eu queria dizer que ele poderia me visitar a qualquer momento.

Eu fiquei no corrimão e ele ficou ao meu lado. Quando acendi meu cigarro, me afastei. “Fumaça sem filtro,” expliquei.

“Tudo bem. Eu não me importo.”

“Eu me importo. Isso não é bom pra você.”

“Mas tudo bem para você?”

Eu dei a ele um olhar penetrante. “Sim,” eu disse. “Está bem para mim.”



Capítulo 23

CALEB

Naquela tarde, mostrei a Michael minhas pinturas. O anexo cheirava a óleo de linhaça e tinta, que eu adorava, mas abri as amplas janelas para arejar o ambiente. Eu não precisava que ele desmaiasse em cima de mim.

Ele foi respeitoso, e quase tímido, como sempre. Ele nem movia uma tela acabada para ver a que estava por trás dela.

"Vá em frente," eu disse quando o vi pairando sobre meus cadernos de esboços. Eu já havia removido tudo que relacionava a Jamie.

Ele folheou os esboços. Ele ficou deslizando de uma tela para outra como uma abelha. Ele passou as pontas de seus dedos perto de meus pincéis, tubos de tinta e paletas, e então circulou a sala novamente, repetindo o processo.

"Você é muito bom," ele finalmente disse. Ele parecia triste.

Eu não precisava do selo de aprovação de Michael Beck na minha arte, mas eu queria. Eu estava esperando, antecipando sua reação, e as três palavras me decepcionaram.

"Qual é o problema?" Eu disse. "Não gosta de abstratos? Algumas pinturas são paisagens. Eu não as pintei fora daqui." Eu me movi em direção a uma pilha de telas.

"Não, as pinturas são todas muito boas," ele repetiu. "Eu gosto de arte moderna."

"Então, o que é?"

"Eu sou bom apenas em jogos de computador." Ele se virou em direção ao seu laptop, para longe de mim.

"Isso não é verdade. Eu li o seu blog. Você é um ótimo escritor."

"Você é melhor," ele respondeu imediatamente.



Eu queria rir. De onde veio essa auto piedade juvenil? “Michael” - eu tentei parecer razoável - “não nos compare.” Eu sabia que as palavras foram um erro no momento em que elas deixaram a minha boca.

Ele enfiou o laptop debaixo do braço e se dirigiu para a sala. “Sim, exatamente. Por que eu faria isso?”

“Isso saiu errado.” Eu o segui.

“Não, saiu certo. Quer dizer, não somos do mesmo mundo.”

“Isso é sobre o perfil? Você está tendo problemas com isso?”

“Claro que estou tendo problemas com isso.” Ele riu, exasperado. “Você não me diz nada sobre a sua ex, o seu filho, o que diabos aconteceu com...”

Eu sabia que ele queria adicionar Jamie Foust a essa lista. Eu praticamente podia ouvir na ponta da língua dele. Eu respirei fundo e desviei o olhar.

“Por que tudo isso?” Ele disse. “Por favor.”

“Apenas faça a ligação,” eu disse baixinho. Foi minha maneira de consertar algo, mas ele pareceu horrorizado com a sugestão.

“Você está brincando comigo?”

Eu fui para a cozinha pegar uma bebida. Eu não poderia parecer que estava brincando. Eu me sentia desalinhado e desequilibrado, e perigosamente perto de deixar escapar a verdade. Mas quando voltei a encará-lo, ele havia ido.



Capítulo 24

MICHAEL

Eu dirigi de volta para Boulder, oscilando entre a raiva e pena. *Apenas ligue para ela.* Cal na verdade me implorou para continuar com o perfil. O que quer que fosse, que ele não quisesse que eu soubesse, era também a fonte de sua dor, e ele não queria ou não podia falar sobre isso.

Ele tinha uma opinião tão baixa sobre mim, que achava que eu comprometeria minha ética de trabalho? Eu nunca citei nada, nem mesmo postagens cômicas, e eu definitivamente não *faria* um perfil com base em uma ligação telefônica para o *The New Yorker*. A sugestão era ridícula e inadequada.

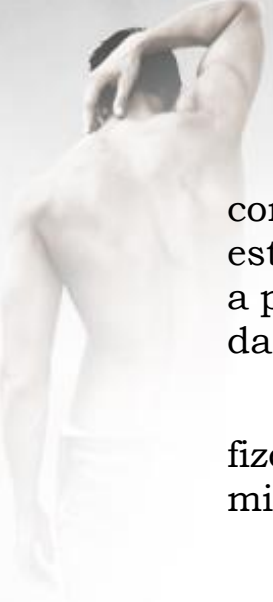
Ainda assim, eu o levei a sugerir isso. Eu havia mencionado a ex dele, o filho dele e *"o que quer que tenha acontecido,"* isto é, Jamie Foust, e Cal ficou pálido como uma folha e se lançou na bebida alcoólica mais próxima. Eu não tinha o direito de aterrorizá-lo assim - não em nome do jornalismo, não em nome de qualquer coisa.

Então eu oscilei; indo e voltando, da frustração para a simpatia, e eu nem participei do canal na terça-feira, e não fui para Red Feather na quarta-feira. Enviei-lhe um texto, alegando que eu estava ***"me sentindo mal".*** Era uma espécie de verdade, como a maior parte do que ele me dizia.

Fique melhor, ele mandou uma mensagem de volta, **está quieto aqui sem suas perguntas**.

Eu não sabia se ele estava zombando de mim ou se realmente ele sentia falta da minha companhia.

O problema era que ir para Red Feather de novo e de novo estava se tornando a definição de insanidade. Fizemos uma excursão por sua propriedade, andamos ao longo da estrada, fomos à sua igreja (duas vezes) e ao mercado dos fazendeiros, *maratonamos* a maioria dos episódios de *Sopranos* e *Game of Thrones* e suportamos juntos incontáveis



conversas que pareciam partidas de esgrima. E o perfil não estava sendo escrito. Eu ainda não tinha ideia do que o levara a parar de publicar - suas explicações eram frágeis, na melhor das hipóteses - e nenhum senso real de sua vida interior.

Então, na quinta-feira, quando Nicole sugeriu que fizéssemos uma mini festa na sexta-feira, uma ideia surgiu na minha cabeça como uma revelação.

"Definitivamente," eu disse a ela, com a intenção expressa de convidar Cal.

Cal e eu estávamos sempre em casa dele, *nos termos* dele.

Talvez eu apenas precisasse tirá-lo das montanhas.



Capítulo 25

CALEB

"Uma festa?" Eu fiz uma careta para Michael. Fiquei feliz em vê-lo - na verdade, eu estava - mas o desespero parecia estar afetando sua cabeça.

"É mais uma reunião, realmente. Apenas alguns amigos, bebidas. Você sabe."

Eu não sabia. "Boulder é uma espécie de longa viagem," eu disse.

"Oh, eu vou dirigir. Eu estava pensando que você poderia *dormir* no sofá."

Forcei minha expressão para permanecer neutra. Eu não 'dormia' no 'sofá' de ninguém em mais de cinco anos. "Seu sofá?"

"Sim. Ele... Tem um bom tamanho." Ele deu um tapinha no meu sofá. "Então, é longo."

"E isso é hoje à noite?"

"Sim. É informal. Sem pressão."

Ele parecia ansioso de uma forma que eu nunca o tinha visto, então eu sabia qual era essa ideia: o último esforço de Michael para formar uma conexão significativa comigo.

Nenhuma pressão, de fato.

Eu avaliei minhas opções rapidamente: recusar o convite e correr o risco de aliená-lo completamente ou dizer sim e passar uma noite miserável entre os pseudo adultos bêbados.

Desde a minha discussão com Michael na segunda-feira, eu estava cada vez mais consciente de que precisava dar-lhe algo, qualquer coisa, para fazê-lo se sentir confiável. Ele não era um idiota. Ele sabia que eu estava alimentando-o com meias-verdades e histórias seguras, mas ele ainda não tinha

recorrido a táticas de guerrilha (contatando minha família pelas minhas costas, mencionando Jamie Foust). Eu quase não conseguia acreditar que ele não havia mencionado Jamie ainda, mas fiquei em um silêncio de agradecimento.

Michael estava sendo decente.

Enquanto isso, eu estava sendo irracional, aconselhando-o fazer uma ligação do que poderia ser um grande negócio para a sua carreira.

Não me mataria contar-lhe algumas coisas sobre Coral ou ir a sua festa.

"Bem," eu disse, "eu não estive em Boulder há algum tempo," e seu rosto se iluminou.



Capítulo 26

CALEB

Eu arrumei uma mala e entrei no jipe de Michael com uma sensação crescente de pavor. Teria sido muito esquisito, na verdade, tentar se sentar atrás ou até mesmo ficar encarando a estrada. Ambos os pensamentos passaram pela minha cabeça, no entanto.

"Eu espero que você não fique ofendido se eu cochilar," eu disse preventivamente. "Viagens longas tendem a me dar sono."

O sono (ou o sono fingido) era a solução óbvia: olhos fechados, e ignorar sua proximidade sufocante.

"Não, não mesmo. Você gosta de música? Quero dizer, não se você estiver dormindo. Bem, eu sei que você gosta de música. Eu não vou tocar nada agora. Se você quiser dormir... Tudo funciona."

Eu sorri e olhei para fora da minha janela.

Michael se sentia tão agitado quanto eu, claramente, mas enquanto eu reprimia minha ansiedade com o controle rígido, ele tendia a colocar a mão toda hora na janela do carro. Era divertido.

"O que você quiser," eu disse, fechando os olhos.

"Você vai dormir? Quero dizer, o que você quer fazer? Devemos parar para comer?"

"Michael." Suspirei entre os dentes. "Dirija."

O jipe se manteve horrivelmente nas estradas de terra que cercavam minha casa. Ou, devo dizer, era tratado como um jipe, pois vibrava e se sacudia como se cada pedregulho fosse uma pedra. Eu não conseguia nem fingir que estava dormindo, então eu abri os olhos e olhei para a paisagem.



“Eu preciso ajustar os amortecedores nessa coisa!” Michael gritou sobre o barulho incessante. “Vai ser mais suave na calçada! Desculpa! Eu amo estradas de terra, no entanto!”

Eu levantei a mão em um gesto tolerante.

“Como o Audi consegue andar nestas estradas?”

Eu não tinha vontade de levantar a voz, então fiz outro gesto. *Tudo bem.*

“E você tem o Cadillac CTS, certo?”

Outro gesto. *Sim.*

“Grandes carros!”

Afirmativo.

“Eles se dão bem com a neve?”

Eu assenti.

“Eu acho que você tem uma tonelada de neve aqui fora!”

Movimento afirmativo.

Ele finalmente relaxou o suficiente para parar de falar, mas a paz durou pouco. Quando chegamos a uma estrada pavimentada e o relativo silêncio encheu o carro, ele recomeçou. “Isso é muito melhor, certo? Droga, esse carro é tão barulhento. Eu sinto muito.”

“Está tudo bem, realmente.”

“Que tipo de música você gosta?”

“Todos os tipos.”

“Coisas mais antigas? Coisas mais recentes?”

“Um pouco de tudo.”

“Acabei de comprar a música do 'Dust in the Wind'. É da Digital Daggers. Eu ouvi em um trailer do *WoW: Legion*.” Ele conectou o telefone e tocou a música. “Eu tenho uma tonelada de músicas de *Game of Thrones* também. Você provavelmente gostaria de ouvir. É principalmente orquestral e instrumental. Coisas realmente legais.”

Ele teria conversado e tocado música pelas próximas duas horas se eu não tivesse intervindo. “Escute,” eu disse, “você se importa se eu fumar?”

“Oh, não mesmo. Vá em frente.”

Desliguei a música, abaixei a janela, acendi um cigarro e fechei os olhos. “Minha ex-esposa,” eu disse. “Ela é de uma das primeiras famílias da Carolina do Sul. Um tipo de dama da sociedade. Nossas famílias se conheciam através do trabalho missionário, coisas da igreja. Nós estávamos basicamente juntos no seu baile de debutante. Esses bailes são grandes no sul. De qualquer forma, eu estava indo para Harvard na época e sua mãe achou que eu seria um bom acompanhante.”

Um silêncio espesso desceu no jipe.

Eu sabia, se eu abrisse meus olhos e olhasse para ele, que encontraria Michael equilibrado, sem piscar, e petrificado com medo de quebrar qualquer feitiço que tivesse soltado minha língua.

“Então, nós combinamos a ida ao baile. Eu me lembro... Do momento. A atmosfera. Foi tudo muito... Romântico; eu acho que parecia como algo saído do *O Grande Gatsby*. E Coral, ela se recusou a vestir branco como todas as outras debutantes. Ela mudou no último minuto. Eu pensei que sua mãe ia ter um aneurisma.” Eu ri e dei uma tragada. “Eu me lembro com perfeita clareza: Coral e eu fazendo nossa entrada, Coral usando um vestido de cetim cor de pêssego que se agarrava a cada curva dela, e o rosto de sua mãe ficando mais vermelho e mais vermelho.”

E todo mundo olhando.

E meu orgulho por ter aquela garota um tanto insana e ousada no meu braço.

“Ela era verdadeiramente a bela do baile,” eu disse.

Eu descrevi o vestido para Michael e como, porque era esperado e lógico, Coral e eu começamos a namorar a longa distância. Eu disse a ele como costumávamos nos encontrar quando podíamos, e como ela era linda e fogosa, e como, em um momento de competição mútua, e apesar de nossas criações rígidas, nós fizemos sexo e ela engravidou.



“É um grande negócio em famílias como a nossa. Foi um choque horrível para todos. Nós nos casamos imediatamente.”

Deixei as palavras no ar e Michael ficou em silêncio pelo resto da viagem.



Capítulo 27

MICHAEL

Cal era o objeto de fascínio na mini-festa, que rapidamente se transformou menos uma *mini-festa* e mais do que *eu espero que tenha construído uma boa relação com os vizinhos, o suficiente para que não nos chamassem de bobos...* Isso foi culpa da Nicole. Mandei que ela não contasse a ninguém sobre o convite para Caleb Bright e, *seletivamente,* não ouvira a ordem e contara a uma dúzia de amigos do seu trabalho sobre o *'Autor Famoso'* que vinha à nossa casa.

E de repente a rua estava cheia de carros e tínhamos trinta pessoas, pelo menos, circulando em volta de nossa casa apertada e do selo postal de quintal. Furio ficou aterrorizado. Ele ficava saindo debaixo da cama, choramingando, correndo, se arqueando para nós e se escondendo novamente.

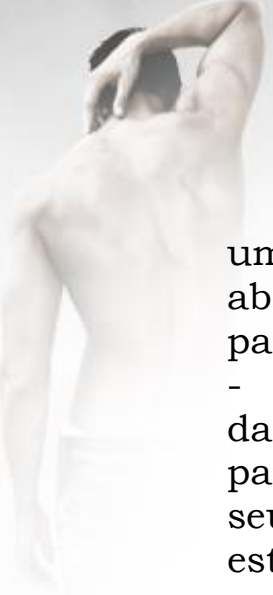
Eu não teria culpado Cal se ele tivesse entrado debaixo da cama. Em vez disso, ele prestou atenção com graça cavalheiresca. Eu lhe trouxe bebidas e tentei o meu melhor para afastá-lo das pessoas, mas não importa para onde fomos, havia sempre alguém desinibido pelo álcool, perguntando se ele era o *Autor Famoso*.

Não ajudou que ele se destacasse como um polegar dolorido. O jeans caro, a jaqueta de couro, a altura, a boa aparência, o rabo de cavalo que só ele conseguia dar esse efeito - e não havia como escondê-lo. "Eu sinto muito," eu continuava murmurando.

"Michael, está tudo bem," ele continuava respondendo.

Mas não estava bem. Ele só concordou em comparecer ao grupo por culpa - a mesma razão, sem dúvida, que ele contou sobre a sua ex-mulher no carro. Minha birra na segunda-feira e minha ausência na quarta-feira; realmente o preocupara, e ele estava tentando me apaziguar.

Eu me senti como uma escória.



A pior parte da noite começou quando alguém quebrou um copo na cozinha e Nicole me pediu para limpar. Eu tive que abandonar Cal por quinze minutos completos. Quando voltei para a sala de estar lotada, vi que uma garota - amiga de Nicole - estava literalmente dançando em Cal. Ele não estava dançando; ele estava segurando a cerveja e encostado na parede. Mas ela estava ficando louca em cima dele, mostrando seus movimentos, moendo contra ele de maneira que tinha que estar destruindo sua vontade de viver.

Eu sabia como ele odiava ser tocado. Eu queria empurrá-la para longe, em seu nome.

Eu empurrei através da multidão, observando Cal com olhos de um afogado.

"Aí está você!" Eu gaguejei quando o abordei. "Eu estava procurando por você."

A garota, eu achava que o nome dela era Kristin, teve o bom senso e a sobriedade de parar de dançar quando apareci, porém, ela colocou uma mão no braço de Cal como uma reivindicação.

"Ei, Mike," ela disse. "Ótima festa."

Cal sorriu igualmente para mim. "Você conseguiu manter a cozinha sob controle?" Ele parecia relaxado, entediado até. Talvez fosse a calma antes da tempestade.

"Sim. Um pouco do vidro foi para baixo da geladeira."

"Que chato." Ele estava em sua quinta ou sexta cerveja, o que não significava nada, na verdade. Eu o vira tomar meia garrafa de uísque e caminhar em linha reta até o banheiro.

"Alguém quebrou um copo?" Talvez - Kristin disse muito alto. "Bêbados. Sério, tem algumas pessoas que precisam se mancar!"

"Eu concordo," eu disse, olhando para ela.

Cal sorriu fracamente. Eu não conseguia ler sua expressão. Talvez ele tivesse tomado um antipsicótico poderoso, ou talvez estivesse realmente se divertindo.



“Você quer ver meu escritório agora?” Eu me aventurei. “Lembra que eu queria te mostrar, no escritório?”

“Claro, se você quiser.”

“Não, você não vai roubá-lo ainda!” Talvez - Kristin amuou. “Nós estávamos falando sobre seus livros.”

Sim, eu definitivamente a tinha visto *falando* sobre seus *livros* com a bunda na virilha dele.

“Bem” - eu olhei entre eles - “sempre que... quero dizer...”

“Mais tarde, então,” Cal murmurou. “Eu adoraria ver seu canto, Michael.”

Eu tinha jogado para ele um colete salva-vidas e ele tinha jogado de volta na minha cara, o que só podia significar que ele estava gostando da bunda de talvez - Kristin em sua virilha. O que parecia impossível. Eu dei a ele mais um olhar cuidadoso antes de vagar para longe.

Será que, todo esse tempo, Cal só precisava de uma transa? Ele iria para casa com a talvez - Kristin? Ou ele estava tentando provar, até o sétimo grau, que ele estava se divertindo na minha festa? Esse último pensamento foi intolerável.

Peguei uma cerveja, bebi, peguei outra e encontrei Nicole.

Talvez Cal, mesmo em minha própria casa, não quisesse estar perto de mim. Talvez eu fosse mais irritante do que talvez - Kristin.

“Kristin é adorável com Cal,” Nicole disse.

Então ela era definitivamente, Kristin.

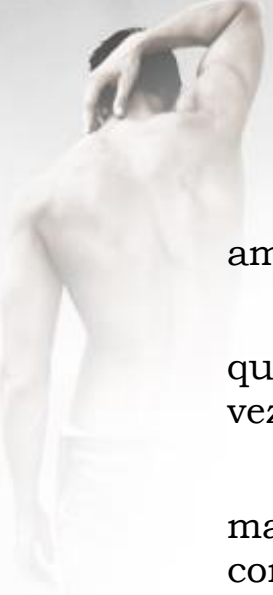
“Sim, eu acho. Espero que ela não esteja o incomodando.”

“Você está de brincadeira? Olhe para eles.”

Eu olhei de relance. Kristin tinha removido o elástico do cabelo de Cal e estava penteando os fios longos. Ele estava rindo, ainda que desatento.

“Quanto ela teve que beber?”

“Mike, ela está *bem*.” Nicole franziu a testa para mim.



"Está bem, está bem. Eu só estou cuidando do meu amigo."

"Eu acho que ele não precisa de ajuda. Além disso, por que você não me disse que ele é tão..." Ela piscou algumas vezes. "Eu não sei. Ele se encaixa."

Tá. Minha namorada queria dizer que Cal era gostoso, mas instintivamente ela disse que se ele se *encaixa*. Algum dia, com um monte de pseudônimos, eu escreveria um post no blog sobre esta noite. Ninguém seria poupado, exceto Cal. Cal estaria sofrendo em silêncio em sua cruz enquanto Kristin brincava com o cabelo e dançava contra sua virilha. Santo Caleb. Caleb o mártir.

Eu bebi demais e me misturei. Tentei ficar de olho em Cal, para o caso dele precisar de extração, mas perdi o controle dele por volta da meia-noite. A festa havia diminuído até então. Recuei e diminuí o som da música - Radiohead, Elliot Smith e Bon Iver - e algumas pessoas migraram para fumar.

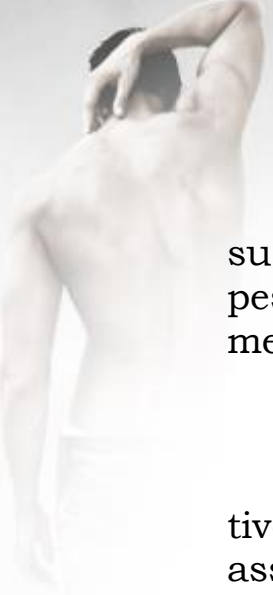
"Kristin foi para casa?" Perguntei a Nicole. Eu estava esperando, rezando, que Cal não tivesse ido para casa com ela. Eu sabia que tinha sido agressivo e passivo para convencê-lo a falar sobre sua ex-mulher e ficar na minha estúpida festa, e eu não seria capaz de me perdoar se eu também indiretamente o tivesse magoado esta noite.

"Hum, eu não penso assim." Nicole balançou e segurou meu ombro em busca de apoio. "Talvez ele apenas tenha ido lá fora? Não tenho certeza."

Peguei meu casaco e saí. O ar frio me abalou um pouco.

Um grupo de pessoas estava sentado e esparramado na grama ao redor da nossa fogueira. O cheiro de maconha se misturava com o cheiro de fogueira e o cheiro do outono. Reconheci a figura de Cal na luz bruxuleante. Kristin estava com um cachimbo e exalava a fumaça em sua boca, o que eu achava que as pessoas só faziam nos filmes. Então, ele puxou um golpe de ar e passou.

Agarrei o corrimão do convés com tanta força que minhas mãos ficaram dormentes.



Kristin estava praticamente em cima de Cal. Ela sussurrou no ouvido dele e começou a beijar seu pescoço. Seus olhos escuros repentinamente cintilaram nos meus e ele sorriu.

Meu rosto foi do frio para o quente em um segundo.

Eu levantei minha mão, acenei indecorosamente, como se tivesse acabado de vê-lo. Como se eu não estivesse assistindo. Seu sorriso se alargou lentamente. Ele parecia tão distante do que Kristin estava fazendo. Suas mãos estavam plantadas na grama, os braços apoiados e ele estava recostado como se estivesse sentado ali sozinho, aproveitando a noite.

Eu não conseguia desviar o olhar.

Ele segurou meu olhar enquanto a boca de Kristin se movia sobre sua garganta.

Meu pulso batia mais alto e mais alto nos meus ouvidos.

Ele não estava mais sorrindo, e havia algo novo e indecifrável em seu olhar. Quando ele finalmente dispensou Kristin, era como se ela nunca tivesse existido. Ele se levantou e ela escorregou do colo dele e ele apenas caminhou o outro lado.

Meu pau se mexeu, eu pensei. Então, por que eu queria tocá-lo?

Ele veio diretamente para mim. 'Estou cansado," ele disse.

"Sim... Sim. Dê-me cinco segundos." Eu chutei todo mundo para fora da minha casa e quintal, incluindo Kristin, e arrumei o sofá o melhor que pude. Cal tentou ajudar, empilhando algumas xícaras. "Por favor, não faça isso." Eu estava me arrastando.

Ele deu de ombros e levou sua bolsa ao banheiro.

Eu sabia que seria um erro tentar me desculpar mais ou envolvê-lo, mas eu queria ter certeza de que ele ficasse bem, e uma boa noite de sono era o mínimo que eu podia oferecer a ele.

Eu coloquei dois travesseiros e um lençol e cobertor no sofá. Eu desliguei a lâmpada e saí na luz da cozinha, que lançou um brilho fraco no corredor.

Levei vários pratos e tanto lixo para fora da sala quanto podia, e então, na minha terceira viagem de volta, encontrei-o estendido de barriga para baixo no sofá, o cobertor enrolado em volta da cintura, braços cruzados sobre o travesseiro. Sua cabeça estava virada. Eu não sabia se ele estava dormindo ou muito quieto.

Suas costas nuas pareciam impossivelmente longas. Seu cabelo era um líquido preto derramado.

Ele se apoiou em seus antebraços e olhou para mim.

"Vá para cama, Michael," ele disse depois de um tempo, e eu fugi.

Quando entrei debaixo das cobertas ao lado de Nicole, pressionei-me ardentemente, e muito impaciente contra ela. Ela murmurou alguma coisa e rolou para longe. Eu deslizei uma mão entre as pernas dela e ela disse: "Babe, eu não estou de bom humor," de tal forma que eu sabia que ela estava me dando o fora em seu sono.



Capítulo 28

MICHAEL

Na manhã seguinte, Cal acordou e se vestiu antes de mim, e eu o encontrei tomando café na varanda. Ele parecia incrivelmente deslocado, como uma águia em uma gaiola de canário.

"Você achou tudo o que precisava?" Eu disse.

"Nicole ajudou." Ele indicou o café.

"Legal. Ela partiu para a ioga?"

Ele assentiu e continuou olhando para o quintal. A 'vista' era risível: uma árvore e uma cerca. Furio estava deitado em um raio de sol, mastigando um pedaço de pau.

"Não é bem como o Lago Red Feather, hein?" Eu coloquei minhas mãos nos bolsos.

"É muito bom," ele disse. "Sua casa também é adorável. Eu aprecio a sua hospitalidade."

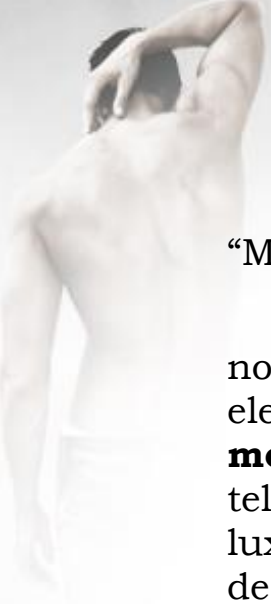
Eu queria dizer a ele para cortar a porcaria, mas, com ele, era difícil dizer onde a porcaria terminava e a boa criação começava. Ele provavelmente apreciou a hospitalidade, e ele provavelmente poderia encontrar algo bom para dizer sobre a minha casa e quintal.

"Existe algo que você queira obter enquanto estiver em Boulder?" Eu não tinha ilusões sobre Cal querer ficar por aqui hoje, mas não poderia doer oferecer. Ele me surpreendeu, considerando por um tempo.

"Um corte de cabelo, eu acho," ele disse.

Eu fiz um duplo exame. "Oh. Ótimo. Tem um barbeiro..."

"Eu prefiro ir a um salão, se for possível." Ele riu. "Eu prefiro ter uma mulher cortando o meu cabelo quando está longo. Elas sabem o que estão fazendo."



“Isso faz sentido.” Eu me atrapalhei com o meu telefone. “Me dê... Um segundo. Um minuto.” Eu corri para dentro.

Eu tinha certeza de que tinha colocado Cal no inferno na noite passada e estava determinado a fazer as pazes com ele. Mandei uma mensagem para Nicole (**quais são os melhores salões em torno de Boulder?**), Dei meia dúzia de telefonemas e marquei um horário para Cal em um salão de luxo em menos de uma hora. Quando eles pediram um número de cartão de crédito para a sua política de cancelamento, eu paguei pelo corte. Eu até paguei uma massagem extra de dez minutos no couro cabeludo.

Nunca em meus sonhos mais loucos imaginei esse cenário, mas fiquei feliz pela chance de resgatar a experiência de Cal em Boulder.

No caminho de volta, eu desajeitadamente tentei conversar. “Então, vai deixar curto?”

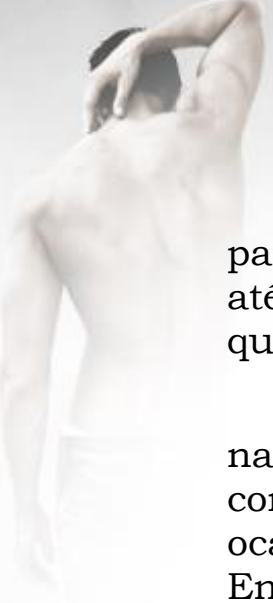
“Oh, eu não sei sobre isso.” Ele era imperturbável, e apenas olhava pela janela com os olhos quase fechados. “Acho que não. Não muito.”

“Legal”. Eu balancei a cabeça. “Cabelo longo fica bem em você.” Eu me perguntei se era estranho dizer isso. “Isso funciona para você.” Sim, era definitivamente muito estranho. “Funciona para as mulheres.” Eu me obriguei a parar de falar, porque ele estava tremendo com risadas silenciosas.

O salão cheirava a produtos extremos. Eu espirrei duas vezes, rapidamente, assim que entramos. Os estilistas eram todos delicados e perfeitamente arrumados e ofereceram a Cal e a mim uma impressionante variedade de bebidas, incluindo vinho e cerveja.

“Nada para mim, obrigado.” Sentei-me em um sofá na sala de espera.

“Eu estou bem.” Ele acenou para eles. Uma linda estilista morena pairava por perto. Parecia que não podia esperar para pôr as mãos em Cal, o que pode ter explicado por que *ele preferia ir ao salão*. Talvez eu também começasse a frequentar salões de beleza. Cal estava franzindo a testa para mim. “Se você tiver algum assunto para atender...”



“Não, eu ficarei bem. Vá em frente.” Eu sorri e procurei parecer ocupado com o meu laptop. Eu não ia a lugar nenhum até ter certeza de que ele havia conseguido exatamente o que queria naquela manhã.

O estilista levou Cal para longe, guiando-o com uma mão nas costas e o sentou em uma estação que eu poderia ver. Ela correu os dedos pelo cabelo dele, falando com ele no espelho e ocasionalmente descansando a mão em seu ombro ou braço. Então eles foram para o xampu. Ouvi sua voz subindo e descendo, as palavras incompreensíveis, o tom inconfundível. Por cento e vinte dólares mais gorjeta, eu esperava que ele estivesse se divertindo.

Eles surgiram quinze minutos depois. Ela tinha a mão nas costas dele novamente, mão bem baixa. Quando ele se sentou, ela escovou seus seios muito obviamente sobre o braço dele. E continuou assim enquanto ela cortava o cabelo dele - o toque, o riso e o flerte - e Cal parecia tranquilo, até mesmo agradável. E eu não consegui parar de observar.

Eu estava hipnotizado, mas também fui repelido.

Pedaços de cabelo grossos e molhados caíam como penas negras.

Ela esfregou o pescoço dele, disse algo sobre o couro cabeludo, e isso me atingiu como um soco duplo. Eu me foquei no o meu laptop.

Um: O toque do estilista, como o toque de Kristin na noite passada, não incomodou Cal porque não significava nada para ele.

E dois: eu estava com ciúmes. Eu estava com inveja dessas mulheres, tocando-o tão livremente.



Capítulo 29

CALEB

Algo estava errado com Michael. Eu o deixara no seu estado habitual ansioso na frente do salão. Porém, quando o meu corte terminou, ele parecia muito parecido como no dia em que ele caiu à minha porta: pálido, abalado e em guarda.

"Está tão ruim assim?" Eu perguntei casualmente quando saímos do salão. Pendia em mechas irregulares e reluzentes ao redor da minha mandíbula e na parte de trás do meu pescoço. Eu sabia que o corte tinha ficado muito bom, então eu não conseguia entender o choque de Michael.

"Huh?" Ele mal olhou para mim.

"Não importa." Eu fiz uma careta. "Ei, obrigado por isso. Você não deveria ter pagado."

Ele respondeu com um gesto vago. Oh, como as mesas tinham mudado.

"Está tudo bem?" Eu disse.

"O que? Sim. Qual é a próxima parada?"

"Almoço, eu suponho." Eu não estava planejando passar um único segundo desnecessário em Boulder, mas o humor de Michael precisava ser desvendado.

"Certo. Para onde?"

"Você escolhe." Eu entrei no jipe.

Ele nos levou para o Whole Foods Market[11], que eu sabia que ele tinha feito por minha causa. Dadas as minhas escolhas alimentares, Michael tendia para o *fast* e o processado.

[11] A Whole Foods Market Inc. é uma rede de supermercados multinacional dos Estados Unidos que comercializa produtos naturais, orgânicos.

Ambos pedimos sopa de macarrão de galinha e fruta e nós comemos em uma pequena área reservada.

“Então, o que eu fiz para merecer esse tratamento luxuoso?” Eu disse.

Ele se curvou sobre a refeição, se dirigindo à sopa. “Eu só estou tentando mostrar-lhe um bom tempo.” Ele balbuciou, engasgando com as palavras. “Quero dizer, me sinto mal. Sobre a festa.”

“Por que isso? Eu achei ótima.”

Ele me deu um olhar repentino e muito claro, como se ele visse através de mim. “Realmente?”

Eu olhei para ele. “Claro que sim.” Normalmente, com um olhar, eu poderia fazê-lo voltar para baixo. Hoje não. Seus pálidos olhos castanhos estavam duros e firmes.

“Eu pensei que Kristin poderia ter bebido demais.”

“Era esse o nome dela?” Eu sorri.

“Sim. Ela estava toda sobre você. Achei que você poderia ir para casa com ela.”

A ideia virou meu estômago. Ainda assim, eu me fiz rir e engolir uma colherada de sopa. “Talvez eu devesse ter ido.”

“Eu me pergunto como teria sido.” Seu tom era quase, quase sarcástico, e cada instinto em meu corpo me dizia para continuar tocando nesse ponto. Ou entrar em pânico.

Eu passei pelos movimentos de terminar minha sopa enquanto resolvia qual seria a resposta normal. Eu não provei o resto da sopa nem ouvi nada ao meu redor.

“Estou pronto para ir,” eu disse, e saí da loja às cegas.

No caminho de volta para Red Feather, Michael tentou uma abordagem diferente.

“Desculpe-me se foi rude, sobre Kristin.” Ele soou sincero. “Eu não quis dizer isso. Não há nada de errado, quero dizer, tudo bem se você não se divertir.”



“Eu me diverti,” eu disse friamente.

“Cal...”

“O que? Qual é o problema com você?” Eu estava com medo de sua resposta.

“Posso ficar hoje?”

“É sábado.”

“Bem, para o nosso dia de fim de semana, desde que eu estou dirigindo todo o caminho.”

“Tudo bem,” eu disse. “Eu sinceramente não me importo.”



Capítulo 30

MICHAEL

Assim que voltamos, Cal disse que queria correr, e foi s trocar e saiu correndo. Eu nem sequer fui convidado. Sentei-me em seu sofá, em sua casa dolorosamente quieta, enquanto tudo se encaixava.

Jamie Foust.

O breve casamento de Cal.

O jeito que ele se encolheu de mim, e não podia ficar perto de mim.

A vez que ele me bateu contra a casa por tocá-lo.

Seu olhar horrorizado quando eu gemi com um delicioso pedaço de pêra, ou quando eu tirei algumas roupas para correr com ele.

Sua oferta, uma vez, para pedir um táxi e um quarto de hotel. E não para dormir aqui, claro.

E ontem à noite, o único momento em que ele realmente perdeu o controle - não quando Kristin estava lambendo seu pescoço, mas quando eu saí para assistir. Eu. Era comigo.

O trovão reverberou pela casa e eu pulei no sofá.

Eu estava tão envolvido com meus pensamentos que não havia notado a tempestade que se aproximava. Era de tarde, mas o céu estava negro, parecia noite. A chuva começou a cair forte contra o convés e as janelas. Eu me movi para ver o lago. O vento rugia do lado de fora da cabana, dos pinheiros e eles balançaram como grama no campo.

Cal abriu a porta do convés. Eu cambaleei de volta tão forte que quase caí. Suas roupas estavam encharcadas, deixando poças na cozinha. Eu não conseguia pensar em uma coisa para dizer. Eu não podia acreditar que não tinha visto mais cedo.

Ele tirou os sapatos e subiu as escadas para tomar banho.

Uma hora se passou antes que ele voltasse. A tempestade ainda estava batendo contra a casa e escurecendo o dia artificialmente. Ele desviou para o anexo. Eu segui, de olhos arregalados. A luz estava apagada e ele estava sentado em uma das duas grandes cadeiras de vime, os cavaletes afastados. As paredes eram em sua maioria janelas e assim, naquela sala, a tempestade elétrica parecia um show de luzes, pulsando branco nas nuvens azuis e roxas.

Empurrei a outra cadeira para perto dele e sentei-me. Eu só podia ouvir meu coração, depois o trovão, depois meu coração. Sem olhar, peguei a mão dele e a puxei para a minha coxa. E então, para que ele não pudesse confundir minhas intenções, movi a mão entre as minhas pernas. Eu estremeci e curvei meus dedos contra os dele.

Quando olhei para ele, os olhos dele estavam fechados, em êxtase ou dor, eu não sabia. Eu movi a palma da mão sobre o meu corpo endurecido. Então ele se moveu, esfregando, e nós levantamos das cadeiras e ele me empurrou contra a parede. Sua mão na minha virilha. Eu me agarrei ao pulso dele e comecei a moer freneticamente na palma da mão dele. A outra mão dele estava em volta do meu pescoço, sem apertar, apenas me mantendo preso na parede.

“Michael,” ele sussurrou. “Isso é bom.”

Eu ousei um olhar para ele. Ele estava observando meu corpo e sua mão, ele estava me observando esfregar à frente da minha calça jeans furiosamente contra ele.

Eu ia chegar lá, mas ele se afastou.

Eu fui atrás dele automaticamente. “Por favor.” Eu toquei seu rosto, seu pescoço. Ele me pressionou contra a parede de novo - gentilmente, mas com firmeza - e me manteve lá.

“Não,” ele disse. “Você não quer fazer isso. Você tem uma namorada. Confie em mim.” Ele me deu um tapa e depois me soltou e se sentou de novo.

Minha ereção doía, estava tão duro contra o meu jeans. Meus joelhos tremeram. Ele estava certo, se ele quis

dizer que eu não queria trair Nicole, mas eu só sabia uma maneira de fazer esse sentimento parar. Eu toquei à frente da minha calça. Ele iria observar?

"O banheiro, Michael."

Sua voz calma me mandou sair e eu obedeci.



Capítulo 31

MICHAEL

Depois do que aconteceu no anexo, a única coisa a fazer seria sair. Eu não podia ficar perto dele - eu tentaria novamente, e ele poderia não me perdoar - e eu não conseguia sequer pensar em trabalhar no seu perfil. Então, eu sentei na porta da frente e amarrei meus tênis sem jeito.

Ele entrou na sala e me observou.

“Eu vou sair,” eu disse.

“Sim, eu acho que você deveria.”

“Posso voltar na segunda - feira?”

Ele não respondeu. Meu pulso bateu contra minhas costelas.

“Posso voltar?” Eu repeti.

Eu não ouvi sua abordagem, mas senti seus dedos passarem pelo meu cabelo.

“Michael,” ele disse com um suspiro. Eu inclinei minha testa contra a mão dele. O gesto veio tão naturalmente.

Ele se agachou e eu permaneci completamente imóvel, como se um leão estivesse farejando perto de mim. Seus longos dedos empurraram meu cabelo, puxando as mechas quase dolorosamente, e ele arrastou a mão pela minha coluna até meu cóccix. Ele tocou meus flancos, meu peito. Era impossível dizer se ele queria me afastar ou me manter bem perto. Ou apenas me manter.

O cheiro de sua pele e cabelo limpos encheu minhas narinas. Finalmente, abri minha boca contra sua mandíbula e ele me empurrou de volta.

“Você precisa ir.” Ele estava sem fôlego.

“Segunda?” Eu agarrei sua camisa.



Ele se soltou e voltou para o anexo.



Capítulo 32

MICHAEL

Achei que Cal poderia mandar uma mensagem para se certificar de que eu chegaria a casa em segurança, ou talvez para dizer que poderia voltar na segunda-feira. Ele não fez isso.

Tentei pensar seriamente sobre o que fizera - o que significava para o meu profissionalismo ou sobre mim mesmo -, mas o meu cérebro não estava cooperando. Tudo o que eu conseguia pensar era como a mão dele parecia boa em mim e como ele não tinha tirado a mão de onde estava. *Michael. Isso é bom.*

Ele me queria. Eu não conseguia acreditar. Ele me queria.

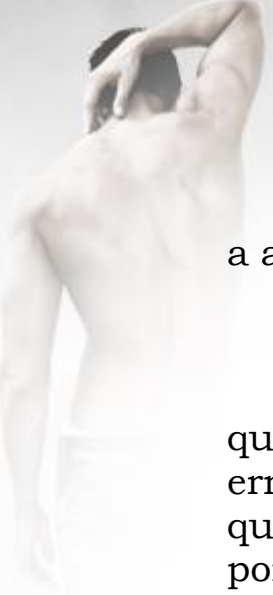
Eu mantive essa ideia porque me dava coragem.

Nicole não estava quando cheguei então eu esperei na cozinha e fiquei ensaiando o que eu diria. Lembrei-me do tom confiante de Cal quando ele me empurrou contra a parede e me sacudiu. *Você não quer fazer isso. Você tem uma namorada. Confie em mim.*

Ele sabia algo sobre infidelidade; Eu tinha certeza disso.

Furio pareceu sentir minha ansiedade. Ele choramingou e andou de um lado para o outro na cozinha, olhou para mim com expectativa e finalmente caiu aos meus pés, queixo nas patas. Acho que a parte mais difícil de romper com a Nicole seria a logística: quem ficaria com Furio e onde eu moraria? Como o meu canal seria afetado? Quem ficaria com a nova tela plana?

Quanto ao relacionamento real, Nicole e eu estávamos apenas juntos. Eu via isso claramente agora. Nós nos tornamos como dois amigos que mal se davam bem, mas que viviam juntos e estava fazendo as coisas funcionarem.



Nós estávamos indo para um beco sem saída, com ou sem a aparição de Cal na minha vida.

Cal simplesmente acelerou as coisas.

Entretanto, nenhum desses conhecimentos facilitou quando Nicole chegou a casa e perguntou o que estava errado. Eu disse a ela que havia acontecido algo. Eu disse a ela que precisávamos parar de ficar juntos, de morar juntos, porque não estava funcionando. Ela entrou em pânico. Ela queria saber se eu a havia traído, se era sobre o sexo (ou a falta dele), e se havia alguma coisa que ela pudesse fazer para me fazer mudar de ideia.

Eu disse não, não e não, e nos abraçamos e choramos.

Quando ela perguntou se havia outra pessoa, eu disse não novamente.

Pelo que eu sabia, não era mentira.



Capítulo 33

CALEB

Eu não fui à igreja no domingo. Não teria sido apropriado. Eu sabia o que ia fazer com Michael, e sempre que sei que vou pecar, e faço de qualquer maneira, eu apenas finjo que Deus não existe.

Esse hábito sempre piorava a minha culpa e auto-aversão, mas talvez também tenha me preservado. Sem um pequeno pecado na minha vida, eu teria morrido há muito tempo.

Michael chegou na segunda-feira, mais tarde do que o habitual, duas horas depois da minha corrida. Eu estava de banho tomado e vestido, e sentado na sala. Quando ouvi seus pneus na entrada, pensei, pela segunda vez, que *ele é como um cachorro chutado.* O tio alcoólatra da minha ex-mulher chutou o cachorro dele e a pobre criatura o amava de qualquer maneira e sempre vinha quando ele era chamado.

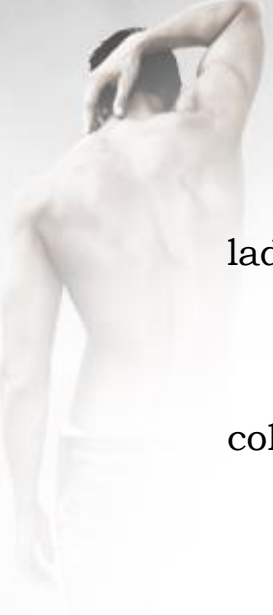
Eu não queria machucar Michael, eu queria ser gentil e bom com ele, mas eu não era a pessoa certa capaz de gentileza e bondade. Eu me odiava demais para saber como ser bom para outra pessoa.

Mas eu sabia que Michael me queria, da mesma maneira que eu o queria, e então estávamos trancados juntos nesta situação cruel.

Ele entrou em uma onda de energia nervosa. Eu tive que admirar tranquilamente sua bravura. Não deveria ter sido fácil entrar na minha casa naquele dia.

“Desculpe, estou atrasado,” ele disse.

Minha presença no sofá o desequilibrou. Ele se aproximou, parou no meio do caminho e olhou para a cozinha. Eu geralmente estava na cozinha. Ele geralmente estava no sofá. Eu podia ver as engrenagens girando em sua cabeça. Ele deveria ir para a cozinha?



“Sente-se.” Eu apontei para a almofada ao meu lado. Não havia necessidade de mantê-lo mais a distância.

Ele se sentou a poucos centímetros de distância.

“O que você está lendo?” Ele olhou para o livro no meu colo.

“John Muir. Ouviu falar dele?”

Ele balançou sua cabeça.

“Ele era um homem habituado ao ar livre. Um conservacionista. Um pouco filósofo também.” Joguei o livro sobre a mesa de café.

“Eu posso ver por que você gosta disso.” Ele se concentrou em seu laptop, parecendo ocupado.

“Você deve ter páginas de anotações agora.”

“Eu tenho.” Ele parou de digitar.

“Algum progresso no perfil em si?”

“Oh não.”

“O que é isso?”

“Nada.”

Eu sempre sabia quando ele queria rir, ou quando algum pensamento estranho estava cruzando sua mente. Ele fazia um trabalho terrível ao esconder suas emoções.

“Diga-me,” eu disse.

Ele afundou mais na almofada e se encolheu. “Quando você... Bem, quando eu... Quero dizer, eu já escrevi uma frase, na minha área de trabalho em casa, e foi uma piada.” Ele não podia olhar para mim. “Foi depois do nosso primeiro encontro. Depois... Quando pensei que você me dispensou.”

“Bem, agora você tem que me dizer.”

Ele abriu e fechou a boca, e então digitou uma frase e virou o laptop para mim. No topo de um documento em branco, as palavras *Caleb Bright é um filho da puta.*

Eu ri tanto que meus olhos lacrimejaram.

Na borda da minha visão, eu podia vê-lo olhando para mim como se eu tivesse brotado uma segunda cabeça. Aparentemente, eu tinha sido mais um monstro do que eu percebi.

"Inspirador," eu disse quando recuperei o fôlego.

Ele sorriu apreensivo. "Eu estava meio louco. Foi idiota."

"Não. Eu fui muito rude naquele dia." O humor desapareceu da minha expressão. Eu fiquei pensando por um tempo, sobre o primeiro encontro com Michael e os que se seguiram. "Mais do que esse dia, realmente. Foi difícil para mim."

Seus dedos permaneceram muito parados no laptop.

"Minha namorada. Eu terminei. Eu disse a ela."

Eu olhei para ele bruscamente. "Disse a ela o que?"

"Oh, não, apenas não. Eu disse a ela que queria terminar, só isso. Eu nunca..."

Meu violino e violão ainda estavam na mesinha de centro. Eu me levantei, e comecei a andar de um lado para o outro. "Você está triste? Sobre o rompimento?"

"Não realmente." Ele encolheu os ombros. "Três anos é muito tempo, mas não tem sido bom por um tempo. Quero dizer, foi triste terminar, mas... Na verdade, a nossa interação parecia uma formalidade, sabe? Como declarar a coisa morta e óbvia." Ele relaxou visivelmente enquanto divagava sobre a separação. Ele me contou como eles haviam concordado sobre a guarda compartilhada do cachorro, e como ele pegaria a maioria dos eletrodomésticos porque ela iria ficar com a casa. Foi um alívio, ele disse, e ele pensou que Nicole, depois de sua irritação inicial, também parecia aliviada.

Eu balancei a cabeça e escutei, movendo-me para lá e para cá.

Eu queria pressionar a ponta do arco de violino em sua garganta e descer até o umbigo dele. Meu Deus, ele era lindo.



"Então, eu estou feliz," eu disse assim que ele terminou de falar. "Eu não queria que você fizesse algo que se arrependeria."

Sua cabeça ergueu. "Você... Tem experiência com isso?"

"Como arrependimento, ou com alguma outra coisa?" Eu ri e coloquei o violino debaixo do meu queixo. "Bem, de qualquer forma, estaríamos nos adiantando se conversássemos sobre isso." Toquei por um tempo como meio de distração. Era fácil perder-me no som do arco deslizando sobre as cordas, e não queria que Michael fizesse mais perguntas sobre arrependimento. Às vezes, ele era muito perspicaz.

Toquei um hino predileto, 'Wondrous Love,' e algumas canções seculares, 'Greensleeves,' 'Hallelujah' e o segundo movimento da *Serenata de Strings* de Antonin Dvorak - esse último, descaradamente, para um efeito impressionante. Funcionou. Quando abaixei o violino, Michael estava me encarando em transe.

"Venha aqui," eu disse.

Ele obedeceu, como se eu o tivesse encantado.

"Você quer tentar?" Eu ofereci o violino.

"Não vai sair nada de bom," ele murmurou. Seu peito estava subindo e descendo pesadamente e eu estava sem paciência. Eu abaixei o instrumento e estendi a mão para ele.

"Você ainda está usando o seu casaco." Eu o empurrei de seus ombros. Ele tentou ajudar, lutando contra o material parecido com lona, até que caiu. Ele cheirava como se tivesse se esforçado para cheirar bem, e no lugar de sua habitual camiseta gráfica ele usava uma camisa preta simples. Passei a mão por ele. "Não mude a maneira como você se veste para mim."

Eu fiquei de joelhos muito deliberadamente. Eu queria que ele soubesse que eu queria isso e que não estava agindo por capricho.

Eu o beijei através de sua calça jeans e ele respirou fundo. Ele já estava completamente duro. Eu segurei a pênis

dele e apertei a cabeça e murmurei contra o jeans. Ele gaguejou meu nome quase imediatamente.

"O que?" Eu sentei nos meus calcanhares.

"Posso me deitar?"

Suas pernas estavam trêmulas, seus joelhos trancados e suas mãos estavam fechadas ao lado do corpo. Eu levantei-me rapidamente. Sem uma palavra, subi as escadas até o sótão e ele me seguiu.

Ele parou ao lado da minha cama.

Eu tive que dizer a ele para ir em frente antes que ele se arrastasse para o colchão, então ele se virou e recuou desajeitadamente. Deitado, ele não parecia mais confortável do que de pé. Ele segurou meu edredom com as duas mãos, virou a cabeça e fechou os olhos como se estivesse prestes a suportar uma tortura.

Eu me ajoelhei sobre as pernas dele, esfregando sua virilha. Suas pernas se espalharam levemente e eu me esfreguei contra ele. Eu observei seu rosto, extasiado, quando pequenos espasmos de prazer saíam de seus lábios e fizeram suas pálpebras tremerem.

"Você está bem?" Eu disse.

Ele deu um aceno de cabeça tenso.

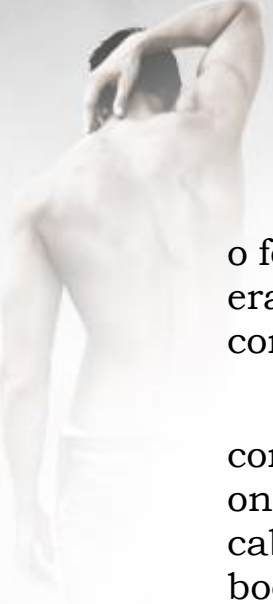
"Como está se sentindo?" Encontrei a cabeça dele novamente e massageei.

"Bom," ele engasgou.

Quando comecei a desfazer a calça jeans, ele se sentou empertigado.

"Você não precisa," ele disse. "Você não precisa fazer isso."

Eu fiz uma careta para ele, minha testa franzida. "Eu quero. Você não tem ideia do quanto eu quero." Minhas mãos estavam queimando onde eu o tocara e a saliva estava se acumulando em minha boca. "Michael, eu quero," repeti em voz baixa.



Abri o zíper do jeans dele e ele retomou uma postura que o fez parecer um pouco dolorido. Eu sabia, sem dúvida, que eu era o primeiro homem a fazer isso com ele, e esse conhecimento me fez tremer.

Eu abri seu zíper o suficiente para chegar a sua boxer - como se ele fosse um adolescente - e puxei sua ereção. Uma onda de vergonha rolou através de mim quando abaixei a cabeça. Eu estava faminto por isso. Eu o peguei em minha boca e chupei duro e rápido, mergulhando tão fundo na minha garganta que eu engasguei. Ele gozou de repente, quase instantaneamente, em um jato grosso.

Ele estremeceu e se levantou de novo, uma mistura de horror e confusão no rosto. “Eu sinto muito. Porra.”

Eu engoli e deixei ele deslizar para fora da minha boca.

Ele estava balançando a cabeça, o rosto vividamente brilhante. “Eu... Eu não estou acostumado com isso.”

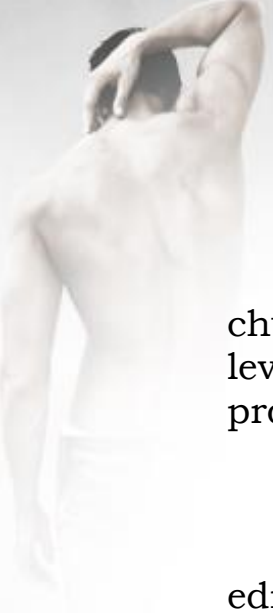
Ele estava constrangido, e não sei o que lhe custaria mais admitir - que gozou tão depressa ou admitir que não estivesse habituado ao sexo oral.

“Não se desculpe.” Eu puxei seu jeans e boxers, passando por seus ossos do quadril, e comecei a beijar sua pélvis, abdômen e estômago, respirando o almíscar daquela área privada. Eu arrastei meus dentes por sua pele e chupei suavemente, evitando seu pênis sensível. Eu não conseguia controlar o tremor nos meus membros quando me movi sobre ele. Eu empurrei sua camisa para cima em suas axilas e lambi e beijei seu peito, massageando com as minhas mãos. “Lindo,” eu coloquei meu nariz contra o peito dele e puxei o ar. “Michael... Tão lindo.”

Como sua namorada conseguia manter as mãos longe dele? E como eu, quando precisávamos trabalhar no perfil?

Ele endureceu novamente. Eu estava beijando suas costelas quando senti sua excitação cutucando meu estômago. Eu envolvi uma mão ao redor dele.

“Tente se segurar desta vez,” eu sussurrei em seu ouvido. “Tente me dar isso. Você entende? Eu preciso que dure por um tempo.”



Seus olhos se abriram e ele assentiu.

Eu fui mais devagar dessa vez, acariciando e beijando. Eu chupei suas bolas e lambi para cima e para baixo. Quando o levei na boca, perdi o controle de novo, forçando-o profundamente na minha boca, com força e rapidez.

“Por favor.” Sua voz estava áspera. “Cal... Devagar.”

Pela primeira vez, ele soltou seu aperto de morte no edredom e tocou meu cabelo. Estremeci e aliviei-o na minha boca.

Saliva e gozo rolavam pelo meu queixo.

Uma mancha grande e pegajosa estava crescendo em minha cueca boxer, e meu pau estava doendo, mas eu gostava da dor. Eu não tinha intenção de gratificar o meu desejo.

“Bom,” eu murmurei. “Puxe.” Eu estendi a mão e fechei os dedos dele em torno do meu cabelo. Ele entendeu a mensagem. Sempre que eu começava a chupar muito forte ou rápido, ele me puxava. Então eu recuava ofegante e voltava lentamente.

Nós continuamos assim pelo tempo que ele aguentou. Eu deixei minha garganta doendo com o pênis dele. Toda vez que eu engasgava, ele convulsionava e puxava o meu cabelo.

Finalmente, com uma voz tensa, ele disse: ”Eu preciso gozar agora.”

Eu olhei para o seu corpo e o peguei assistindo. Seu olhar estava fora de foco, escuro e o suor brilhava em seu rosto. Fechei meus olhos e o fiz gozar.



Capítulo 34

MICHAEL

Cal saiu de mim assim que o meu segundo orgasmo terminou. Ele engoliu em seco e lambeu os lábios, mas eu ainda podia ver uma faixa de sêmen secando ao longo de sua mandíbula. Durante a lenta e deliciosa tortura no meu segundo boquete, ele brincou comigo e segurou minha ponta contra os lábios e o rosto de modo que o pré-sêmen tinha escorrido nele.

E realmente, o que foi isso? Nenhuma mulher jamais me chupou assim, nunca, e todas as mulheres com quem eu estive alegaram amar fazê-lo. Mas Cal...

Eu esfreguei meu rosto e olhos. Cal, Cal... Ele parecia um animal faminto, tremendo o tempo todo, me afogando e depois me dizendo como precisava disso.

"Eu vou tomar um banho rápido." Sua voz me trouxe de volta à realidade.

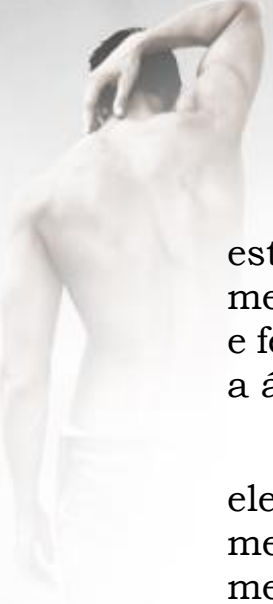
Sentei-me muito rápido e vi manchas - branco espectral, voando em todas as direções.

"Eu posso..." Eu deslizei meu jeans. "Você quer dizer..." Eu tentei olhar para frente de suas calças, mas ele se afastou da cama.

"Eu vou levar apenas alguns minutos."

"Bem, eu poderia..." *Eu poderia me juntar a você. Eu quero me juntar a você. Eu quero fazer você gozar também.* Aquelas palavras pertenciam a um amante muito mais maduro do que eu. Tudo o que eu era capaz de fazer era ver manchas e formar meias-frases.

Cal se inclinou e beijou minha testa, onde a pele úmida encontrou o cabelo úmido. De alguma forma, eu estava suando mais do que ele.



“Lindo,” ele murmurou. Eu teria encontrado aquele elogio estranho vindo de qualquer outra pessoa, mas vindo dele, isso me fez sentir raro e desejado. Ele entrou no banheiro principal e fechou a porta. A fechadura clicou - eu fiz uma careta - e ouvi a água correr um instante depois.

Ele não queria companhia, então. Eu me perguntei se ele iria se masturbar. O embaraço arrepiou a parte de trás do meu pescoço. Claro que ele iria; ele teria que cuidar de si mesmo. Eu provavelmente deveria tocá-lo, de alguma forma, durante nosso encontro, mas eu nem tinha pensado nisso.

Minha felicidade rapidamente se desfez em ansiedade. Eu pulei da cama e arrumei minhas roupas. Ele tinha um espelho no canto do quarto. Eu me examinei, arrumei meu cabelo e coloquei o edredom no lugar.

Então eu coloquei minha mão na cabeceira da cama, até que ele saiu do banheiro. O vapor rolava ao redor dele. Ele tinha uma toalha preta amarrada na cintura. Sulcos de músculo marcaram seu abdômen. Eu desviei o olhar. Eu olhei para trás. Ele riu.

”Desça as escadas, Michael,” ele disse. “Eu já vou descer.”

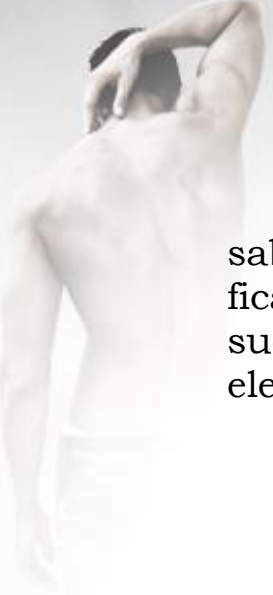
“Você tem certeza?” Eu coei a parte de trás do meu pescoço. Fazer um avanço não ia acontecer, já que eu nem conseguia sequer fazer meus olhos se moverem na direção apropriada, porém, se ele pedisse, ou me mostrasse ou me dissesse o que fazer...

“Sim.”

Sai do quarto.

A área principal da casa parecia ter mudado desde a minha viagem ao quarto. Passei os olhos pelos belos móveis, pelos carpetes macios e pelo piso de madeira clara da cozinha. Eu era um dos pertences de Cal agora? Ou, tendo estado tão perto dele, eu possuía uma pequena parte de sua vida? Eu toquei o violino na mesinha de centro.

Aquela música que ele tocou, e o jeito que ele parecia quando estava entre as minhas pernas, estaria para sempre escrita no livro da minha memória.



Ele desceu as escadas pouco depois, trazendo o cheiro de sabão e cabelo limpo. Ele deveria saber o quão atraente ele ficava de roupas pretas. Ele usava calça jeans preta e um suéter de cashmere escuro, que era uma roupa padrão para ele.

Ele viu meus dedos no violino.

"Quer aproveitar suas chances com isso agora?"

"Oh, não." Afastei-me do instrumento. Eu não tocaria no violino depois que ele tocou aquela bela música. "Que música foi aquela?"

Ele sabia qual delas eu queria dizer, a último. "Antonin Dvorak. *Serenade for Strings*, o segundo ato. Encantadora, certo?"

Eu balancei a cabeça, observando-o entrar na cozinha.

"Eu a toquei para seduzi-lo." Ele ergueu as sobrancelhas escuras. Havia um vislumbre de diversão em seus olhos, mas ele não sorriu. "Vamos fumar."

E agora eu estava realmente convidado para fumar, convidado para o convés sagrado dele, e ele não me olhava com fúria e nem se afastou quando eu estava à mesa ao lado dele. Eu me perguntava se seria sempre assim agora, ou se eu estava sonhando.

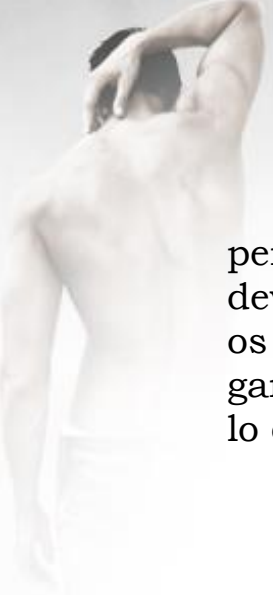
"Você parecia bem tocando." Olhei para o lago. Nós nos sentamos de tal forma que nossos braços e cotovelos se tocavam ocasionalmente e eu prendia a respiração toda vez que eles se tocavam. Ele parecia zangado quando tocava a música e apaixonado.

Ele fumou em silêncio.

"Você se importa?" Eu toquei o pacote.

Ele hesitou e depois me passou seu cigarro meio fumado. "Termine o meu." Ele acendeu outro para si mesmo. "O que você pensa sobre isso?"

Eu estava pensando sobre ele me chupando com tanta força que quase doía. "Eu não sei," eu disse. "Nada realmente."



“Eu sei o que você está pensando. Também estou pensando nisso.” Ele passou a mão pelo cabelo molhado, que deveria ficar gelado no ar de outubro. Ele estava pálido, com os olhos ao longe. “Eu me certifiquei de machucar minha garganta. Quando você não estiver aqui amanhã, quero sentilo e lembrar onde você estava.”

Eu olhei para o seu perfil, estupefato.

“Da próxima vez, eu quero você no topo, empurrando em minha boca.” Ele colocou a testa na palma da mão e fechou os olhos. “Sim,” ele sussurrou. “Isso vai ser bom.” Sua voz tinha diminuído para quase um sussurro. Ele parecia mais pálido do que há pouco, cinza-branco.

“Você está bem?”

“Estou bem.” Ele riu com indiferença. Mais silêncio se estendeu entre nós, silêncio confortável, e então ele disse: “O que é isso para você?”

“O que?”

“Isso, tudo isso.” Ele gesticulou de volta para a casa. “O que é isto para você? Você está se apaixonando por mim? Curioso?”

Eu pisquei algumas vezes. “Não, eu...”

“Você não está se apaixonando por mim?” Ele pressionou. “Com meu dinheiro, meu sucesso e meu violino?”

Eu não poderia dizer se ele estava se preparando para ficar com raiva e eu não queria que nosso bom relacionamento acabasse tão cedo. “Isso não é realmente justo.”

“Curioso, então? Você obviamente nunca esteve com um homem.”

Meu rosto se aqueceu. Ele bagunçou meu cabelo; o gesto só conseguiu me fazer sentir ainda menor. “O que sou para você?” Eu soltei. “Uma sombra triste de Jamie Foust?”

Ele endureceu e eu instantaneamente desejei poder pegar de volta as palavras.

Ele apagou o cigarro e entrou.

Eu corri atrás dele. “Eu sinto muito.”

“Estou exausto. Café, eu acho.” Ele se segurou no balcão. “Você faria isso? Ali...” Ele apontou para a cafeteira e se moveu para o sofá.

Eu encontrei o café moído no armário e comecei a preparar a cafeteira, mas quando o suficiente para um copo estava pronto, Cal estava dormindo. Eu fiz uma careta para sua figura esparramada.

“Cal,” eu sussurrei. Antes, ele nunca havia cochilado na minha presença. Então, novamente, não era um dia comum para nós.

Ele parecia tão pálido, porém, e estranhamente imóvel. Eu balancei seu ombro gentilmente. Nada. Eu segurei minha mão na frente de seus lábios e senti uma pequena lufada de ar.

Eu não pude evitar - eu enfiei uma mecha de cabelo atrás da orelha dele e passei meus dedos por suas costas. Mesmo no sono, ele parecia invulnerável, silenciosamente ameaçador.

Peguei meu laptop e sentei no chão ao lado do sofá, ouvindo sua respiração.

O relógio de pêndulo soou às três da tarde, depois as quatro e depois as cinco. Reli todas as minhas anotações referentes ao perfil. Elas pareciam muito tolas agora.

“O que você está fazendo?”

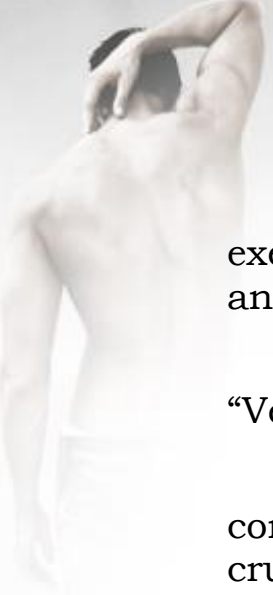
Sua voz me fez pular.

Seus olhos escuros estavam abertos, olhando para mim intensamente. Eu não tinha percebido o quão preocupado eu estava até aquele momento. Eu caí para frente e exalei. “Oi.”

“Michael...” Sua voz estava cheia de fadiga. Ele passou os dedos pelo meu cabelo e desceu pelo meu pescoço. Eu relaxei outro grau. “Oi.”

“Oi,” eu murmurei novamente.

Ele riu. “Por que você está sentado no chão?”



“Você... desmaiou.” Eu queria deitar ao lado dele. Ele exercia uma poderosa e magnética espécie de atração, mas a ansiedade e a incerteza me repeliam.

“Adormeci. Olhe para você.” Ele acariciou meu pescoço. “Venha aqui.”

Ele abriu espaço no sofá e eu voei para ele, me enrolando contra seu corpo. Eu não sabia onde colocar minhas mãos. Eu cruzei meus braços entre nós e me deitei ao lado dele, auto conscientemente, e com alívio passando por mim.

Ele colocou um braço sobre mim, seu queixo no meu cabelo.

“Você estava preocupado?” A diversão fazia cócegas em sua voz.

“Estou bem.”

“Você se sentou no chão esse tempo todo?”

“Não.” Fechei meus olhos. “Eu estava apenas checando você.”

Sua risada suave vibrou contra mim.

“Estou um pouco anêmico, Michael.”

“Está?”

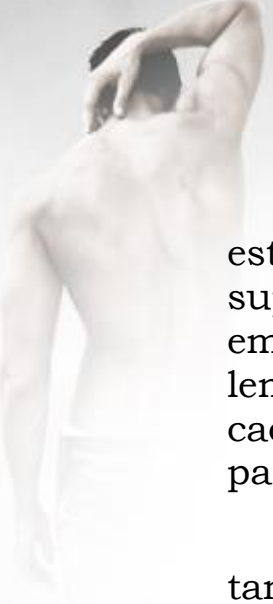
“Sim. Isso me deixa tonto às vezes. Nada para se preocupar.” Ele me acomodou mais perto dele e beijou o topo da minha cabeça, e então ele se sentou e suspirou. “Eu deveria comer.”

“Posso ajudar?” Eu saí do sofá e fui para a cozinha. Estava tão perto dele, que eu estava ficando excitado, e eu não precisava disso agora.

“Sim, por favor. Tem espinafre... Na geladeira.” Ele soou sem fôlego e permaneceu no sofá por um tempo, com as mãos apoiadas nos joelhos.

“Então, isso é normal?” Eu puxei o recipiente de plástico para fora da geladeira.

“Completamente. Eu fui a um médico. Não se preocupe.”



“Eu não estou. Apenas perguntando.” Eu sabia que ele estava mentindo terrivelmente, mas meu orgulho só podia suportar um pouco de castigo. Mais cedo, ele colocou a boca em mim e eu explodi espontaneamente. Eu estremeci com a lembrança. Agora, ele me pegou sentado no chão como um cachorro enquanto ele dormia, e eu estava fazendo comida para ele. “O que eu faço com isso?”

“Lave, e coloque em uma tigela. Consiga algo para você também.” Ele estava me observando. “Qual é o problema?”

“É engraçado cozinhar para você.”

Ele riu. “Primeiro de tudo, você não está cozinhando. E segundo, confie em mim, eu prefiro estar fazendo isso, mas estou tonto.”

“Não, eu estou feliz em ajudar.” Eu fiz uma tigela com folhas de espinafre e polvilhei com vinagre balsâmico por cima. Para mim, encontrei *Honey Bunches of Oats*[12].

Cal rezou rapidamente com a cabeça abaixada e os olhos fechados, como fazia antes de cada refeição.

Quando me mudei para sentar no final da mesa, ele sorriu e empurrou a cadeira ao lado da sua. Eu me movi sem olhar para ele.

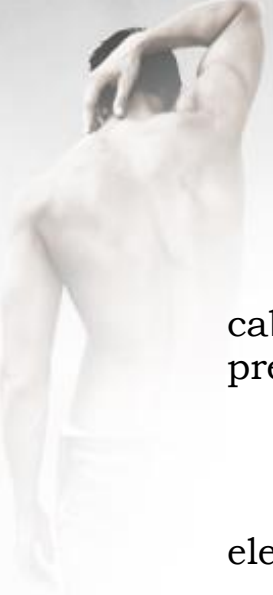
“Obrigado,” ele disse. Sob a mesa, ele segurou minha coxa por um momento. “Se eu não estivesse tão cansado...”

Eu quase cuspo o meu cereal. “Não se preocupe.” Eu me inclinei sobre a tigela. Se ele não estivesse tão cansado, o que? Eu o imaginei embaixo da mesa e então tive que parar de imaginá-lo.

Por um tempo, os únicos sons eram os nossos utensílios, o esmagar de cereais e o relógio. Eu observava seus antebraços. Ele tinha levantado as mangas do suéter e eu podia ver os finos cabelos escuros sombreando sua pele. Veias azuis se espalharam por cima das mãos dele. Ele usava um pesado relógio de prata e uma faixa esticada ao redor do pulso.

Eu poderia observá-lo assim pelo resto da noite.

[12] É uma marca de cereais frios da Post Holdings.



“Sobre Jamie,” ele disse baixinho.

Eu teria jurado que a temperatura caiu. Eu balancei a cabeça e apunhalei meu cereal encharcado. “Você não precisa. Eu sinto muito. Isso não seria apropriado.”

“Não, seria, e quanto você sabe?”

“Nada realmente. Eu vi uma pequena foto. Eu sei que ele... Faleceu.”

“Claro.” Cal balançou a cabeça lentamente.

“Sua irmã...”

“Sim, eu sei que ela o mencionou.” Ele encostou seu garfo. “Ela o conhecia, mais ou menos. Todos nós frequentávamos o mesmo acampamento nos verões.”

“Acampamento Apache?” Lembrei-me do nome das minhas anotações.

“O jornalista investigativo trabalhando duro.” Um traço de cinismo entrou em sua voz.

“Eu sinto muito. Eu só pesquisei no Google.”

“Não importa.” As palavras saíram gradualmente, como se ele tivesse que forçar cada uma delas. Ele respirou fundo e encolheu os ombros. “Foi um acampamento Cristão. Nós éramos campistas quando nos conhecemos. Nós tínhamos uns dez anos, e nós dois falhamos nos testes de natação e tivemos que ter aulas para essa atividade. Então, nos tornamos amigos instantâneos. Eu nunca tive paciência para agradar um grande círculo social. No acampamento, ele e eu éramos...” Ele gesticulou. “Você sabe, dois amigos inseparáveis.”

Alguma cor voltou ao seu rosto, mas a sua expressão estava abatida. Ele levou nossos pratos para a pia. Eu queria repetir que ele não precisava contar a história - isso lhe causava uma dor tão óbvia - mas eu era muito curioso e egoísta demais. Jamie Foust e eu parecíamos. No mundo de Cal, estávamos ligados. Eu queria saber como.

“Nós ficávamos juntos durante o verão, e quando não estávamos juntos, nós trocamos algumas cartas entre os verões. Começamos a trabalhar na equipe quando tínhamos

idade suficiente. Dezessete. Nós dois tínhamos dezessete. Nós trabalhamos na cozinha. Eu participava de alguns retiros. Era um bom lugar, uma boa atmosfera. Nós trabalhávamos o verão todo, basicamente."

Tentei imaginar Cal, de dezessete anos, no acampamento de verão. Talvez um Cal mais feliz. Talvez um Cal menos intimidante, embora eu duvidasse disso.

"Eu preciso de um cigarro," ele disse.

Segui-o e fiquei encostado no corrimão enquanto ele andava de um lado para o outro e fumava.

"Nós éramos melhores amigos, como eu disse. A maioria dos caras da equipe estava... Preocupados com as garotas. E as garotas estavam preocupadas com os caras. Todos pareciam relacionados. Adolescentes no verão." Ele acenou com a mão que estava com o cigarro. "Jamie e eu passávamos todo o nosso tempo livre juntos. Nós nos dávamos bem, sabe? Tínhamos o mesmo humor, eu acho. Nós pescávamos e caminhamos em nosso tempo livre, ou apenas tocávamos música. Os garotos das equipes saiam muito à noite, para jogar partidas ou apenas para se sentarem junto ao lago. Jamie e eu costumávamos caminhar até esse lugar na floresta de Council Rock. Nós roubávamos refrigerantes da cozinha e fazíamos uma fogueira. Tenho certeza de que você pode ver para onde isso está indo."

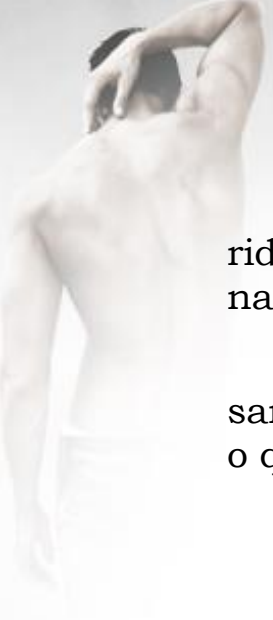
"Diga-me de qualquer maneira," eu disse. "Por favor. Eu não quero adivinhar."

Ele acendeu outro cigarro e parou no corrimão. "Ótimo." A maneira como ele olhava para as montanhas, eu sabia que ele estava visitando o passado. "Nós estávamos voltando de lá, e já era tarde. Nós estávamos apenas sendo bobos, empurrando um ao outro. Eu acho que o empurrei um pouco forte, e depois nós estávamos lutando, isso foi isso. Ele tentou me beijar."

Ele parou de falar e ficou quieto, como se o resto fosse auto-explicativo.

"O que aconteceu?" Eu me aproximei.

"Eu dei um soco na boca dele."



Se não fosse pela expressão dolorida de Cal, eu teria rido. *Eu dei um soco na boca dele*. Ele disse isso com naturalidade.

"Ele só... Não me soltou. Eu rasguei o lábio dele e estava sangrando. Mas ele sabia." Ele exalou suavemente. "Ele sabia o que estava acontecendo antes de mim."

"Você... Bateu nele de novo?"

"Não, graças a Deus. Nós continuamos brigando, meio que lutando, só... Bem, eu vejo o que estávamos fazendo agora. Nós estávamos tentando sentir, mas éramos apenas garotos, você sabe."

Eu não sabia. Meu primeiro encontro sexual foi uma situação desleixada depois de uma festa na faculdade. Eu invejei Cal com sua luta na floresta. Por mais juvenil que ele pudesse ver, soava infinitamente mais puro do que o meu encontro bêbado com uma garota bêbada.

"E depois?" Eu tive que continuar insistindo com ele agora. Ele estava perdido na memória.

"Ah não. Nós estávamos muito próximos do acampamento e ficamos assustados. Mas nos encontramos mais tarde, no entanto. E na outra noite, e não havia mais socos, apenas uma ocasional luta livre."

"E foi do mesmo jeito?"

Ele finalmente olhou para mim. Uma coluna de cinzas caiu de seu cigarro. "Você não quer todos os detalhes vulgares, não é?"

Eu desviei o olhar. "Sim."

"Hm." Ele passou um dedo na minha bochecha quente, e então ele retomou sua história. "Sim, da mesma maneira, no começo. Nós apenas nos esfregamos através das nossas calças. Parece estúpido agora, mas nós éramos virgens. Na metade do tempo, eu estava gozando na minha boxer, e eu sei que ele também estava. Nós fizemos outras coisas, eventualmente."

"Como o quê?" Eu lutei em manter um tom indiferente.



Ele pensou por um momento. “A mesma coisa, mas era pele contra pele.” Ele estava tentando narrar de forma delicada. “E o que eu fiz para você mais cedo.”

“Você fez isso com ele?”

“Nós fizemos isso um com o outro.”

“Eu posso fazer isso, você sabe,” eu disse com pressa.

Eu me dei conta dele me observando novamente. “Oh?”

“Sim.” Eu balancei a cabeça resolutamente. Jamie fez isso por ele. Eu também poderia fazer isso. Eu até queria, mais ou menos, embora soubesse que de alguma forma me envergonharia.

“A ideia não te enoja?” Ele agarrou meu queixo e me fez olhar para ele. A ponta de seu polegar passou pelos meus lábios, que se separaram instintivamente. Meu coração começou a galopar. Ele ia fazer isso comigo agora?

“Nojo?”

“Uma coisa é ter a boca de um homem em você, Michael, e outra bem diferente é tê-lo em sua boca.”

Ele realmente sabia como acalmar um cara.

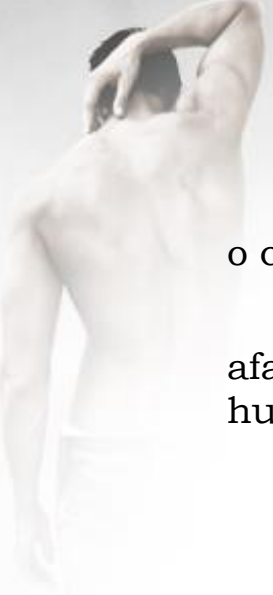
“Você parece... Fazer tudo bem.”

“Isso é porque eu gosto disso. Estou torcido por dentro.” Ele soltou meu queixo. “De qualquer forma, não se preocupe. Eu não quero isso.”

Eu engoli e resisti à vontade de esfregar minha boca. Meus lábios estavam úmidos, muito sensibilizados pelo seu toque. Eu olhei para minhas mãos. Ele não queria isso comigo. Ele deixara Jamie fazer isso, mas nem queria que eu tentasse. Decepção e um forte sentimento de inadequação me invadiram.

“Claro,” eu disse.

Aparentemente, conheci alguém que queria me explodir e não receber nada em troca. Eu devia me sentir sortudo, certo? Mas ele estava me roubando à chance de dar prazer a ele, e eu queria fazer isso. Eu queria saber como era.



“Essas coisas são piores quando estou tonto.” Ele apagou o cigarro. “No entanto, é um prazer tão culpado.”

Nós voltamos para dentro. Senti que me distanciara dele, afastei-me novamente, num nível íntimo. Se ele notou meu humor declinante, ele resolveu ignorar.



Capítulo 35

CALEB

Michael tentou levar a conversa de volta para Jamie, mas eu interrompi. “Chega disso hoje,” eu disse, porque meu coração estava dolorido.

“Eu pareço com ele,” ele disse.

“Você parece, e é estranho.”

“É por isso que você gosta de mim?” Ele enfiou as mãos nos bolsos e caminhou em direção a sala. Ele estava tentando soar adulto e corajoso, ou alguma versão imaginada de maduro. “Eu não me importo se essa for à razão. Faz sentido.”

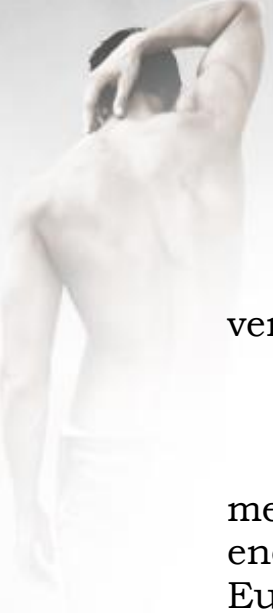
“Em parte sim, Michael, mas apenas no começo.” Eu me movi para trás e coloquei a mão no seu ombro. “Mas, eu vejo você, não vejo o Jamie. Foi *você* que eu quis levar para a cama hoje.”

Ele se enrolava sempre que falava sobre qualquer coisa sexual. Senti seus ombros tensos e ele cruzou os braços sobre o peito. Isso me fez querer mais, essa timidez. Eu sabia que não duraria para sempre. Eu seria o único a esmagá-lo; ele viria para mim tantas vezes que toda a sua timidez se desgastaria. Por enquanto, no entanto, era incrivelmente sedutor.

E isso fez com que esse toque de tristeza fosse difícil de entender. Eu disse a ele que não queria que ele me chupasse. Isso deveria ter sido um alívio, dada a sua timidez incapacitante. Em vez disso, ele recebera a notícia como um golpe.

Eu me acomodei em uma poltrona e observei-o, imaginando. Ele realmente queria fazer isso ou estava competindo com o fantasma de Jamie?

Ah, Jamie... Ele adorava fazer isso. Eu fechei os olhos e me lembrei da primeira vez, sua língua em mim, o sol ao nosso redor.



"Cal?"

Eu abri meus olhos. Foi um choque para o meu sistema ver Michael parado ali, parecendo muito com o Jamie.

"Você está se sentindo bem?"

Eu sorri placidamente. "Sim." Não era mentira. Eu tinha me cortado muito fundo durante o meu banho e o sangue encheu o fundo da banheira como um lençol vermelho difuso. Eu passara a maior parte do tempo no banheiro tentando estancar o sangramento, e quando finalmente enfaixei e esterilizei a ferida, meu pênis estava macio e minha cabeça estava nas nuvens.

Perigoso... Eu quase desmaiei.

No entanto, eu gostava de andar nesse limite onde quase desmoronava. Tudo permanecia uma névoa.

"Você está tonto?"

"Só um pouco. Vamos acender a lareira, mas com isso, eu quero dizer, que vou apenas observá-lo colocando a lenha." E ele obedeceu porque sua ansiedade crônica o deixava inquieto.

Ele havia deixado seus tênis na porta do convés. Suas meias pareciam relativamente novas, assim como sua camisa. Ele provavelmente tinha me imaginado o despindo hoje. Eu sorri para mim mesmo.

Sob toda a força da minha atenção, seu nervosismo triplicou. Ele soltou um tronco, e xingou. A corrente que prendia os troncos se soltou, e ele pulou.

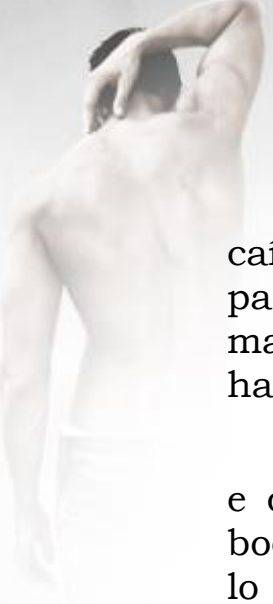
"Se eu dissesse para você relaxar teria algum efeito?"

Ele sorriu. "Provavelmente um efeito negativo, para ser honesto."

"Então relaxe." Eu ri. "Isso é tão divertido."

"Você é um tipo de idiota."

"*Caleb Bright é um filho da puta*," eu brinquei.



Ele riu e balançou a cabeça. Mechas macias de cabelo caíram sobre a testa dele, nos olhos dele. Eu olhei abertamente para o seu corpo. Ele era esguio - proporcionado e de pele macia - e tão sensível que eu juraria que ninguém jamais o havia tocado.

Depois que ele acendeu o fogo, ele se ajoelhou no tapete e observou as chamas. Pensei em dizer tantas palavras - a boca dele em mim, ou dizendo-lhe para relaxar antes de levá-lo por trás - e então subia em cima dele, pressionando-o no carpete.

“Relaxe,” eu sussurrei em seu ouvido.

Eu o acariciei através da calça. Quando ele tentou desabotoá-la, prendi seus pulsos atrás da cabeça dele com uma das mãos.

“Cal,” ele ofegou com urgência. “Eu preciso...”

Eu disse a ele para relaxar novamente, eu disse a ele que estava tudo bem, e o masturbei até que ele gozou em sua cueca. Assim que eu soltei as mãos, ele recuou.

Ele olhou para mim e esfregou os pulsos.

“Por que diabos você fez isso?” Ele retrucou.

“Porque eu queria,” eu respondi simplesmente. “Porque eu quero que você pense em mim enquanto você dirigir para casa, e agora você vai ter que ir, não é?”



Capítulo 36

MICHAEL

Foi difícil sair naquele dia, mas depois do que Cal fez comigo, não tive muita escolha. Ele parecia não ter outra finalidade prazerosa além de me ver ajustar o meu jeans e andar desconfortavelmente para o meu laptop. Ele voltou para a poltrona e apenas sorria maliciosamente, o queixo na palma da mão, olhos escuros me observando andar pela sala.

"Eu teria pensado em você de qualquer maneira," eu murmurei.

"Eu prefiro assim. Eu estarei pensando em você também."

A parte de trás do meu pescoço estava em chamas.

"Vai secar e ficar colado no seu corpo," ele acrescentou.

"Você é louco." Eu peguei meu computador e fui amarrar meus sapatos. Não importava como eu me levantava ou sentava, a mancha úmida em minha cueca estava em destaque.

Eu não estava realmente com raiva, no entanto. Eu estava envergonhado e excitado. Ainda assim, me vi invejando Jamie novamente, que conseguira Cal quando ambos eram ingênuos.

Eu peguei o meu casaco e fiquei vagando pela porta da frente.

"Bem," eu disse.

Ele permaneceu sentado, olhando para mim. Agora estava ficando estranho. Eu meio que esperava que ele me levasse para fora, algo que ele só tinha feito quando eu tinha encontrado sua irmã, ou talvez para me beijar, o que era ridículo, porque ele não tinha me beijado na boca durante todo o dia. Talvez ele não tenha dado importância ao beijo na

boca. Nada demais. Eu não era tão sentimental ao ponto de desejar um beijo de despedida, certo?

"Você está bem, Michael?"

Eu era Michael para ele, sempre, nunca Mike. Eu gostava daquilo.

"Estou fodido. Vejo você na quarta-feira?"

"Quarta-feira." Ele moveu dois dedos em uma onda diminuta.

***

O plano de Cal junto à lareira funcionou como pretendido. Eu pensei nele todo o caminho até em casa: a boca e as mãos, os braços, os olhos e a voz. Deixando as montanhas, senti que estava voltando à realidade de um sonho. Nada disso poderia ser real e eu não me permitiria repetir a experiência.

Eu joguei durante parte da manhã na terça-feira, entrei em competições de Overwatch competitivas de ponta a ponta, e enquanto eu estava terminando, recebi um novo assinante (*cbsonofab*) e uma doação de cem dólares do mesmo, nenhuma mensagem. Meu rosto ficou vermelho na frente de cinco mil espectadores.

"Oh maldito! CB lançou um novíssimo *Sub* e *Top* bem no final do *stream*. Gente, nós poderíamos passar para os microfones modo *on-line* e soltar os microfones no chat, por favor?" Ele estava assistindo meu canal. Eu me movi na minha cadeira. "Droga, cara. Isso foi enorme. Muito obrigado. Nem mesmo deixou uma mensagem, apenas soltou o microfone e foi embora."

Durante meu *stream*, eu tinha uma piada (e altamente chauvinista) que envolvia dizer ao principal doador do dia que ele tinha *'o maior pau do bate-papo'*. Sempre que recebia uma grande doação ou quando um espectador superava a maior doação do dia, eu fazia um discurso sobre como o doador tinha o maior pau/salsicha/pênis. Mas eu não faria isso com Cal.

Eu não poderia dizer isso sem tropeçar nas palavras e ele já tinha muitas risadas às minhas custas.

"Que ótima maneira de acabar com o canal," eu disse rapidamente, inclinando a cabeça em direção a webcam. "Obrigado pelo apoio insano hoje, pessoal. Se for a sua primeira vez aqui e você gostou do que viu não se esqueça de clicar no botão *'Seguir'*. E eu vou ter que dar o fora agora, caras. Fiquem de olho no *Twitter* para novas atualizações do cronograma. As coisas estão um pouco soltas ultimamente, junto com coisas da vida real, mas eu vou estar de volta à minha programação regular em breve. Paz."

Eu tirei o meu micro fone e me afastei da mesa.

Segundos depois, um texto do Cal pingou no meu celular.

Cadê o meu discurso de maior pau? Cancelar/deixar de seguir.

Ele havia percebido os hábitos do chat Twitch, e o meu canal em particular, com uma velocidade alarmante.

Eu pensei por um tempo antes de responder. Era muito mais fácil brincar com o texto.

Eu realmente não sei disso, agora eu vou saber?

Eu esperei por uma resposta que nunca veio.

Jk[13], adicionei alguns minutos depois.

Ainda assim, ele ficou em silêncio.

Eu fiz uma careta para Furio. "Cara, eu fiz uma piada sobre o tamanho de um pau e ele não está respondendo." Furio inclinou a cabeça, alheio aos meus problemas humanos. E se Cal não fosse grande ou mesmo médio? E se, de alguma forma improvável, ele fosse sensível e autoconsciente sobre isso? Eu enterrei meu rosto em minhas mãos. "Eu sou um idiota."

Eu não me importava com o tamanho dele, mas ele poderia se importar; é claro.

[13] Apenas brincando.

Inferno, se ele fosse pequeno, até poderia facilitar algumas coisas...

"Não," eu disse em voz alta, abruptamente. "Eu não vou pensar sobre isso."

Passei o resto do dia pensando nisso e arrumando meus pertences em caixas e sacolas. E checando meu telefone, que estava em silêncio.

Eu assinaria o contrato para o meu novo apartamento na quinta-feira e começaria a levar as caixas no fim de semana. Eu tinha alguns amigos que tinham caminhões, mas não queria contar a eles sobre o rompimento. Eu ainda não tinha contado aos meus pais. Eles gostavam de Nicole e gostavam de me ver semi estabelecido. Aos seus olhos, romper e sair de casa seria uma regressão.

Acordei muito cedo na quarta-feira, às quatro e meia, e com aquele estado de alerta distinto de que não voltaria a adormecer. Eu acabei relegado ao sofá, mas o sofá não era o culpado pelo meu despertar precoce. Não, eu estava ansioso para ver Cal, e eu estava inconscientemente preocupado com os nossos textos.

Certa vez, Nicole me disse que eu analisava demais as coisas *'como uma garota'*. Talvez ela estivesse certa, embora eu suspeite que pensar demais não seja algo específico de um gênero.

Seja qual fosse o caso, fiquei me perguntando o que Cal estava tentando dizer com seu texto ontem - se ele estava flertando ou sentindo minha falta, ou apenas me provocando - e *como* e o *porquê* minha resposta o havia silenciado.

Fiz minha cama improvisada e preparei o café. Furio saiu do quarto de Nicole, piscando devagar, para avaliar a situação, mas nem ele estava interessado em levantar naquela hora. Ele se enrolou no lugar quente que eu tinha deixado no sofá.

Eu chequei meu e-mail, fiz um *brainstorming* de um novo post no blog e, com três xícaras de café bombeando através de mim, fiz o impensável. Coloquei shorts de basquete e um moletom e fui dar uma corrida.

Eu mal cheguei ao redor do nosso pequeno bloco, mas cambaleei de volta para a casa me sentindo extremamente orgulhoso. Nicole já estava acordada e ela me encarou como se eu fosse um invasor de casas.

"Há quanto tempo você está acordado?" Sua voz estava fria. Eu podia ouvir a suspeita nela. Durante três anos, ela tentou me motivar a malhar e, de repente, estávamos nos separando e eu estava correndo por conta própria.

"Muito tempo," eu disse. "Não tenho certeza do horário."

Fui para o banheiro antes que ela pudesse perguntar o que realmente queria perguntar.

Na esperança de durar alguns segundos a mais, se Cal me tocasse hoje, eu me masturbei no chuveiro. Eu pensei nele. Pensei na pergunta que ele fizera quando me ofereci desajeitadamente para masturbá-lo. *A ideia não te enoja?*

A resposta foi não, inequivocamente.

Ele me disse para não mudar a maneira como eu me vestia, então eu coloquei uma camiseta de *Game of Thrones* que dizia *Crows Before Hoes*[14]. Parecia comicamente apropriado, e desde que tínhamos assistido a série juntos, eu sabia que ele entenderia.

Dirigi para Red Feather e cheguei alguns minutos antes das onze.

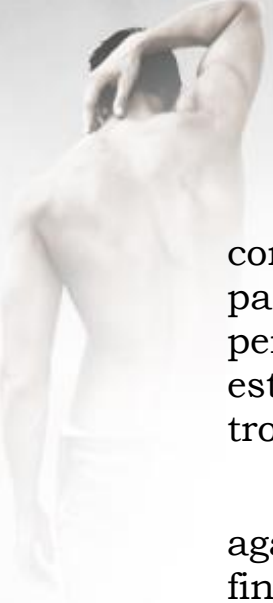
Cal estava saindo do anexo quando eu entrei. O cheiro limpeza e de tinta o seguia. Seu cabelo estava preso e ele usava uma calça escura baixa, pendurada em seus quadris.

"Você nunca vai acreditar no que eu fiz esta manhã," eu disse.

Ele se aproximou, sem sorrir, e eu me achatei contra a porta.

Eu estava aprendendo a reconhecer aquele olhar particular em seu rosto.

[14] Em tradução livre pode ser: Manos antes das vadias.



Sua mão se fechou ao redor da minha garganta, comprimindo as vias aéreas até que somente o ar podia passar. Então, ele praticamente ficou em cima de mim. Suas pernas e joelhos empurraram contra as minhas, junto com seu estômago, peito e ombros. Ele deve ter sentido meu coração trovejante.

"Isso é grande o suficiente para você?" Ele assobiou. Ele agarrou minha mão e a segurou entre suas pernas. O tecido fino de sua calça se esticava sobre sua ereção, e ele era grosso e longo, e malditamente irritante.

Não era pequeno.

Nem mesmo na média.

Fechei meus olhos lacrimejantes e puxei o máximo de ar que pude.

"Você quer isso bem fundo em sua garganta?"

Eu não pude responder e ele sabia disso. Eu mal conseguia respirar. Ainda assim, tentei acariciá-lo.

Seus dedos me apertaram.

Por um momento vertiginoso, eu me perguntei se ele sabia o que diabos estava fazendo, e o pensamento de que ele realmente poderia ter matado Jamie Fous passou pela minha mente.

Ele soltou meu pescoço e eu caí contra ele.

"Foi uma piada," eu ofeguei.

Mas não foi uma piada para Cal, aparentemente. Ele segurou meu braço e me arrastou para cima. Eu fui de bom grado, embora estivesse tremendo. O loft estava escuro. Ele deslizou meu laptop em uma cadeira e ele me despiu bruscamente, tirando meus tênis e meias, jeans, boxers, jaqueta e camisa, até que fiquei nu na frente dele.

Ele me empurrou e eu caí no edredom, e então ele estava em cima de mim, me beijando , mordendo meus lábios e puxando meu cabelo. "Michael," ele engasgou. "Michael."

Nossos corpos escovaram, e eu percebi que ele tinha tirado seu pênis de sua calça.

Meus calcanhares cavaram no colchão. Eu esfreguei meu comprimento ao longo dele novamente e ele gemeu. Eu queria tanto ouvir isso - fazê-lo fazer isso.

“Tire a minha camisa,” ele disse.

Eu a tirei sobre sua cabeça e me agarrei a seus ombros. Eu queria alcançar entre nós, senti-lo. Por que eu não conseguia fazer minhas mãos passarem lá? Tentativamente, movi minhas palmas entre seus braços e costas. Ele estava todo rígido.

Ele pegou algo na mesa de cabeceira, e então ele levantou seus quadris o suficiente para espalhar fluido quente e brilhante sobre o meu eixo.

“Deus,” ele sussurrou. “Agora. Bem assim.”

Nós nos esfregamos firmemente, nossas ereções deslizando e batendo. Eu estava quase gozando e ele parecia saber disso. Ele diminuiu a velocidade, quase parou. Meus dedos estavam cavando suas costelas.

“Você precisa gozar?” Sua voz estava tensa.

Eu balancei a cabeça, meus olhos se fecharam.

“Então, Michael.” Ele começou a se movimentar novamente. “Goze para mim.” A frente de sua calça estava pressionando contra minhas bolas, criando um tipo diferente de atrito. Ele sabia exatamente como se mexer para fazer me aproximar do clímax de novo e de novo. Seu cabelo estava solto. Ele pairou sobre o meu rosto, aliviando minha pele. Eu provei suor, senti cheiro de lenha. Quando eu abri meus olhos, eu o vi bombeando em cima de mim, seu peito, seus braços, sua respiração estava no meu cabelo, e eu gozei com um gemido.

Depois, ele beijou minha boca. Ficou mais fácil, então, enrolar meus braços em volta do pescoço e levantar minha barriga para a dele.



Ele me rolou para o meu lado e se moveu para trás de mim. Meus olhos se abriram. Ele ainda estava duro, descansando ao longo da fenda do meu traseiro. Eu fiquei completamente parado. “Cal...”

“Em seu estômago,” ele murmurou, me empurrando para baixo.

Meu coração batia contra a cama.

Ele se instalou em cima de mim e pressionou minhas pernas juntas. Eu devo ter parecido patético, tremendo e me agarrando a um travesseiro.

“Apertado,” ele disse.

Eu não entendi até que seu eixo mergulhou entre as minhas coxas. Eu sacudi com alívio. Ele segurou meu pescoço e segurou meu cabelo enquanto empurrava. Apertei minhas pernas com mais força e tentei levantar meu quadril para que sua cabeça sensível não esfregasse contra a cama.

Ele não foi gentil comigo. Eu gostei daquilo. Empurrei com força contra o seu corpo, sentindo sua força e a minha, e ele me segurou e se forçou contra mim. Quando ele gozou, ele mordeu meu ombro com tanta força que soube que seus dentes deixariam uma marca.

A maior parte do seu esperma acabou na cama, mas algumas gotas mancharam meu abdômen. Eu me abaixei e me toquei, não sei por que, exceto por me deixar extremamente feliz, sabendo que ele tinha feito isso comigo.



Capítulo 37

CALEB

Meu coração batia forte em meus ouvidos como o oceano em uma concha. Pobre e apavorado Michael, todo meu desejo se rompeu contra ele. Pelo menos eu não o machuquei. Pelo menos eu não o forcei a algo mais doloroso e errado.

Eu puxei minha calça e rolei para fora dele. Eu olhei para o teto, meu peito subindo e descendo. Um leve suor se agarrou à minha pele.

“Por que você está se desculpando?” Ele se sentou e abraçou as pernas.

“Eu estava?” Eu disse.

“Sim... Agora mesmo.”

Olhei para ele e só então percebi que havia mexido completamente com ele. Ele estava tremendo e tentando esconder a maior parte de seu corpo. Eu me sentei e beijei o seu ombro.

“Não se esconda.”

Ele afastou o cabelo dos olhos. “Eu não estou.”

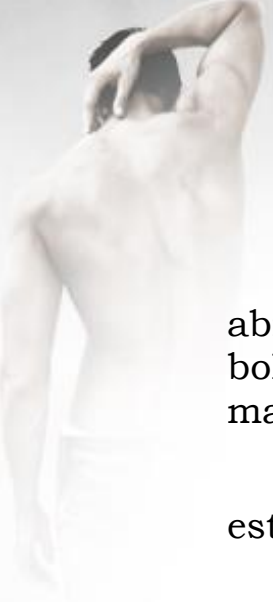
Mas ele estava - ele estava escondendo o peito com os braços, o pênis macio com a curva da perna, o traseiro contra o edredom. Eu o fiz se deitar.

Ele sempre foi flexível, exceto um momento atrás, quando eu tinha apertado contra suas pernas. Ele lutou comigo então, lutando contra os meus braços, e foi como eu gostei.

Eu olhei para ele, para cima e para baixo. Ele fechou os olhos enquanto eu fiz isso.

“Eu senti sua falta,” eu disse. “Isso é tudo. Eu não queria assustar você.”

“Estou bem, de verdade.”



Se ele pudesse se ver tremendo.

"Vire-se," eu disse, empurrando-o para seu estômago. Eu abri as pernas e olhei para suas costas lisas, sua bunda, suas bolas, o lubrificante ainda brilhando entre suas coxas. Eu massageei suas costas por um tempo.

Ele finalmente encontrou sua voz. "Eu pensei que você estivesse com raiva do meu texto."

"Não." Eu murmurei os lados de seu ouvido. "Mas você fez um ponto justo, e eu queria que você soubesse..."

"O que?"

Eu não tinha certeza de como articular o sentimento, o que era raro para mim. Eu escovei meus dedos sobre sua bunda e observei ele se mover incertamente. "Que meu corpo... Bem," eu disse um pouco sem jeito. "Não é como o seu, quero dizer. Que você pode... Eu não sei, mas que isso não é ruim. Que eu valho o seu tempo. Isso faz sentido?"

Seus olhos estavam arregalados e ele ficou muito quieto. "Você está brincando comigo?" Um músculo em sua coxa tremeu. "O seu corpo é perfeito."

"Lisonja vai te levar a todos os lugares comigo." Eu inclinei minha cabeça e escovei meu polegar sobre seu ânus. Ele prendeu a respiração e alcançou um nível de quietude ainda mais sincero e zen. Apenas a pele enrugada sob o meu polegar se moveu, apertando em resposta ao meu toque. "Você está bem?"

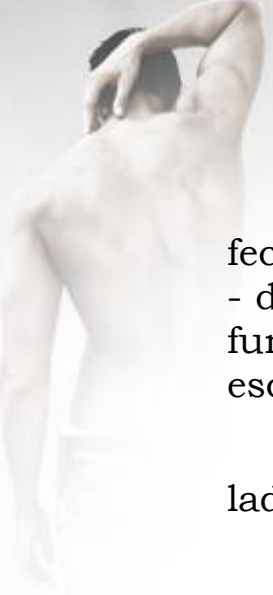
"Tudo bem," ele sussurrou.

Eu continuei forçando o meu dedo sobre ele, naquele lugar sensível, observando-o.

"Você gosta disso?"

"Eu não sei." Sua voz era quase inaudível. "Eu acho que sim."

Eu sorri e sai da cama. Muito disso, e nós nunca terminaríamos. "Você pode se limpar no banheiro."



Abri o meu armário e esperei ouvir a porta do banheiro se fechar antes de me trocar. Os cortes na parte interna das coxas - dois de um lado, um do outro - estavam um vermelho feio e furioso. Puxei uma cueca boxer, jeans preto e um suéter escuro.

Quando eu saí, Michael estava colocando o seu jeans ao lado da minha cama.

Eu olhei para ele por um momento. “Você sabe aquele post no blog que você escreveu sobre o seu cão, como ele não pode parecer sério fazendo nada?”

Ele parou no meio de colocar a calça e riu. “Você é um idiota.”

Eu ri e entreguei a camisa para ele. “Eu espero que você saiba que estou brincando. Não se preocupe, mas você pareceu muito sério há alguns minutos atrás.”

“Cara, você me faz realmente auto consciente.” Ele puxou sua camisa. *Cara.* Ele estava ficando mais confortável comigo. “Eu não posso acreditar que você se preocuparia assim com o seu corpo. Isso é loucura para mim.”

“Você está atraído por mim?”

Ele me olhou levemente e pegou o seu laptop. “Não deixe isso estranho.”

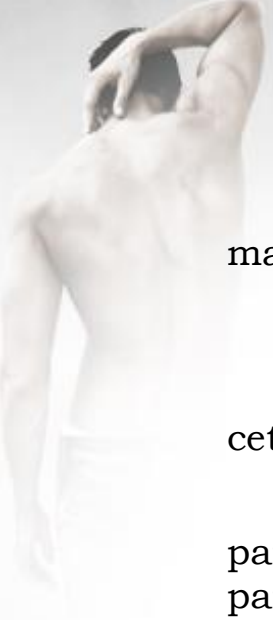
“Estou falando sério. Você se sente atraído por mim ou pelos homens em geral?”

“Você,” ele respondeu prontamente. “Sim... Apenas você. Eu não sei. Eu acho que poderia haver outra pessoa, mas isso é difícil de imaginar agora. E você?”

“Oh, estou *muito* atraído por mim, com certeza.” Nós saímos de quarto e acendi um cigarro. Ele me seguiu rapidamente.

“Você sabe o que eu quero dizer.”

“Eu não sou gay, se é isso que você está perguntando. Eu não tenho um rótulo para isso. Meu primeiro foi Jamie, e agora você.”



Ele tentou, e falhou em esconder sua surpresa. “Ninguém mais?”

“Vocês dois, e minha ex-esposa.”

“Três apenas?” Ele estava olhando para mim com ceticismo.

“Michael, eu sou cristão.” Eu queria dar um tabefe na parte de trás da cabeça dele, dar-lhe algo para realmente parecer surpreso. “Sim, três. E isso é demais.”

Eu poderia dizer que ele queria dizer mais sobre isso, mas o que quer que fosse ele decidiu contra. Ele assentiu um pouco e ficou quieto.

“Tenho certeza que você teve mais,” eu disse.

“Bem, sim.” Ele riu relutantemente. “O que é insano. Você poderia ser um modelo.”

“Você tem que parar de flertar comigo.” Eu segurei o lado do seu rosto. “Eu não consigo me concentrar. Você entende? Nós nunca vamos fazer nada mais que isso.”

O desejo fez algo muito peculiar em seus olhos - deu-lhe um olhar enevoado e pálido - e isso fez seus lábios se separarem. “Desculpa.”

Ele estava lentamente me deixando louco.

“Por favor, tente parar de me olhar com pena.” Eu fui embora.

“Você me contaria mais sobre Jamie?”

Isso era definitivamente um assassinato de bom humor. Acendi um segundo cigarro. “Oh. Onde nós paramos?”

“Vocês dois no acampamento. Você tinha dezessete anos.”

“Certo.” Eu não tinha esquecido. Eu precisava de tempo para voltar a essas memórias, no entanto. “Ah, ele não estava lá no verão seguinte. Ele estava fazendo cursos de verão para a faculdade. Ele esteve em uma escola aqui, na verdade.” Fiz um gesto geral para a paisagem.



“Aqui? No Colorado?”

“Certo. Ele me convidou para visitá-lo nesse verão. Ele tinha seu quarto no dormitório.” Eu passei meus dedos sobre o corrimão. “Meus pais me deixaram ir. Todos pensavam que éramos grandes amigos, nada mais. Nós começamos a fazer sexo naquele verão. Foi ideia dele - ele queria. Claro, eu também queria. Eu ainda era virgem. Nós dois éramos.”

Michael mexeu no casaco.

“O que foi?” Eu fiz uma careta para ele. Eu poderia facilmente adivinhar.

“Estou curioso, quero dizer, quem...”

“Eu fui o topo. Mas eu estava mais nervoso do que ele, de alguma forma. Eu estava tremendo. Ele tinha algumas cervejas. Eu não queria, eu realmente não bebia naquela época, e eu estava preocupado por não ser capaz de... Você sabe.” Senti meus olhos nublando com a memória. “Deus, eu era tão jovem. Eu nunca estarei tão nervoso assim de novo. Eu nunca vou conseguir ficar.”

“Como foi?” Ele estava quase sussurrando.

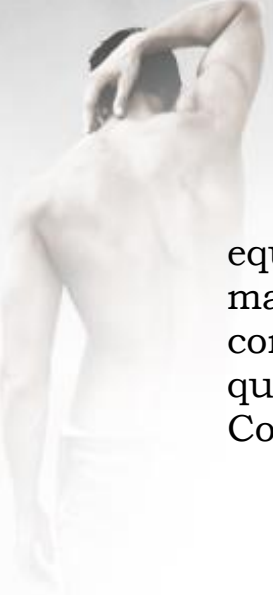
“Oh, bom.” Eu balancei a cabeça fracamente. “Foi bom. Tipo a caixa de Pandora. Nós não conseguimos parar depois disso.” Eu limpei minha garganta e tentei me livrar da memória: o dormitório apertado de Jamie, o colchão simples, o jeito que eu ficava perguntando se estava doendo e o jeito que ele continuava se afastando, agarrando meu quadril, me dizendo para fazer isso com ele.

Ele o queria novamente no dia seguinte, embora devesse estar dolorido. E no dia seguinte e no seguinte. Às vezes, mal conseguíamos voltar para o quarto dele.

“Cal?”

“O que?” Desta vez, eu não pude olhar para Michael tão imediatamente após emergir essa memória. Ele era o fantasma do meu primeiro amante e isso me assustava.

“Você o viu no verão seguinte?”



“Ah não. Acabou então. Eu trabalhei mais um verão na equipe do acampamento. Eu enviava e-mails algumas vezes, mas não ouvi nada de volta. Eu percebi que ele estava lutando contra esse sentimento. Eu não queria interferir nisso. E de qualquer forma, eu estava ocupado com a escola e, em seguida, Coral aconteceu.”

“OK.”

Eu agarrei o corrimão do convés e fechei meus olhos. Mais uma parcela de história e eu acabaria revisitando a maneira como arruinara nossas vidas. “Isso é suficiente para nós, eu acho.”

“Tudo bem.” Ele tocou meu braço. Eu sabia que era preciso coragem sobre-humana para ele me tocar, mas o momento estava errado. Eu afastei a mão dele e fiz uma careta.

“Honestamente? Sou nojento,” eu disse. “Dois homens se comportando assim. É tão óbvio que não é natural. Deus coloca esses obstáculos em nossas vidas para nos testar, e ele nunca nos apresenta um desafio que não possamos superar. Eu apenas escolhi falhar. Eu escolho falhar.”

Sempre que falava sobre assuntos espirituais, Michael ficava profundamente calado e olhava para mim como se eu estivesse falando russo. Ele não tinha base para entender a fé. Pelo que eu poderia dizer, ele havia sido criado por hippies de Berkeley, e depois foi *transplantado* para Boulder e criado no estilo: *o que faz você feliz/ todos os caminhos levam à escola de fé* de *Roma*.

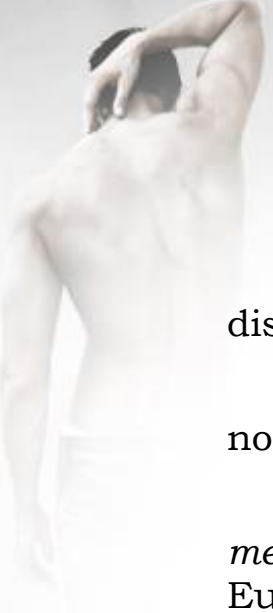
“Você é tão milenário.” Eu me movi para dentro e ele me seguiu como um filhote de cachorro. “Toda a sua geração é psicologicamente incapaz de aceitar um poder superior.”

“Você também não é milenarista?” Ele riu inquieto.

“Eu prefiro não me classificar assim.”

“Não tome isso do jeito errado” - ele gravitou em direção ao seu laptop - “mas seu Deus soa um pouco... Assustador. E duro.”

“Ele é Michael.”



“Por que você quer adorá-lo então?”

“Você age como se houvesse algum outro Deus disponível.”

“Bem, por que tem que haver algum Deus?” Ele sentou no sofá. “Por que não se decidir sobre as coisas?”

Eu cozinhei em silêncio por um tempo. *Faça sua própria mente.* Essa era à retórica da geração desorientada de Michael. Eu tinha uma fé inabalável na existência de Deus, embora, passada através da minha família, desde que poderíamos rastrear nossa ancestralidade. Eu sabia que a Bíblia, em sua consistência e historicidade, não se parecia com nenhum outro texto religioso, e eu a havia estudado em hebraico e grego, e acreditava em todas as suas palavras. Eu sabia o que eu acreditava. Confortava-me saber. E quando eu olhava para pessoas como Michael, inventando regras para si mesmas enquanto elas estupidamente esperavam pelo melhor, eu sentia pena delas.

“Eu não sou como você,” eu finalmente disse, me afastando. Pelo menos, com Jamie, havia um denominador comum, que era a nossa fé. Nós sabíamos que o que estávamos fazendo era errado. O ateísmo de Michael - ou o agnosticismo, ou seja, lá o que fosse - me fazia sentir, às vezes, mais sozinho do que nunca.



Capítulo 38

MICHAEL

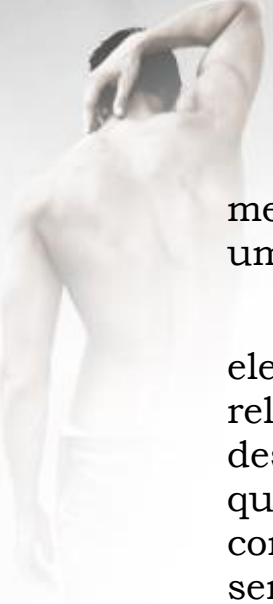
Cal não terminou a história de Jamie até o final de outubro. Nossas reuniões e seus humores oscilavam entre altos e baixos. Quase toda vez que eu chegava a sua casa, ele me levava direto para a cama. Ele sempre me dava prazer, mas de vez em quando ele se despia um pouco e nos esfregávamos juntos. Eu gostava. Parecia perto do sexo real. Ele me beijava e gemia meu nome, e às vezes ele me deixava levá-lo ao clímax.

Sempre que eu terminava assim, ele se apoiava e me observava.

Muitas vezes, durante o sexo oral, ele se preparava para que eu pudesse enfiar em sua boca. Às vezes ele gostava de me ver me masturbando. Ele me dizia onde me tocar e como. Ele sempre sabia o que queria, mas, enquanto eu me sentia vivo e exultante com a nossa intimidade, Cal parecia um animal preso em arame farpado. Seus olhos escuros ficavam assombrados, mesmo no auge da paixão. Quanto mais ele lutava para se libertar, mais alguma dor profunda e íntima lhe atravessava. Eu podia adivinhar que era culpa - ele não fazia segredo de suas opiniões conservadoras -, mas eu sabia que tinha que haver mais nisso, uma veia pessoal.

Eu só tentei tirar a calça dele uma vez. Nós estávamos nos movendo juntos e eu queria sentir seu corpo inteiro e nu contra o meu. Enganchei meus polegares sob o cós dele e ele jogou para trás meus pulsos tão violentamente que eles bateram na cabeceira da cama. Doeu e não tentei de novo.

Ele não gozou naquele dia. Ele tinha o hábito de não gozar e depois desaparecer, insatisfeito, no chuveiro. Eu nunca era convidado. Ele emergiria depois de quinze a vinte minutos, parecendo pálido e aturdido. Eu teorizei que ele tinha um problema secreto com drogas. Certa vez, eu olhei dentro das gavetas do quarto e do armário do banheiro, confiante de que encontraria agulhas ou comprimidos. Em vez disso, encontrei papel higiênico, material de limpeza e primeiros socorros,



medicamentos de venda livre, um kit de barbear, um canivete, um par de tesouras.

Eu finalmente decidi que a nudez, e às vezes até quando ele gozava, eram limites para Cal, e de alguma forma relacionados ao sexo. *Caixa de Pandora*: Um irrevogável desencadeamento do mal. Foi assim que Cal descreveu o sexo que ele teve com Jamie, e ele não queria ir para lá comigo. Mas com o passar das semanas, os dias com ele e depois os dias sem ele, comecei a desejar essa proximidade e a fantasiar sobre isso.

Eu não estava preso na culpa cristã de Cal. Eu nem estava em conflito com o nosso relacionamento íntimo. Eu mal podia acreditar que uma vez eu tive inveja da educação de Cal, porque agora eu via que era mais como uma gaiola de prata, e eu estava muito agradecido com os meus pais e pelo jeito que eles me criaram. Eu era livre.

Cada dia, depois que nós ficávamos juntos e de nos limparmos, eu tentava trabalhar no perfil. Eu preparava questões e temas de discussão antes, pois estava cada vez mais difícil pensar na presença.

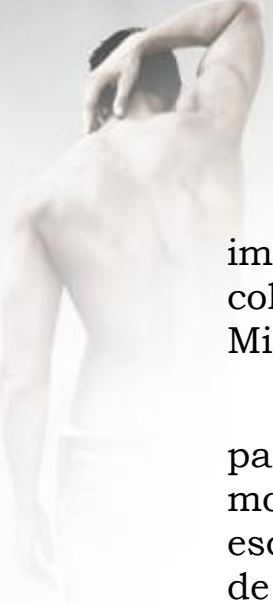
Misteriosamente, eu exercia o mesmo efeito sobre ele.

“Minhas mãos precisam estar ocupadas quando você está por perto,” ele disse uma vez, então ele pintava ou cozinhava ou mexia com um violão enquanto conversávamos sobre sua vida e trabalho. Nós também caminhamos ao redor do lago e pelos arvoredos de álamo e pelos pinheiros em sua propriedade.

A essa altura, eu já estava totalmente acomodado em meu novo apartamento e o convidei no último fim de semana de outubro. Ele disse sim, para minha surpresa, e dirigiu sozinho até lá.

O simples fato de ele dirigir para o meu apartamento, em vez do habitual reverso, me deixou no limite. Eu limpei e tornei a limpar, sentei no sofá e fiquei olhando pela janela.

Ele chegou ao meio-dia segurando uma garrafa de Bourbon cara.



"*Dom housewarming*," ele explicou entrando e imediatamente fazendo o meu apartamento parecer menor. Ele colocou a garrafa na cozinha e olhou em volta. "É bem legal, Michael."

Era realmente um belo apartamento, novo, com teto alto, paredes cinza clara, pisos elegantes, e equipamentos modernos. Eu estaria mentindo se dissesse que não tinha escolhido o apartamento com ele em mente, e com a intenção de possuir um lugar maduro, adulto.

Eu sorri e abri o Bourbon. "Obrigado. Eu gostei muito. Quer beber?"

Ele assentiu.

Nós mal bebíamos junto, o que significava que ele já havia consumido álcool para fazer com que estar perto de mim fosse suportável.

Eu nos servi dois copos generosos.

Hoje, seria a minha vez de me entorpecer.

"Oh, estamos ficando bêbados?" Ele riu e aceitou o copo.

"Por que não?" Eu tomei um gole.

Ele me olhou pensativo antes de tomar um gole. "Mostre-me seu apartamento."

Não havia muito a mostrar. A área da cozinha era conectada com a sala, e no final do corredor ficava o meu escritório com a minha configuração de streaming, a lavanderia, o banheiro e o quarto. Furio estava com Nicole naquele final de semana.

Ele sorriu quando viu a esteira no meu quarto. "As maravilhas nunca cessam."

"Estou correndo trinta minutos por dia. Tentando... Ficar mais saudável."

"Eu notei que suas coxas estão um pouco mais fortes." Ele tocou minha perna.

Eu recuei para a porta e esvaziei meu copo. "Obrigado."



“Está tudo bem?” Ele franziu a testa.

“Sim. Há um baralho também.” Corri de volta para a cozinha para encher meu copo. Cal mal tinha bebido e agora estava me observando com suspeita.

Mostrei-lhe a minha pequena varanda. Eu havia colocado duas cadeiras ali e uma pequena lareira elétrica.

“Comodidades para fumar,” ele disse. “Eu aprovo.”

“Você quer fumar?”

“Não, eu quero saber qual é o problema com você.”

“Nada. Mesmo.”

“Não minta para mim.” Seus olhos se estreitaram. “Estou te deixando nervoso, aqui? Eu posso ir embora.” Ele voltou para dentro e colocou seu copo no balcão.

Eu bebi meu segundo drinque e o segui.

“Não, não quero. Eu quero você aqui.” Eu tinha imaginado isso acontecendo de forma diferente, mas eu deveria ter sabido melhor. Ele sempre podia ver através de mim. “Eu quero te mostrar uma coisa.” Na sugestão, meu coração começou a pular como se estivesse tentando escapar pela minha garganta.

“Mostre-me, então,” ele disse secamente.

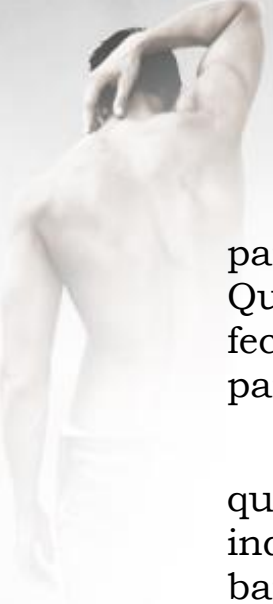
Eu balancei a cabeça e caminhei para o quarto, ciente dele atrás de mim. Tirei minha camisa, respirei fundo e beijei seu pescoço.

“Michael, você fez algum tipo de tatuagem alarmante?” Sua voz já estava rouca, a raiva se foi. Ele agarrou meu quadril e puxou minha cabeça para trás.

“Não.” Minhas mãos tremiam quando eu levantei seu suéter.

Naquele dia, graças a Deus, ele levantou os braços e eu tirei o seu casaco. Eu beijei seu peito e ele suspirou.

“Um piercing?”



“Não.” Eu recuei em direção à cama, empurrando a calça para baixo. Meu rosto já estava furiosamente quente. “É algo... Que eu tenho tentado.” Tirei minha boxer e deitei na cama, fechando os olhos. Isso ajudou - bloqueando a visão dele parado ali, olhando para mim.

Eu dobrei meus joelhos e agarrei meu pênis duro. Antes que eu pudesse me convencer disso, chupei meu dedo indicador, abaixei e o pressionei na minha bunda. Cal fez um barulho suave e estrangulado. Senti o colchão se mexer, suas mãos separando minhas coxas.

“Mostre-me,” ele sussurrou.

Eu me acariciei e deslizei meu dedo para dentro e para fora.

“Deus, Michael. Deixe-me...” Ele afastou minhas mãos do meu corpo. Eu apertei a colcha com o dedo escorregadio de saliva, me contorcendo. Minha coluna se curvou para fora da cama. Eu abri meus olhos e olhei para ele.

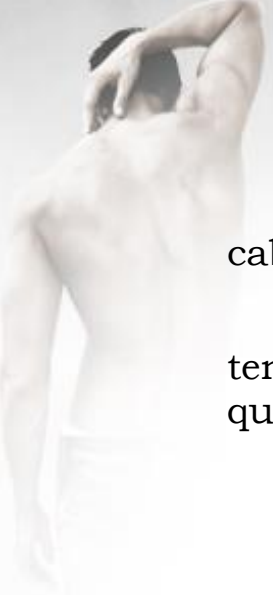
“É isso o que você quer?” Ele me tocou e bombeou meu pau lentamente. Quando balancei a cabeça, ele acrescentou um segundo dedo e moveu-se mais rápido, e mais forte. Eu comecei a tremer. Gotas de esperma escorrendo na minha barriga.

“Mais,” eu consegui dizer.

Seus olhos estavam derretidos, a boca frouxa. Ele me virou abruptamente, seus dedos saindo de mim tão rápido que doeu. Eu levantei minha bunda. Como se eu pudesse deixar meu desejo mais claro, ele agarrou as minhas nádegas e as abriu.

Sua língua mergulhou em mim - uma sensação tão inesperada e ilícita que eu gemi e empurrei contra sua boca. Eu me agarrei ao meu travesseiro, minha mandíbula apertando e afrouxando, minhas coxas tremendo. “Cal, por favor... Mais.”

Finalmente ele pegou meu significado. Sua língua se retirou. “É isso o que você quer,” ele disse. Sua voz era baixa e cautelosa. Não foi uma pergunta.



Peguei a garrafa de lubrificante da gaveta da mesinha de cabeceira, joguei de volta na colcha e abaixei a cabeça.

"Eu sei que você nunca perguntou," eu disse, "mas eu tenho... Documentos. Eu fui testado. Você poderia vê-los a qualquer momento."

Ele ficou quieto.

Eu olhei para trás.

Ele tinha a garrafa na mão, mas ele estava apenas olhando para ela.

Meus dois copos de álcool finalmente estavam me batendo, deixando meus membros mais soltos e minha cabeça acesa. "Estou perdendo a porra da minha mente," eu disse a ele, "eu quero isso."

"Eu não me importo com os testes," ele disse depois de um tempo. "Eu nunca me importei." Essa declaração pequena e perturbadora fez o cabelo no meu pescoço ficar de pé. "Eu tive dois virgens e você." Ele estava tirando a calça. Fechei meus olhos novamente e escutei o som dele colocando lubrificante em si mesmo.

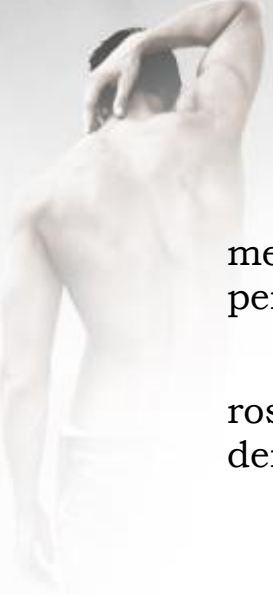
"Eu confio em você," eu disse.

Ele espalhou lubrificante em mim e dentro de mim. Eu balancei de volta em seu dedo algumas vezes.

"Michael," ele sussurrou quando ele pressionou sua ponta na minha bunda. "Relaxe..."

Eu não me importei em relaxar, no entanto. Eu empurrei para trás, forçando-o a entrar, e disse a ele para fazer isso. O som que ele fez foi meio prazer, meio dor. Comecei a tremer tanto que precisei me deitar na cama. Ele deitou em cima de mim, até que eu senti suas bolas. Isso me assustou - aquela vara grossa dentro de mim, me prendendo - e eu não pude me mover por medo.

"Diga-me que sou o primeiro a te foder." Ele moveu o quadril em um movimento sutil e circular, como se me avisasse *quem* estava no controle. Eu senti o movimento no fundo do meu corpo.



“Você é o primeiro... Que me fode.” Uma lágrima vazou do meu olho. Não foi de paixão ou dor. A lágrima apenas saiu, eu pensei, e foi de alívio.

“Você ainda quer isso?” Ele afastou o cabelo do meu rosto, e puxou para fora de mim e empurrou de volta para dentro.

“Sim,” eu sussurrei, estremecendo.



Capítulo 39

MICHAEL

"Eu te machuquei?" Cal puxou sua calça jeans e se esparramou ao meu lado. Eu permaneci de barriga para baixo na cama, uma mancha úmida debaixo de mim. Eu não esperava gozar, não assim, mas o medo, a pressão do pênis dele me enchendo e a fricção da minha colcha tinha conseguido isso. Cal gozou um segundo depois, dentro de mim.

Eu afastei o cabelo suado dos meus olhos e olhei tranquilamente para o seu bíceps. Eu não tinha vontade de me mover em um futuro previsível.

"Michael?" Preocupação em sua voz.

"Estou bem. Eu estou muito bem."

"Doeu?" Ele passou a mão pela minha coluna.

Eu tive que pensar sobre a questão por um momento. "Um pouco," eu disse. "Mas eu gostei. Eu realmente tentei não ficar relaxado."

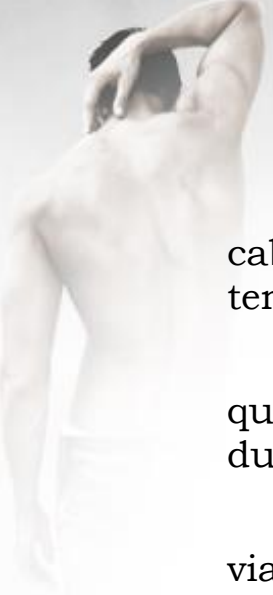
"Eu notei." Ele passou os dedos no meu corpo e viu minha bagunça. Um olhar perplexo cruzou seu rosto, e então ele sorriu. "Será que uma brisa constante faria você gozar?"

Eu ri instintivamente. "Foi... A colcha."

"Oh, era a colcha?" Ele riu também, os cantos de seus olhos vincados. A satisfação parecia boa em seu rosto. "Que colcha impressionante."

"Sério, você deve comprar uma." Eu estiquei o peito para pegar um cinzeiro, isqueiro e colocá-los próximo na mesa de cabeceira. Eu tinha enrolado um baseado mais cedo naquela manhã, com essa cena específica em mente.

Ele levantou uma sobrancelha e cruzou um braço atrás da cabeça. "Você me embriagou e me seduziu, e agora você está tentando me deixar chapado?"



“Sem pressão.” Eu coloquei um travesseiro atrás da cabeça e acendi o baseado. “E vamos ser honestos; você nem terminou sua primeira bebida. Eu me embriaguei.”

“Verdade.” Ele pegou o baseado de minhas mãos assim que estava queimando. “Você me seduziu, no entanto.” Ele deu duas puxadas antes de repassá-la.

Fumei e deixei meus pensamentos vagarem. Eles viajaram para a minha antiga casa, agora a casa de Nicole. “Ver você fumando com Kristin,” eu disse, “Me deixou louco.”

“Eu estava pensando sobre isso também. Eu quase nunca fumo. Você é uma má influência.”

“Por que você a deixou te beijar?”

Ele abanou os dedos para dicipar a nuvem que se movia sobre nós. “Eu não sei. Não significou nada, e estar perto de você foi difícil, então saí com ela.”

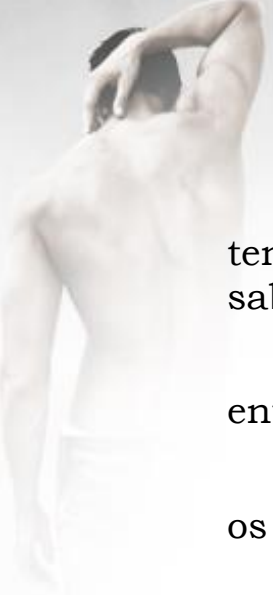
“Foi estranho, quando ela estava beijando você... Eu fiquei bravo... Mas acho que fiquei meio que excitado.” Puxei o baseado.

“Eu estava tentando não pensar em você. Quando você saiu na varanda” - ele ficou em silêncio por alguns instantes, segurando uma baforada – “eu vi você olhando para mim, pensei na sua boca no meu pescoço, e foi um problema. Dos grandes.” Ele riu e fechou os olhos. “Michael... Quando você saiu da sua casa, eu queria oferecer a minha, no entanto, não funcionaria. Você sabe, minha irmã... Ela gosta de me surpreender.”

“Oh, certo.” Talvez fosse a fumaça, mas a confissão de Cal me surpreendeu. Ele considerou que eu morasse com ele? “Droga.”

“Minha família, eles nunca podem saber. Eles iriam... Seria o mesmo que as pessoas Amish fazem? Exílio? Me evitariam? Apenas me excluiriam.”

“Sério?”



“Sim com certeza. Eu iria te oferecer um apartamento que tenho perto de mim. Essa foi a minha próxima ideia. Mas eu sabia que você não aceitaria.”

“Sim. Não.” Eu exalei um grande suspiro. “Uau, no entanto.”

“Você é leve nisso.” Cal riu impotente enquanto deslizava os dedos pelos meus. “Se você pudesse se ouvir.”

Eu tinha que me concentrar para lembrar o que eu estava dizendo: principalmente palavras monossílabas e genéricas. Eu ri com ele. “Desculpa.”

“Não, é... Nunca se desculpe. Eu não tenho muita resistência também.” Ele se inclinou e beijou minha boca. O baseado acabou no cinzeiro. Eu o beijei lentamente, minhas mãos no cabelo dele.

“Você moraria comigo? Porque eu pareço com o Jamie?”

“Jamie está morto.” Ele falou em meus lábios.

“O que aconteceu com ele?” Eu o soltei e ele afundou de costas ao meu lado.

“Coral ficou grávida. Nós nos casamos. Eu estava escrevendo, publicando.” A narração da história era plana, a voz de Cal vazia. “Jamie me procurou. Eu não tinha notícias dele há anos. Nove anos. Ele me procurou.”

“Ele apenas apareceu?”

“Não, assim não. Ele mandou um e-mail. Ele estava... No ramo de publicidade, mas ele tinha uma veia artística. Eu acho que a vida esmagou isso dele.” Ele colocou um braço sobre os olhos. “Ele queria se encontrar comigo. Nós nos encontramos para o almoço. Ele estava feliz por mim. Mesmo depois do meu casamento, e meu filho.”

“Ele era casado?”

“Não. Ele era solteiro. Nós agimos como se nada tivesse acontecido. Nós não falamos sobre *aquelas* coisas. Isso me chateou. Nós não éramos assim antes. Nós conversávamos sobre tudo antes. Eu fui para casa... Fiquei bêbado, liguei para ele. Eu estava com raiva, e acontece que ele também

estava com raiva de mim por seguir em frente, no entanto, eu não tinha seguido em frente. Eu ainda o amava."

Cal pegou o baseado puxou forte e engoliu profundamente.

"Nós começamos de novo. Estava indo tudo bem. Ele trabalhava em Baltimore... Ele nos levava para vários lugares. *Hotéis*." Ele gesticulou. "Eu odiava isso. Os hotéis. Então ele conseguiu um apartamento na Virgínia. Eu disse a Coral tudo menos a verdade - que ele era cristão, que éramos melhores amigos. Eu disse que ele vivia para o trabalho, e como ele trabalhava na Virgínia, o acompanhava às vezes. Nós começamos juntos a restaurar um carro. Era uma desculpa para passar tantos fins de semana juntos. Com Coral, depois de um tempo, eu não conseguia mais fazer as *coisas*."

"O que você quer dizer?" Eu coloquei minha bochecha no travesseiro e observei seu perfil. Ele parecia morto. Se ele tivesse fechado os olhos, isso teria me assustado.

"Eu não conseguia fazer sexo com ela. Fui ao médico para fazer parecer real, e foi humilhante." Ele assobiou. "De qualquer forma, ela não era idiota. Ela ficou desconfiada e contratou um investigador. Ela me confrontou com isso... Fotos, imagens realmente gráficas. Ela queria o divórcio. Ela ameaçou mostrar a minha família, a família dele." Ele passou a mão pelo cabelo. Ele ficou ligeiramente pálido, como se estivesse doente.

"Precisa de alguma coisa?"

"Água, eu acho."

Eu levantei da cama, e me vesti no meio do caminho, e trouxe-lhe uma garrafa de água fria. Ele não me agradeceu e nem olhou para mim, mas bebeu a garrafa inteira.

Nós nos sentamos na beira da cama, não muito próximos.

"Jamie... Nossas famílias eram muito próximas. E nós amamos nossas famílias. Mas... Coral queria a custódia total. Como eu poderia fazer isso?" Ele olhou para o chão. "Jamie não queria que parássemos de nos ver. Ele disse que sua família não poderia saber. Eu disse a ele que essas

duas coisas iriam acontecer, por causa do meu filho, e não poderia continuar, pois queria o meu filho em minha vida. Ele voltou para Baltimore e se enforcou, em seu quarto. E ninguém soube por um tempo. Ele morava sozinho, então..."

Eu abaixei minha cabeça. "Cal..."

"Não. Não se desculpe. Se eu tivesse o deixado sozinho em primeiro lugar, e se não tivesse traído a minha esposa, isso nunca teria acontecido. Quando ela descobriu, foi tudo o que ela precisava. Ela queria a custódia total, queria que eu parasse de publicar ou contaria a meus pais e irmãos por que ele se matara, pois foi minha culpa, e tinha que aceitar minha parte nisso."

"Nós teríamos ido ao tribunal. Ela fez um bom ponto. Ela disse que eu tinha arruinado sua vida, então ela iria arruinar a minha." Ele olhou para mim. "Eu odeio que ele tenha ficado sozinho, que ele tenha se matado sozinho... Então, ele ficou sozinho lá por tantos dias."

Senti-me mal do estômago, mas foi Cal quem se desculpou, entrou no banheiro e vomitou.



Capítulo 40

CALEB

Quando terminei de falar sobre Jamie, queria ir para casa, mas estava muito fodido para dirigir. Mesmo depois de vomitar, eu estava incrivelmente anestesiado.

Michael me deu uma escova de dente extra e me limpei, joguei água no meu rosto e amarrei meu cabelo para trás.

Recordar vividamente o passado é como visitá-lo. Imaginar o indescritível - Jamie pendurado no armário por mais de uma semana - é como se estivesse lá. Eu não queria infectar a mente de Michael com essas imagens. Apenas eu merecia isso.

Nós nos sentamos em sua varanda pequena e eu fumava.

"Sinto muito," eu disse. "Eu estava meio fora do meu elemento."

"Huh?" Ele olhou para mim desatentamente.

"Dizer-te isso. Não foi à hora."

Ele deu um gole de uma garrafa de água. "Eu perguntei."

"Você não sabia o que estava perguntando." Eu coloquei a mão em seu ombro. "Eu sabia. Eu deveria ter te dito outra hora."

"Oh."

Ele pode não ter entendido o que eu quis dizer - fizemos sexo pela primeira vez e eu destruí a ocasião com minha história pessoal de horror - ou ele pode não ter se importado.

"Vamos entrar," eu disse. "Está frio."

Eu me servi de uma bebida e ele se sentou no sofá e olhou para mim. Ele nunca pareceu tão jovem, com o cabelo despenteado e os olhos vidrados.

"Você não vê mais o seu filho?" Ele disse.



“Uma vez a cada verão, se isso. Nós nos reunimos na casa dos meus pais em Martha's Vineyard. Eles estão furiosos comigo por causa do divórcio. As pessoas não se divorciam na minha família. Mas ela não contou a eles. Ela manteve a parte dela no negócio.”

“Todo mundo acha que você a deixou ter a custódia completa sem uma briga?”

“Sim. Eu disse aos meus pais que ela queria assim, e que eu não queria ir ao tribunal. Eu disse que ela e eu resolveríamos nossos próprios arranjos.”

“E você parou de publicar.”

“Certo.”

“Você a deixou fazer isso com você?”

“Eu fiz isso por mim Michael.”

“O que você leva disso?” Ele estava muito chocado para atuar; ele estava legitimamente estupefato. “Sua família ainda fala com você? A família de Jamie não sabe que eles o levaram a cometer o suicídio por serem fanáticos? Como isso vale alguma coisa?”

“Não.” Eu dei-lhe um olhar de aviso.

Uma risada pequena e espantada escapou dele. “Percebe? Esse olhar... Eu sei que você não aceita besteira de ninguém, mas isso é muita besteira reunida.”

Michael não entendia, o que não era uma surpresa para mim. Nas vidas de pessoas sem comprometimento moral, não havia muito valor as ações, não tinha custo. Se Jamie tivesse morrido e eu tivesse insistido em minha brilhante carreira literária e um bom relacionamento com o meu filho, então não teria havido nenhum preço pelos erros que eu cometi, nenhum valor para a sua morte, nenhum custo para mim. E Coral merecia sua visão de felicidade: um marido fiel ao seu lado, nosso filho seguro em um lar estável e saudável. Ela merecia sua justiça.

“Vamos concordar em discordar,” eu disse calmamente.

Mais uma vez, uma risada histérica borbulhou para fora dele. “Eu não sei. Eu acho.”

Em vez de tentar ficar sóbrio, eu bebi mais. Nós demos uma volta, vimos um filme e ele me mostrou seu canal de stream. Depois de quatro anos, aprendi a compartimentar o passado, mais ou menos. Para Michael, no entanto, a história era muito crua para ser ignorada. Ele continuou fazendo comentários breves e desconcertados - *“Eu não posso acreditar que você não vê mais o seu filho”* e *“Eu não posso acreditar que seus pais não sabem por que ele morreu”* - até que eu disse: “Deixe isso em paz,” o que ele fez.

Ainda assim, eu não gostava da mudança sutil na maneira como ele olhava para mim, como se ele tivesse pena de mim ou duvidasse de alguma forma. E eu odiava sua avaliação da situação - de mim. *Eu sei que você não aceita besteira de ninguém, mas isso é muita besteira reunida.*

A noite sangrou como uma aquarela, muito Bourbon, e depois bebemos a vodca barata de Michael. Eu observei ele jogar um jogo de computador. Isso me encantou, seu fone de ouvido volumoso e explicações animadas, e eu queria levá-lo para a cama, mas nenhum dos nossos humores melhorou o suficiente para isso.

Por volta das dez, ele disse: “Você deveria passar a noite. Você não pode dirigir para casa.”

“Se você não se importa,” eu respondi, e foi à última coisa que me lembro.



Capítulo 41

CALEB

Eu acordei com uma sensação que eu não deveria estar sentindo: uma mão na parte interna da minha coxa, um pequeno ponto de dor quando alguém passou um dedo sobre um corte meio cicatrizado. Minha cabeça pulsava e minha respiração subiu pela minha garganta.

"Você está brincando comigo?" Michael disse.

Lençóis finos e ásperos se emaranhavam no meu corpo nu. Sentei-me rapidamente e arrastei-as pelas minhas pernas. Muito tarde. Michael se ajoelhou na cama, olhando para o meu colo.

O quarto cambaleou e eu segurei a minha testa.

"Cal, que diabos?" Sua voz tremeu lamentavelmente. "O que são esses cortes?"

Naquele momento, eu tinha meia dúzia de cortes na parte interna da coxa, alguns quase curados, outros com sangue seco. E meu cérebro ressacado não conseguia pensar em uma mentira razoável para explicá-las.

"Não faço nada disso." Minha voz estava rouca.

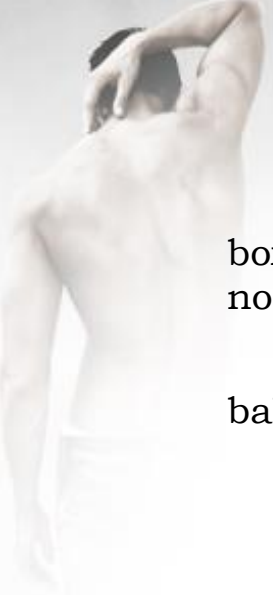
"Você está falando sério?"

"Quando eu me despi?" Eu pisquei contra a luz da manhã.

"Nós nos despimos ontem à noite. Você não lembra."

"Obviamente não." Eu balancei minhas pernas para fora da cama, mantendo cuidadosamente os lençóis no meu colo. Michael tinha visto o bastante por uma manhã. "Nós..."

"Nós nos beijamos e desmaiamos."



“Bom.” Sob seu escrutínio, eu puxei minha cueca boxer. Ele deve ter ido muito longe também, se não tivesse notado os cortes na noite anterior.

Ele deu alguns passos, coçou o couro cabeludo e balançou a cabeça. “Anemia.”

“Não é grande coisa.”

“Você tem feito isso desde quando?”

“Relaxe, ok? Isso me ajuda, está tudo bem.” Eu peguei o resto das minhas roupas, que estavam espalhadas pelo quarto. Eu não ficava tão bêbado assim há anos. Eu me lembrei do sexo, de beber, de falar sobre Jamie, sentar na cadeira do escritório de Michael... E talvez eu tivesse tentado jogar um de seus jogos. Sim. Nós rimos da minha inépcia.

Ele ficou em silêncio, esfregando o rosto.

“Hey.” Corri meus dedos por sua coluna.

“Cara, não.” Ele se afastou.

Eu já sabia que isso ia ser pior do que eu imaginava.

“Quando estou lá?” Ele se virou. “Quando você toma banho?”

“Nem sempre.” Isso era verdade, mas eu poderia dizer que ele não acreditava em mim.

“Você sabe que existe uma porra de artéria ai?”

“Eu tenho cuidado.”

Seu rosto se contorceu. Muitas coisas devem ter feito sentido para ele agora: o jeans preto, o fato de que eu nunca me despir completamente, os ataques de tontura e a extrema palidez.

Ele entrou na cozinha. Ele não olhava para mim.

“Isso ajuda você,” ele disse impassível. “Como?”

“Às vezes, não quero sentir... Desejo, assim. Às vezes eu realmente quero resistir. Isso ajuda a me acalmar.”



“Você não quer se sentir excitado. Porque você acha que está errado.” Ele não fez nenhum esforço para esconder o seu desprezo.

“Não use isso para pisar em minhas crenças.”

“Suas *crenças*... São tão fodidas. Tudo sobre a sua vida está tão fodida. Eu não posso acreditar que você estava me deixando fazer coisas com você e depois ia ao seu banheiro e se cortava por causa disso.”

“Eu vou ir.” Eu dei de ombros e coloquei o meu casaco.

“Sim, por favor, faça isso.” Ele assentiu algumas vezes, mas então ele parou entre a porta e eu. Seu rosto estava pálido, os olhos avermelhados. “Não.”

“O que é?” Eu fiz uma careta para ele.

“Você vai...”

“Não, Michael. Não é desse jeito.”

Ele estava visivelmente com medo, o que me fez sentir como uma aberração.

“Eu não vou fazer isso,” eu disse com firmeza. “Estou bem. As poucas vezes que fiz, eu estava sob controle. Você está aumentando a proporção disso.”

“Eu vi cicatrizes. Cicatrizes antigas.”

“São novas, apenas isso.”

Ele chupou o lábio inferior entre os dentes e suspirou pelo nariz. “Então, se são novas é por minha causa.”

Agora eu estava com medo, porque essa conversa só poderia terminar com Michael me deixando em um esforço equivocado para me ajudar.

“Eu estou com fome. Estou de ressaca. Estou indo para casa.” Eu me movi em torno dele. “Acalme-se em relação a isso. Vejo você na segunda-feira.”

Meu peito congelou quando, na metade do caminho do meu carro, ouvi passos de tênis correndo atrás de mim.



Eu me virei e vi Michael, vestido a esmo, com as chaves na mão.

"Eu vou segui-lo," ele disse.

Entre alívio e frustração, não sabia onde ficar.

"O que você quiser." Eu fechei a porta do meu carro.



Capítulo 42

MICHAEL

Talvez a melhor coisa que eu poderia ter feito naquele dia fosse manter alguma *distância* e *tempo* longe de Cal. Como um poderoso narcótico, ele distorcia minha realidade. E as frases loucas do seu pensamento insano eram aspectos de sua fé e que os comportamentos patológicos eram *bons, úteis, sem grande importância.* E quando ele disse essas coisas com tanta calma e depois ele olhou para mim com seu rosto bonito e composto, de sua vida de riqueza e privilégio, eu quase acreditei nele.

Mas eu estava com medo de deixá-lo sozinho. E eu o amava. Tarde demais, eu testemunhei a história perturbadora ao seu redor e fui convidado a entrar na sua psique distorcida. Talvez, se ele tivesse me contado sobre Jamie e sua esposa desde o início, ou se eu tivesse visto os cortes auto-infligidos em suas coxas, eu teria me afastado devido a uma sensação de auto preservação. *Talvez.*

Mas provavelmente não.

O amor é uma gaiola que duas pessoas constroem em torno de si. Cal e Jamie haviam se trancado naquela gaiola e isso lhes custara tudo. Agora eu estava preso com Cal, seguindo o seu Audi para Red Feather, incapaz e sem vontade de escapar dessa gaiola.

Os primeiros flocos de neve haviam caído em sua propriedade. Haviam caído outras nevascas menores, que se acomodavam como espuma e ficavam horas se acumulando, mas esta era pesada, profunda e silenciosa. Parecia apropriado.

Meu jipe deslizou e escorregou colina acima, e Cal, no carro da frente, diminuiu a velocidade até chegarmos a sua casa. Entramos juntos, como se as coisas fossem normais.

"Vou limpar a entrada," ele disse.

Em circunstâncias diferentes, eu teria brincado sobre a minha primeira aparição catastrófica em sua entrada. Eu fiquei perto quando ele pegou uma pá da garagem. Senti-me inútil e um pouco ridículo, mas também teimosamente determinado.

"Eu ajudo."

"Você não está vestido para isto. Não vai me custar muito tempo."

Eu poderia ter argumentado que ele também não estava vestido para a manhã de vinte graus, mas o armário da frente estava cheio de jaquetas térmicas, botas, luvas, chapéus e cachecóis. Ele colocou uma jaqueta preta da *Face Norte* antes de sair.

Eu fiquei na varanda, a neve encharcando meus tênis e o observei. Levou um momento para ele não me morder.

"Michael."

"Eu estou bem." Eu controlei meus dentes batendo. "É bom estar aqui fora."

"Vá para dentro."

"Sério, eu quero estar aqui fora."

O cabelo se espalhava pelo rosto dele no vento gelado. Ele empurrou de volta e olhou para mim.

"Vá para dentro, coloque botas e uma jaqueta quente."

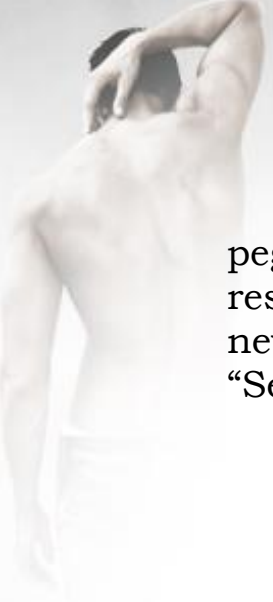
Com essa oferta, eu cedi, correndo para dentro para trocar meu casaco fofo por uma jaqueta grossa Patagonia e meus tênis de lona por botas pesadas e forradas de pele. Eu também peguei outra pá da garagem. Ele sorriu para mim quando voltei. Foi um sorriso afetuoso, não um cruel, e isso afetou minha raiva e medo.

"O quê?" Eu murmurei.

"Você está pronto para construir um boneco de neve."

"Ha, ha."

"Não?" Ele se aproximou. "Vai fazer um anjo de neve?"



Tentei ignorá-lo, enfiando a pá na neve, mas ele pegou minha gola e aproximou meu rosto do dele. Sua respiração era quente e doce no meu rosto. “Faça um anjo da neve, Michael,” ele sussurrou, roçando os lábios nos meus. “Seria tão apropriado.”

Levou toda a minha força de vontade para afastá-lo.

“Eu realmente não estou de bom humor, cara.”

Ele riu e retomou a pá. “Parece com você mesmo.”

Fizemos um trabalho rápido na entrada e no convés. O frio seco e minha ressaca ressecaram minha garganta. Nós bebemos água na cozinha. Em seguida, ele foi para o loft.

“O que agora?” Eu segui ansiosamente.

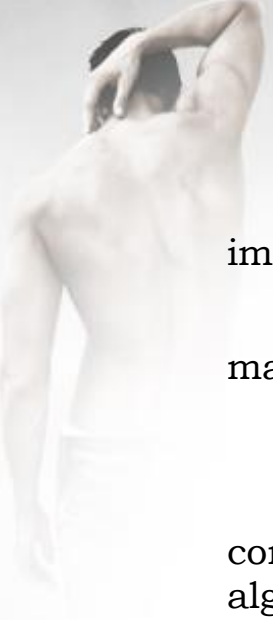
“Vou malhar. Eu bebi muito na noite passada. Tenho que tirar essa bebida do meu sistema.”

Ele não disse nada, embora tenha sorrido fracamente, quando eu o persegui até o andar de cima. Eu vaguei pelo armário quando ele pegava um par de moletons. Depois descemos ao porão, com ele flutuando atrás de mim como uma abelha, mostrando onde ele guardava seu banco e pesos, uma máquina de remo e uma esteira. Ele ligou o som. Eu não reconheci a música. Era triste, principalmente em dó menor, mas com um ritmo hipnótico.

“Você é bem-vindo para correr ou o que for,” ele disse, colocando as luvas e deitando-se no banco, “embora eu pense que há um... Obstáculo no guarda-roupa, novamente.”

Fugindo, eu me imaginei correndo na esteira de boxers. Eu queria rir, mas não me permiti isso. As coisas não estavam bem. Ele precisava saber disso.

“Estou bem, obrigado.” Abri meu laptop no carpete e me sentei contra a parede, e tentei o meu melhor para ignorá-lo enquanto ele fazia repetições com barras carregadas. Ficar ligado não ajudaria em nada hoje. Olhei para seus braços e ombros, as veias se levantando, o suor brilhando em sua pele. Eu abri uma página na web intitulada *Como apoiar alguém que se auto prejudica*.



Ele estava respirando com dificuldade. O barulho era impossível de bloquear.

Ele respirava assim durante o sexo, como se estivesse o matando.

E talvez estivesse o matando.

A página da Web falava sobre ter paciência e compaixão. Eu naveguei na Web e cliquei em outro site. De alguma forma, a segunda página era ainda pior. Ela informava para não julgá-lo e não dizer para a pessoa parar. Dizia que eu não deveria pedir para ver seus ferimentos. *Besteira*.

Depois de vinte minutos, Cal se moveu para a barra de puxar. Eu me deixei dar uma olhada nas costas dele.

No entanto, outro site sugeriu alternativas à auto-agressão: Usar um elástico contra o pulso, apertar o gelo, desenhar com uma caneta vermelha em vez de se cortar, anotar os sentimentos e depois rasgar o papel. Eu cerrei meus dentes. Essas pessoas eram reais?

Eu poderia ter rido ou chorado. *Tente ideias mais criativas como cantar, dançar ou escrever poesia para expressar as emoções que fazem você querer se auto-agredir.* Oh, sim, por que eu não pensei nisso? Cal conseguiria fazer uma dança interpretativa em vez de cortar as pernas.

"Você está bem?"

Eu pulei e fechei meu laptop. Ele estava na minha frente, encharcado de suor e entalhado com músculos definidos. Eu desviei o olhar.

"Tudo bem, faça sua coisa."

"Estou quase terminando." Ele se agachou e esfregou meu tornozelo. "Tem certeza de que você está bem?"

"Sim, realmente." Minha voz travou. Eu afastei meu pé dos dedos dele.

Ele sorriu como o diabo e partiu para fazer séries de abdominais e flexões.

Quando ele finalmente terminou e subiu as escadas para tomar banho, eu segui os seus calcanhares.

“Como isso vai funcionar?” Ele disse de pé no banheiro.

Como resposta, sentei-me em cima do vaso sanitário e abri meu laptop.

O que eu realmente queria que a Internet me dissesse era que eu, uma pessoa considerada sã e bem ajustada, tinha o direito - a obrigação, até - de arrastar Cal para o psiquiatra mais próximo, que confirmaria que ele estava doente e precisava de ajuda.

“Você poderia se juntar a mim.” Ele passou a mão pelo meu cabelo.

“Onde você guarda a faca?” Eu estudei meus joelhos. Eu sabia muito bem que a faca estava na gaveta de baixo à direita, já que eu havia revistado o banheiro dele uma vez.

Ele pegou e entregou para mim. “Feliz?”

“Oh, sim.” Eu balancei a cabeça, fechando a mão em torno da pequena arma resistente. “Estou muito feliz, Cal.”

“Não faça isso assim.” Ele acariciou o lado do meu pescoço. “Tire minha roupa. Tome banho comigo.” Sua voz caiu. “Vou colocar na sua boca.”

Eu tive que fechar meus olhos. Como ele poderia me convidar assim, quando ele achava nossa intimidade tão repulsiva que ele queria se machucar para *resistir a* isso?

“Você é um idiota,” eu disse. “Não fique no banho por muito tempo.”



Capítulo 43

MICHAEL

Cal tomou um banho de cinco minutos, se enxugou atrás da cortina e dirigiu-se ao seu armário. Eu o recusei pelo menos três vezes e ele finalmente pareceu ofendido. Ele vestiu uma calça branca e uma camiseta Henley e desceu as escadas como se eu não estivesse lá.

A calça clara, eu sabia, era para o meu bem. *Olha, Michael: sem sangue.*

Por enquanto, enfiei a faca no estojo do laptop. Eu queria jogá-la fora, mas era uma *Benchmade*, o que significava que custava mais de cem dólares e, de qualquer maneira, se Cal realmente queria se machucar havia dúzias de facas na cozinha. Eu não poderia jogar tudo fora. Eu não poderia substituir seus utensílios com colheres de plástico. Eu não podia acompanhá-lo pelo resto de sua vida.

Eu estava sentado melancolicamente na sala.

Ele estava no fogão, cozinhando alguma coisa. Cada slide e ting de talheres me fazia recuar. Eu deveria ter tomado banho com ele? Ele estava mais ou menos propenso a se matar agora? Ele estava a cinco segundos de mergulhar uma faca em seu estômago?

A tensão corria ao longo dos meus nervos até que todo o meu corpo estava cantando com medo.

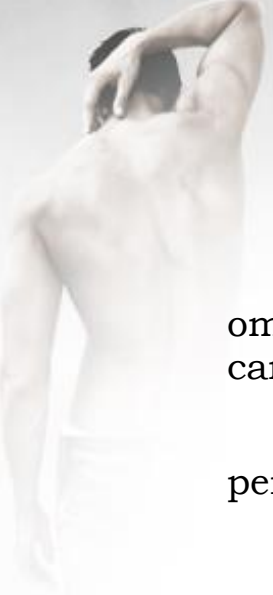
"Michael."

Eu olhei para ele. Ele havia colocado dois pratos na mesa da cozinha.

"Café da manhã," ele disse.

"Oh." E agora eu me sentia como um babaca. Eu vaguei e encarei um prato com omelete e um copo de suco de laranja.

"Eu espero que você goste de espinafre."



Eu dei a ele um olhar desconfiado. “Espinafre está bem.”

Ele sentou ao meu lado, rezou e cortou sua omelete. Folhas de espinafre e queijo esticadas entre finas camadas de ovo.

“Estou bem,” ele disse. Ele realmente podia ler meus pensamentos. “Eu só gosto de espinafre.”

“Aquela vez que você desmaiou...”

“Eu estava cansado. Adormeci.”

“Não, você desmaiou.” Eu olhei para a minha omelete, minha boca estava seca. “Você poderia ter morrido. E eu não saberia. Ou você poderia precisar de atenção médica, e eu estaria sentado ali como um idiota quando deveria estar pedindo ajuda.”

“O que exatamente você quer?” Ele abaixou o garfo.

Eu queria que ele parasse. Eu queria que ele fosse livre. Eu queria mudar a maneira como ele via a si mesmo e o mundo. “Eu quero” - limpei minha garganta - “passar a noite.”

“Isso vai fazer você se sentir melhor?”

Eu balancei a cabeça, porque tecnicamente me faria sentir melhor, esta noite.

“Bem. Tudo bem.” Ele continuou comendo.

“Eu poderia te mostrar uma coisa?”

Ele não levantou os olhos da comida. “Certo.”

Eu peguei um elástico do estojo do meu laptop. Eu não podia acreditar que estava realmente fazendo isso. (Essa citação sobre tempos desesperados é apropriada aqui.)

“Eu li isso online.” Peguei a mão dele e estiquei o elástico ao redor do pulso dele. “Então, quando você quiser...” Seus olhos escuros estavam entediados em cima de mim. Eu quase perdi a coragem. “Bem, é uma técnica de enfrentamento.” Suavemente, eu bati o elástico contra seu pulso.

Ele continuou a me encarar por um tempo e eu me perguntei se ele iria rir na minha cara ou me mandar sair. Ele

não fez nenhum dos dois. Em vez disso, ele passou o polegar sobre minha bochecha e sorriu tristemente. “Entendo. Obrigado.”

Como sempre, sua reação desordenada me confundiu. “Sim, não há problema. Havia outras coisas. Quero dizer, algumas eram idiotas, mas...”

“Mas este foi o *campeão*.”

O humor seco em sua voz me bateu errado. Eu coloquei uma porção de omelete na minha boca e engoli o nó na garganta. Pelo menos eu estava tentando.

“Isso foi uma piada,” ele disse.

“Não foi engraçada.”

“Você não vai me deixar te abraçar. Você não vai me deixar te mostrar afeto.” Ele empurrou o prato para longe. “Eu não sei mais como consolá-lo.”

“Você acha que me mostrar carinho é errado. Você entende por que eu não posso deixar você fazer isso se você continua se sentindo assim?”

“Honestamente? Não.” Ele parecia sinceramente perplexo. “Eu sei que é errado, mas isso é entre mim e Deus. Não é problema seu.”

“É se você...” Minhas mãos tremiam. Por que isso era tão difícil de falar? ”Se você faz isso com você mesmo, isso faz com que seja meu problema também.”

Ele ficou quieto.

“Você já considerou a possibilidade de que não está errado? E se sua família e sua religião estiverem erradas sobre isso?”

Seu silêncio estava se tornando sinistro.

“Eu não estou tentando ser rude,” eu continuei “mas o cristianismo é...”

“Minha vez de mostrar-lhe uma coisa.” Ele se desculpou, foi ao escritório e voltou com uma caixa de manuscritos. Ele empurrou em minha direção. “Continue.”

Meu pulso acelerou quando levantei a tampa.

Havia vários papéis na caixa e a primeira página dizia *The House of Faith by Caleb Bright*, que não era o título de nenhum de seus outros livros. “Isto...”

“Meu quarto romance,” ele disse. “Eu parei de publicar. Eu não parei de escrever.”

Eu folheei a página da frente. “Eu posso?”

“Vá em frente.” Ele pegou um cigarro do bolso. “Você pode escrever sobre isso no seu perfil. Como está indo?”

“Você está falando sério?”

“Sim. Fale sobre o que você quer...” ele gesticulou para o manuscrito “...desde que esteja claro que não vou publicá-lo. Isso vai deixar as pessoas malucas.”

“Cal, isso...” Eu me toquei as páginas. “Isso é enorme.”

“Eu sei.” Ele levou seu prato para a pia. “Você merece isso.”



Capítulo 44

CALEB

Michael passou o resto do dia em uma poltrona perto da lareira, lendo meu livro. Senti-me obrigado a ficar por perto, porque sempre que me arriscava a sair da sala, ele me olhava com olhos arregalados e perturbados. Ele parecia pensar que eu estava à beira do suicídio. Ruídos agudos o faziam pular. Mais de uma vez, lágrimas de frustração brotaram em seus olhos.

Ele era uma criatura estranha para mim, tanto em sua facilidade emocional e simples aceitação de nossa intimidade. Para mim, era pura tortura - querer seu corpo masculino, sentir o desejo mexendo dentro de mim - como um câncer lento, doloroso e invencível.

Enquanto isso, ele era tão livre quanto uma criança, livre de qualquer conhecimento de moralidade, um verdadeiro inocente no jardim.

Eu o invejava, e sua ignorância despreocupada me fazia querer mais dele, como se eu pudesse de alguma forma atrair sua felicidade para mim.

Sem pensar, eu bati o elástico contra o meu pulso.

Eu sentei no sofá com um livro, embora eu passasse mais tempo reacendendo o fogo e vendo Michael ler. As chamas devam a sua pele um tom laranja suave. Seu cabelo estava solto em sua testa, quase em seus olhos. Ele tinha os cílios espessos e escuros e a cor de sua íris era de um castanho dourado puro, como o trigo.

Seus olhos piscavam entre as páginas. Ele estava longe, perdido na minha história.

“Oh,” ele disse, mudando de posição na cadeira. “Você tem certeza de que não se importa se eu continuar lendo?”

“Leia. Isso é tudo o que eu faço em alguns dias.” Eu bati no livro negligenciado no meu colo.



“Está muito bom.”

“Obrigado.” Eu sorri e me estiquei ao longo do sofá. Seu olhar respondeu, absorvendo o comprimento do meu corpo. Ele desviou o olhar abruptamente.

“Isso não te deixa com raiva?”

“O que?”

“Escrever algo tão bom” - ele fez um gesto com o manuscrito - “colocar muito trabalho em algo e não poder compartilhá-lo”.

“Oh.” Fechei meus olhos e estalei o elástico. Suas palavras flutuaram em minha mente. Eu gostava do som de sua voz e do jeito que sua garganta zumbia quando ele falava, quando eu tinha meus lábios nela. Eu gostava de suas pausas relutantes e camisetas bobas. Eu gostava de seus tênis impraticáveis, frágeis e seus shorts de garoto.

Raiva. Ele queria falar sobre a raiva.

Meus pensamentos se dirigiram para Coral e eu puxei o elástico, com força, e isso machucou minha pele. Não foi por acaso, que no caminho de sua vingança, tivesse custado à única pessoa que eu realmente amara? Ela também precisava ficar com o meu filho, e a minha carreira?

Imaginei minhas mãos em volta do pescoço dela, seu rosto ficando cinza.

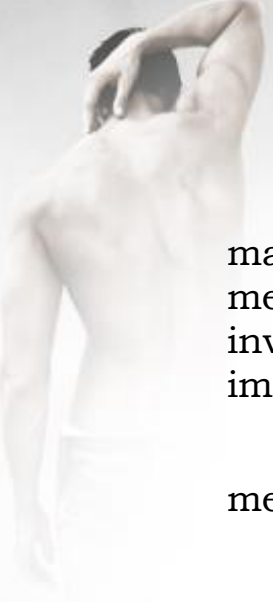
Ninguém sabe tanto sobre raiva quanto eu.

“Você acha que é fácil para mim,” eu disse. “Este arranjo.”

“Eu não sei. Você parece tê-lo aceitado bem.”

Eu sorri. O que Michael via como aceitação, eu via como dignidade. Eu simplesmente não iria mijar no cárcere do carrasco.

“Quero dizer, você disse que faz isso para si mesmo. Como se você realmente achasse que merecesse isso.” Ele não estava tentando discutir comigo. Sua voz vinha de um lugar de dor e confusão. Ele estava tentando argumentar comigo.



“Eu acredito que mereço isso,” eu admiti. “Isso não torna mais fácil.” Antes que ele pudesse continuar, eu me levantei e me estiquei. Mais uma vez, ele me deu uma olhada quase involuntária. “Eu gostaria de te esboçar, se você não se importar. Você pode ficar bem aí.”

“Oh.” Ele passou a mão pelo cabelo. “Claro, eu acho. Isso me deixa meio nervoso.”

“Isso não é uma grande mudança para você, não é?” Eu sorri e fui para o anexo.



Capítulo 45

CALEB

Naquela noite, eu desenhei Michael até que a luz do sol se afastou da sala e tivemos que acender lâmpadas para suplementar o fogo. Preenchi página após página com a extensão de suas pernas, a inclinação de sua cabeça, suas características desatentas e sua postura tranquila. Uma página, eu dediquei inteiramente às mãos dele, que estavam miraculosamente paradas enquanto ele lia.

Eu sempre preferi desenhar a fotografia, porque as fotos só revelam o que é, mas o esboço revela o que é *sentido*. E isso é arte - o filtro irreprimível do sentimento entre o eu e o mundo. Quando interpretei Michael nas linhas do grafite, concentrei-me na afeição em vez da vergonha e no crescente amor que sentia por ele, em vez do ódio que sentia por mim mesmo. Claro, eu estava me apaixonando por ele. Ele havia testemunhado toda a minha escuridão e ele ainda estava ao meu lado.

"Posso ver?" Ele perguntou, não pela primeira vez. Depois de passarmos o dia inteiro lendo e desenhando, parando apenas para almoçar, jantar e cigarros.

Eu me aproximei e inclinei o caderno de desenho.

Ele estudou a página seriamente.

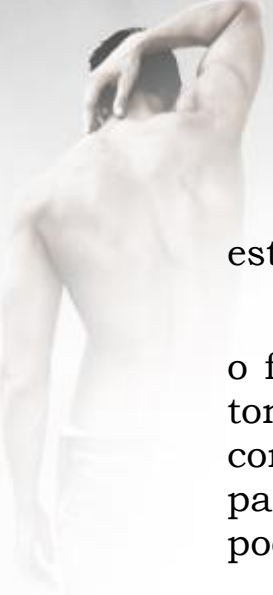
"Você é bom em tudo."

"Você realmente não acredita nisso," respondi. Com as coisas que importavam - amor e intimidade, uma visão saudável e imparcial do mundo e de mim mesmo - ele acreditava que eu falhava completamente. Eu o vi processar meu comentário e fechar a boca.

"Estou cansado, Michael. Estou indo para cima."

"Oh." Ele levantou da cadeira. "Eu também."

"Você pode ficar aqui embaixo, sinta-se em casa."



“Não, eu estou cansado.” Contra a declaração, seu rosto estava pálido e alerta.

“Bem, há um quarto de hóspedes no porão.” Eu apaguei o fogo e fechei cortinas e persianas. Eu sabia que ele queria tomar conta de mim e poderia ter sido divertido vê-lo se contorcer se eu não oferecesse minha cama, se ele tivesse passado o suficiente nas últimas vinte e quatro horas. “Ou você pode dormir comigo.”

“Claro,” ele murmurou.

Dei-lhe uma escova de dente e o chutei para fora do banheiro para ter alguns minutos de privacidade. Ele estava esperando na porta quando eu saí.

“Você é bem vindo a fazer um exame de corpo inteiro,” eu disse me despindo preguiçosamente enquanto atravessava o quarto. “Ou talvez algum trabalho forense lá dentro.”

“Muito engraçado.” Ele correu para o banheiro.

Ele *era* engraçado para mim, sua inquietação sobre o nosso arranjo de dormir. Joguei minhas roupas no cesto, desliguei as luzes e me estiquei nu, sob os lençóis. Eu raramente dormia nu, mas Michael não precisava saber disso.

Sua forma sombria apareceu na porta do banheiro, apenas com sua boxer, carregando uma pilha de roupas dobradas. “Eu vou apenas...”

“Coloque-as em qualquer lugar,” eu murmurei.

“Ok”. Ele se arrastou cautelosamente em direção à cama.

“Cuidado com os seus passos.” Eu sorri no escuro.

“Você é um idiota.” Ele se moveu e deitou no colchão com o mínimo de movimento. E ele ficou firmemente enrolado no lado mais distante da cama. Eu bocejei e me estiquei e esperei.

“Eu acho que preciso investir em lençóis com uma maior contagem de fios,” ele disse.

“Hm,” eu concordei.

“Obrigado por me deixar ficar.”



Eu fiz outro barulho afável.

Ele ia dizer boa noite, como se fôssemos garotos em uma festa do pijama. Eu podia sentir isso chegando. Eu me preparei.

“De qualquer forma” - ele limpou a garganta - “boa noite, Cal.”

Meus ombros tremeram e minha garganta apertou impotente ao redor da minha risada, de modo que saiu grave e suprimida.

“O quê?” Ele disse. “O que foi?”

“Venha cá, Michael.”

Ele avançou até que sua coluna tocou o meu flanco.

Eu me nele e puxei suas costas contra o meu peito, aninhando minha ereção na fenda de seu traseiro. Só então ele percebeu que eu estava nu e ele pulou. Eu toquei seu peito, escovando meus dedos sobre seus mamilos. Eles eram terrivelmente sensíveis. Eu os provoquei por um tempo, fazendo-o se contrair contra mim.

“Cal...”

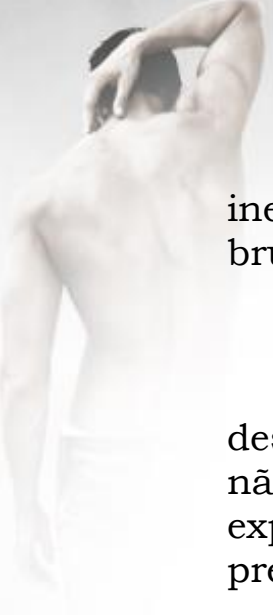
“O que?” Eu o senti através de sua cueca. Ele estava rígido.

“Eu não... Quero que você fique excitado... E se machuque.”

“É um pouco tarde, para a primeira parte. E eu não vou ok?” Eu me pressionei contra ele. “Eu não vou.” Eu precisava dele tão mal, eu teria concordado com qualquer coisa.

“Você tem que prometer,” ele disse.

“Eu vou. Eu prometo. Você pode assistir.” Eu abaixei sua boxer e ele se virou para mim. Nós nos tocamos suavemente, nos beijando e nos esfregando. Quando ele arrastou as cobertas e desceu pelo meu corpo, eu o deixei ir, meus dedos entrelaçados no cabelo dele enquanto ele beijava meu eixo. Ele não tinha ideia do que estava fazendo e, por alguma razão, sua



inexperiência era incrivelmente excitante. Eu gemi bruscamente quando ele chupou minha cabeça.

"Michael... Use suas mãos."

Ele obedeceu imediatamente, apertando desajeitadamente minhas bolas e o meu pênis. Eu iria rir se não estivesse ofegante e me contorcendo. Em minha experiência limitada, crescer com um corpo masculino nunca prepara um para lidar com o mesmo.

Ele tentou me levar fundo, e recuou ofegante. Enquanto ele se recompunha, ele beijou meu abdômen, depois minhas coxas, depois minha parte interna das coxas, seus lábios e língua acariciando meus cortes e cicatrizes. Lágrimas bateram na minha pele.

Eu o puxei e beijei os rastros úmidos de suas bochechas. Então eu beijei sua boca, deslizando minha língua sugestivamente.

Quando peguei meu lubrificante, ele começou a rolar.

"Não," eu disse, posicionando-o de costas. "De frente."

Levantei as pernas dele sobre meus ombros e o penetrei. Eu disse a ele que poderia me aprofundar dessa maneira, e que eu sabia que ele queria ficar de olho em mim. Eu o fiz se tocar; e eu bebia do seu corpo enquanto o penetrava. Ele gozou primeiro, sempre.

Eu durei por um longo tempo, batendo forte contra ele, e depois diminuindo a velocidade, cavalgando até a borda do êxtase e contando a ele todos os pensamentos sujos que passavam pela minha cabeça.

Enquanto nós nos consumíamos, eu o fiz olhar para mim, e nos beijamos e eu o tocava. Eu não queria parar. Ele era perfeito, preso entre o desconforto e o prazer, e quando eu o montava com força, ele segurava os lençóis e fazia os barulhos mais obscenos.

O suor escorria do meu queixo para o peito dele. "Bom," ele disse continuamente, "Tão bom," mesmo que ele tenha estremecido, eu fui rápido demais. "Não se sente bem?" Ele ofegou, puxando meu corpo contra o dele.



Eu balancei a cabeça, lentamente perdendo o controle.

"Porque *é* bom," ele disse. "É bom, Cal. Está tudo bem."

Ele puxou meus lábios para os dele quando eu gozei e ele me beijou como se ele pudesse mudar minha mente com um beijo. Eu gemi em sua boca. Ele agarrou-me com força, seus membros como barras ao meu redor, e quando eu acordei na manhã seguinte, ele ainda estava agarrado a mim.



Capítulo 46

MICHAEL

Cal fez amor comigo de novo pela manhã. Eu estava dolorido, mas gostava do que fazia com ele e até gostava da dor. Eu congelava cada vez que ele entrava mais profundo ou quando se movia muito rudemente, mas a prova do meu prazer estava entre as minhas pernas, rígido e pingando.

E foi diferente da primeira vez. E se tornou passado. Ele me beijou e me abraçou e falou comigo, e nos movemos juntos.

Entretanto, depois do ato, um pavor familiar me inundou enquanto ele se dirigia ao banheiro.

"Você vai tomar banho?" Eu corri atrás dele.

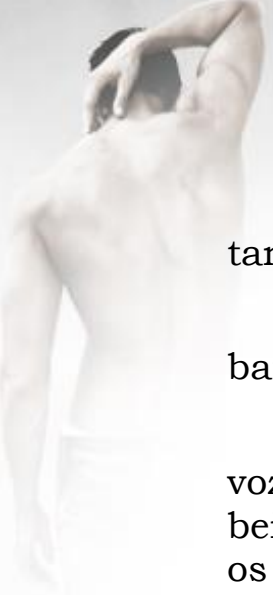
"Eu costumo fazer isso, de manhã."

"Eu pensei que você malhava primeiro."

"Eu acho que acelerei o meu ritmo cardíaco suficiente na noite passada." Ele sorriu por cima do ombro. "E esta manhã. Algo em sua mente?"

Ele estava nu e a luz da manhã entrava no quarto, tingindo seu cabelo em tons azulados. Ele parecia estranhamente confortável em sua pele, enquanto eu colocara minha cueca boxer momentos após sexo. Não havia ferimentos visíveis na parte de trás de seu corpo, nenhuma cicatriz desbotada. Se ele se machucasse, eu seria capaz de ver os cortes em sua parte interna das coxas, e eu queria vê-los claramente. A manhã que eu descobrira as cicatrizes era uma lembrança nebulosa, e mal olhei para elas antes que ele acordasse.

Ele me observou enquanto eu inspecionava seu corpo e ele riu. "Não me diga que você está pronto para a segunda rodada. Eu sei que você é mais jovem do que eu, mas isso seria impressionante."



“Oh, não.” Meu olhar se levantou. “Talvez eu tome banho também.”

“Bom. É estranho quando você apenas se senta no banheiro. Faz-me sentir como um espécime em exibição.”

Tentei detectar alguma decepção em sua expressão ou voz, mas ele parecia genuinamente gentil. No chuveiro, nos beijamos e ele me segurou contra os azulejos. Então ele lavou os cabelos e os meus e lavou nossos corpos. Aquilo era o paraíso - um prazer inesperado - a sensação de suas longas e poderosas mãos massageando minha cabeça e meus membros. Eu gemi e rolei minha cabeça. Seus dentes se fecharam suavemente na minha garganta.

Vinha naturalmente para mim, deixá-lo assumir o controle de muitas maneiras. Eu não conseguia imaginar nossos papéis ao contrário. E eu me considerava forte, opinativo, inteligente e motivado. Talvez, um dia, eu tenha precisado de Nicole para dar uma guinada na minha vida, em uma direção produtiva, mas meu relacionamento com Cal não trazia nenhum vestígio disso. Não sentia nenhuma pressão dele para fazer com que eu fosse algo mais do que eu. Se alguma coisa, ele exercia uma espécie de influência passiva, e queria que eu fosse apenas à melhor versão possível de mim mesmo. Eu me perguntei o que ele teria pensado de mim há três anos.

Seu dedo deslizou para o meu traseiro e ele fechou os olhos e beijou minha orelha. “Não posso me ajudar,” ele sussurrou.

“Cal”. Eu agarrei seu cabelo.

“Eu quero ver se eu posso...” Ele me tocou devagar. Eu sabia o que ele queria fazer - ele queria ver se ele poderia me levar ao clímax novamente - e ele fez, facilmente, de joelhos com a boca ao meu redor e seu dedo ainda se movendo dentro de mim.

Saí do chuveiro aturdido. Ele secou o meu cabelo com um pequeno sorriso nos lábios. “Impressionante,” ele murmurou.

Sem pensar, meu olhar caiu para seu membro macio e depois para os cortes em suas coxas. Elas eram como

brânquias de tubarão, dispostas em fileiras bem organizadas, seis por perna. Três eram de um vermelho acastanhado raivoso; quatro eram esbeltas e cor-de-rosa; o resto estava pálido, e desaparecendo.

"Tire uma foto," ele disse.

Continuei a estudá-las. Seu sarcasmo sutil não me incomodou. Eu estava, verdadeiramente, tentando tirar uma foto mental para saber se ele faria isso de novo.

"Estou apenas olhando," eu disse. "Você se importa?"

"Eu acho que não." Ele secou o cabelo e os braços.

Os sites que eu havia visitado ontem alertaram contra isso - *não se concentre nas feridas e nem peça para vê-las* - e não faça ultimatos, o que parecia ridículo para mim. Se Cal continuasse cortando sua perna por causa de nós, eu teria que deixá-lo, ou pelo menos ameaçar deixá-lo. Meu peito se contraiu com o pensamento.

"Eu não vou fazer isso," ele disse calmamente, envolvendo a toalha em volta da sua cintura e terminando meu exame. "Você não precisa se preocupar."

"É tão fácil parar?"

"Eu não disse que seria fácil. Eu disse que não vou fazer isso." Ele foi até o armário. Eu o segui, pegando o meu jeans. Eu não iria usar minha boxer de novo, ela estava uma bagunça, e eu me sentia sujo colocando as mesmas roupas amarrotadas. Eu precisava ir para casa. Meu estômago se transformou em chumbo, afundando dentro de mim.

"Você irá parar por mim?"

"Eu não quero deixá-lo infeliz. De qualquer forma, você não aceitaria isso, não é?" Ele fez a pergunta em tom desdenhoso, mas eu poderia dizer pelo conjunto de seus ombros, e pela tensão em seus braços enquanto ele puxava sua calça jeans, que ele não se sentia tão relaxado quanto parecia.

Você não aceitaria isso, não é?

Leia-se:



Você me deixaria, não é?

"Eu... Eu não sei."

"Está tudo bem," ele disse escolhendo as camisas. "Acho que me sentiria do mesmo jeito, na sua posição. Você não pode ficar com alguém que está fazendo isso, certo? Especialmente se for o resultado de você estar junto." Ele escolheu uma camisa cinza de mangas compridas. Ele parou antes de tirá-la do cabide. "Se você estivesse fazendo isso para si mesmo, eu ficaria louco."

Ele entendia então. Eu exalei. "Honestamente, eu sinto que estou."

"Bem, eu não quero isso." Ele voltou para o banheiro. "No entanto, eu não seria capaz de te deixar. Mesmo que você não pudesse parar. Já passou disso agora, pelo menos para mim." Ele colocou o produto no cabelo e escovou os dentes. Eu escovei os meus também, com os meus olhos baixos.

Era fácil para ele dizer que não podia me deixar. Eu queria dizer a ele que era o mesmo para mim, mas essa informação poderia ser perigosa em suas mãos. Se ele pudesse se machucar e me manter, ele poderia voltar a fazer isso. Então eu teria que manter essas duas dores horríveis: a dor de ficar com ele enquanto ele estava se machucando e a dor de nunca mais vê-lo se ele se cortasse fundo. Eu olhei para dentro da pia, meu estômago apertando. Nunca, em minha vida, a turbulência emocional causou tal impacto em meu corpo.

"De qualquer forma," ele disse, "não tenho muita escolha. Eu odeio colocar isso em você, mas não posso te perder. Então, eu não vou mais fazer isso. Tente não se preocupar."

Ele beijou meu ombro e desceu as escadas.

Ele tinha dito que me amava - *não posso te perder* - e fiquei ali por um tempo processando a informação, deixando-a entrar em mim como uma maré. Eu pensei que não poderia ser verdade, mas tudo na minha realidade me dizia que era. Eu era o objeto de seu desejo físico e emocional. Sua mente fascinante, seu coração complicado e seu corpo incrível



estavam todos, de alguma forma, fixados em mim, e ele não *podia* me perder.



Capítulo 47

MICHAEL

Eu tentei ler mais o romance de Cal, mas minhas roupas de um dia cheiravam a coisas velhas, eu odiava sentir essa falta de coragem toda vez que me inclinava contra a minha mão e, conforme as horas passavam, comecei a perceber como eu era tolo ficando em sua casa indefinidamente. Eu tinha que ir para casa, mesmo que apenas para trocar de roupas e o uso do desodorante.

Eu coloquei seu manuscrito cuidadosamente na caixa e fechei meu laptop. Eu tinha começado a tomar notas sobre o livro e até mesmo digitei a primeira frase real para o perfil: *o quarto romance de Caleb Bright é um retrato psicológico hipnotizante de uma família moldada despedaçada pela fé, mas você provavelmente nunca vai lê-la.*

"Já teve o suficiente?" Ele disse. Às vezes, ele parecia absorto em seus desenhos ou leituras, mas nunca perdia nenhum pequeno movimento meu.

"Oh, de jeito nenhum. É incrível, Cal." Eu quis dizer isso. Eu tinha gostado dos primeiros três livros dele, mas os li por força em menos de uma semana, o que é rápido demais para um leitor lento. *A Casa da Fé* , no entanto, fez com que seu trabalho anterior parecesse apenas exercício de prática - como se ele tivesse finalmente terminado seu treinamento e voado.

A heroína do romance estava orbitando cada vez mais longe das convenções de sua família e, consequentemente, daquele porto de amor e identidade. Logo, eu sentia que ela tentaria voltar e encontrar o caminho que estava bloqueado. Era uma história mais pródica, mas sem perdão, e parecia muito com a luta de Cal.

"Você acha?"



“Sim. Acho que é o seu melhor.” Peguei a caixa do manuscrito e olhei para a tampa. “É mais pessoal do que os outros, se isso faz sentido.”

“Claro que sim.”

“Eu vejo muito de você na protagonista.”

“Bem, isso sempre acontece.” Ele fechou o livro e eu poderia dizer que ele queria fechar essa conversa também. “Você pode ficar com essa cópia, a propósito. Eu tenho mais.”

“Oh. Obrigado.” Eu coloquei a caixa na frente do meu estômago. “Você não se importa se eu levar?” Eu estava ansioso para ler as páginas e fazer orelhas para destacar e tomar notas na margem.

“De modo nenhum. É seu.”

“Obrigado. Sério.” Sorri fracamente. Meu estômago estava revirando.

“De nada.” Seus lábios se contraíram. “De verdade.”

“Eu me sinto realmente sujo.” Eu coei a minha mandíbula espinhosa. “Eu preciso fazer a barba e pegar roupas limpas e outras coisas.”

“Isso faz sentido.”

Eu permaneci sentado, olhando minhas meias. “Eu realmente não quero ir.”

“Eu posso ver isso.” Ele não estava me ajudando em tudo.

“Você provavelmente está pronto para se livrar de mim.” Eu forcei uma risada.

“Não.” Ele cruzou as mãos e me observou calmamente.

“Oh. Bem, talvez eu apenas... Corra para casa e pegue algumas roupas limpas, então.”

“O que você quiser Michael.”

“Eu poderia voltar.”

“Eu gostaria disso.”

Ainda assim, eu estava colado à poltrona. O pensamento de deixá-lo sozinho, e com o seu Deus, e sabia quantos objetos afiados estava à disposição, era impossível sair. Imaginei-o inconsciente na banheira, o sangue bombeando de sua perna aberta e meu coração começou a palpitar.

“Escute,” eu disse. “Você deveria vir comigo.”

“Para o seu apartamento?”

“Sim. Eu só vou dirigir e voltar, e companhia seria legal.” Eu sabia que não estava o enganando, mas minha dignidade exigia que eu tentasse.

“Se isso faria você feliz.” Ele não precisava sorrir para me deixar saber que o meu medo era óbvio. Talvez ele tenha sentido pena de mim.

“Seria.”

“Justo. Que tal eu dirigir. Meu carro dirige melhor na neve.”

“Parece bom. Se você não se importa.” Eu empilhei minhas coisas e me dirigi para os meus sapatos e casaco. Eu não me importaria de vê-lo dirigir - de modo algum - e, de qualquer maneira, o manejo frágil do Jeep me envergonhara quando eu o levara para a festa.

Ele pegou o Audi. Música instrumental suave saía dos alto-falantes. Ele dirigia sensivelmente, seus olhos escuros tremulavam entre os espelhos e a estrada, e de vez em quando ele me olhava, quando eu fingia estar observando a paisagem. Seu sorriso malicioso me disse que ele não foi enganado.

“Bela vista certo?” Ele disse.

Eu levantei a gola do meu casaco. Cal nunca parecia avermelhado, mas era a minha maldição. Eu tinha sangue dinamarquês pelo lado da minha mãe e irlandês no meu pai e tinha a pele luminosamente pálida para provar isso. No tempo frio, minhas bochechas ficavam rosadas como as de uma menina. Raiva, vergonha e paixão nunca deixavam de avermelhar meu rosto e pescoço, e às vezes, para minha eterna vergonha, meus olhos. No ensino médio, porque meu rubor era

uma fonte de diversão para meus colegas, aprendi a reconhecer o sutil calor e o formigamento que indicavam que eu estava me transformando em uma lagosta cozida, para que pudesse me esconder ou me afastar até passar. Mas aqui não havia como me esconder ou me afastar de Cal, na maioria das vezes.

"Sim, é boa," eu murmurei.

"Você poderia ter deixado isso na minha casa." Ele quis dizer a caixa do manuscrito, que estava no meu colo.

"Oh. Eu não pensei nisso."

"Poderia ter deixado o seu laptop também."

"Sim você está certo. Eu não tinha certeza..."

"Eu quero você por perto, Michael. Eu lhe disse isso, eu teria oferecido a minha casa, ou ido morar mais perto, se não fosse pelo hábito da minha irmã de aparecer sem ser anunciada. Mas ela literalmente faz isso, então estamos seguros por alguns meses."

A maneira como ele falou - *seguro* - me fez sentir seu medo de exposição.

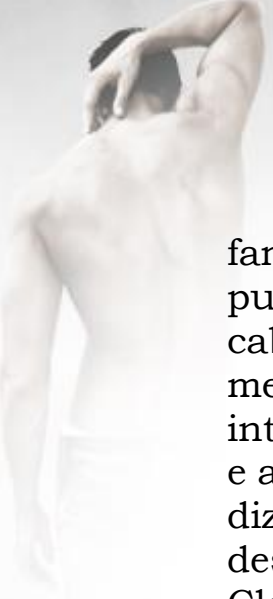
"Será que sua família realmente evitaria você, se soubesse?"

"Ai sim. Absolutamente. Eu não seria convidado para suas casas, e nem suas vidas. É um grande negócio para nós. E a família de Coral é batista do sul. Extremamente assim."

Eu balancei a cabeça lentamente. Para mim, batistas extremos eram as pessoas que protestaram nos funerais das vítimas por tiro em Orlando. Em outras palavras, indivíduos insensivelmente mesquinhos que levavam sua fé a extremos odiosos. Eu peguei na caixa do manuscrito e me perguntei se eu estava sentado ao lado de um homem assim. Cal não feria e nem odiava os outros, até onde eu sabia, mas ele se machucava e se odiava, e isso também era extremismo religioso.

"Você entende agora?" Ele disse.

"Estou começando."



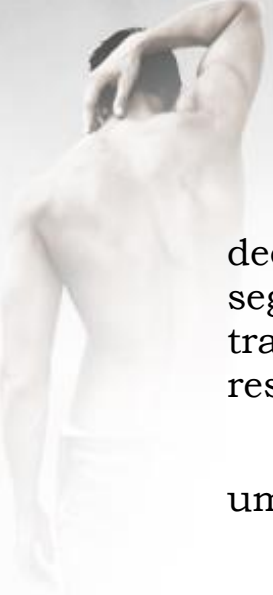
“Provavelmente, não é o que você está pensando. Minha família e a dela, não são caipiras correndo com armas em punho, tentando queimar todos os gays.” Ele balançou a cabeça. “Eles são ricos e bem educados. Cosmopolitanos, mesmo. Mas são famílias antigas e fundamentadas inteiramente na fé cristã. E nós temos fé no que acreditamos, e acreditamos por gerações. Os ateus confiam no governo para dizer-lhes o que é certo e errado” - ele balançou a mão, desdenhoso - “o que é tão insano, se você pensar a respeito. Claro, nossa democracia atual tem um conjunto humanitário de leis, mas o que acontece se surgir um governo que diga que não há problema em matar sob certas circunstâncias? Tecnicamente, você poderia dizer que já temos esse governo, com a legalização do aborto.”

Eu o observei enquanto ele falava. Ficou claro que ele havia considerado esse assunto com frequência e de forma completa. Seus pensamentos eram organizados, sua explicação paciente.

Ele me estudou por um momento. “Você sabia que eles se afastam da ferramenta do aborto no útero? Os bebês, eu quero dizer. Seus batimentos cardíacos aumentam, seus movimentos ficam frenéticos e suas boquinhas se abrem como se estivessem chorando ou gritando. Eles realmente se movem para tentar escapar do instrumento. Como se eles pudessem. E não há ninguém para ajudá-los.”

Eu fiz uma careta e desviei o olhar. “Eu não. Eu realmente não pesquisei sobre isso.”

“É retrógrado e bárbaro. As mesmas coisas que você pensa da minha fé, tenho certeza.” Seu olhar voltou para a estrada. “A verdade é que a moralidade não significa nada nas mãos de um governo secular. Fé - Deus - nos dá um conjunto de regras com autoridade divina. E acredite, eu gostaria de poder mudar algumas das regras, mas isso não importa. Não é minha escolha. Estou feliz que não seja minha escolha. Não estou tão confiante de que me sentiria à vontade para decidir como todos deveriam viver ou de onde viemos e para onde estamos indo. E é óbvio para mim que a humanidade é muito complicada e bonita para ser um acaso. Nada sobre a vida faz sentido fora da fé. Não para mim, de qualquer maneira.”



Eu não tinha uma réplica, nenhuma resposta à sua declaração equilibrada. Sentado ao meu lado, ele parecia tão seguro de si mesmo, e seu argumento fazia sentido. Quando se tratava de certo e errado, respondia à legislação americana. Ele respondia ao seu Deus.

"Eu não queria te dar uma palestra," ele disse depois de um tempo.

"Não, está tudo bem. Eu quero saber essas coisas. Eu só estou pensando." E fiquei pensando - nós tínhamos uma longa viagem à nossa frente - até que eu encontrei uma falha em sua lógica. "E as outras religiões?" Eu disse. "Há muitas. Você falou sobre um governo que apoia o assassinato, mas algumas religiões extremas realmente apoiam. As pessoas explodem prédios, atiram nos clubes. Eu sei que você vai dizer que não está tudo bem, mas eles acham que está. Eles também não querem responder às leis criadas pelo homem. Eles acham que estão agindo em nome de um poder superior."

"Você está certo. Mas essa não é minha fé, verdade?"

"Não," eu insisti, "mas é *uma* fé. Quero dizer, há obviamente um problema ao dar as respostas aos poderes mais elevados da maneira que acharmos melhor. E nós precisamos de leis."

"Eu não discordo. A Bíblia defende a submissão ao governo."

"Mas você acha que uma fé está certa e as outras estão erradas?"

Ele sorriu. "Eu acho que sim."

"Então você não se sente à vontade para criar regras para todos, mas você decidiu que o cristianismo é a única verdade real?"

Ele ficou quieto por um minuto.

"Você me pegou," ele finalmente disse.

Eu sorri um pouco. Foi uma pequena vitória, mas talvez um grande passo para ajudá-lo. E eu queria ajudá-lo. Eu estava nisso enquanto ele me quisesse.

Sem olhar, ele estendeu a mão e passou os nós dos dedos pela minha bochecha. O gesto sempre me fez querer acariciar sua mão.

"Deixe-me dizer uma coisa, no entanto" ele disse, envolvendo os dedos ao redor do volante. "O que eu acredito... Eu acho que você vê isso como algo construído em torno de mim."

"Mais ou menos," eu admiti. *Completamente* era o que eu queria dizer. Cal vivia em sua gaiola de prata, embora seu coração tivesse superado isso anos atrás.

"Bem, é mais parecido com os meus ossos, Michael. É como eu sou construído. Como Abigail." Ele apontou para a caixa do manuscrito. Abigail era o personagem principal na *Casa da Fé.* "Se a minha fé se desfaz de alguma forma, eu também irei me desfazer."



Capítulo 48

CALEB

No apartamento, Michael passou pela sala, e ele repetiu várias vezes o mesmo movimento "simplesmente pegando algumas coisas bem rápido," e depois carregava um conjunto de roupas dobradas para o sofá. Eu sentei na cozinha e fiquei observando.

"Oh, a barba." Ele desapareceu novamente, voltando com o rosto suave e com um punhado de produtos de higiene pessoal. "Para amanhã de manhã," ele explicou. "Se, eu quero dizer, se..."

"Bom," eu disse. "Seria bom se você ficasse." Eu sorri agradavelmente e espalhei minhas mãos no balcão. Eu nunca sabia o que fazer para deixar Michael à vontade e meus melhores esforços sempre pareciam sair pela culatra. Algo sobre a minha presença em seu apartamento o deixava nervoso.

"Você tem certeza?"

"Absolutamente. Fique lá, por favor. Se você quiser."

"Eu quero. Se você me quiser..."

Eu dei a ele um olhar seco. Ele estava se tornando ridículo, de uma maneira encantadora.

"Pegue uma bolsa para os seus produtos de higiene pessoal," eu disse, porque ele tinha empilhado um monte de produtos, soltos, em uma toalha. "E mais algumas mudas de roupa."

A pilha no sofá cresceu até que eu tive que pedir para pegar outra bolsa.

A única coisa adequada que ele possuía era uma pequena mala de mão, que o mandou para novas incursões pelo apartamento.



“Eu não posso acreditar que isso é tudo o que eu tenho.” Ele pegou a mala, seu rosto vermelho brilhante. “Eu sinto como se estivesse me mudando. Eu juro, eu costumava possuir uma bolsa de ginástica.”

“Está bem.”

“Eu posso sair quando você quiser. Isso é demais?”

“Não, está perfeito.” Eu queria rir, mas isso teria piorado as coisas. “Por favor, não se preocupe. Eu quero que você fique comigo.”

“Eu vou empacotar tudo.” Ele moveu roupas para a mala. “Não que eu esteja fazendo uma viagem. Eu só quero parar de roubar sua pasta de dentes.”

“Está tudo bem. Não tem problema.” Eu atravessei a sala em busca de uma mudança de assunto. Parei em frente a uma decoração estranha: um balão achatado em uma moldura de vidro. Algo indecifrável estava rabiscado no balão. “Arte Moderna?”

“Oh.” Ele riu, a cor em seu pescoço se aprofundou. “Não, eu... Isso foi uma piada de alguns colegas de trabalho. Eu costumava trabalhar no Party World.”

Sorri por cima do meu ombro. “Party World?”

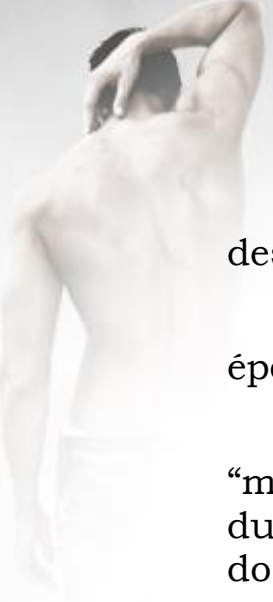
“Sua festa começa aqui,” ele murmurou.

“Eu conheço. Por favor, me diga que você usou um dos aventais.”

Ele olhou para mim. “Você realmente pôs os pés em um Party World?”

“Mais como se eu tivesse passado e olhado pela janela.” Eu ri. “Quando foi isso e o que está acontecendo com o balão? Uma lembrança de tempos mais felizes?”

“Você é mal, cara.” Ele fechou a mala. “Costumávamos correr, ver quem conseguia preparar cachos de balões mais rápidos. Eu venci. Esse foi o meu presente de despedida quando eu desisti.” Ele deu de ombros. “Foi como há... Três anos atrás.”



“Você parece tão jovem para mim.” Eu me movi atrás dele, deslizando minha mão em seu cabelo.

“Você não teria olhado para mim duas vezes, naquela época.”

“Talvez nós não tivéssemos nos conhecido,” eu disse, “mas se tivéssemos, eu teria olhado para você mais do que duas vezes.” Eu trouxe minha boca para perto da parte de trás do seu pescoço. Eu queria tanto beijá-lo. Nossa conversa no carro, no entanto, ainda estava muito recente. Eu tinha dito a ele o que eu acreditava, e o que eu acreditava condenava nosso relacionamento. Se ao menos eu pudesse escutá-lo sem ceder ao desejo físico. Então, ele ainda teria uma namorada e uma vida normal e decente.

Em vez disso, eu o arrastara para o meu pecado, e isso era muitas vezes pior do que guardar apenas para mim.

Eu me afastei dele e puxei o elástico.

Eu queria me matar, mas, de alguma forma, eu nunca deveria tentar fazer isso de novo.



Capítulo 49

MICHAEL

Cal voltou com um humor estranho no caminho de volta para Red Feather. Ele estava quieto, mas não desatento, amigável, mas não flertava ou parecia divertido. Parecia que apenas metade de si mesmo estava presente, e eu não conseguia decidir se era devido à nossa conversa sobre sua fé, o fato de que eu estava praticamente me mudando, ou meu status de ex-funcionário do Party World. Eu sorri levemente com a minha própria piada. Ele não perguntou o que era engraçado.

Naquela noite, ele mal me tocou. Quando reuni coragem para me aconchegar ao seu lado, ele jogou um braço nas minhas costas e foi dormir.

Na manhã seguinte, porém, ele me acordou com um boquete quase dolorosamente intenso - o tipo em que ele me levava tão profundamente na boca que eu queria gritar. Então ele tentou sair da cama sem gozar. Eu enfiei uma perna ao redor dele e segurei seu eixo, uma mão no cabelo dele. “Deixe-me,” implorei.

Ele fez exatamente isso. Ele fechou os olhos, apoiou os braços no colchão e pairou sobre mim enquanto eu o masturbava. Ele gozou com um gemido torturado, como se eu tivesse o machucado.

Mas, depois disso, seu humor se estabilizou. Nós nos exercitamos e tomamos banho e ele me segurou apertado. Eu queria perguntar o que estava passando pela sua cabeça, mas perguntar sobre isso poderia levá-lo de volta para baixo, e seu humor sombrio me preocupava.

Na varanda, café e cigarro na mão, ele disse: “Às vezes, eu acho que esses desejos que tenho são como um vício. Se eu não os alimentasse, eles poderiam desaparecer.”



Eu fingi que as palavras não me perturbaram. “O que você quer comigo então? Idealmente quero dizer. Se podemos considerar algo assim.”

“Companheirismo próximo. Afeição. Nada íntimo.”

“Eu poderia tentar isso, se isso ajudar você. Nós poderíamos fazer isso.”

“Você poderia?” Ele disse pensativamente.

Eu balancei a cabeça um pouco.

“Então você é mais forte do que eu sou” - ele apagou o cigarro, deixou a xícara na mesinha e beijou o topo da minha cabeça - “porque eu não posso.”

Nossos dias caíram em uma rotina. Nós acordávamos e trabalhávamos, e depois tomávamos banho, café da manhã, líamos e escrevíamos e conversávamos durante todo o dia. Cal fazia as nossas refeições. Algumas vezes, ele me levava a lanchonetes ou restaurantes que ele gostava. Nesses lugares, nós conversávamos apenas sobre seus livros ou sobre a vida. Eu não era sua amante nesses momentos; Eu era o jornalista. Mas em casa, ele me tocava sempre que queria. Ele jogava o livro de lado e me puxava para fora da minha cadeira, ou me colocava na cama, ou me empurrava contra os azulejos do chuveiro.

Houve momentos suaves também, o que me surpreendeu mais do que sua luxúria. Às vezes, ele pegava minha mão ou me abraçava com seus braços fortes, me beijava ou passava os dedos pelo meu cabelo. Eu comecei a me permitir iniciar esses momentos. Quando eu queria senti-lo, eu me juntava a ele no sofá e me enrolava contra seu corpo ou escarranchava seu colo. Ele nunca me afastou. Ele suspirava, muitas vezes, e dizia o meu nome. Ele gostava de segurar meu cabelo enquanto me tocava. Ele me pedia para chupar seus dedos quando ele estava dentro de mim.

O perfil avançou como se tivesse avançado semanas. Eu teci informações sobre seu novo romance com uma narrativa cautelosa de sua vida, o agora e o antes. *A Casa da Fé* foi à chave que eu tinha do antes - algo envolvente e verdadeiro,

separado de sua história de pesadelo com Jamie - para fornecer uma estrutura para o artigo.

Mas a conclusão do romance, na qual Abigail se desvencilhou e acabou em uma enfermaria psiquiátrica, me incomodou em um nível pessoal. Isso me lembrava o que Cal havia dito sobre sua fé - que era como seus ossos e que ele desmoronaria sem ela - e eu me ressentia dessa perspectiva sombria, porque queria que ele fosse livre. Eu tinha uma visão de mim mesmo arrancando-o de sua jaula socialmente imposta. Essa visão amadureceu completamente, e a gaiola se tornou algo que eu tinha que arrancar por ele.

"Eu não suporto o jeito que você acabou a história," eu finalmente disse a ele um dia. Estávamos sentados em nossos lugares habituais - Cal no sofá, eu em uma poltrona, porque a proximidade era uma grande distração - e ele estava em seu laptop. Depois de três dias da minha presença, ele havia começado, eu pensei, a escrever. Ele digitava e olhava para o espaço. Ele sussurrava coisas para si mesmo.

"Hm?" Ele olhou por cima de seu MacBook.

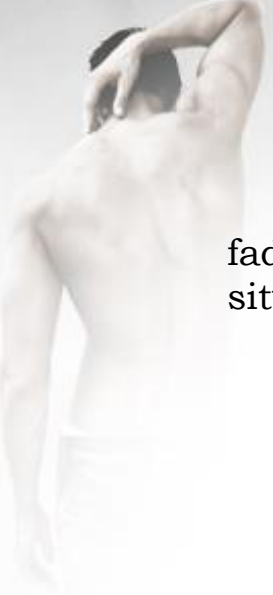
"Isso." Eu gesticulei com o manuscrito. "Abigail caindo aos pedaços. Eu não gosto disso. Eu quero que ela tenha sucesso sem sua família. Eu sei que ela fez algumas escolhas ruins quando ela se afastou deles, mas eu quero que ela... Triunfe, eu acho."

"Oh, você quer o final feliz." Um sorriso brilhou em seus lábios.

"Não se for considerado sentimental. Eu só acho que seria mais satisfatório."

"Michael, o ponto principal da história é que ela quebra a fé com quem ela é. Ela não pode triunfar. Sua família e sua fé são sua identidade."

"As pessoas mudam, no entanto. A vida é sobre mudanças. Quer dizer, eu acreditava no Papai Noel e na fada dos dentes quando eu era criança. Deixar isso para trás não me esmagou."



Ele riu. “Deus é um pouco mais impressionante do que a fada dos dentes.” Ele estava de bom humor, ele sorriu com a situação. Eu decidi ir junto.

“Eu deveria estar com ciúmes?”

“De Deus?”

“Sim. De sua óbvia paixão por ele.”

“Oh, completamente.” Ele sorriu e se esticou no sofá. Eu sempre deixava que ele ficasse com o sofá porque ele gostava de ler e até mesmo escrever meio deitado, o que me deixaria com sono. “Somos dedicados um ao outro. Como eu disse; ele é impressionante.”

“Diga-me mais.”

“Sobre Deus? Tudo bem. Ele é... Rico além de suas fantasias mais selvagens. Lindo, poderoso e assustador. Apaixonado. Uma entidade criativa, divina e inteligente. Bom. Incrivelmente exigente e ciumento. Ele não compartilha. Ele não muda. Suas promessas são para sempre.”

“Então, ele é Christian Grey?”

Cal riu e sacudiu a cabeça. “Se isso ajuda você a pensar nele, com certeza. Mas ao contrário desse cara, Deus é real e realmente merece respeito e admiração. Ele também está sinceramente obcecado por nós, por razões não claras para mim.” Ele bateu um dedo contra seus lábios. “Sua comparação com Christian Grey tem algum mérito, eu acho.”

Tentei, por um momento, reorientar minha visão de Deus como um homem barbado e paternal nas nuvens para um CEO rico, atraente e dominador. CEO do universo? Os empresários nunca me impressionaram, pois a maioria deles parecia gananciosa e quase psicopata.

Cal me impressionava. Cal era também a maior parte das coisas que ele descrevera: Lindo, poderoso, apaixonado, criativo, inteligente, bom, ocasionalmente assustador. Eu olhei para ele, minha cabeça inclinada.

“Eu nunca pensei sobre Deus desse jeito,” eu disse.



Ele sorriu e fechou os olhos. “Eu nunca pensei sobre ele de outra maneira.”



Capítulo 50

CALEB

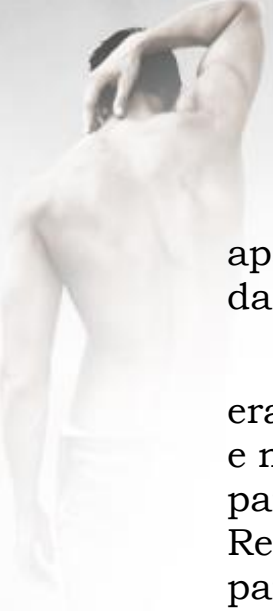
Michael passou uma semana comigo, às custas de suas transmissões de jogos e tempo com o seu cachorro. Ele também teve uma série de pesadelos dos quais ele acordava ofegando e suando. Quando o encurralei pedindo respostas sobre os sonhos, ele confessou que envolviam me encontrar morto ou quase morto, sangue por toda parte, minha coxa aberta. Ele quebrou em meus braços, descrevendo os sonhos, e eu não pude suportar. Eu não podia suportar a maneira que ele tinha medo, que ele me observava quando eu saía de um quarto, ou como ele me arrastava para qualquer banho ou se encolhia quando eu usava facas para preparar nossa comida.

Eu não suportaria vê-lo com dor.

Então, eu me ofereci para ficar em sua casa enquanto ele trabalhava e cuidava de seu cachorro. Ele aceitou a sugestão como um homem se afogando. Eu arrumei uma pequena mala e me acomodei no apartamento dele, o que me fez sentir vagamente claustrofóbico, e Furio me fazia companhia enquanto Michael administrava os jogos de doze horas e terminava o perfil.

Ele estava palpavelmente mais feliz comigo por perto. Ele teria ficado desconjuntado, eu imaginei, se tivesse insistido em que passássemos um tempo separados. Mas também, eu não queria ficar afastado, porque Michael estava me transformando para algo melhor. Depois de alguns dias em sua companhia, parei de tentar reprimir o meu prazer. Ele nunca me deixa sair sem gozar. Ele parecia saber qual era o momento mais perigoso, quando eu queria sangrar com o desejo do meu corpo, e ele começou a encontrar maneiras de me fazer gozar com ele, e às vezes mesmo antes dele.

Comecei a procurar o meu prazer também. Minha culpa e auto-aversão sempre se desvaneciam com a liberação, então eu atingia o clímax e depois gozava no corpo de Michael no meu tempo livre, provocando-o, fazendo-o esperar.



Aqueles dias me lembraram do meu tempo no apartamento com Jamie: Um tempo roubado, mas felizes, fora da moralidade. Eu havia me perdido em um sonho.

Passamos quatro dias e meio na casa de Michael, o que era tudo o que eu poderia suportar. Eu me sentia mais seguro e mais livre e ainda menos humano nas montanhas, com uma parte do ar rarefeito e das florestas. Antes de voltarmos para Red Feather, Michael ligou para sua ex-namorada e se ofereceu para deixar Furio. Ela deu-lhe um tempo difícil, pelo que eu poderia dizer, e depois insistiu em vir buscar o cachorro.

"Ela tem alguma suspeita," Michael me disse depois. "Nós planejamos alternar as semanas com Furio e eu não alternei adequadamente. Eu acho que ela meio que sabe que há... Alguma coisa."

"Algo." Eu sorri fracamente.

"Alguém. Seja como for." Ele desviou o olhar. "De qualquer forma, eu disse a ela que estava ocupado com o perfil. Ela estará aqui em vinte minutos, mais ou menos."

Eu abaixei meu livro. Eu lia um dos livros de Michael; Eu achei difícil tentar escrever, sem nenhuma razão clara. "Devo me esconder debaixo da sua cama?"

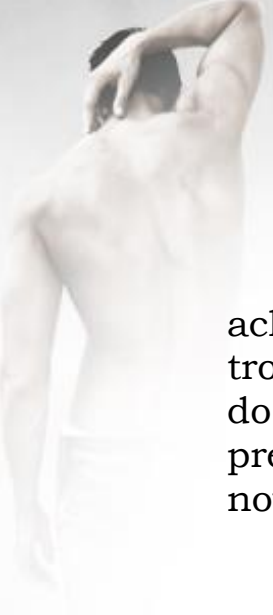
"Ah não. Eu não me importo." Ele soou como se não se importasse, e também como se tivesse pensado na situação. "Eu não me importo se você não se importa."

"Estou bem," eu disse, e permaneci esparramado ao longo do sofá, lendo, até a companhia tocar. Teria sido uma mentira dizer que não me importava, embora entendesse o que Michael queria dizer. Mas eu me importava - por ele - e queria que a ex dele *soubesse.* Eu não a temia. Quando ela entrou na cozinha e me viu lendo na sala de estar, ela deu um passo para trás.

"Oh," ela disse.

Michael estava esperando na porta com Furio na coleira.

Joguei meu livro de lado e me juntei a eles na cozinha. Eu fiquei ao lado dele, perto o suficiente para que nossos braços se tocassem.



"Olá, Nicole," eu disse.

"Oi," ela chiou. "Eu não sabia que você estava aqui. Eu acho que vocês ainda estão trabalhando nisso, certo?" Ela trocou sua bolsa grande e pegou a coleira de Michael - "A coisa do..." Ela gesticulou. Ela não conseguia computar minha presença, descalço no apartamento de seu ex-namorado às nove da manhã.

"O perfil," eu forneci, "para *o New Yorker.*"

"Sim. Meu Deus. Ainda não tomei cafeína suficiente."

"Bem, eu acho que ainda tem café na jarra." Eu disse como se eu morasse lá, como se eu tivesse o direito de oferecer uma xícara de café para ela, e eu vi o momento em que ela se deu conta - a possibilidade, a crescente conclusão de que Michael a havia descartado por *mim*.

Sua cabeça ergueu e ela encontrou meus olhos. Eu dei a ela meu sorriso mais encantador. Então ela olhou para Michael, que estava observando todo à cena em seu próprio estado de choque.

"Eu estou bem," ela gaguejou. "Me ligue, Mike, para marcarmos a guarda na próxima semana." Ela recuou incapaz de encontrar nossos olhares agora.

"Claro," ele disse. "Obrigado, Nic."

Ele fechou a porta e olhou para mim.

"Algo?" Eu disse.

"Eu acho que ela..." Ele balançou a cabeça. "Ela não é uma idiota, isso é tudo."

Eu peguei sua mandíbula na minha mão e levantei seu rosto. "Eu queria que ela soubesse."

Seus olhos se arregalaram uma fração. "OK."

"Eu queria que ela soubesse," eu repeti, trazendo minha boca perto da dele. "Eu queria que ela soubesse que você é meu. Eu queria que ela soubesse que eu estou transando com você." Eu procurei sua expressão. "Estou orgulhoso de você." Sua respiração engatou contra os meus lábios. Ele colocou a

mão no meu quadril, outra no meu estômago. Eu o beijei e empurrei-o contra o balcão.

Ele ficava duro para mim tão rapidamente. Ele era quase excessivamente sensível, e me perguntei se tinha uma dívida com Nicole, que nunca lhe dera tanta atenção quanto eu queria dar. Ao me ajoelhar, ele tentou me dizer que também estava orgulhoso de mim, mas o êxtase e sua luta com as palavras tornaram sua tentativa de comunicação inútil.

Ainda assim, eu o entendia. Eu o entendia e não teria me importado se Nicole tivesse retornado e me encontrado chupando-o na cozinha. Ela merecia saber que eu o amava, e que só tinha sido uma *tarefa* para ela.



Capítulo 51

MICHAEL

Algo mudou no meu apartamento, sutilmente, para melhor. Não faz muito tempo, Cal não parecia querer que Nicole soubesse sobre nós. E eu planejava nos manter em segredo, para o bem dele, de todos. Afinal, eu não precisava que as pessoas soubessem que estávamos juntos; Eu só precisava dele; e eu não iria arriscar o que tínhamos.

Mas Cal, por sua própria vontade, praticamente expôs nosso relacionamento com Nicole. Ele estava mudando durante a intimidade também. Ele estava se permitindo gozar, procurando por isso, ele não estava mais furioso com o sexo, e a expressão assombrada estava desaparecendo de seu rosto.

Quando voltamos para Red Feather, ele acendeu a lareira, colocou cobertores na frente e fez amor comigo. Depois, embora tivesse sido óbvio em seu toque, ele me colocou contra o seu peito e disse: “Eu te amo.” Ele fez soar como um juramento. Eu disse a ele que o amava também, mas não sei se ele me ouviu. Ele olhou para as chamas e me segurou ainda mais apertado. “Eu te amo,” ele repetiu.

Nas ocasiões em que saímos juntos, ele parecia mais relaxado. Ele não segurava a minha mão ou me beijava em público, mas ele ficava perto o suficiente para que nossos corpos roçassem, ele às vezes tocava meu braço ou ombro, e ele deixava seus olhos em mim do jeito que ele fazia na casa - longo e devagar, com afeição óbvia.

Um dia, na mercearia, ele colocou um abacate na minha mão e fechou os dedos ao redor dos meus.

“Esse está perfeito,” ele disse. “Vê?”

Eu sorri e encolhi os ombros, pressionando a pele dele. “Mais ou menos.”

“Não muito firme, não muito mole.” Suas mãos subiram para os meus pulsos. “Perfeito.”

Eu devo ter corado, porque ele riu e estudou o meu rosto.

“Ninguém se importa,” ele comentou no caminho de casa. Ele olhou para o espelho retrovisor como se esperasse uma aparição.

“Sobre o que?”

“Você, eu.” Ele soava longe.

Eu percebi que era algo relacionado à sua exibição na mercearia. Eu balancei a cabeça e permiti que ele pensasse mais um pouco. Então eu disse: “Sim, já se passou um tempo. Nós tivemos um longo caminho. É uma coisa boa.”

Ele nem concordou ou discordou.

Era meio de novembro e eu tinha concluído, revisado e polido o perfil. Eu finalmente mostrei para ele. Ele sentou no sofá com meu laptop enquanto eu mastigava a ponta da caneta e esperava. Seus olhos escuros olham a tela, ele ficou imóvel como um gato perseguidor, e sua expressão não revelava nada. Um riso nervoso saiu de dentro de mim.

“Devemos trocar os laptops,” eu disse. “Eu poderia verificar o que você está escrevendo.”

Ele olhou para mim distraidamente. “Oh, eu não penso assim, Michael.”

“Brincadeira.” Eu esfreguei minhas mãos no meu jeans.

“Seria estranho,” ele murmurou.

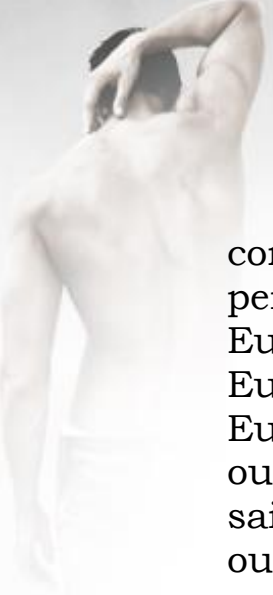
“Por quê?”

Ele continuou a ler. “É sobre você.”

“O que?”

“Eu disse, é sobre você.”

“Não, eu ouvi. Eu...” Eu olhei para o laptop dele, seu perfil de prata fino descansando inocentemente no sofá. “Estou surpreso, isso é tudo.” E eu estava de repente, *furiosamente* curioso. Eu me perguntei o que Cal poderia dizer sobre mim em qualquer extensão.



"Você está?" Ele fechou meu laptop e nivelou o olhar dele com o meu. "Eu penso em você constantemente. Eu acordo pensando em você. Eu adormeço pensando em você. Eu sempre estou me perguntando o que está em sua mente. Eu gostaria de poder ouvir constantemente suas impressões. Eu penso sobre que tipo de presentes você gostaria de receber, ou lugares onde poderíamos viajar juntos. Mesmo depois de sairmos da cama, eu começo imediatamente a fantasiar sobre outras coisas que gostaria de fazer contigo. Cada música que ouço parece ser sobre você. Minha mão não quer desenhar mais nada. Quando eu pego um instrumento, é para você que quero tocar. Quando estou trabalhando, estou pensando na maneira como você olha para o meu corpo, e o quanto eu gosto disso. Eu penso em você mais do que penso em Deus nesse momento. Então, o que mais eu escreveria?"

Sua confissão me atingiu com força física. Eu afundei na poltrona. Durante semanas, eu pensara que o meu fascínio por Cal era unilateral, ou talvez fosse impossível acreditar que a obsessão de outra pessoa poderia se igualar à nossa. Mas Cal se descrevera essencialmente através dos meus olhos. *Eu penso em você constantemente.*

"Você usa o meu nome?" Eu soltei.

Ele riu abertamente divertido com a minha pergunta. "Sempre, nos primeiros rascunhos. Cujo nome você acha que eu usei em vez de Abigail? Volto e mudo quando terminar."

Pensei em Cal escrevendo *A Casa da Fé* usando seu próprio nome em vez do de Abigail. "Sua família viria," eu disse. "Se eles soubessem. Se você contasse a eles."

"Você acha que sim?"

"Eu sei que eles iriam."

Seus olhos se fecharam por um tempo e seu sorriso desapareceu. "Você me faz acreditar nisso, mas se você não estivesse aqui, eu acho que não seria capaz de acreditar."

"Bem, eu não vou a lugar nenhum."

Ele se mexeu, como se fosse se levantar, e voltou a ler.

Cerca de dez minutos depois, ele disse: “Está muito bom, Michael.”

Eu exalei profundamente. “Sério? Você gostou?”

“Eu gostei. Estou impressionado. Eu não deveria estar, pois eu sei que você é um grande escritor, mas isso é muito diferente do seu blog. Mais sério. É hábil e perspicaz.”

O sorriso mais idiota se expandiu no meu rosto. “Sério?”

“Sim.” Ele sorriu e passou o meu laptop. “Será o melhor perfil facilmente.”

“Só porque você me deu o seu livro.”

“Não,” ele disse seriamente. “Você fez funcionar, dado o que você poderia dizer e o que não podia. E você manteve o objetivo.”

“Não foi fácil.” O alívio era óbvio na minha voz. Sua opinião importava para mim mais do que qualquer outra pessoa. “O que achou dos fatos que narrei?”

Ele esclareceu alguns detalhes e tomei notas e atualizei. Depois que ele leu novamente, ele disse: “Você está pronto para enviar.”

O perfil tinha sido a nossa premissa para os encontros por tanto tempo que senti algo desmoronar debaixo de mim. Alívio e felicidade deram lugar a dúvidas. “Ótimo. Eu vou...” Eu olhei para o documento. “Eu vou enviá-lo, eu acho.”

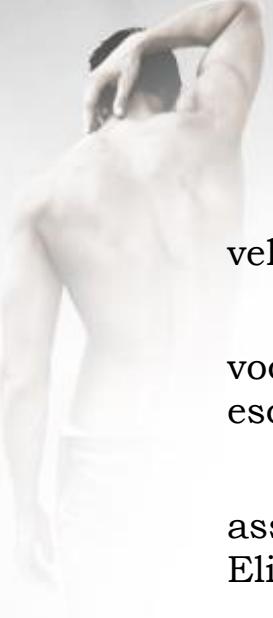
Ele estava me observando, lendo o meu rosto.

“Você poderia fazer seu canal de *stream* daqui, você sabe.”

Eu pisquei algumas vezes. “Você quer realmente isto?”

“Sim, se a rede for boa o suficiente. Poderíamos colocá-lo no quarto de hóspedes ou no meu escritório. Eu escrevo principalmente aqui de qualquer maneira.”

Meu canal *Twitch* estava sangrando os assinantes e, a cada dia que passava em Red Feather, eu estava perdendo centenas de dólares em doações. Para mim, fazia sentido voltar a transmitir agora que eu tinha terminado o perfil.



"Eu acho que eu poderia fazer isso funcionar com sua velocidade de upload," eu disse hesitante.

"Bom. De qualquer forma, se você não puder, ficarei com você enquanto você trabalha." Ele deu de ombros e voltou a escrever - *escrever sobre mim.*

Não confiei na minha voz naquele momento, então assenti apressadamente e enviei o perfil por e-mail para Eliza Harel no *The New Yorker.*



Capítulo 52

CALEB

A ligação de Beth veio no mesmo dia em que Michael enviou o perfil. Eu sabia que deveria ter enviado o documento por e-mail para ela primeiro, mas eu queria adiar a conversa. Acontece que só consegui adiar por algumas horas.

"Minha agente," eu disse a Michael depois de verificar meu telefone.

Ele encolheu, meio brincando. "Estou em apuros?"

"Você? Nunca." Eu remexi seu cabelo enquanto passava. "No entanto, eu posso estar." Eu fui para o escritório, mas deixei a porta entreaberta. Mais de duas semanas se passaram desde que Michael descobriu os meus ferimentos e ele ainda monitorava minha parte interna das coxas em todas as oportunidades, traçando as feridas que se curavam com seus olhos, dedos e lábios.

Eu queria aqueles lábios nas minhas pernas agora. Fechei os olhos e pensei sobre isso enquanto atendia o telefonema de Beth. "Oi, Beth. Isso foi rápido."

"Bem." Ela riu bruscamente. Eu já sabia como ela se sentia: furiosa, magoada e, ao mesmo tempo, com medo de me aborrecer, porque finalmente tinha um livro novo que ela imaginava poder vender. "Estou sem palavras, Cal."

"Oh, eu duvido disso."

"Realmente. *O The New Yorker* ficou impressionado. É verdade?"

"Sim. Eu li e aprovei. Eu disse ao jornalista para enviá-lo, mas eu ia mandar para você, claro."

"O perfil, ou o livro?" Ela riu novamente, com os nervos desgastando sua voz.

"O perfil, Beth."



“Quando eu vou ler a *Casa da Fé*? Está realmente terminado?”

“Está, e você sabe que não estou mais publicando.”

“Você tem que me deixar vê-lo, Cal. Eu preciso implorar?”

Eu tinha pensado sobre essa conversa, então minhas respostas estavam prontas. “Você pode lê-lo, mas eu não quero que Mark o veja.” Mark era meu editor na Doubleday.

“Perfeito,” ela disse. “Sem problemas.”

“Quero dizer isso.”

“Eu também, e estou tão animada. Eu vou cobrá-lo por isso.”

“Vou enviá-lo esta noite.”

“Ótimo.”

“Sinto muito,” acrescentei. “Eu ia mandar o perfil.”

“Absolutamente nenhum problema.” Ela estava nas nuvens agora e nada poderia puxá-la para baixo. Nós nos despedimos e Michael apareceu na porta.

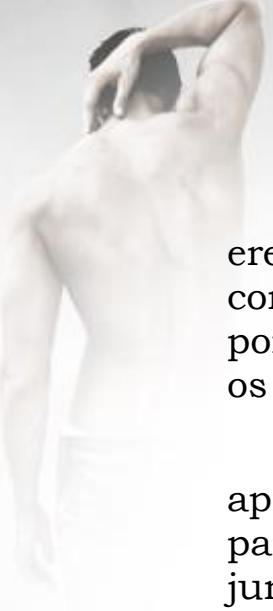
“Tudo bem?” Ele disse.

Eu balancei a cabeça e sorri preguiçosamente para ele. Um sólido setenta por cento da minha mente ainda se dedicava à boca dele em mim. Às vezes, sentia que havia passado tanto tempo sem intimidade que a chegada de Michael em minha vida havia arrebentado uma represa. Eu definitivamente era excessivamente sexual.

“Ela quer ler o livro.” Eu acenei, inclinando-me para trás na cadeira e abrindo as ligeiramente as pernas. “É claro.”

Ele entrou no escritório e olhou para a minha virilha. Ele tinha esse hábito nervoso e era hilário observá-lo fazê-lo. “Espero que isso não cause problemas para você.”

“Não,” eu murmurei, fechando os olhos. Eu mal podia continuar a falar sobre livros. “Eu estava pensando em sua boca.”



Logo, ele estava de joelhos, sua língua na minha ereção. Ele estava ficando melhor com isso - ficando mais confortável com isso. Enquanto ele chupava, sua mão vagou por baixo da minha camisa, escovando meus mamilos. Agarrei os braços da cadeira, minhas pernas tremendo.

"Ah... Bom," eu sussurrei. "Michael, é tão bom." Eu aprendi a compartimentar minha vergonha, como separá-la para que eu pudesse desfrutar plenamente do nosso tempo juntos, e ele aprendeu a me fazer esperar, e como me fazer implorar.



Capítulo 53

MICHAEL

Eliza Harel me ligou cerca de uma hora depois que a agente de Cal ligou para ele. Nós estávamos na cama, depois de transarmos no escritório. E, felizmente, terminamos rindo de coisas nada importantes, e teríamos mais sexo, até que uma ligação de *The New Yorker* nos impediu.

"Sua vez," ele disse assim que o meu telefone tocou. Estávamos deitados lado a lado, entrelaçando nossos dedos sem rumo e brincando com a nossa inteligência. O quarto cheirava a sexo, suor e colônia - e havia vestígios de lenha e tinta a óleo no chão. Para mim, esse cheiro combinado era todo Cal, e eu adorava.

Eu peguei meu telefone e li a tela. "Sim. Deseje-me sorte."

"Sorte." Ele roçou suas juntas ao longo da minha bochecha. Ele teria continuado fazendo isso, pensei, se eu não levantasse e sentasse na beira da cama. Eu não era remotamente *deslocado* o suficiente para deitar na cama acariciando meu amante enquanto conversava com um grande editor.

Ele riu e olhei por cima do meu ombro. A luz do sol atingiu seus olhos e eu pude ver seu tom de mogno, que tantas vezes parecia preto. Um tom saudável e belo estava retornando à sua pele. Ele parecia com a morte quando o conheci. Sem amor, ou satisfação sexual no mínimo, e com apenas lembranças horríveis como companhia, ele estava - percebi agora - morrendo de dentro para fora. Desespero é tão mortal quanto o câncer. Come o seu espírito que gera nossa vontade de viver.

Mas ele me amava agora. Eu entendia espontaneamente e claramente o que essa declaração significava. Onde Deus e a arte haviam falhado, eu me tornara sua *razão de ser.* Essa grande responsabilidade não me assustou. Eu poderia realmente salvá-lo - *estava o* salvando. Estava acontecendo

bem diante dos meus olhos: a vida, oferecendo-me um raro e perfeito milagre.

"Sr. Beck?" Eliza Harel disse, talvez não pela primeira vez. Sorri para Cal e me voltei para a janela.

Nunca antes, para Eliza Harel, eu tinha sido o *Sr. Beck*.

Então era assim que o sucesso profissional parecia.

"Oi, boa tarde," eu disse.

"Aí está você. Bem. Não sei nem por onde começar. Estamos *tão* emocionados. Acabei de desligar o telefone com a agente do Sr. Bright. Ambos estão a bordo com o perfil. Eu nunca" - ela parou de dizer alguma coisa, depois recomeçou - "Eu sabia que você era a escolha certa para esse perfil. É incrível. Todos aqui estão tão animados. Estamos tornando o foco para a nossa nova edição."

"Hum - obrigado," gaguejei. "Eu..."

"Estamos pensando em algumas fotos - o autor, sua residência. O fato de que ele tem um novo livro, e ele deu para você ler" - outra pausa dramática – "e você vai nos permitir dar essa notícia. Nós estamos *além* de emocionados. Agora sabemos que você tem um blog..."

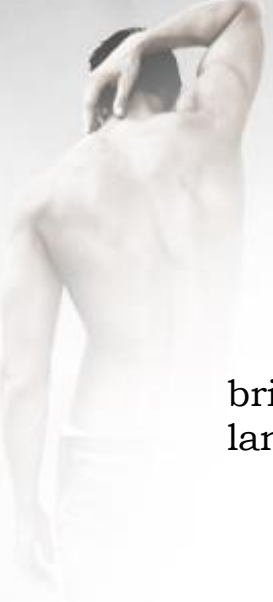
Vários segundos se passaram antes que eu processasse o significado das palavras dela.

"Oh. Eu não vou escrever sobre isso lá. É todo sua a matéria."

"Maravilhoso. Excelente. Nós *entraremos* em contato, Sr. Beck. Você pode esperar minha ligação no próximo mês, ok? Temos muitas ideias para você."

Eu agradeci e disse adeus. Meus ouvidos estavam zunindo. Eliza Harel era uma faladora rápida, com uma voz meio rude, que ficava mais rápida e mais forte quando estava *mais do que* emocionada.

"Que voz impressionante tem essa senhora." Cal disse. Ele ainda estava deitado na cama, um braço atrás da cabeça e os olhos fechados.



Eu ri. “Sim, não brinca.”

“Ela parecia feliz.”

“Com certeza.” Eu cheguei mais perto dele, um sorriso brilhante preso à minha boca. “Eu acho que você, sozinho, lançou minha carreira de jornalismo.”

“Não foi tudo por minha causa, você escreveu o perfil.”

Eu olhei para seus traços imperturbáveis. “O livro tornou possível o perfil.”

“Vamos chamá-lo cinquenta por cinquenta,” ele disse.

Uma das coisas que eu amava em Cal: ele era realista.

“Sessenta e quarenta.” Aninhei-me contra o flanco dele. Ele suspirou contente e encontrou minha mão, dobrando nossos dedos contra seu peito. “Eles estão... Muito loucos e animados.”

“Tenho certeza que eles acham que eu vou publicá-lo.”

“Eu queria que você pudesse.”

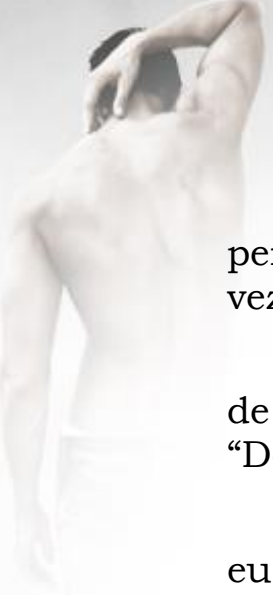
Seus dedos ficaram tensos. “Está bem.”

Não estava *bem* para mim, no entanto. Um dia, eu queria que a vida de Cal fosse mais do que apenas *nós* - para que ele recebesse tudo o que ele merecia: fé, família, amor e sucesso profissional. Era injusto que minha carreira fosse impulsionada por causa de um livro brilhante que ele não podia publicar por causa de uma mulher fanática e psicótica. Cal achava que ele havia matado Jamie, mas Coral matou Jamie. Ela tinha dado o verdadeiro nó no pescoço dele.

Deu algumas respirações mais profundas para manter a compostura.

Não, isso não estava certo também. Jamie se matou. A ex-mulher de Cal não era inocente, no entanto. Ela era um monstro de um conto de fadas, inacreditável em seu horror.

“Você não pode... Deixá-la fazer isso.” As palavras saíram fracas, mas pelo menos eu as falei. “Você já pensou em usar um pseudônimo?”



Ele saiu da cama, vestindo-se rapidamente. “Não. Esse pensamento não passou pela minha cabeça, nem uma única vez nos últimos quatro anos.”

Eu estremeci. Ele não tinha jogado seu cinismo em cima de mim há muito tempo e doía mais do que antes. “Desculpa. Eu só...”

“Você sabe o que está em jogo para mim. Você acha que eu me arriscaria com isso?”

“Não. Você está certo.”

“E eu não quero começar de novo, Michael. Eu sou Caleb Bright. Eu tenho algum orgulho.”

“Entendi.”

“Você? Eu não quero publicar. Não sob o meu nome ou qualquer outro nome. Eu terminei com tudo isso. Existem consequências para as coisas. Você não entenderia.”

“Você está certo, eu não entendo.” Comecei a me vestir também, meu rosto quente de frustração e vergonha. Eu era o seu amante agora. Ele não podia continuar me tratando como o jornalista, como o pequeno ninguém, depois dele. “Eu nunca vou entender. Toda essa merda, só faz sentido para você. Você tem opções. Você poderia levá-la ao tribunal.”

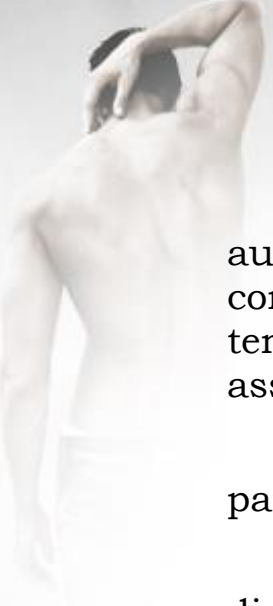
Ele me deu um olhar escuro e assustador, e então ele desceu as escadas.

Eu fui atrás dele quase imediatamente.

Ele estava fumando no convés, parecendo furioso e distante, o que eu não tinha visto em semanas. Eu esperei um pouco antes de sair. O ar estava muito frio, o lago congelado e coberto de neve, e nenhum de nós vestia um casaco apropriado. Eu coloquei minha testa suavemente em seu ombro. Ele se virou e me abraçou ferozmente com um braço.

“Sinto muito,” ele disse.

Eu o abracei, meu rosto escondido contra o pescoço dele. “Não sinta.”



“Não, eu sinto. Eu quero ser esse homem para você, o autor do best-seller. Eu quero dar o que você quiser; e eu fico com tanta raiva, Michael, eu penso em matá-la. É como ácido ter essa raiva. Eu sinto isso dentro de mim. Eu me sinto assim.”

Eu nunca tinha visto Cal chorar e não queria, e ele parecia tão arrasado.

“Eu não preciso que você seja um autor best-seller,” eu disse. “Você já é. Eu só quero que você faça o que ama e que tenha sucesso.”

“Eu preciso mais da minha família.” O sofrimento diminuiu em sua voz. “É como se eles não souberem, então Deus não saberá também. E eu quero ir para o Céu.” Ele soava como um garotinho perdido e assustado; e ele me contou como se sentia aterrorizado por ser esquecido como autor, e me contou como tentou se livrar de sua própria frustração, ao tentar tirar a própria vida.

“Ok,” eu disse, segurando-o com força e acariciando seus cabelos e costas. “Está tudo bem.”



Capítulo 54

CALEB

Um fotógrafo veio à minha casa no final de novembro e tirou fotos em preto e branco para o perfil. Michael estava comigo. Eu o apresentei como "Michael Beck, o jornalista," e o fotógrafo apertou sua mão entusiasticamente.

O homem tirou dezenas de fotos. Depois, ele as trouxe em seu laptop e nós selecionamos as nossas favoritas. Eu parecia mais saudável do que eu há muito tempo, menos abatido, mais concentrado, confiante e calmo.

"Eu gostei dessa." Michael apontou para uma imagem minha no convés. Era um foto de costas, céu e montanhas emoldurando minha figura, uma nuvem de cigarro da minha mão.

"Aquela," eu disse para outra foto, e o fotógrafo a moveu para uma pasta.

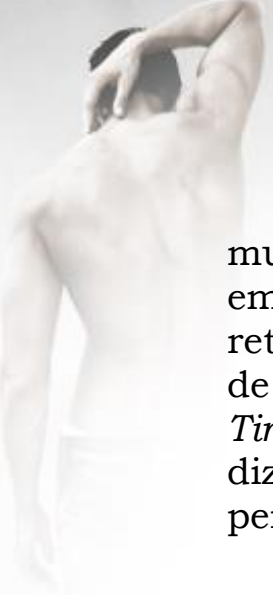
Nós selecionamos outra, uma foto frontal, na qual eu não estava sorrindo para o espectador, minhas mãos cruzadas sob o meu queixo e meu cabelo solto contra o meu rosto. Olhando para ela, eu entendia como algumas vezes eu tinha intimidado Michael no início. Mesmo assim, embora nós quase não discutíssemos mais, ele ocasionalmente se afastava do meu olhar.

"Eu quero as demais fotos," ele sussurrou para mim enquanto o fotógrafo estava arrumando as malas. "Você acha que será permitido?"

Dei de ombros e perguntei ao homem, que já havia preparado um pen drive para mim.

"Elas são todas suas," ele disse, "desde que sejam para uso pessoal."

Quando o fotógrafo saiu, dei o pen drive para Michael, que me abraçou como se eu tivesse lhe dado as chaves de um Maserati.



O perfil saiu em dezembro, como planejado. Atingiu o mundo literário como uma pedrinha na água parada, pequena em si, mas efetuando círculos cada vez mais amplos. Beth retransmitia as ligações e pedidos de entrevistas de uma série de jornais e revistas, incluindo o *The New York Times,* o *LA Times* e o *The Atlantic.* Eu recusei. Eu não tinha mais nada a dizer do que o que eu dissera a Michael e queria que o seu perfil permanecesse único.

Beth leu A Casa da Fé e realizou uma campanha pessoal para que eu publicasse. Ela se tornou ridícula no processo, usando palavras como *gênio* e *inovador*, e ela me deixou com raiva o suficiente para nivelar uma ameaça. Tínhamos trocado pelo menos uma dúzia de e-mails e metade dos telefonemas sobre o assunto e eu finalmente disse: "Eu preciso de um agente que respeite os meus desejos."

E foi isso. Ela parou de pressionar e empurrar e importunar, e foi um grande alívio. Quanto a Michael, só havíamos discutido sobre o futuro do livro uma vez, o que foi uma vez demais para nós dois.

Na ausência de mais fatos, os meios de comunicação publicaram manchetes sem veracidade: **Caleb Bright lança o seu livro novo**; **Caleb Bright quebra um silêncio de quatro anos**; ***A Casa da Fé* será lançada em 2017**. As manchetes eram iscas; os próprios artigos reescreviam o material do perfil de Michael e conjeturaram desesperadamente.

Eu não prestava atenção naqueles artigos, embora eles me perturbassem em como estavam disseminando mentiras. Talvez eu devesse ter ido atrás deles. Talvez eu não devesse ter dado o livro a Michael. Talvez eu nunca devesse ter aberto a porta para Michael.

O problema em tentar adivinhar é que você geralmente faz isso tarde demais.



Capítulo 55

MICHAEL

O telefone fixo de Cal tocou tarde da noite. Quase nunca tocava - eu tinha esquecido que existia - então o barulho me assustou, e isso me perturbou, não sei por quê. Era meado de dezembro e eu estava saindo de seu porão, onde ele havia convertido o quarto de hóspedes em um segundo escritório para mim. Ele estava no andar de cima, provavelmente lendo ou escrevendo.

Eu finalmente aprendi a confiar nele e eu não ficava mais abrindo sua perna em todos os momentos em que ele saia da minha vista. Nós estávamos indo bem - tão bem que parecia surreal.

O telefone tocou e tocou, e as pessoas que estavam no meu canal me disseram para atender.

"Não," eu disse, olhando para as conversas. "É provavelmente uma chamada de vendas."

Por que sua namorada não está respondendo? Um espectador digitou.

Eu ignorei a pergunta e continuei a jogar DayZ.

Quando eu comecei a transmitir do porão de Cal, os espectadores perceberam instantaneamente a mudança de local. Os espectadores sempre agiam estranhamente, eles achavam que tinham direito a informações sobre minha vida, como se estivéssemos em algo que não fosse uma relação comercial. Eu havia explicado que minha 'situação de vida estava em mudança' e que eu estaria transmitindo de dois locais diferentes, e o consenso era de que eu estava namorando alguém novo. Eles achavam que era uma menina.

Eu tirei meu fone de ouvido e escutei. Passos decididos cruzaram o piso acima e uma porta se fechou. Então silêncio.

"Na verdade, vou me certificar de que não perdi uma ligação importante," eu disse. "E já é muito tarde, caras, então

eu estou finalizando a transmissão esta noite." Eu falei o meu discurso final e mexi meu outro. Uma sensação sinistra, como um suor frio, me atravessou enquanto eu subia os degraus do porão.

Cal e eu talvez estivéssemos nos saindo bem, mas às vezes eu sonhava a noite que não conseguia chegar até ele, e o encontrava sangrando ou que ele tinha ido embora. Vendo-o manusear facas ainda me incomodava. A luz sob a porta do banheiro ainda fazia o meu coração disparar.

Eu encontrei Cal em seu escritório, com o celular na orelha. Ele estava branco e tremendo.

"O que está acontecendo?" Eu disse.

Seus olhos, quando se aproximaram de mim, estavam arregalados de pânico.

Ele baixou o telefone e olhou para a tela, e então terminou a ligação. Eu queria dizer a ele que estava me assustando, mas eu podia ver que ele estava com medo também, e eu não queria acrescentar nada mais a isso.

"Ei, me diga o que aconteceu." Eu deixei a minha voz calma e fui até ele, descansando minhas mãos em seus ombros.

"Não tenho certeza," ele disse com palavras quase inaudíveis. Ele alcançou a mesa e apertou um botão na secretária eletrônica, e uma voz masculina, tingida com um sotaque sulista e bem pronunciando, disse: "Não vai responder? Eu sei o que você fez com o meu irmão, seu bicha. Se eu te encontrar, eu te mato." A mensagem terminou com um clique.



Capítulo 56

CALEB

Apenas minha irmã respondeu, no final. Coral e meus pais bloquearam meu número e seus telefones fixos foram para as secretárias eletrônicas. Mas Rachel atendeu.

"Cal," ela disse. Sua voz já estava quebrando.

"Sim. Oi." Eu agarrei meu telefone com as duas mãos. Michael permaneceu na varanda. Eu girei em direção à mesa para ter um pouco de privacidade. "Obrigado por atender."

"Bem, sim."

Eu me inclinei para frente, uma profunda sensação de náusea subindo pela minha garganta. "Mamãe e papai não estão respondendo. Eu recebi uma ligação de... Bem, você se lembra de Jamie Foust." Eu tirei uma mancha de suor da minha testa. "Seu irmão."

"Cal, eu sei," disse ela. "Eu sei."

Meus ossos pareciam presos com tachas. E apenas um movimento errado, e eu ia desmoronar. "Coral... Fez alguma coisa?"

"Ela nos contou. Sobre o Jamie. Eu, hum, aos pais dele também. Mamãe e papai." Uma porta se fechou. Rachel falou em voz baixa. Eu poderia imaginá-la tentando esconder nossa conversa do marido. Ela não deveria falar comigo. "Como você pode fazer aquilo? Ela nos mostrou..." Sua voz estremeceu e parou.

Lembrei-me das fotos que o investigador particular de Coral havia tirado, de Jamie e eu nos beijando, fazendo sexo e fazendo outras coisas que ninguém deveria ter visto. Em vez de aquecimento, minha pele ficou fria como um cadáver.

"Eu não sei." Eu pisquei rapidamente. "Rachel, eu não sei. Apenas aconteceu..."



“Nós poderíamos ter ajudado você. Por que você não nos contou?”

“Eu não sei.” Eu cobri o meu rosto.

“Nós teríamos te ajudado.”

“Eu sei.”

“Aquele menino que apareceu em sua casa?” Sua voz tornou-se subitamente inflexível. “Aquele que chegou quando eu estava lá?”

Eu não podia negar. Ela sabia o que eu tinha feito com Jamie e sabia que eu ainda estava fazendo isso com Michael, que tinha uma semelhança tão estranha e forte com Jamie.

Depois de um longo silêncio, ela disse: “Eu tenho que ir.”

“Por favor, não vá. Podemos conversar amanhã?”

Eu ouvi uma inspiração rápida e irregular, do tipo que vem antes de um soluço. Eu sabia que ela ia desligar e que eu nunca mais falaria com ela - a não ser que tivesse a *ajuda que* ela mencionou. Eu também sabia que esse tipo de ajuda não funcionaria para mim.

O que estava dentro de mim não poderia ser destruído. Eu precisava de Michael como eu precisava de Jamie. E quando eu estava estudando em Harvard, quando eu estava namorando Coral à longa distância, eu costumava ir à biblioteca do campus e examinar os volumes ilustrados da escultura romana e grega. Isso tinha sido o mais perto que eu me permiti - os nus de mármore de homens com rostos angelicais e corpos fortes e esguios, seus genitais em exibição desavergonhada. Minha boca costumava salivar e minhas mãos suavam.

“Eu sou seu irmão,” eu disse desesperadamente. “Eu te amo.”

Ela desligou. Ela não teve coragem de dizer adeus.

E realmente, eu não podia culpá-la.



Capítulo 57

MICHAEL

A família de Cal o largou tão implacavelmente e completamente quanto ele me disse que o fariam. Eu não pude acreditar até ver. E então, era difícil acreditar. Ele deu dezenas de telefonemas frenéticos e mandou muitos e-mails, e o silêncio era o retorno. A única comunicação que recebeu foi à ameaça de morte do irmão mais velho de Jamie Foust, que deve ter ficado ébrio e percebeu que sua mensagem constituía uma ofensa criminal, porque até mesmo a família Foust uniformemente bloqueava os esforços de contato de Cal.

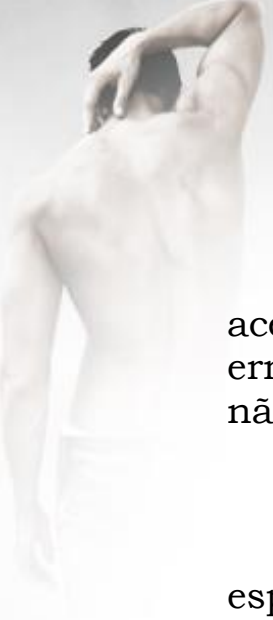
"Vamos parar de tentar," eu disse, como se estivéssemos fazendo alguma coisa juntos. Na realidade, eu estava torcendo minhas mãos e pairando por perto enquanto ele se insultava contra a crueldade incalculável de sua família. "As coisas vão se resolver. Eles *vão* te atender."

Ele concordou sem pensar, e depois tentou ligar de novo, várias vezes.

Foi como no primeiro dia depois que eu descobri sua auto-agressão. Eu não podia deixá-lo fora da minha vista, com medo de que ele tentasse se machucar. Mas, em vez de esmagado, Cal estava energizado pela certeza de poder consertar as coisas com sua família.

Na mesma noite em que ele recebeu a mensagem do irmão de Jamie, ele nos serviu uma bebida e caminhou em frente ao sofá. Ele estava com os olhos arregalados, gesticulando, e alheio a minha presença, exceto quando tentava conversar com ele.

Ele falou sobre Coral - como ela deve ter lido as manchetes enganosas sobre o seu romance, como ela deve ter dito que ele iria publicar - e o chocou que ela destruiu o acordo deles. Ele a ameaçaria legalmente. Ele iria conversar com ela. De alguma forma, ele iria fazê-la admitir que ela falsificou a fotos e que mentiu sobre os fatos.



“Sinto muito,” eu disse. “Eu sinto muito, Cal.”

Eu não sei quem se sentia pior, Cal ou eu. Ele não aceitava as minhas desculpas, no entanto. “Ela teve a ideia errada,” era tudo o que ele dizia e, “Se eu puder fazê-la ver que não vou publicar, ela ajeitará as coisas.”

Como se qualquer um pudesse ajeitar isso agora.

“Você *poderia* publicar agora,” assegurei. Eu estava esperando, imprudentemente, que ele pudesse ficar aliviado. Seu segredo estava fora, e isso pode ter custado sua família, mas também o libertou para seguir sua carreira ou exigir a custódia compartilhada de seu filho. Isso o libertava para estar comigo, na frente de todos. “Você está livre,” eu disse sinceramente.

Larguei minha bebida e estendi a mão para ele.

Ele olhou através de mim.



Capítulo 58

MICHAEL

Cal mal dormiu por duas noites seguidas. Ele estava deitado na cama, seu coração pulsando audivelmente e suas costas uma trança de músculos, e então ele subiu as quatro e levantou pesos até o suor encharcar sua pele. Eu o segui. Eu não sei se ele me notou.

No chuveiro, ele me deixou segurá-lo e tocá-lo, mas seu impulso sexual, compreensivelmente, estava ausente. Eu assumi o dever de fazer as refeições. Ele fumava mais do que comia e fazia longas caminhadas na neve profunda, comigo tropeçando atrás dele.

E então ele comprou uma passagem de avião para visitar sua família.

Seu humor, que oscilou durante três dias, aumentou com o novo plano de aparecer na casa de seus pais.

"Você tem certeza de que é uma boa ideia?" Eu disse.

"Eu não tenho uma ideia melhor." Ele sorriu gentilmente para mim. "Assim, eles *têm* que me ver. Vou alugar um carro e dirigir até a casa de Coral também."

"Arrumar um advogado pode ser uma ideia melhor."

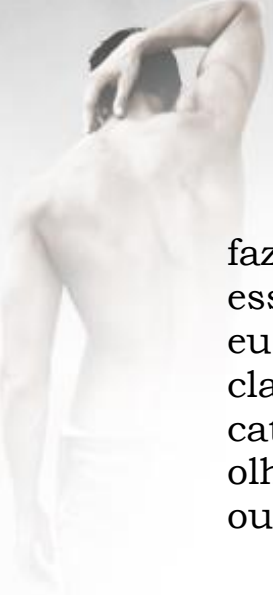
Ele fez um gesto negligente. "Eu não quero nada disso. As coisas já estão muito feias."

Imaginei Cal tocando a campainha de seus pais e ficando de pé no frio, esperando e esperando. "E se eles chamarem a polícia?"

"Não seja ridículo."

"Estou falando sério. A maneira como eles..." eu parei, não querendo lembrá-lo do muro de pedra de sua família.

"Eles não são monstros. Eles são intransigentes em suas crenças."



Eu poderia ter apontado que suas crenças intransigentes faziam com que eles se comportassem como monstros, mas essa era a melhor conversa que eu tive com Cal em três dias e eu não queria aborrecê-lo. Ele estava calmo e com olhos claros. Ele não estava nem irracionalmente excitado nem catatonicamente deprimido, e parecia estar me vendo de novo, olhando para mim como se eu fosse o seu amante e não apenas outro objeto sem sentido em sua casa.

"Eu quero ir com você," eu disse, já sabendo que não podia.

Seu sorriso ficou levemente triste. "Eu desejo isso."

"Eu poderia me esconder. Ficar em um hotel."

"É melhor eu ir sozinho. Eu posso ter uma chance, e se eles descobrirem que você está comigo..." Ele fez uma careta, desculpando-se.

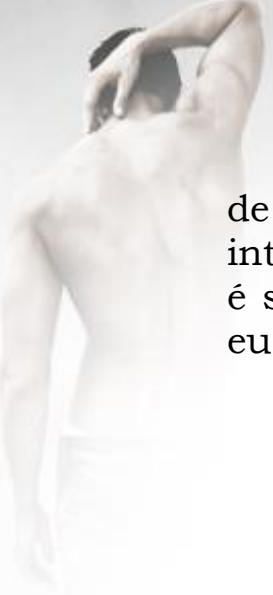
Eu fazia parte do problema de Cal. Se, por algum milagre, ele conseguisse acalmar as coisas com sua família, eu teria que ir embora ou me tornar ainda mais um segredo. Eu seria menos que uma sombra em sua vida. Ou talvez ele pretendesse se livrar de mim; talvez ele já tivesse decidido fazer isso.

"O que foi?" Ele disse.

Eu olhei para os meus pés. "Você quer que eu vá embora? Eu posso ir embora, se você quiser." A força em minha voz era pura bravata. "Essa merda é toda minha culpa. O perfil."

"Você gostaria de ir?" Pela primeira vez em dias, ele chegou até mim. Eu derreti com o seu toque. Ele acariciou meu cabelo e beijou minha testa, e ele colocou minha cabeça sob o queixo dele. Lembrei de pensar: ele é o mais forte, mesmo agora. "Não, você não pode ir embora," ele disse suavemente. "Eu pensei em perguntar a você, mas eu não posso. Então não minta para mim, pois você também não pode."

Ele esfregou minhas costas e coxas, pressionando-me mais perto a cada avanço de suas mãos. "Quando você me conheceu..." Seus dedos entraram debaixo da minha camisa. Eu agarrei seus ombros enquanto ele acariciava meu corpo, meu peito e estômago. Eu voei em meus pensamentos -



de volta à minha queda em sua passagem, sua raiva e intensidade. Talvez ele estivesse de volta lá também. “Bem, não é sua culpa,” ele sussurrou finalmente. “Eu queria fazê-lo. E eu faria tudo de novo.”



Capítulo 59

MICHAEL

Cal foi embora na manhã de segunda-feira. Ele foi para o aeroporto em Denver, depois de recusar minha oferta para levá-lo, e eu dirigi de volta para o meu apartamento. Era a primeira vez que nos separávamos há mais de um mês, e havíamos concordado em não enviar mensagens de texto, ligar ou enviar e-mails durante a viagem dele, com a chance de que sua família flagrasse alguma comunicação.

Então eu não saberia como as coisas estavam indo ou se ele precisava de mim, e eu não tinha como saber se ele usaria o tempo sozinho para se machucar.

Entretanto, ele parecia estar de bom humor quando saiu. Ele tinha um ar de confiança sobre ele, que eu concluí que fosse a esperança de consertar seus relacionamentos. Eu gostava de vê-lo assim - tão seguro de si mesmo.

Mas eu não gostei do fato de ele ter sentido a necessidade de cortar o cabelo antes de sua viagem. Quando ele saiu da barbearia, tentando parecer feliz e passando as mãos pelos cabelos curtos, eu odiei a família dele completamente.

Ele deveria retornar na sexta-feira. Naquela tarde, verifiquei meu telefone incessantemente. Seu voo chegou a tempo e eu esperava uma mensagem ou alguma ligação do aeroporto, mas nada veio. Liguei para o celular e para o telefone fixo - sem resposta. Depois de várias horas, fui até a casa dele. As janelas estavam escuras. A neve intocada cobria o caminho.

Quando tentei abrir a porta da frente e a encontrei destrancada, eu acho que já sabia, porque corri para dentro e comecei a gritar o nome dele. Eu verifiquei cada banheiro, cada armário. A nota estava em sua mesa de escritório. Ele havia imprimido meu nome no envelope.

Eu li então, eu acho. É difícil de lembrar. Eu liguei para o 911. Eles me encontraram em um ponto cego a três

quilômetros de distância. Uma ambulância me levou ao pronto-socorro e eu me internei na enfermaria psiquiátrica. Ele havia atirado na cabeça dele com uma arma que eu não sabia que ele possuía. Ele nunca havia pegado o voo para o leste. Ele não tinha ido embora, ele apenas voltou e foi para o ponto cego para que eu não o encontrasse. E essa foi à parte mais difícil: saber que ele estava sozinho no final, no frio, com medo, sozinho, que ele estava desconfortável, sentado em um monte de neve e congelado, seu cabelo lindo todo cortado.



Capítulo 60

CALEB

Dezembro de 2016

Querido Michael

Escute-me. Não tenha medo. Não entre em pânico; por mim, não entre em pânico. Eu estou te segurando agora, e lembre-se desse sentimento. Eu irei pensar em você para sempre.

Essa é a única coisa que posso fazer e não espero que você me perdoe, mas sinto muito. Eu tenho dois amores lutando dentro de mim e não posso viver sem você e não posso viver sem Deus. Então eu não posso viver. Quando você não estiver tão bravo e triste, eu sei que você vai entender.

Eu preciso da sua força agora. Eu tenho medo da dor. Estou pensando em você no anexo, pegando na minha mão e a colocando no seu corpo pela primeira vez. Estou pensando no sol da manhã no seu cabelo. É com você que eu estarei pensando no final - você, Michael, até que eu não consiga mais pensar - meu anjo no meu último momento será você.

Cal.



Uma nota para os leitores

Em primeiro lugar, deixe-me dizer obrigado por disponibilizarem um tempo para ler *The Silver Gage*. Parte de mim quer se desculpar por escrever um romance que pode ter te entristecido, mas não posso fazer isso. Acredito que personagens fictícios têm vidas reais - isto é, verdade e consistência em suas histórias - e que uma das piores coisas que um autor pode fazer é mentir sobre a vida de um personagem. *A Gaiola de Prata*[15] saltou do meu cérebro, como Athena, do crânio de seu pai, então eu sabia, ao escrever a primeira frase do livro, exatamente como terminaria. Isso não significa que foi fácil escrever. Na verdade, era quase impossível. A redação (e a releitura) me levou a um lugar escuro. No entanto, eu estaria mentindo sobre Cal se o romance terminasse de qualquer outra forma, e ele merecesse melhor.

Em segundo lugar, preciso abordar os sentimentos de Michael por Cal, que temo que alguns leitores possam interpretar como sentimentos "gay-for-you". Eu, como autor de *A Gaiola de Prata*, estou inteiramente ciente da homossexualidade de Cal e da bissexualidade florescente de Michael. Isso não significa que os personagens compartilhem minha consciência totalmente formada. No âmbito do romance, os sentimentos homoeróticos de Michael podem parecer específicos por Cal, e o próprio Michael pode não ter muitos momentos de introspecção em relação à sua sexualidade. Isso porque, no escopo do romance, Michael *está* sob a influência de Cal. Para ser honesto sobre a história de Michael, não pude inserir uma reflexão artificial sobre seus sentimentos em relação a outros homens. Talvez, em alguma ficção futura, Michael e eu teremos a chance de explorar a sua sexualidade, mas *A Gaiola de Prata* não era nem o momento nem o lugar, e eu sinto fortemente que teria sido insincero forçar Michael a reconhecer a amplitude de sua sexualidade em face de seu primeiro relacionamento homossexual tumultuado.

[15] Tradução do título do livro, The Silver Cage.

Por último, mas não menos importante, eu devo agradecer às pessoas que revisaram este livro comigo. Vocês me deram um incentivo muito necessário e sabe quem vocês são. Um de vocês, em particular, trabalhou incansavelmente para me ajudar a ver este livro em sua forma final. Você sempre acreditou em mim, mesmo quando não acredito em mim. Eu te devo mais do que posso dar. Eu também, muito ironicamente, preciso agradecer às pessoas que me fizeram sentir tão sombria e isolada quanto Cal frequentemente se sente em *A Gaiola de Prata*. Eu não poderia ter escrito este livro sem sua influência. Você me pergunta como o ódio devastador pode ser, e me ensinou quase tudo que sei sobre o perdão.



ANONYMOUS